

The background of the entire image is a dense, high-angle photograph of a large crowd of people, likely at a religious event. Overlaid on this background is a large, white cross with a thick red border. The cross is positioned vertically, with its top extending towards the top of the frame and its base extending towards the bottom. The text 'Jesus' is written in a large, stylized, red font with a white outline, positioned at the top left, partially overlapping the cross's upper arm. Below it, the subtitle 'Nosso Destino' is written in a smaller, yellow font with a red outline, also partially overlapping the cross's upper arm.

Jesus

Nosso Destino

Wilhelm Busch

Wilhelm Busch

JESUS

Nosso Destino



Edição original na língua alemã sob o título:
“JESUS UNSER SCHICKSAL”, by Aussaat Verlag GmbH,
Neukirchen-Vluyn

Copyright © 1993, by Aussaat Verlag GmbH

Edição para Portugal e PALOP's:

Copyright © 1994, NÚCLEO - Centro de Publicações Cristãs, Lda.

Apartado 1 - 2746-901 QUELUZ - PORTUGAL

Tel. 219 811 631 - Fax 219 811 431

E-mail: nucleo@mail.telepac.pt

Site: www.nucleo.com.pt

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sob todas as formas, mesmo parcial, sem autorização do editor.

Tradução: Eunice Machado

Capa: Ana Ester Ferreira

Produção Gráfica:
NÚCLEO - Caneças

2ª. Edição - 5.000 exemplares - Setembro.2005

ISBN 972-34-0196-7

D.L. 89.366/95

ÍNDICE

PREFÁCIO: QUEM ERA WILHELM BUSCH?	5
POR QUE PRECISO DE JESUS?	7
AFINAL, O QUE É A VIDA?	23
NÃO TENHO TEMPO!	35
ATENÇÃO — PERIGOS À FRENTE!	49
O QUE DEVE FAZER?	63
COMO É QUE DEUS PODE PERMITIR TAIS COISAS?	77
O NOSSO DIREITO AO AMOR	95
PODEREMOS FALAR COM DEUS?	109
EU NÃO CONSIGO CRER!	121
COMO PODEMOS DESFRUTAR A VIDA, SE AS NOSSAS FALTAS E FRACASSOS NOS DERRUBAM?	135
«VOCÊ ENERVA-ME!»	147
AS COISAS TÊM DE MUDAR — MAS COMO?	159
PARA MIM NÃO SERVE!	173
HAVERÁ CERTEZAS NAS QUESTÕES RELIGIOSAS?	185
SERÁ A RELIGIÃO UMA QUESTÃO PRIVADA?	201
QUANDO VIRÁ O FIM?	217
QUE ADIANTA ANDAR COM DEUS?	233

QUEM ERA WILHELM BUSCH?

Quase desconhecido nos países de língua portuguesa, Wilhelm Busch foi um dos mais conhecidos e populares evangelistas alemães nos anos anteriores e posteriores à II Guerra Mundial. O seu estilo directo, franco e pessoal de pregar a verdade bíblica atraía milhares de pessoas, que se reuniam para o ouvirem.

Wilhelm Busch estava certo de que a mensagem do Evangelho é a mais extraordinária mensagem de todos os tempos. Os seus sermões e escritos em que, com firmeza e simplicidade, apresenta a resposta bíblica às mais pertinentes questões do homem moderno, podem ser apreciados por jovens e idosos, ricos e pobres, cultos e incultos.

Nascido em Wuppertal-Elberfeld, Alemanha, no ano de 1897, Wilhelm Busch passou a sua juventude em Frankfurt-on-Main, onde realizou e terminou os estudos secundários.

Busch serviu no exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial. Embora ainda jovem, atingiu o posto de Tenente. Lá no campo de batalha encontrou o Salvador vivo e entregou-se totalmente a Deus. Este passo decisivo iria mudar o curso da sua própria vida e influenciar a vida de muitos milhares, em anos futuros.

Depois do fim da guerra, Wilhelm Busch estudou teologia em Tübingen, após o que entrou no ministério e serviu como pastor da Igreja Luterana — primeiro em Bielefeld, depois numa zona de mineiros e por fim na cidade de Essen. Aí, foi pastor e líder de jovens até ao momento da sua morte. Entretanto, durante o seu ministério viajou intensamente por toda a Alemanha e outros países europeus, pregando a Palavra de Deus por toda a parte.

Como adoptou a posição forte e não comprometida da Igreja Professante Alemã contra as intromissões do Terceiro Reich na vida da Igreja, e ousou proclamar abertamente a sua fé, Busch foi preso diversas vezes pelos nazis.

Após a Segunda Guerra Mundial, Wilhelm recomeçou as suas viagens como evangelista itinerante. Em 1966, depois de diversas décadas de incessante labor, o Senhor chamou o seu servo à Sua presença.

POR QUE PRECISO DE JESUS?

Deus, sim; mas porquê Jesus?

Eu sou um velho pastor. Tenho trabalhado toda a vida em cidades grandes. Todos os anos me põem as mesmas questões. Há questões profundas, como, por exemplo, «Como é que Deus pode permitir isto?» Há outras muito batidas, tais como, «Quem foi a mulher de Caim?» Mas a posição que as pessoas parecem afirmar mais depressa é esta: «Pastor, o senhor está sempre a falar de Jesus. É um fanático. Não interessa a religião que se tem; o que importa é respeitar as coisas sagradas.»

Isto é tão claro como a luz do dia, não é? Goethe, que era de Frankfurt como eu, disse algo parecido: «Os sentimentos são a única coisa que importa; o nome é apenas barulho e fumo...». Não importa nada se falamos de Alá, de Buda, do destino, ou do «Ser Supremo». O que importa é crer em *algo*. Querer especificar as convicções pessoais é fanatismo. Não é isso o que muitas pessoas pensam? Lembro-me duma senhora de meia idade que me disse um dia: «Pastor, o senhor aborrece-nos com toda essa conversa a respeito de Jesus. Não foi ele mesmo que disse, "Na casa de meu Pai há muitas moradas."? Toda a gente vai ter lugar!» Meus amigos, este é um erro muito grave.

Eu estava um dia em Berlim, no aeroporto de Tempelhofer Feld. Antes de entrar no avião, tivemos de passar pelo controlo de passaportes. À minha frente estava um homem alto e forte, com uma enorme manta de viagem debaixo do braço. Ele atirou com o passaporte para o funcionário do controlo. «Um momento!» — disse o funcionário — «O seu passaporte caducou!» «Ora, não seja tão miudinho» —

retorquiu o homem — «O importante é ter um passaporte.» «Está muito enganado!» — declarou o funcionário — «O importante é ter um passaporte válido.»

O mesmo se verifica no tocante à fé. Crer simplesmente — crer em qualquer coisa antiga — não é o que realmente importa. Com efeito, toda a gente crê, à sua maneira, em alguma coisa. Alguém me disse um dia: «Eu creio que posso fazer um bom guisado com um quilo de bife.» Bem, isso significa crer — de certo modo! O que importa não é ter simplesmente qualquer tipo de fé; é ter a fé verdadeira, uma fé que nos permita viver quando tudo à volta escurece; que nos apoie quando corremos o risco de cair em tentação e que nos ajude a enfrentar a morte. A morte é um bom teste à autenticidade da nossa fé. Irá a sua aguentar o teste?

Ora, há só uma fé verdadeira, só uma com a qual vale a pena viver e a morrer. É a fé no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. É verdade que Jesus disse, «na casa de meu Pai há muitas moradas», mas ele também afirmou que só há uma porta pela qual poderemos entrar: «Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á.»

Jesus é a porta. Eu sei muito bem que as pessoas não querem ouvir isto. Estão prontas a discutir ideias sobre Deus durante horas e a trocar ideias brilhantes sobre como ele poderá ser. Mas Jesus não pode ser um mero tópico de discussão.

Repito: é só a fé em Jesus, o Filho de Deus, que nos pode salvar e habilitar a viver e a morrer em paz.

Verifiquei exactamente o quanto isto parece ridículo para algumas pessoas, quando caminhava um dia pela cidade de Essen. Encontrei dois homens, provavelmente mineiros, que estavam em pé no passeio. Um deles cumprimentou-me: «Olá, pastor!» Quando me aproximei, perguntei-lhe: «Conhece-me?» Começou a rir e disse para o companheiro: «Este é o Pastor Busch! É bom homem!» Agradei-lhe. «Sim, bom homem.» — repetiu ele — «Mas é doido!» Senti-me indignado e respondi-lhe com calor: «O quê?! Doido? Como é que pode dizer uma coisa dessas?» Mas ele repetiu: «O Pastor Busch é bom homem! Só que nunca pára de falar de Jesus!» Fiquei encantado. «Meu amigo, eu não sou doido!» — afirmei-lhe. «Daqui a uns cem anos, você estará na eternidade. A única coisa que importará então será se chegou, ou não, a conhecer Jesus. É isso que determina se estará no céu ou no inferno. Diga-me, já conhece Jesus?» Com uma gargalhada, ele voltou-se para o outro mineiro: «Estás a ver? Aí está ele outra vez!»

E é precisamente isso que eu quero fazer agora. Há um versículo na Bíblia que pode servir de trampolim. Diz o seguinte: «Quem tem o Filho (de Deus) tem a vida.» Talvez já tenha ouvido falar de Jesus na escola dominical, mas isso não significa que o tenha a Ele. «Quem tem o Filho de Deus» — ouçam bem! — «tem a vida» — já agora e por toda a eternidade! «Quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida.» É a Palavra de Deus que o diz. Certamente conhece o velho provérbio, «Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar!» Bem — no seu próprio interesse — gostaria de o persuadir a aceitar Jesus Cristo e a entregar-lhe a sua vida, pois sem ele a vida pode ser uma autêntica tragédia.

Mas por que é que só Jesus é que importa? Por que é que a fé nele é a única fé verdadeira? Poderei ser mais pessoal? Bem, gostaria de lhe dizer *por que é que eu preciso de Jesus e por que é que creio nele.*

1. Jesus revela-nos Deus

Quando alguém me diz, «Eu creio em Deus, mas por que é que preciso de Jesus?», a minha resposta é que isso não faz sentido! Deus é um Deus escondido. Sem Jesus, não podemos conhecer absolutamente nada dele. É claro que os homens podem inventar o seu próprio deus; há «o bom Senhor», que não abandonará o homem decente desde que ele não beba mais de cinco canecas de cerveja por dia. Mas isso não é Deus! Alá, Buda — são apenas projecções dos nossos desejos. Mas Deus? Sem Jesus, não saberíamos nada a seu respeito. É Jesus que o revela. Deus veio até nós na pessoa de Jesus.

Imagine um nevoeiro denso. Atrás dele está Deus. Como as pessoas não podem viver sem ele, começam a procurá-lo. Tentam penetrar no nevoeiro. É o que as diferentes religiões fazem. Os homens tentam chegar a Deus através delas, mas todas têm isto em comum: todas se perderam no nevoeiro e não conseguiram descobrir Deus.

Deus é um Deus escondido. Isaías, o profeta judeu, compreendeu isso e clamou: «Nós não podemos alcançar-te. Oh, se rasgasses os céus e descesses!» E o que realmente impressiona é que Deus ouviu esse grito! Rasgou a camada de nevoeiro e desceu até nós — na pessoa de Jesus Cristo. Nos campos de Belém, quando o coro dos anjos cantou, «...vos nasceu hoje o Salvador... Glória a Deus nas alturas!» — Deus tinha descido até nós. E agora, Jesus diz-nos:

«Quem me vê a mim, vê o Pai». Sem Jesus, eu não saberia nada de Deus. Ele é a única pessoa de quem posso receber um conhecimento seguro de Deus. Como pode haver pessoas que se atrevem a dizer, «Eu cá passo bem sem Jesus.»?

2. Jesus é o amor libertador de Deus

Há algum tempo, fui entrevistado por um jornalista. Quando ele me perguntou por que é que eu fazia reuniões como aquela em que nos encontrávamos, respondi: «Faço-o, porque receio que as pessoas vão para o inferno!» «Ora, francamente!» — disse ele a sorrir — «O inferno não existe!» Eu retorquii: «Havemos de ver! Daqui a cem anos, poderá saber se é você que está certo, ou a Palavra de Deus. Diga-me,» — perguntei — «já alguma vez teve medo de Deus?» «O quê?!» — exclamou ele — «Ninguém precisa de ter medo do bom Senhor!» «Meu amigo,» — disse eu — «você não faz ideia da realidade. Se tivesse um conceito correcto de Deus, saberia que nada é mais terrível que o Deus santo e justo, o juiz dos nossos pecados. Acha que ele vai passar por alto os seus pecados? Você refere-se a Deus como "bom Senhor", mas a Bíblia fala dele de um modo diferente: "Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo."»

Já alguma vez teve medo de Deus? Se não teve, é que ainda não começou a perceber a temível realidade da santidade de Deus e a terrível realidade dos pecados que você tem cometido. Mas se já teve, então não tardará a perguntar: «Como poderei aguentar-me diante de Deus?» Eu creio que a maior loucura do nosso tempo é já não temermos a ira de Deus. Quando uma nação deixa de levar a sério o Deus vivo e a Sua ira contra o pecado, apresenta sintomas dum horrível endurecimento.

O Professor Karl Heim falou-me um dia duma viagem que fizera à China. Em Pequim, ele foi conduzido ao cume dum monte, onde existia um altar conhecido por «altar do céu». O guia disse-lhe que na «noite da reconciliação» centenas de milhares de pessoas costumavam subir àquele monte, levando na mão uma lanterna. Depois, o imperador subia ao cume — isso acontecia antes da revolução — e oferecia um sacrifício de reconciliação pelo povo. O Professor Heim comentou: «Aqueles pagãos sabiam o que é a ira de Deus e compreendiam que o homem precisa de se reconciliar com ele.

O ocidental culto pensa que pode falar descontraidamente do «bom Senhor» e que Deus fica contente, desde que as pessoas lhe

tragam as suas ofertas sem reclamar! É tempo de começarmos a temer a Deus de novo! Porque todos nós pecamos! Sim, todos nós.

Depois de termos aprendido a temer novamente a Deus, perguntaremos: «Como poderemos escapar da ira de Deus? Quem nos livrará?» Então, os nossos olhos serão abertos e compreenderemos que Jesus é o amor libertador de Deus. «Deus quer que todos os homens se salvem», mas não nos pode salvar a expensas da justiça. Deus não pode fechar os olhos ao pecado. Foi por isso que deu o seu Filho para a salvação e reconciliação do mundo.

Venha comigo a Jerusalém. Nos arredores da cidade está um monte. Milhares de pessoas estão ali reunidas. Bem acima das cabeças da multidão vêem-se três cruces. O homem que está na cruz da esquerda é, como nós, um pecador; o mesmo se pode dizer do da direita. Mas, olhe para o homem que está na do meio. Ele não é senão o Filho do Deus vivo.

Oh sagrada cabeça, uma vez ferida,
Com mágoa e dor derrubada,
Quão escarninhamente rodeado
De espinhos, Tua única coroa!
Quão pálido estás, Tu, com angústia,
Com duras ofensas e troça!
Como está lânguido o Teu rosto,
Que antes era brilhante como a aurora!

Por que é que ele está pregado numa cruz? Porque esta cruz é o altar de Deus! E Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e nos reconcilia com Deus.

Enquanto você não tiver um encontro com Jesus, a ira de Deus permanece sobre si. Mesmo que o não saiba; mesmo que o negue. Só aquele que vem a Jesus pode desfrutar da paz de Deus. «O castigo que nos traz a paz estava sobre ele.»

Permita-me uma ilustração: Durante a I Guerra Mundial, servi como atirador. As nossas espingardas tinham escudos nos dois lados. Um dia estávamos nós posicionados na linha da frente, sem um único batalhão de infantaria à vista. Foi exactamente nesse dia que fomos atacados por tanques! Uma chuva de balas vindas das linhas inimigas bateram contra os escudos das nossas armas, mas esses escudos eram tão espessos que nós nos abrigávamos atrás deles. Nesse momento, pensei: «Se estendesse a minha mão, ficaria cravada de balas — e eu esvair-me-ia em sangue. Mas aqui, atrás do escudo, estou seguro.»

Isto ilustra precisamente o que Jesus significa para mim. Eu sei que sem Jesus seria destruído pelo juízo de Deus. Sem Jesus, independentemente do que eu fizesse, nunca poderia ter paz no coração. Sem Jesus, eu não poderia morrer sem uma terrível angústia. Sem Jesus, estaria a caminhar para a condenação eterna.

E a condenação eterna é uma realidade, sem sombra de dúvidas. Espere um pouco e verá que o que a Bíblia diz é verdade!

Mas se eu me abrigar atrás da cruz de Jesus, estou tão seguro como estava por detrás da placa protectora do escudo. Posso estar seguro de que ele é o meu Redentor e o meu Salvador. Sim, Jesus é o amor libertador de Deus.

Preste atenção. Deus quer que todos os homens se salvem. Foi por isso que deu o seu Filho para a nossa salvação, para a nossa reconciliação com ele. Não descanse enquanto não tiver obtido esta paz de Deus, esta salvação!

Por que é que eu preciso de Jesus?

3. Jesus é o único capaz de resolver o maior problema da vida

Sabe qual é o maior problema da vida? Para os idosos poderá parecer que é a dor que sentem na bexiga ou num rim! Para os jovens talvez seja o namorado ou namorada. Toda a gente tem um problema. Mas podem crer que o maior problema da vida é a nossa culpa diante de Deus.

Durante muitos anos trabalhei com jovens e andava sempre à procura de novas ilustrações para os ajudar a compreender esta verdade. Gostaria de usar de novo uma dessas ilustrações. Imagine que desde que nascemos transportamos um pesado colar de ferro em torno do pescoço. Imagine que sempre que eu cometo um pecado se junta mais um elo a esse colar. Tenho um pensamento impuro: mais um elo; sou incorrecto para a minha mãe: outro elo é acrescentado; falo mal de qualquer pessoa: lá vem outro elo; passo um dia sem orar, agindo como se Deus não existisse: outro elo é acrescentado; sou desonesto, minto: e mais um elo se junta.

Tente imaginar o comprimento da corrente que arrastamos connosco — a corrente da nossa culpa. Embora essa cadeia não se possa ver, a nossa culpa é, sem dúvida, muito real.

Com efeito, essa culpa é enorme e nós arrastamo-la connosco para onde quer que vamos. Muitas vezes me interrogo por que é que as pessoas já não se sentem felizes e satisfeitas. As coisas nem lhes

correm muito mal; parece que têm todos os motivos para se sentirem felizes; mas não sentem. E isso, porque estão sobrecarregadas com os pesados grilhões da sua culpa. Ora, ninguém pode libertá-las deles, nem mesmo um pastor, um sacerdote ou um anjo. Nem o próprio Deus pode simplesmente retirá-los, porque é justo: «O homem ceifa o que semeia».

Mas existe Jesus. Ele é o único que pode resolver o maior problema da vida, porque morreu pelos nossos pecados. Morrendo ele, o justo, por nós, os injustos, Jesus expiou os nossos pecados. É por isso que nos pode libertar da corrente da nossa culpa — e só ele o pode fazer. Por experiência posso afirmar que é uma libertação real saber que os nossos pecados foram perdoados. É a maior libertação que alguém pode experimentar. E isso não só transformará as nossas vidas, como também a nossa morte. Os idosos compreenderão isto: uma coisa é morrer, sabendo que os nossos pecados foram perdoados; outra é entrar na eternidade com todo o peso da nossa culpa. É algo de sério e temível pensar nisto.

Conheço muitas pessoas que têm afirmado durante toda a vida que são boas, que só fazem o bem. Um dia, porém, elas vão morrer e terão de se desligar da última mão amiga, descobrindo então que o barco da sua vida está a ser arrastado pela corrente da eternidade para se irem encontrar com Deus. Não podem levar nada consigo: nem a sua casinha, nem a conta bancária. Nada, excepto a própria culpa. É assim que irão comparecer diante de Deus! Que coisa terrível! Mas é esse o destino da humanidade. Você poderá dizer: «É assim que todos os homens morrem. Não há alternativa.» Meu amigo, você não precisa de morrer assim. Jesus oferece-lhe o perdão dos pecados. Essa é a maior libertação que alguma vez poderá experimentar. E olhe que está ao seu alcance agora mesmo.

Eu tinha dezoito anos quando aprendi por experiência o que significa o perdão dos pecados. A minha corrente foi quebrada e caiu. Então, como diz o hino, «o meu coração foi liberto. Levantei-me, avancei e segui-te!»

O meu desejo é que também você possa prestar atenção a estas palavras de vida. Vá ter com Jesus, hoje. Ele está à sua espera. Diga-lhe: «A minha vida é uma grande confusão. Tenho cometido muitos erros, mas nunca o quis admitir. Pelo contrário, sempre me considerei muito bom. Agora trago-te todos os meus erros. Quero crer que o teu sangue pode apagar a minha culpa.»

No século XVII, viveu na Inglaterra um homem chamado John Bunnyan, que passou muitos anos na prisão por causa da sua fé. Algumas coisas nunca mudam! Depois da Palavra de Deus, o que há de mais estável no mundo é a prisão! Ali, na sua cela, Bunnyan escreveu um livro maravilhoso que ainda hoje é relevante — O Peregrino. Nele, Bunnyan comparou a vida dum cristão a uma viagem cheia de aventuras e armadilhas. O livro começa assim: Um homem que vivia na cidade da Destruição é subitamente dominado pela ansiedade. Diz então consigo mesmo: «Que se passa? Não tenho paz e sinto-me infeliz. Tenho de sair daqui.» Compartilha a sua preocupação com a mulher, mas ela responde: «Estás à beira dum ataque de nervos. Precisas é de um bom descanso.» Mas isso pouco o ajuda. A ansiedade persiste. Um dia, diz consigo mesmo: «Não vale a pena! Tenho de deixar esta cidade a todo o custo!» E foge. Depois de dar alguns passos, apercebe-se de que um pesado fardo o sobrecarrega. Tenta libertar-se dele, mas não consegue. Quando apressa o passo, o fardo torna-se ainda mais pesado. Antes de se pôr a caminho, mal tinha notado o peso daquele fardo. Parecia-lhe uma coisa normal; mas ao tentar sair rapidamente da cidade da Destruição, esse fardo torna-se cada vez mais pesado. Por fim, já mal põe um pé à frente do outro. Com grande esforço, consegue subir a um monte. O fardo tornou-se quase insuportável. Então, de súbito, depois duma curva no caminho, vê uma cruz à sua frente. Sentindo-se desmaiar, cai aos pés da cruz e agarra-se a ela, ao mesmo tempo que ergue os olhos. Nesse preciso momento, sente que o fardo lhe cai das costas e vê-o desaparecer no abismo, com grande estrondo.

Esta história é uma boa ilustração do que o homem experimenta, quando se aproxima da cruz de Jesus Cristo.

Sobre essa cruz de Jesus
 Meus olhos, por vezes, podem ver
 O próprio corpo morrendo
 Daquele que sofreu ali por mim;
 E do meu coração esmagado e em pranto
 Duas maravilhas confesso —
 A maravilha do Seu glorioso amor —
 E da minha própria indignidade.

Eu gozo o perdão dos pecados, porque o meu Salvador sofreu em meu lugar. Os grilhões da minha culpa foram removidos. O meu fardo

desapareceu. Com efeito, ninguém, senão Jesus, pode dar-nos tal presente: o perdão dos nossos pecados.

Por que é que eu preciso de Jesus? Tenho de lhe falar ainda de outra razão por que creio nele.

4. Jesus É o Bom Pastor

Numa altura ou noutra, toda a gente se sente profundamente só e a vida parece horrivelmente vazia. Então, de repente, verificamos isto: «Falta algo na minha vida, mas o quê?» Permita-me que lho diga: Falta-lhe um Salvador vivo!

Acabei de dizer que Jesus morreu na cruz para expiar os nossos pecados. Fixe este versículo: «O castigo que nos traz a paz estava sobre ele.» Depois de ter morrido, Jesus foi posto num túmulo cavado na rocha. Rolaram então uma pesada pedra para a entrada do sepulcro. Para ficar absolutamente seguro, o governo romano pôs o seu selo sobre a pedra e colocou de vela um grupo de guardas. Eu imagino que houvesse entre eles alguns soldados valentes que teriam lutado em todos os países do mundo conhecido: Gália, Germânia, Ásia, África. Os seus corpos apresentavam possivelmente muitas cicatrizes. No terceiro dia, de madrugada, todos se encontravam ali, de escudo no braço, lança na mão direita e capacete na cabeça. Um soldado romano era absolutamente fiável, quando estava de guarda.

Ora, a Bíblia diz: «Um anjo do Senhor... rolou a pedra.» E Jesus saiu do túmulo. Foi uma visão tão aterradora, que aqueles duros soldados caíram por terra. Algumas horas mais tarde, Jesus apareceu a uma pobre mulher. A Bíblia diz que Jesus tinha antes expulsado sete demónios dessa mulher. Nessa manhã, a mulher estava a chorar. Jesus aproximou-se dela, mas «ela» não desmaiou! Pelo contrário, as suas lágrimas transformaram-se em alegria quando reconheceu o Senhor ressuscitado, e exclamou: «Mestre!» Ela sentiu-se consolada, porque viu que Jesus, o Bom Pastor, estava vivo e bem perto de si.

Veja, é exactamente por essa razão que eu me sinto tão feliz por ter Jesus. Eu preciso de alguém que me conduza pela mão. A vida tem-me arrastado para águas profundas. Fui preso pelos nazis por causa da minha fé. Na prisão, pensava, por vezes: «Mais um passo e mergulharás nas trevas da loucura — e nunca mais conseguirá escapar deles.» Mas Jesus vinha ter comigo e tudo voltava ao normal. Posso dar testemunho disso.

Passei uma noite na prisão, quando parecia que todo o inferno andava à solta. Tinha entrado um grupo de prisioneiros que estavam em trânsito para um campo de concentração. Já nenhum tinha qualquer esperança. Entre eles estavam criminosos e inocentes — judeus. Nessa noite específica era sábado e eles tinham o coração cheio de desespero. De repente, todos começaram a gritar com quanta força tinham. Nem imaginam a cena! Um edifício inteiro cheio de pessoas desesperadas a gritar e a bater nas paredes e portas das celas. Os guardas dispararam para o tecto e depois, correndo duma cela para outra, começaram a fustigar a torto e a direito. Sentado na minha cela, disse para comigo: «No inferno deve ser assim!» É difícil descrever uma cena como aquela. Mas nesse exacto momento, veio-me o pensamento, «Jesus! Certamente Ele está aqui!» Pode acreditar. Vivi tudo isto de que lhe estou a falar. Dentro da minha cela de prisão, sussurrei, num murmúrio: «Jesus! Jesus! Jesus!» Dentro de três minutos, o silêncio reinou.

Compreendem? Eu clamei por Ele. Jesus ouviu-me — e os demónios tiveram de se afastar. Então, apesar de ser rigorosamente proibido, cantei em voz alta:

Jesus, Amante da minha alma,
 Deixa-me voar para o Teu seio,
 Enquanto as águas mais próximas se agitam;
 Enquanto o temporal ainda ruge:
 Esconde-me, oh meu Salvador, esconde-me,
 Até que passe a tempestade da vida;
 Seguro para o porto me guia,
 Oh, recebe a minha alma enfim!

Todos os prisioneiros ouviram este canto. Os guardas não proferiram uma palavra, nem mesmo quando comecei a cantar a segunda estrofe:

Outro refúgio não tenho,
 A minha alma indefesa se agarra a Ti;
 Não me deixes, oh, não me deixes só;
 Continua a apoiar-me e a confortar-me:
 Toda a minha confiança está em Ti,
 Toda a minha ajuda vem de Ti;
 Cobre-me a cabeça indefesa
 Com a sombra das Tuas asas.

Meu amigo, nessa ocasião pude experimentar o que significa ter um Salvador vivo.

Já me referi ao facto de que todos teremos um dia de passar através desse momento de crise, a morte. Alguém me repreendeu um dia, dizendo: «Vocês, pastores, estão sempre a assustar as pessoas, falando-lhes da morte.» «Eu não preciso de inculir esse tipo de medo a ninguém.» — respondi. «Todos nós, por natureza, temos medo de morrer.» Que conforto não é, no momento da morte, podermos agarrar-nos às mãos do Bom Pastor! Mas as pessoas dizem — e eu acredito que é verdade — «que hoje o homem tem menos medo de morrer do que de viver. A vida é muito pior para ele do que a morte.» Mas posso assegurar-lhe, meus amigos, que Jesus também nos pode ajudar a viver.

Há outra história que tenho de lhes contar. Tenho-a usado muitas vezes como ilustração. É um relato incrível, mas verdadeiro. Conheci um industrial na cidade de Essen. Ele era uma daquelas pessoas que estão sempre bem-humoradas. Costumava dizer-me: «Pastor, o senhor tem razão em estimular os jovens a viver dum modo decente. Tome lá esta oferta de cem marcos para o seu trabalho!» Mas quando eu lhe perguntava em que posição se encontrava ele em relação à fé, respondia logo: «Não me aborreça, pastor. Já tenho as minhas convicções a respeito do mundo!» Ele era assim: um bom homem, mas tão longe de Deus quanto o oriente está do ocidente.

Um dia tive de realizar um casamento, o que nem sempre é muito agradável nas nossas grandes igrejas vazias. O jovem casal chegou acompanhado por cerca de dez pessoas. Perdiam-se no meio daquele enorme templo. O meu amigo e folgazão industrial era uma das testemunhas dos noivos. Senti realmente pena daquele pobre homem. Ali estava ele com um fato bem elegante, com o seu chapéu alto na mão, sem fazer ideia de como se deveria comportar na igreja. Podia ler-se-lhe no rosto o que estava a pensar: «Terei de me ajoelhar, ou de fazer o sinal da cruz? Não faço ideia!» Tentei pô-lo à vontade, pegando-lhe no chapéu e pondo-o ao lado. Começámos então a cantar um hino. Ele não sabia a melodia, mas pelo menos tentava juntar-se aos outros! Pode imaginar o quadro! E no entanto, ele sentia-se perfeitamente à vontade em qualquer círculo social.

Foi então que aconteceu uma coisa extraordinária. A noiva era professora da escola dominical e por isso, durante a cerimónia, cerca de 30 meninas que se encontravam na galeria começaram a cantar um

hino para ela. Com as suas vozes doces e infantis, entoaram esta estrofe:

Salvador, como um pastor conduz-nos,
Muito precisamos do Teu bem terno cuidado;
Nos Teus agradáveis pastos nos alimenta...

Olhei para o meu amigo e, de súbito, pensei: «Que se passa com ele? Estará a sentir-se mal?» Tinha-se curvado, com as mãos no rosto, e estava a tremer. O meu primeiro pensamento foi, «Aconteceu-lhe alguma coisa! Tenho de chamar já um médico.» Mas nesse momento notei que ele estava a chorar. As crianças continuaram a cantar:

Nos Teus agradáveis pastos nos alimenta,
Para nosso uso prepara o Teu aprisco.
Nós somos Teus; Tu nos amas,
Sê o Guardião do nosso caminho;
Protege o Teu rebanho, defende-nos do pecado,
Procura-nos, quando nos desviarmos.

E ali estava aquele importante homem de negócios, sentado no banco, a chorar.

De repente compreendi o que tinha acontecido. Ele devia ter pensado consigo mesmo: «Estas crianças têm algo que eu não tenho: um Bom Pastor. Eu sou um homem pobre e solitário, um homem perdido!»

Também você, quem quer que seja, homem ou mulher, não irá muito longe se não puder afirmar como estas crianças: «Estou feliz por pertencer ao rebanho do Senhor Jesus, por o ter como meu Salvador e Pastor.» Não, não irá muito longe. Por que não tomar então essa decisão vital que lhe permitirá experimentar a verdade destas palavras?

Por que é que eu creio em Jesus Cristo? Porque Ele é o Bom Pastor, o melhor Amigo, o meu Salvador vivo.

Por que é que eu preciso de Jesus? Gostaria de salientar uma última razão:

5. Jesus é o Príncipe da Vida

Há muitos anos organizei um acampamento num bosque da Boémia. Depois de os jovens terem partido, tive de esperar um dia

inteiro por alguém que me ia buscar de carro. Passei a noite num velho abrigo de caça, que no passado tinha pertencido a um rei. Na altura, o seu único habitante era um guarda florestal. A casa estava meio arruinada. Não tinha electricidade, mas tinha uma grande sala-de-estar, com uma lareira em que estava acesa uma pequena fogueira. O guarda pôs um candeeiro de azeite na mesa e desejou-me as boas noites. Fora, a tempestade rugia. A chuva caía torrencialmente sobre os abetos em torno da casa. Era um cenário ideal para uma boa história de mistério.

Ora, precisamente nessa noite, eu não tinha nada comigo para ler e descobri então um pequeno livro ao lado da lareira. Comecei a lê-lo à luz da candeia. Nunca lera algo de tão terrível. Nas suas páginas, um médico dava largas à sua ira contra a morte. Página após página havia passagens como esta: «Oh, morte, o pior inimigo da raça humana! Lutei durante toda a semana para arrancar das tuas garras uma vida humana e, no momento em que já pensava ter conseguido, tu vieste para o lado da cama e apanhaste-a com um ar de escárnio — e tudo se tornou inútil. Podendo eu curar as pessoas, sei, no entanto, que quando tu chegas com a tua mão esquelética, a luta é em vão. Oh, morte, tu és enganadora, és inimiga!» E assim ele dava largas ao seu implacável ódio à morte, em cada página.

Cheguei então ao ponto pior: «Oh, Morte, ponto final, ponto de exclamação!» Cito-o exactamente: «Maldição! Se ao menos tu fosses só um ponto de exclamação! Mas quando olho para ti, transformas-te num ponto de interrogação. E pergunto a mim próprio se serás mesmo o ponto final! Se não és, que és então? Oh, morte, abominável ponto de interrogação!»

É só até aí que você pode chegar! Mas posso assegurar-lhe que nem tudo termina com a morte. Jesus, que conhecia tudo sobre o assunto, disse: «Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição... e apertado o caminho que conduz à vida.» A nossa sorte decide-se aqui na terra. É por isso que eu me alegro por ter um Salvador que dá vida aqui e agora — que é vida e conduz à vida. É por isso que gosto de pregar esta mensagem aos outros.

Durante a Primeira Guerra Mundial, nós lutámos durante semanas perto de Verdun, na altura em que se travou ali um dos piores combates. Havia pilhas de corpos mortos entre as duas linhas inimigas. Nunca em toda a minha vida fui capaz de afastar das minhas narinas o cheiro nauseabundo desses corpos. Cada vez que me encontro junto a um memorial da guerra, sinto de novo o cheiro horrível de Verdun,

desse monte de cadáveres. E sempre digo para mim próprio: «Daqui a cem anos, já nenhum de nós estará cá.» Esse mesmo cheiro horrível de morte engasga-me. Não o sente também?

Neste mundo mortal há, no entanto, alguém que se levantou de entre os mortos! E ele diz-nos: «Eu vivo e vocês viverão também. Creiam em mim! Venham a mim! Voltem-se para mim! Entrem no meu reino! Eu os conduzirei à vida.»

Não é maravilhoso? Como é que pode viver neste mundo mortal sem este Salvador que é vida e conduz à vida eterna?

Há algum tempo, li uma velha carta que o Professor Karl Heim mandara imprimir. Fora escrita por um soldado cristão que morreu na Rússia, durante a Segunda Guerra Mundial. A carta diz mais ou menos isto: «O que está a acontecer à nossa volta é atroz. Quando os russos disparam os seus "foguetes", nós entramos em pânico. É tudo tão frio! E toda esta neve! É terrível. Mas eu não tenho medo! Se morresse, seria maravilhoso. Num momento, entraria na glória. A angústia terminaria — Eu veria o meu Senhor face a face e seria envolvido pelo seu esplendor. Não. Eu não me importaria de morrer aqui no campo de batalha.» E foi exactamente isso que lhe aconteceu pouco depois. Não pude deixar de pensar, ao ler esta carta, que era realmente fantástico aquele jovem não ter receio de morrer, só porque conhecia Jesus.

Sim, Jesus é o Príncipe da Vida e dá aos seus a segurança da vida eterna.

Uma vez, no Dia da Igreja, em Leipzig, houve uma recepção no salão nobre da Câmara. Todas as pessoas importantes da cidade e os dignitários da Igreja se reuniram lá. Os discursos eram o menos comprometedores possível para evitar pôr o pé em cima dos outros. Heinrich Giesen, que na altura era o responsável pelo Dia da Igreja, devia encerrar a cerimónia. Ainda o posso ver de pé, afirmando: «Perguntam-nos, senhores, que tipo de pessoas nós somos. Posso dizê-lo numa breve frase: Somos pessoas que oram assim: "Meu Senhor, faz-me santo para poder ir para o céu!"» Depois, sentou-se. Foi de facto impressionante ver como uma declaração tão simples deixou profundamente perturbados os que se encontravam presentes.

Há alguns anos, um poeta cristão escreveu esta oração:

Oh, deixa-me ver as tuas pegadas,
E nelas colocar os meus pés;
A minha esperança de seguir humildemente

Está na Tua força apenas.
Oh, guia-me, chama-me, atrain-me,
Segura-me até ao fim;
E depois no céu recebe-me,
Meu Salvador e meu Amigo.

O meu desejo é que também você possa prosseguir assim a sua jornada através deste mundo.

Por que é que você precisa de Jesus? Porque tudo, absolutamente tudo, depende da sua relação com ele!

O QUE É AFINAL A VIDA?

Tudo gira em torno desta questão: O que é afinal a vida? Que sentido tem a minha vida?

Recebi um dia uma chamada telefónica dum grande industrial da cidade de Essen. Sentia-se muito perturbado. «Pastor, por favor, venha cá imediatamente!» Pus-me logo a caminho. Quando cheguei, fui recebido com estas palavras: «O meu filho matou-se!»

Eu conhecia aquele jovem. Era estudante. Tinha tudo o que alguém poderia desejar na vida: juventude, riqueza, elegância, saúde perfeita, carro próprio; e nunca se tinha envolvido em qualquer negócio escuro. E fora precisamente esse jovem que disparara uma bala na própria cabeça! Para explicar tal acto deixou estas breves linhas: «Não tenho qualquer razão para continuar a viver por mais tempo. Por isso ponho termo à vida, que não tem o menor sentido.» Não é horrível?

A questão sobre o que é afinal a vida é muito relevante. É relevante, exactamente porque nós só temos uma vida para viver. Já alguma vez reflectiu sobre as consequências pessoais deste facto? Só *uma* vida para viver!

Quando andava a estudar, não era muito bom em aritmética. O meu professor não conseguia entender a minha maneira de chegar à solução dos problemas. Quando acabava de ver o meu trabalho de casa, marcava-me o a vermelho, para mostrar o pouco que apreciava o meu talento para chegar a soluções erradas. Depois de ter um caderno cheio de sinais vermelhos, eu lançava-o fora, por vezes mesmo antes de o terminar. Depois comprava outro. Este seria agradável e novo...e limpo! Assim eu podia começar outra vez.

Não seria óptimo, se pudéssemos fazer o mesmo com a nossa vida? Pode acreditar que milhões de seres humanos à beira da morte têm

confessado isto: «Se ao menos eu pudesse começar tudo de novo! Faria coisas totalmente diferentes.» Podemos comprar um caderno novo e começar do princípio, mas não podemos fazer o mesmo com a nossa vida. *Só temos uma vida para viver.* É horrível estragá-la, usando-a mal. Só temos uma vida para viver, e se a perdemos, perdemo-la por toda a eternidade. O que eu tenho a dizer deve ser considerado seriamente. É uma questão de vida e de morte!

Esta manhã passou junto do hotel em que me encontro uma manada de vacas. Nesse momento, pensei: «Aquelas vacas são felizes. Não precisam de perguntar por que é que estão neste mundo. Para elas tudo é claro: estão aqui para dar leite; e quando não puderem dar mais, darão carne.» Compreende o que quero dizer? Um animal não tem que questionar o que é a vida. É essa a diferença entre o homem e o animal. Infelizmente, muitas pessoas vivem — e morrem — sem terem alguma vez perguntado a si mesmas: «Qual é o verdadeiro propósito da minha vida?» Não há qualquer diferença entre elas e os animais. Um homem nunca será verdadeiramente homem enquanto não se interrogar, «O que é afinal a vida? Por que é que eu sou homem? Que sentido tem a minha vida?»

1. Respostas superficiais e impensadas

Qual é o propósito da minha vida? Há uma série de respostas superficiais e impensadas que se podem dar a esta questão. Há muitos anos, ouvi-as todas ao mesmo tempo. Foi em 1936, durante o Terceiro Reich. Alguns estudantes de Munster, Vestefália, tinham-me pedido para ir debater com eles o tema *Qual é o propósito da minha vida?* Deixaram claro desde o princípio que não estavam interessados num sermão, mas numa discussão franca sobre o assunto. «Tudo bem.» — respondi — «Deixarei que comecem. Qual é o propósito da nossa vida? Por que é que estamos aqui na terra?»

Como os nazis estavam no poder na altura da reunião, era natural que um jovem se erguesse e declarasse: «Eu vivo para o meu povo. É um pouco como a folha e a árvore. A folha não é nada; a árvore é tudo. Eu vivo para o meu povo.»

«Pode ser,» — respondi eu — «mas diga-me: Por que é que está lá a árvore? Com que propósito *existe*? E as pessoas? Por que é *elas* existem?» Silêncio. Ele não soube que responder! Em vez de resolver o problema, só o tinha colocado. Por isso, disse a todos: «Meus amigos, vocês estão simplesmente a evitar a questão com respostas desse género!»

«Qual é o sentido da vida? Por que é que nos encontramos na terra?» — perguntei de novo. Outro estudante afirmou: «Eu vivo para cumprir o meu dever.» Respondi então: «Aí é que está o problema. Qual é exactamente o meu dever? Eu próprio estou convencido de que o meu dever é pregar-vos a Palavra de Deus. Mathilda Ludendorff acha que o dever dela é negar a própria existência de Deus. Então, o que é o dever?»

Um membro importante do governo disse-me um dia: «Pastor, aqui para nós, eu limito-me a assinar papéis de manhã à noite, mas sei que se todos estes papéis ardessem um dia, o mundo iria continuar. O que realmente me preocupa é ter de dedicar o meu tempo e energia a um trabalho tão sem sentido.»

Ora, como definir então dever? No Terceiro Reich milhares de nazis (SS) assassinaram centenas de milhares de seres humanos e, quando eram julgados, todos diziam: «Nós só fizemos o nosso dever. Recebíamos ordens.» Acham que é dever do homem assassinar o seu semelhante? Eu não posso aceitar isso.

Disse então àqueles estudantes: «Aí é que está o problema. O que é o dever? Quem é capaz de me dizer? Cá estamos nós de novo num beco sem saída!»

Os jovens ficaram pensativos. Um deles levantou-se então e disse com orgulho: «Eu pertença a uma velha família aristocrática. Posso traçar a minha genealogia desde o século XVI. Os meus antepassados eram nobres do mais puro sangue. Não será a tentativa de perpetuar tão nobre família suficiente para encher toda uma vida?» Não pude deixar de responder: «Desculpe, mas se você não souber para que viveram as gerações passadas, então não valerá a pena produzir mais uma!»

Numerosas respostas superficiais e impensadas podem ouvir-se, sem dúvida, para esta questão.

Alguns anúncios de mortes nos nossos jornais, começam assim:

Trabalhaste tanto toda a vida,
Nunca pensaste fugir ao teu dever.
Esqueceste-te completamente de ti
E pensaste apenas nos outros.

Estas linhas sempre me despertam a atenção! Não posso deixar de pensar: «Bem, este é o epitáfio dum cavalo». Estarei errado? Um cavalo não pode fazer nada senão trabalhar. Parece-me que um ser

humano não está na terra para ser escravo toda a vida. Isso seria de facto muito triste. Se a vida é só isso, então seria melhor cometer suicídio aos dez anos. «Trabalhaste tanto durante toda a vida...» Causa-me arrepios! Não. A vida também não é só isso!

Outro estudante disse-me na discussão: «Olhe, eu quero ser médico. Se conseguir salvar vidas humanas, não terei já uma boa razão para viver?» Respondi-lhe imediatamente: «O que diz é bom, mas se desconhecer o propósito para que vive o homem, não tem sentido querer salvar-lhe a vida. Seria muito melhor dar-lhe uma agulha para que ele pudesse morrer imediatamente.» Bem, não interpretem mal o que acabei de dizer! O significado das minhas palavras é que a resposta dada pelo estudante de Medicina não era de facto a solução para o nosso problema — o problema do que é afinal a vida.

Rodeado por todos esses estudantes, chocou-me bastante verificar que mesmo jovens muito cultos se deixam ir na corrente, sem saberem exactamente por que é que estão no mundo.

Sabem, quando se passa pelo que nós passámos na Alemanha — só pretendo falar nisto de passagem — é tentador responder como certos estudantes fizeram lá em Munster: «A vida não tem nenhum sentido profundo. Foi por mero acaso que nasci. Por isso, por que é que me hei-de preocupar em busca duma razão? Vamos gozar a vida ao máximo. É o melhor que temos a fazer.»

Esta atitude é agradável para o homem que de repente começa a pensar: «A minha vida é absurda e sem sentido. Se os meus pais não tivessem casado, eu não teria sido concebido e não teria nascido. É por mero acaso que existo. Na realidade, a minha vida é um completo absurdo.» E se este homem encontrar dificuldades na vida, estará apenas a um passo de distância do suicídio. A argumentação é esta: Por que continuar a viver? Se a vida não passa de mero acaso e absurdo, então eu posso perfeitamente acabar com ela.

Sabiam que na Alemanha Ocidental o índice de suicídios é superior ao índice de acidentes de viação? Sabiam que cerca de 50% das vítimas são jovens abaixo dos trinta? Esta é a mais impressionante evidência de que a nossa geração não conseguiu descobrir o que é afinal a vida.

Tenho falado muitas vezes com pessoas que dizem: «A vida é tão sem sentido! Por isso mesmo, ou a passo a divertir-me ou lhe ponho termo pelo suicídio.» «E...» — tenho-lhes perguntado eu — «se a vida tiver afinal algum significado? Imagine que a vida tem um propósito e que você a viveu como se o não tivesse. Que será de si no fim?»

Há um versículo bíblico que nos deve encher de medo: «Ao homem está ordenado morrer uma vez, vindo depois disso o juízo.» Ninguém pode sinceramente considerar a sua vida, se não conhecer esta verdade bíblica.

Qual é o propósito da minha vida? Como poderei morrer e enfrentar o juízo de Deus, se não cheguei a descobrir o verdadeiro sentido da minha vida?

É isto que está em causa.

2. Quem nos pode dar a resposta?

O que é afinal a vida? Quem pode responder a esta pergunta? A minha igreja? Não. O meu padre ou o meu pastor? Não. Ele está na mesma situação que eu. Os cientistas? Os filósofos? Também eles são incapazes de dar a resposta a esta questão. Há só um que no-la pode dar, aquele a quem nós devemos a nossa própria existência. Foi Ele que nos criou: *Deus*.

Vou servir-me duma ilustração bastante estúpida. Imaginem que entro um dia num apartamento e encontro lá um rapaz sentado a ligar alguns fios e lâmpadas. «Diga-me,» — peço-lhe eu — «que tipo de máquina infernal está você a fazer? Que resultará no fim?» Ele tenta explicar-me tudo, mas eu tenho de admitir que não compreendo nada e penso comigo próprio: «Ninguém pode imaginar o que será. Só o inventor pode saber para que serve aquilo e como deve ser usado.»

Acontece o mesmo com as nossas vidas. Só aquele que nos criou pode dizer por que é que nos criou. Por outras palavras, é só por revelação que recebemos a resposta para a nossa pergunta: O que é afinal a vida? É Deus que tem de no-la dar.

Se eu ainda não fosse um leitor entusiasta da Bíblia, esta questão, só por si, forçar-me-ia a lê-la. Pessoalmente, acharia insuportável não saber por que é que estou neste mundo maldito. Será que a expressão «mundo maldito» lhe parece demasiado forte?

Bem, ela encontra-se na Bíblia. Por outro lado, você só precisa de passar seis meses com um pastor, numa das nossas cidades grandes, para compreender o que quero dizer quando afirmo que o mundo está sob uma terrível maldição. Eu não suportaria viver, se não conhecesse a resposta dada pela revelação de Deus.

Sim, Deus responde à nossa pergunta sobre o que é afinal a vida. Faz isso na Bíblia. É essa a razão por que a Bíblia é tão importante. Conheço pessoas que assumem um ar de superioridade e dizem: «Mas

nós não lemos a Bíblia!» Eu posso apenas dizer a qualquer delas: «Então, tanto quanto posso perceber, você nunca deu verdadeira importância à questão sobre o que é afinal a vida.» A estupidez é uma doença bastante espalhada e se fosse dolorosa todo o mundo resoaria com gritos de dor.

Resumirei a resposta bíblica numa só frase: Deus criou-nos para nos podermos tornar seus filhos. Como um pai gosta de se rever no filho, assim Deus fez o homem «à sua imagem». Deus quer que nos tornemos seus filhos, filhos que falem com ele e com os quais ele fale também; filhos que o amem e que ele amará também. Você costuma orar? Para um pai é horrível que o filho não fale com ele durante anos. E se o homem não ora, não fala com o seu Pai celestial. Sim, Deus quer que sejamos seus filhos: filhos que falem com ele, que o amem e a quem ele possa amar. É esse o sentido da nossa existência. Eu não estou a falar de igreja, de doutrina ou de religião. Estou a falar do Deus vivo!

Deus criou-o para que você se possa tornar seu filho. Já é um filho de Deus?

Tenho de avançar mais um passo. Nós temos de nos *tornar* filhos de Deus. Não nascemos filhos de Deus. Logo no princípio da Bíblia, lemos: «Deus criou o homem à sua imagem.» Segue-se então um relato duma grande tragédia: Deus tinha criado o homem livre, com o poder de escolher entre o bem e o mal. O homem, contudo, escolheu ser contra Deus; comeu o fruto proibido. Essa foi a sua maneira de dizer a Deus: «Eu quero ser independente. Posso-me arranjar bem sem ti.» Adão não duvidava da existência de Deus; só queria escapar à sua autoridade. «Quero fazer o que me apetece!»

Um dia destes um homem deteve-me na rua. «O senhor fala constantemente de Deus,» — disse-me ele — «mas eu não consigo ver Deus. Diga-me como é que o posso encontrar.» Eu respondi: «Ouça com atenção o que lhe vou dizer. Imagine que existia uma máquina que me podia fazer recuar no tempo; suponha que eu recuava exactamente até ao princípio da história humana, e que num certo dia me encontro a passear no jardim de Deus. (Certamente conhece a história da Queda). Lá, encontro-me com Adão, o primeiro homem. «Bom dia, Adão.» — digo eu. «Bom dia, Pastor Busch» — responde ele. Explico-lhe então como é que cheguei ao Jardim do Édem. «Você parece preocupado.» — diz Adão — «Em que está a pensar?» Eu respondo: «Estava simplesmente a pensar numa pergunta que um homem me fez recentemente: Como é que posso encontrar Deus?»

Adão desata a rir. «O grande problema não é como *encontrar* Deus. Ele está aqui. Seja sincero. O que os preocupa a vocês todos é como se poderão *ver livres dele*. Mas a verdade é que não se conseguem libertar dele. É esse o grande problema!»

Adão estaria certo? Deus está aqui. Nós podemos encontrá-lo; mas não nos podemos ver livres dele.

Quando reflecto sobre a evolução do pensamento humano ao longo dos últimos três séculos, posso ver que temos tentado tudo para nos libertarmos de Deus, mas sem êxito. Na realidade, todos acreditamos que Deus existe, mas simplesmente não nos queremos incomodar. Limitamo-nos a copiar toda a gente: deixamos a questão de Deus por responder. Não negamos a existência de Deus, mas não nos queremos incomodar. Não, não despreveríamos como seus inimigos, mas também não somos seus amigos.

O maior problema da vida continua por resolver.

Um médico suíço afirma num dos seus livros que quando o homem não resolve a grande questão da vida, sofre de profundas perturbações mentais e emocionais. Ele diz também: «Nós, os ocidentais, sofremos de falta de Deus. Não negamos a sua existência, mas não temos qualquer relação com ele. Não queremos ter nada a ver com Deus e, por isso mesmo, sofremos de falta de Deus.» Eu sou da mesma opinião.

Quase por todo o lado ouço pessoas dizer: «O homem moderno não está interessado em Deus.» Só posso responder: «A situação do homem moderno é muito grave. Eu também sou um homem moderno, mas estou interessado em Deus. Não creio que seja antiquado por causa disso! É um facto bastante alarmante que as pessoas de hoje não levem mais a sério a questão da salvação.»

Vou servir-me novamente duma ilustração muito simples. Tente imaginar um aprendiz de cozinheiro. Um dia ouço o chefe dizer: «Este rapaz não está minimamente interessado em cozinhar!» Eu pergunto: «Então, em que é que ele está interessado?» O chefe responde: «Em música pop e moças!» «Então, você deve descer ao nível dele» — sugiro eu — «e daqui em diante falar-lhe só de música pop e de raparigas!» «Nem pensar!» — responde o chefe — «Se este rapaz não está interessado em cozinhar, errou a vocação.»

Consegue ver o ponto que eu pretendo salientar? A nossa vocação é tornarmo-nos filhos de Deus. Se o homem moderno não mostra qualquer interesse nisso, então errou na sua vocação como homem. Nessas circunstâncias é inútil discutir com ele todo o tipo de coisas possíveis e impossíveis, mesmo que o assunto lhe interesse. É preciso

dizer-lhe repetidamente: «Só começará a ser um verdadeiro homem, quando se tornar filho do Deus vivo.»

3. A Resposta de Deus

Quero repetir aqui que nós não nascemos filhos de Deus, mas que o propósito da vida é que *nos tornemos* filhos de Deus. Algo tem de acontecer connosco.

Pense seriamente em tudo isto.

Temos de enfrentar os factos: não somos filhos de Deus, não amamos a Deus, transgredimos os seus mandamentos, não nos importamos nada com ele, não oramos — embora em emergências possamos puxar o alarme! É pois vital conhecer a resposta à maior de todas as questões: Como é que me posso tornar filho do Deus vivo?

Alguns diriam: «Sendo bom.» Outros afirmariam: «Crendo em Deus.» Mas isso não basta!

A nossa questão continua por responder.

Como é que me torno filho do Deus vivo?

A resposta a esta questão tão importante só pode ser recebida por revelação. Isso significa que é o próprio Deus que me tem de dizer como é que me posso tornar seu filho. Nenhum homem — nem mesmo um pastor — pode fazer isso. Ora, a Bíblia dá-nos uma resposta muito clara. Ei-la: só através de Jesus! Sim, para me tornar filho de Deus, tenho de me aproximar de Deus por meio de Jesus.

Há um versículo na Bíblia que, quando traduzido literalmente diz: «Jesus veio do mundo de Deus a este mundo.» Nos nossos dias ouvimos repetidamente que a Bíblia assenta numa visão antiquada do mundo. Que grande erro! Ela diz-nos coisas vitais a respeito de Deus e de nós próprios. Diz-nos que Deus está presente em toda a parte. Mesmo que eu me escondesse nas profundidades da terra, Deus estaria lá. A Bíblia apresenta aquilo a que, em linguagem moderna, chamamos visão multidimensional do mundo. Nós vivemos num mundo tridimensional. Há o comprimento, a largura e a altura. Mas existem outras dimensões; e Deus está noutra dimensão. Ele está muito perto, ao alcance duma mão. Deus acompanha-nos e vê-nos quando nos desviamos. Nós, contudo, não podemos derrubar a barreira que nos separa dessa outra dimensão. Só Deus o pode fazer. Ele derrubou-a quando veio ter connosco na pessoa de Jesus.

Outro versículo do Novo Testamento, quando traduzido literalmente, diz isto a respeito de Jesus: «Veio para o que era seu,» — e é evidente que o mundo lhe pertence — «mas os seus não o receberam.» Aqui temos toda a história do evangelho até aos nossos dias. Jesus vem e o homem recusa deixá-lo entrar. «Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.» Do ponto de vista humano, isto é um beco sem saída e devia pôr termo às relações de Deus com o homem. Mas — é fantástico! — a história não acaba aqui! «Mas a todos quantos o receberam... deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus.» Assim, é recebendo Jesus que nos tornamos filhos de Deus.

Já alguma vez abriu a porta da sua vida a Jesus? «A todos quantos o receberam... deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus.»

Na Primeira Guerra Mundial eu era um jovem oficial e vivia longe de Deus. Contudo, foi nesse período específico da minha vida que abri o meu coração a Jesus e o deixei entrar. Esta experiência mudou por completo a minha vida. Nunca me arrependi do passo que dei. No entanto, para seguir Jesus eu tenho percorrido muitos caminhos difíceis. Estive na prisão e, em numerosas ocasiões, experimentei angústia. Mas ainda que eu tivesse uma centena de vidas para viver, desde que estivesse no meu são juízo, agarrar-me-ia sempre a este versículo: «A todos quantos o receberam... deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus.» Porquê? Porque desde o instante em que me torno filho de Deus a minha vida ganha significado. Não importa o que eu seja: se pastor ou lixeiro, administrador ou serralheiro, dona de casa ou professor — a minha vida só ganha sentido a partir do momento em que me torno filho de Deus.

Sim, você tem de deixar entrar Jesus na sua vida. Só então ela ganhará verdadeiro sentido.

É interessante estudar as personagens do Novo Testamento a esta luz. Por exemplo, Maria Madalena: A sua vida não tinha o menor sentido. A Bíblia diz a respeito dela — na única referência ao seu passado — que estava possessa de sete espíritos maus (pessoalmente conheço alguns indivíduos que estão dominados por muitos mais espíritos maus). Devia ser terrível: uma vida dominada pelos sentidos, uma vida de escravidão. A pobre mulher devia sofrer muito com uma existência tão sem sentido. Foi então que um dia, Jesus, o Salvador, o Filho de Deus, entrou na sua vida e expulsou os espíritos maus. Ele pode fazer isso e fê-lo! A partir desse momento Maria Madalena passou a pertencer a Jesus. Finalmente, a sua vida tinha propósito. Veio, porém, o dia em que Maria Madalena presenciou a crucificação

e morte de Jesus. Nessa altura apossou-se dela um medo súbito — o medo de que toda a sua vida passada recomeçasse. Na manhã do terceiro dia após a crucificação, Maria Madalena estava de joelhos, chorando, no jardim em que Jesus tinha sido sepultado num túmulo cavado na rocha. Ela tinha ido ao túmulo e encontrou-o vazio. A pedra da entrada fora afastada e não havia sinais do corpo de Jesus. Por isso, ela chorava.

Eu posso entender perfeitamente Maria Madalena, pois se eu perdesse Jesus, isso também me levaria às profundezas duma existência sem significado. Sim, posso entendê-la. «O Senhor desapareceu! A minha vida não tem mais sentido.»

De repente, ela ouviu uma voz atrás de si: «Maria!» Voltou-se e viu Jesus ressuscitado, ali, diante dela. As lágrimas de desespero que lhe caíam pelo rosto transformaram-se em lágrimas de alegria. E um grito ecoou, vindo do mais íntimo da sua alma: «Rabboni! Mestre!»

A história desta mulher é a confirmação de que nós não precisamos de grandes teorias filosóficas para encontrarmos a resposta para o problema do que é afinal a vida. Mesmo o homem menos instruído sabe por experiência que a sua vida não tem qualquer significado. Também ele se interroga: «Que sentido tem a minha vida?» Pretenderá ele uma resposta a essa questão? Bem, então só precisa de aceitar Jesus. Depois, tal como Maria Madalena, tornar-se-á um filho de Deus e a sua vida, como a dela, será vivida dali em diante à luz dum profundo e maravilhoso plano, o plano de Deus.

Meu amigo, exorto-o a aceitar também Jesus. Ele espera por si. Fale com ele. Jesus está muito perto de si. A única coisa que precisa de lhe dizer, é: «Senhor Jesus, a minha vida não tem qualquer sentido. Vem até mim.»

No momento em que aceito Jesus, começa uma verdadeira revolução na minha vida. Colho todos os benefícios da morte de Jesus: a sua morte acaba com a minha vida passada; ressurjo com ele para viver uma nova vida, a vida dum filho de Deus; Jesus dá-me o seu Espírito, que muda os meus desejos e mesmo a minha maneira de pensar. Aceite Jesus e conhecerá tudo isto por experiência.

Sim, é verdade. O homem que aceita Jesus começa uma vida inteiramente nova. Tornarmo-nos filhos de Deus significa que não só muda a nossa maneira de pensar, mas também toda a nossa maneira de viver.

No século passado, um sapateiro chamado Rahlenbeck vivia na Vestefália. As pessoas tinham-no alcunhado de «Pregador Pio» por

causa do fervor com que seguia Jesus. Ele era um homem de grande visão espiritual, um homem abençoado por Deus. Um dia, um jovem pastor foi visitá-lo. «Pastor,» — disse-lhe Rahlenbeck — «os seus estudos teológicos não lhe garantem a salvação. O senhor tem de aceitar Jesus!» O jovem pastor respondeu: «Eu tenho Jesus. Tenho um quadro dele pendurado na parede do meu escritório». O velho Rahlenbeck respondeu-lhe: «Jesus está muito calado e pacífico na parede do seu escritório, mas se o deixar entrar na sua vida, ele fará muito barulho!»

Espero que você seja capaz de riscar com uma cruz o seu passado e louvar o seu Pai celestial por o tornar seu filho, por dar sentido à sua vida e por o habilitar de agora em diante a honrá-lo com as suas palavras, pensamentos e actos.

Terá compreendido que eu não estou a falar duma mania religiosa ou da opinião pessoal dum pastor, mas duma questão de vida e de morte, de vida eterna e condenação eterna?

O Senhor Jesus diz: «Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei.» Jesus diz-lhe a si mesmo também estas palavras.

Um dia, um velho mineiro veio ter comigo e disse: «Pastor, preciso de lhe falar.» Ele já passava bem dos setenta. «Eu assisti a uma reunião evangelística, quando tinha dezassete anos. Lá, senti que Jesus estava a bater-me à porta, mas pensei: "Aposto que todos os meus amigos se vão rir de mim, se eu levar a sério estas coisas e aceitar Jesus! Não, não posso fazer isso!". E desliguei.» O mineiro concluiu: «Aqui estou eu no fim da vida. Sou velho e reconheço que a minha vida tem sido um fracasso; um fracasso, porque nesse momento específico não abri a porta a Jesus.»

Só temos uma vida para viver! Exactamente por isso, a nossa pergunta — o que é afinal a vida? — é de suprema importância. Deus dá-lhe uma resposta clara e simples. A resposta está em Jesus, o Crucificado e Ressurrecto.

Este Jesus está agora a bater-lhe à porta. Abra-lhe a sua vida. Jamais se arrependerá de o ter feito!

Não Tenho Tempo!

«Tens de vir ouvir a pregação do Pastor Busch!» Quantas vezes um convite deste género recebe como resposta: «Desculpe, mas não tenho tempo!»

Uma vez, tive de permanecer algum tempo numa casa de recuperação. Um senhor idoso sentava-se à minha frente às refeições. Nós entendíamo-nos muito bem. «Ora, aqui está uma pessoa que aprecia a vida!» — pensava eu, sempre que via o prazer com que aquele homem idoso comia, ou enquanto o observava a dormir pacificamente ao sol. Mas com o passar do tempo, a superficialidade da nossa conversa começou a preocupar-me.

Talvez você pergunte: «Que há de mal nisso?» Bem, o caso é este. Para mim, Deus é a maior realidade da vida. A minha vida mudou por completo, quando compreendi a grande obra que Cristo tinha realizado: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» É duro ver alguém a negligenciar tal salvação dia após dia. E era esse o caso do meu amigo idoso. Perguntava a mim mesmo como é que ele se sentiria, quando chegasse a sua hora de comparecer diante do Deus Todo-poderoso.

Um dia, ao jantar, estendi-lhe um pequeno livro que eu tinha escrito e disse-lhe: «Gostava que lesse este livrinho. É uma colecção de histórias acerca das experiências de algumas pessoas com Deus. Deve dar-lhe matéria para pensar.» Sabe qual foi a reacção dele? Agradeceu-me muito e disse: «Eu estou aqui em convalescença, mas

talvez quando voltar a casa encontre um momento para ler o seu livrinho. E pô-lo de lado.

Fiquei muito triste, porque sabia que nunca mais aquele homem teria tanto tempo livre como tinha ali. A verdade é que ele não estava disposto a dar tempo a Deus.

1. Uma situação estranha

Por que é que nós nunca temos tempo? Primeiro que tudo quero chamar a sua atenção para uma situação que sempre me tem perturbado e que ninguém conseguiu até hoje explicar.

Há 100 anos, quando um comerciante que vivia em Estugarda tinha alguns negócios a fazer em Essen, levava 5 dias a chegar lá, de carruagem, e outros 5 dias para a volta. Isso totalizava 10 dias de viagem e, digamos, mais dois dias de negócios para concluir o seu trabalho. Assim, ele gastava quase 15 dias para fazer um negócio. Hoje, um homem de negócios só precisa de fazer uma chamada telefónica para poupar 12 dias. No entanto, eu tenho a impressão de que dentre os muitos homens de negócios que conheço não há nenhum que tenha 12 dias livres! Pelo contrário, todos me dizem: «Não tenho tempo!» Por que é que será isso?

Quando era jovem, costumava visitar os meus avós. Eles viviam no Jura da Suábia. Era uma verdadeira aventura, naquele tempo, ir de comboio de Elberfeld a Urach. Hoje, com o expresso trans-europeu, pode fazer-se a mesma viagem em 5 horas.

É claro que as pessoas de hoje deviam ter muito mais tempo livre! Há alguns anos, nós costumávamos ter uma semana de 60 horas de trabalho. Hoje temos uma semana de 40 horas (e por vezes ainda menos). Mesmo assim, ninguém tem tempo! Porquê? No nosso tempo, tudo se tem feito para tornar a vida mais fácil. A minha mãe costumava ler quatro capítulos da Bíblia todos os dias e também dedicava diariamente tempo a orar com a família. Não havia máquinas de lavar ou outros electrodomésticos. Ela tinha de cuidar de oito filhos. Não tinha secador para secar as roupas. Tinha também de coser todas as meias! Mesmo assim, arranjava tempo para ler os seus 4 capítulos da Bíblia todos os dias.

Terão vocês tempo para fazer isso? Provavelmente, não!
Porquê?

Grandes esforços são feitos diariamente para nos ajudar a poupar tempo — e, contudo, ninguém tem tempo para poupar. Conseguir

explicar isso? Tenho pensado muitas vezes neste problema, mas francamente não consigo ver a solução. A única explicação que consigo encontrar — e conheço pessoas que não gostarão de ouvir isto, mas a verdade é que não vejo outra — é que há alguém nos bastidores empenhado em nos atrapalhar. Esse alguém arranja tais circunstâncias que nós nunca temos tempo. Esse alguém, tal como o domador de leões dum circo, nunca pára de agitar o seu chicote para nos manter «em ordem».

A Bíblia diz precisamente isso. Esse alguém existe mesmo! Chama-se diabo! Independentemente do que possa pensar a esse respeito, a verdade é que os «poderes das trevas» são uma realidade.

Recentemente, um homem disse-me que tinha abandonado o cristianismo. Eu respondi: «Está a cometer um grande erro. O diabo está a dominá-lo e acabará por o destruir!» Sorrindo-se para mim, respondeu: «Mas o diabo nem sequer existe!»

A Bíblia diz-nos que Jesus foi conduzido pelo diabo ao cume dum monte. À frente dele podia ver-se toda uma região. O diabo «afastou as cortinas» e Jesus pôde ver em espírito todos os reinos do mundo e a sua glória. O diabo disse então a Jesus: «Dou-te toda a autoridade e glória do mundo, pois foi-me dado tudo e posso dá-lo a quem quiser. Se me adorares, tudo será teu.» Esta passagem da Bíblia toca-me profundamente. O Senhor Jesus não contradisse o diabo. Admitiu que ele tem realmente domínio sobre este mundo.

Permita-me que lhe dê dois ou três exemplos para ilustrar este facto. Penso num grande número de homens e mulheres que são escravos dos seus próprios vícios. Uma vez, alguém me bateu à porta a meio da noite. Ao abrir, vi um administrador duma fábrica local. Era evidente que tinha estado a beber, mas ainda tinha a mente suficientemente lúcida para conseguir gritar: «Por favor, ajude-me! Eu não consigo deixar de beber. O meu pai era alcoólico e eu herdei dele esta fraqueza. Não consigo vencer!»

Nunca poderemos saber quantas pessoas suspiram no íntimo do coração, dizendo, «Não consigo evitar!» Quem os domina com uma vara de ferro? Observe um pouco mais de perto toda a miséria do nosso mundo e verá que o que a Bíblia diz é verdade: os poderes das trevas existem mesmo!

Pense por um momento em toda a desordem sexual que existe hoje. Conheço um homem que tinha uma bela família e uma esposa amorosa. Ele deixou-se seduzir um dia pelos encantos duma das suas empregadas. Fui visitá-lo. «Meu amigo,» — disse-lhe eu — «você

está em perigo de arruinar a sua própria vida e a da sua família, e de perder o respeito dos seus filhos.» Posso ainda ver aquele industrial sentado na minha frente e ouvir a sua trágica resposta: «Pastor, eu não posso deixar esta mulher; não posso mesmo.» Em momentos destes, será que não sentimos a força dos poderes das trevas?

O bem conhecido autor inglês Somerset Maugham escreveu um importante livro intitulado *Of Human Bondage* (Da Servidão Humana). Com que facilidade os homens se permitem viver num estado de sujeição! Os mais velhos podem lembrar-se de como se submeteram a Hítler. «Eu acreditava que duas vezes dois eram vinte», admitiram muitos desde então. «Eu acreditava nisso, porque o *Fuhrer* o tinha afirmado».

Ninguém pode negar a existência dos poderes das trevas. Não se pode negar a existência do diabo.

Goethe, o grande poeta alemão, escreveu um drama arrepiante, chamado *Fausto*. Gretchen, é uma das principais personagens dessa peça. Ela era uma jovem pura, que foi seduzida por alguém. O irmão, querendo vingar a honra dela, foi morto numa luta com o sedutor da irmã. Mais tarde, para que o amante pudesse vir juntar-se-lhe, Gretchen deu um sedativo à mãe, mas esse sedativo provocou-lhe a morte. Quando a criança de que ela estava à espera nasceu, Gretchen matou-a. (A propósito, as mulheres de hoje fazem exatamente a mesma coisa, quando provocam um aborto. Tornam-se culpadas dum crime sério.)

No fim da peça, a jovem está de pé. Ela já foi responsável por três mortes — a do irmão, a da mãe e a do próprio filho — e ela afirma uma coisa impressionante, «E, no entanto, o que me levou a fazê-lo, meu Deus, era tão belo, tão puro!»

Goethe não era um louco. Deixou bem claro no *Fausto* que o diabo tinha manipulado toda a questão.

Como pastor numa grande cidade, vejo-me constantemente confrontado com este tipo de problemas. Quando alguém me diz, «O diabo não existe», não posso deixar de perguntar: «De que remoto canto do país vem você?» E tenho a certeza de que o diabo está activo, mesmo nesse canto.

Infelizmente sou forçado a admitir a realidade do diabo, quando vejo quão cegos podem estar os cristãos quando se trata de ver os seus próprios pecados. Lembro-me de uma senhora crente, em especial. Ela era extremamente egocêntrica. Atormentava a nora ao ponto de a pobre moça quase endoidecer. A sogra não tinha a menor ideia do mal que lhe estava a causar. E, no entanto, era uma mulher piedosa! Vocês,

piedosos, nunca se esqueçam de pedir a Deus que os proteja dos poderes das trevas.

É absolutamente impossível compreender o presente estado do mundo, se não aceitamos o facto de que nos bastidores estão o diabo e os poderes das trevas, trabalhando com um objectivo muito preciso. Eles mantêm-nos numa constante corrida — e é por isso que nunca nos chega o tempo. Todas as ciladas imagináveis são usadas pelo diabo para nos impedir de encontrar tempo para pensar — pois se o fizéssemos descobriríamos que podíamos ser libertados do seu domínio.

2. Uma realidade maravilhosa

Sim, há uma maneira de nos libertarmos! Na Alemanha, durante os festejos carnavalescos, há sempre algum comediante que apresenta um espectáculo. Muitas vezes me interrogo sobre o que ele pensará das suas próprias piadas, quando já se encontra no quarto, ao fim do dia, depois de limpar a maquilhagem. Se ele for sincero, admitirá muito naturalmente: «Ganho a vida a fazer coisas estúpidas, a contar anedotas sujas, que poluem a mente das pessoas.» Pode mesmo chegar a sentir vergonha de si mesmo! Sinto-me muito alegre por lhe poder falar acerca duma grande e maravilhosa realidade: que há libertação para os que querem

escapar das garras do poder das trevas!

O apóstolo Paulo descreveu os cristãos, nestes termos: «Deus nos resgatou do domínio das trevas e nos trouxe para o reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados.» Um cristão não é alguém que foi baptizado e confirmado, ou que dá os díizimos e ofertas. Não! O cristão é alguém cuja vida inteira foi transformada. Ele foi arrancado das garras dos poderes das trevas e começou uma vida inteiramente nova, sob a liderança dum novo Senhor.

Para ilustrar este ponto quero contar-lhes uma história que se passou com um dos obreiros da Missão Urbana de Berlim. Durante algum tempo, ele tentou ajudar um homem alcoólico. Esses vícios são difíceis de abandonar. Um dia, esse obreiro cristão soube que num dos momentos de embriaguez o homem tinha destruído a mobília e espancado a esposa. Foi então visitá-lo. Eram cinco horas da tarde. Encontrou o pobre homem sentado na cozinha e a beber uma chávena de café. O seu filhinho de cinco anos estava sentado ao lado dele. O

missionário cumprimentou amavelmente o bêbado e depois perguntou-lhe: «As coisas pioraram outra vez?» Rangendo os dentes, o homem levantou-se dum salto. Sem dizer palavra, foi ao quarto ao lado e voltou com uma corda da roupa nas mãos. Continuando silencioso, começou a atar o menino à cadeira. O missionário interrogou-se: «Que irá ele fazer agora? Será que ainda está bêbado?» Deixou-o continuar. Quando o homem acabou de prender o filho, deu um nó e gritou-lhe então: «Levanta-te!»

A criança começou a chorar: «Mas eu não posso levantar-me» — disse por entre soluços. O homem voltou-se então para o missionário e, com uma expressão dolorosa no rosto, disse: «Ouvii o que ele disse — *Eu não posso*. Pois bem, é isso que acontece comigo. Eu também não posso!»

Não é de partir o coração?

Após um momento, o missionário meteu a mão no bolso e tirou um canivete. Depois, sem dar importância ao prejuízo que causava, cortou a corda nova da roupa. Com voz calma, disse então ao menino: «Levanta-te!» E ele levantou-se. Voltando-se para o bêbado, disse-lhe: «Vê?» «Claro,» — replicou ele — «você cortou a corda». O missionário respondeu: «Alguém veio cortar todos os laços do diabo que nos prendem. Esse Alguém foi Jesus!»

Milhares de pessoas em todo o mundo podem dar testemunho deste facto.

Que maravilhosa realidade! Nós podemos ser libertados dos poderes das trevas.

3. O cerne da questão

Chegou o momento de vos falar acerca de Jesus. Falar dele é chegar ao cerne da questão que estou a tratar.

Lembro-me de ter sido convidado uma vez a ir a um Clube de Pessoas de Cor, em Nova Iorque. A gente apercebe-se sempre das tensões raciais que existem na América. No *hall* de entrada do clube estava uma estátua de mármore, colocada num pedestal. Notava-se logo que a estátua não era dum negro. Fiquei atónito por os negros terem levantado um monumento a um homem branco, naquele lugar específico. Perguntei, portanto, a um senhor de cor: «Meu amigo, quem é este homem?» Nunca me esquecerei do que se seguiu. O homem pôs-se em sentido diante da estátua e então declarou solenemente: «Este homem é Abraão Lincoln, o meu libertador!»

Lembrei-me de como à custa de anos de guerra civil o Presidente Lincoln tinha conseguido a liberdade para os escravos.

O homem com quem falei ainda não era nascido nessa altura, mas era um homem livre no seu tempo por causa dos direitos que Abraão Lincoln tinha adquirido para ele nos sangrentos campos de batalha.

Enquanto eu subia as escadas, podia vê-lo ainda em frente do monumento e pude ouvi-lo murmurar as palavras: «Abraão Lincoln, meu libertador!»

Do mesmo modo, eu posso pôr-me diante da cruz de Jesus Cristo e dizer: «Jesus, meu libertador!»

Há um versículo bastante estranho na Bíblia: «Por Jesus Cristo, a lei do espírito da vida me libertou da lei do pecado e da morte.» Há leis da natureza. Quando pego num lenço e o largo, ele cai inevitavelmente no chão, devido à lei da gravidade. Ninguém pode mudar esse facto. Mas se eu agarrar no lenço, ele interromperá a queda. Isso significa que se intervier uma força maior, a lei da gravidade é dominada. Pela natureza, nós estamos sujeitos à lei do pecado e da morte. Todos nós caímos. Todos vamos rebolando pelo monte que conduz à condenação eterna. E nós sabemos isso muito bem.

Para que a nossa queda seja interrompida é necessário que uma força maior intervenha. É essa a única maneira de a poder interromper. Deus deu-nos essa força maior na pessoa de Jesus. Deus deu-nos Jesus para a nossa salvação e libertação. Jesus afastou o poder do diabo. Agora, com o poder do Espírito Santo que Jesus derrama sobre nós, podemos viver uma nova vida de liberdade.

Não é estranho que o mundo se não possa ver livre de Jesus? Sabem porquê? Alguém disse que Jesus era como um corpo estranho neste mundo. É exactamente isso — um corpo estranho vindo do céu!

Mas afinal quem é este Jesus?

Não procure informação sobre Jesus na primeira revista que abrir. Não se deixe levar por pessoas que nem mesmo o conhecem. Só o Novo Testamento nos pode dar os factos exactos a respeito de Jesus. Pelo que tinha descoberto na Bíblia, Martinho Lutero, o grande Reformador, referiu-se a Jesus nestes termos: «Jesus é verdadeiramente Deus, gerado pelo Pai na eternidade; e verdadeiramente homem, nascido da Virgem Maria.» Portanto, Deus e homem! Em Jesus, o céu e a terra uniram-se.

Jesus é «*verdadeiramente homem*».

Ele chorou junto ao túmulo de Lázaro. Posso imaginá-lo a rir noutra ocasião, quando disse aos discípulos: «Olhem para as aves do

céu: nem semeiam, nem segam, nem armazenam em celeiros e, contudo, o vosso Pai celestial alimenta-as.» Oh, sim, quase posso ouvir Jesus a dizer em ar de graça, «Aquelas marotas das andorinhas! Não se preocupam com nada. E no entanto comem o seu alimento e ficam grandes e gordas!» Que homem extraordinário era Jesus!

A Bíblia diz que um dia, logo depois de ter pregado um sermão, Jesus alimentou 5.000 homens — sem contar as mulheres e as crianças. Que multidão! E Ele nem tinha um sistema de som para falar em público. Jesus devia ter uma voz extraordinária.

Jesus era, sem dúvida, uma pessoa fantástica!

Chegamos agora a uma das mais impressionantes cenas do Novo Testamento. Pilatos, o governador romano que exercia o poder no tempo de Jesus, acabava de mandar açoitar Jesus. Colocaram-lhe então uma coroa de espinhos na cabeça; ele tinha a cara a sangrar e as costas cheias de ferimentos. Havia ainda restos de cuspo no seu rosto. Jesus era uma verdadeira tragédia humana. Foi nesse doloroso estado que o levaram para fora, à vista da multidão.

Pilatos fitou Jesus, por um momento. Depois, voltando-se para o povo, apontou para Jesus e disse em tom comovente: «Eis o homem!» Que queria dizer Pilatos? «Tenho visto muitas destas criaturas de duas pernas, mas tratava-se sempre de lobos devoradores, tigres sedentos de sangue, raposas matreiras, galos presunçosos, macacos. Mas Jesus... é um *homem!*»

Jesus era também *verdadeiramente Deus*, gerado pelo Pai desde a eternidade. Só este ponto daria para horas infindas de debate.

Para o ilustrar, deixem-me descrever uma cena que aconteceu junto ao lago da Galileia. Uma tempestade surpreendeu os discípulos no barco. Numa questão de minutos o convés encheu-se de água. O mastro partiu-se. «Isto não é nada que assuste um pescador!» — disseram provavelmente uns aos outros, em tom confiante. (Havia vários pescadores experientes entre eles.) Mas a certa altura, o medo apoderou-se de todos eles. Entraram mesmo em pânico e clamaram. «Onde está Jesus? Oh, sim, está a dormir lá em baixo.» E lá foram eles a correr, com a água a segui-los — e começaram a abanar Jesus para o acordar! «Senhor, estamos a afundar-nos!» — gritaram eles.

Posso imaginar Jesus a subir para o convés, mesmo no auge da tempestade. Nós gostamos de manter Jesus fechado na nossa igreja ou nos nossos confortáveis edifícios de igrejas, mas lá ia ele para o centro da tempestade! Parecia mesmo que ia ser arrastado para fora do barco

pela força das águas, mas Jesus estendeu a mão e com voz forte e majestosa disse ao mar enfurecido: «Acalma-te; quieta-te.» Instantaneamente, o mar acalmou, as nuvens desapareceram e o sol começou a brilhar de novo. Atónitos, os discípulos prostraram-se aos pés de Jesus, clamando: «Quem é este homem? Ele não se parece com nenhum de nós!»

Mais tarde, eles viriam a encontrar a resposta para esta questão: Jesus é Deus encarnado. Os discípulos só compreenderam plenamente esse facto na manhã da Páscoa, quando Jesus saiu vivo do túmulo!

Não lhes estou a contar histórias de fadas. Jamais ousaria proclamar estas coisas, se não estivesse absolutamente certo de que realmente o Deus vivo desceu até nós na pessoa de Jesus, o Ressuscitado.

Mas é a visão de Jesus pendurado na cruz que mais me comove. Ali estava ele, verdadeiramente «*Deus e homem*». Como é que eu próprio poderei tentar descrevê-lo... Aquele que foi coroado, mas com uma coroa de espinhos — objecto de troça! As mãos antes poderosas foram cravadas com pregos. Assim, após grande sofrimento, tão admiravelmente descrito pelo hinólogo, Jesus inclinou a cabeça e morreu.

Oh sagrado Rosto um dia ferido,
De angústia e de dor carregado,
Com tanto escárnio rodeado
De espinhos, Tua única coroa!
Quão pálido estás de angústia,
De rudes maus tratos e troça!
Como está lânguido o rosto —
Antes brilhante como a alvorada.

Oh sagrado Rosto! Que glória,
Que êxtase até agora o Teu!
Contudo, embora desprezado e ensanguentado,
Alegro-me em chamar-Te meu:
Tua dor e Tua compaixão
Foram para o bem do pecador;
Minha, minha foi a transgressão,
Mas Tua a dor mortal.

Olhe para ele, para esse Jesus! Vá à sua presença e pergunte: «Por que é que ele está suspenso na cruz?» Continue a fazer a si mesmo essa pergunta até descobrir a resposta.

A resposta é esta: pelo seu sacrifício na cruz, Jesus liberta-nos dos poderes das trevas e arranca-nos do poder de Satanás. Identificando-se com Jesus através da fé nele, poderá compreender e ter a certeza de que ali na cruz foi libertado do poder das trevas e se tornou um filho de Deus, um homem livre. Não precisa mais de se deixar atormentar pelo diabo. Por causa da cruz pode sentir-se plenamente seguro de que o diabo não tem mais poder sobre si; que Jesus é o vencedor; que ele o libertou para sempre e fez de si um filho de Deus!

Esqueça agora todas as teorias insensatas do nosso tempo. Tem de se confrontar com os factos: nós podemos ser libertados do poder das trevas e podemos tornar-nos filhos de Deus. O próprio Deus satisfaz todas as condições necessárias para que isso fosse possível. Ele deu Jesus, e Jesus foi crucificado e ressuscitou de entre os mortos por nós.

Eu sei que, em geral, as pessoas se sentem pouco à vontade quando começamos a falar de «Deus». Por que será?

Bem, porque todos nós estamos na mesma situação do filho pródigo da história bíblica. Ele tinha abandonado a casa do pai, e longe do lar tinha-se sentido muito infeliz. Ansiava voltar para a família, mas tinha medo e não ousava fazê-lo. Porquê? Porque muitas coisas se tinham metido entre ele e o pai. É isso que acontece com muitos que não ousam aproximar-se de Deus. Cada um pensa: «Demasiadas coisas se meteram entre mim e Deus. Nós já não temos nada em comum.» Têm toda a razão. De facto, estão sob o domínio do poder das trevas e isso impede-os de terem comunhão com Deus.

Mas se Jesus veio para nos salvar do poder das trevas e nos fazer filhos de Deus, não acha que pode também remover os obstáculos que nos estão a separar de Deus? Foi precisamente isso que Ele fez ao morrer na cruz. Nele podemos encontrar o perdão dos pecados. Sim. É verdade. O Salvador crucificado perdoa-nos *todos* os nossos pecados.

Paulo compreendeu esta grande verdade, quando escreveu: «Porque ele nos resgatou do domínio das trevas e nos trouxe para o reino do Filho do seu amor.»

Nós somos naturalmente joguetes nas mãos do diabo, mas Jesus, o Filho de Deus, livra-nos dele, oferecendo-nos o perdão dos pecados.

E Deus está a dar-nos tempo para aceitarmos esta salvação.

4. Alguém que não tinha tempo

No Novo Testamento lemos a história dum homem que não tinha tempo. Era um homem influente, um governador romano. Chamava-

-se Félix. A esposa dele era Drusila. Ao cuidado deles estava um preso chamado Paulo.

Um dia, dispondo de algum tempo, Félix disse à esposa: «Vem, vamos interrogar um pouco este Paulo.» Assim, foram juntos até ao tribunal e sentaram-se lá com grande pompa e circunstância. À sua direita e à sua esquerda estavam soldados romanos, de guarda. O preso foi introduzido na sala e o governador permitiu-lhe que se defendesse. Paulo começou então um dos seus poderosos discursos. À medida que falava o seu tom tornava-se cada vez mais sério e a presença do Deus Todo-poderoso era perceptível na sala. Paulo falou da justiça que devia caracterizar as funções do juiz. Isso penetrou directamente no coração de Félix, que não pôde evitar pensar em todas as ocasiões em que aceitara suborno. Depois, Paulo falou de pureza. Foi a vez de Drusila quase cair da cadeira! «Bem» pensou ela, «Este homem é mesmo antiquado!»

Tanto Félix como Drusila tiveram de corar, quando Paulo disse, «Deus quer que sejamos justos e controlados.»

Paulo passou então a falar do juízo de Deus e da destruição eterna que se seguirá. Assustado, Félix deu um salto e exclamou: «Cala-te. Por agora, basta! O que dizes é interessante e talvez tenha a sua importância. Quando achar conveniente voltarei a chamar-te. Podes sair. Não tenho mais tempo para te ouvir.» E Félix mandou Paulo de novo para a cela.

E nunca mais teve tempo...

Receio que se não tivermos tempo para deixar que Deus nos fale de justiça, pureza e julgamento futuro, nos acontecerá o mesmo que a Félix. Sentimo-nos pouco à vontade quando deparamos com a realidade de Deus, não é verdade? Que fazemos então? Corremos para o cinema ou ligamos a TV: Por outras palavras, preferimos ficar numa atmosfera mais alegre, que não nos perturbe a paz — e deixamos ficar tudo como está.

Não é horrível ter de dizer a respeito de alguém que nunca se importou com nada? O Filho de Deus vem ter com cada um de nós e diz: «Olha, eu faço novas todas as coisas! Perdoo-te o teu passado. Pela minha morte salvo-te e permito-te entrar no reino de Deus. Dou-te o dom do Espírito Santo para poderes ser um novo homem.» Que dizemos então? «Ora, ora!» E deixamos as coisas como estão!

Oh, meu amigo! Espero que não seja este o seu caso.

5. Alguém que tem tempo

Enquanto Satanás nos dominar, seremos pressionados e nunca teremos tempo. Há mulheres que se queixam com frequência: «O meu marido nunca tem tempo para mim.» Os homens também podem queixar-se: «A minha mulher nunca tem tempo para mim.» E quanto aos jovens, muitos protestam em voz alta contra os pais, que nunca têm tempo para eles.

Jesus, contudo, tem tempo — tem tempo para TI!

Descobri esta verdade, um dia, de um modo inteiramente novo. Estava a atravessar grandes dificuldades. Sentia-me tão desanimado que a minha esposa não pôde deixar de comentar: «Pareces destroçado, mas eu compreendo, bem sabes!» Eu corei e corri para o bosque. Ali, no silêncio que reinava, falei com o meu Salvador: «Senhor Jesus, deixa-me explicar toda esta tristeza que sinto...». Derramei então ali o meu coração diante dele. Jesus dispensou tempo para me ouvir — e eu pude contar-lhe tudo. Duas horas se passaram como um momento. Depois, abri o Novo Testamento. Ao lê-lo, senti que cada palavra constituía a resposta directa de Deus para o meu caso.

Estava tão feliz quando voltei para casa! Tinha acabado de fazer uma nova e maravilhosa descoberta — Jesus tinha tempo para *mim!*

No Novo Testamento há uma história muito comovente. Um cego estava sentado ao lado da estrada, pedindo esmola. Tinha na mão uma tigela de madeira e de cada vez que alguém passava perto, ele estendia a mão e suplicava: «Uma esmola, por favor.» De repente, ouviu ao longe o barulho duma grande multidão que se aproximava. «Que está a acontecer?» — pensou. «Será um cortejo, ou uma parada militar?» Por fim, clamou o mais alto que pôde: «Que se passa?» Alguém ali perto lhe respondeu: «Jesus acaba de entrar na cidade.» Ele estremeceu ao ouvir o nome de Jesus! Já tinha ouvido falar dele. Estava certo de que esse Jesus era o Filho de Deus. Não tinha a menor dúvida. Começou então a clamar: «Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim! Jesus, Filho de Deus, ajuda-me!»

Aquele brado começou a enervar as pessoas, que disseram ao cego: «Cala-te. Queremos ouvir o que Jesus está a dizer.» O cego, porém, não se importou e continuou a clamar: «Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim!» Ele gritava cada vez mais alto. A multidão começou a ficar furiosa e a ameaçá-lo. «Se não te calas, espancamos-

-te!» Uma multidão enfurecida pode tornar-se realmente perigosa, como bem sabem. O cego não se mostrou minimamente preocupado com isso e continuou: «Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim!»

Se eu estivesse lá e o cego falasse, talvez eu lhe dissesse: «Ouve lá! Há uma coisa que tens de entender. Jesus vai a caminho do calvário! Ali, ele espera morrer pela humanidade. O mundo dirige-se para a destruição por causa do pecado, mas Jesus quer acabar com o problema do pecado, carregando sobre si mesmo as transgressões de todos nós. Desse modo, ele estabelecerá a paz com Deus por nós. Depois disso, ressuscitará dos mortos e triunfará sobre a morte. Não vês que é um momento crítico? Não é o momento adequado para o importunares!»

Mas o cego continuaria a gritar cada vez mais alto: «Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim!» Segue-se então uma das mais belas frases do Novo Testamento. «Jesus parou».

Quantas vezes sou tentado a orar, quando tenho de ir a alguma reunião importante: «Oh, Senhor Jesus! Por favor, não quero ser incomodado por ninguém neste momento.»

Mas Jesus parou! Depois, disse: «Chamem-no cá!» Jesus estava prestes a enfrentar o mais grave problema do mundo e, no entanto, dispôs de tempo para atender um pobre cego. É esse o valor que Jesus dá a cada indivíduo.

Também você tem grande valor aos olhos de Jesus. Conhece porventura qualquer outra pessoa do mundo que o valorize tanto? E, contudo, você não arranja tempo para Deus. O diabo tem tido certamente êxito em o fazer rodopiar com os dedos!

Contaram-me um dia uma história incrível. Um barco estava prestes a afundar-se. Um dos tripulantes correu pelos salões, gritando: «Todos para o convés! O barco está a afundar!» Foi também às cozinhas. O chefe, desligado de tudo o mais, estava muito ocupado a assar os frangos. «Tenho de preparar primeiro o jantar» — foi a resposta. E voltou a cuidar dos frangos. Assim, acabou por se afundar com eles!

Fico com a impressão de que as pessoas de hoje são exactamente como esse homem. «Jesus,» — dizem elas — «não é para a nossa geração. Não me interessa. De qualquer modo, não tenho tempo para isso.» Desse modo, o mundo segue apressado — sem Jesus — directamente para o inferno!

Creio que as prioridades devem ser respeitadas. Se Deus nos oferece salvação, então é uma prioridade absoluta aceitá-la. Por que não se ajoelha agora mesmo diante da cruz de Jesus, proferindo estas palavras do hino, como se suas fossem?

Ponho os meus pecados sobre Jesus,
O imaculado Cordeiro de Deus;
Ele leva-os todos e liberta-nos
Desse fardo amaldiçoado.
Trago a minha culpa a Jesus,
Para que lave minhas manchas carmesim
E as branqueie com seu sangue precioso,
Até que nem uma só exista.

Ponho minhas carências sobre Jesus;
Toda a plenitude habita nele;
Ele sara todas as minhas enfermidades
E redime a minha alma.
Ponho meus pesares sobre Jesus,
Meus fardos e meus cuidados;
Ele me liberta de todos eles
É compartilha minhas tristezas.

Desejo ser como Jesus,
Manso. Manso, amoroso, humilde e meigo;
Desejo ser, tal como Jesus,
O santo filho do Pai.
Desejo estar com Jesus,
No meio dos seres celestiais,
Para entoar com os santos Seus louvores
E aprender o cântico dos anjos.

Atenção: Perigos à Frente!

Quando viajava pela auto-estrada a grande velocidade, há algum tempo atrás, o tema do meu sermão continuava a vir-me à mente: «Atenção: Perigos à frente!»

Sabem tão bem como eu que na nossa geração as pessoas não morrem normalmente na cama, em idade avançada. Hoje em dia morre-se em acidentes, ou de ataques cardíacos. No passado, as pessoas viviam até aos 90 anos e então deitavam-se na cama e morriam. Hoje, as coisas são diferentes. Um avião cai: faz muitas vítimas. Um autocarro despista-se numa curva e precipita-se por uma ribanceira abaixo: há pelo menos 40 mortos. Dá-se uma explosão numa fábrica: há mais mortos. Nas profundezas das minas de carvão há sempre homens que perdem a vida. E duas guerras mundiais rebentaram no espaço de 30 anos. A Primeira Guerra Mundial fez dois milhões de vítimas. A Segunda Guerra Mundial matou cinco milhões de pessoas, só na Alemanha. Nós estamos literalmente rodeados de perigos. Quando medito friamente nestas coisas, concluo muitas vezes: «As possibilidades de eu vir a morrer calmamente no meu leito são de facto poucas.»

Tente imaginar por um momento que vai ter um acidente fatal esta noite, às 10 horas. Podia ser. Onde estaria às 11 horas? Que lhe aconteceria? Já alguma vez pensou nisso?

1. Uma situação séria

O meu avô, que era um excelente contador de histórias, costumava contar-me uma bem interessante: Um jovem foi um dia visitar um tio

idoso e disse-lhe: «Tio, pode dar-me os parabéns. Acabei de passar com *Muito Bom!*» «Isso é ótimo!» — respondeu o tio. «Toma lá algum dinheiro e vai comprar uma coisa de que gostes. Mas agora, diz-me: quais são os teus planos para o futuro?» «Para começar,» — respondeu o rapaz — «vou continuar a estudar. Quero ir para Direito.» «Ótimo» — disse o tio. «E depois?» «Bem, depois disso gostaria de fazer um estágio no tribunal.» «Muito bem.» — continuou o tio. «E depois?» «Depois, vou ser advogado ou juiz no tribunal.» «Ótimo!» — comentou o tio. «E depois?» «Bem, tio, depois disso caso-me e constituo família.» «Muito bem. E depois?» «Espero vir a ser um homem influente. Por exemplo, Juiz do Supremo Tribunal; ou Procurador Geral da República!» «Muito bem» — continuou o tio. «E depois?» O jovem já estava a ficar agastado, mas ainda respondeu: «Acho que nessa altura já andarei de muletas e terei de me reformar.» «Muito bem.» — disse ainda o tio — «E depois?» «Quando me reformar, instalo-me num lugar aprazível, construo uma casa e cultivo morangos!» «Ótimo!» — comentou o tio — «E depois?»

Nessa altura, o rapaz já estava furioso. «Depois, hei-de morrer um dia!» «Ah, sim?» comentou o tio. «E depois?»

O jovem já não se ria. Entrou mesmo em pânico. O velho tio insistiu: «E depois?» «Tio, realmente nunca pensei nisso.» «O quê?!» — exclamou o senhor. «Então passaste com uma alta classificação e não tens inteligência suficiente para ver o que está para além do teu nariz? Não deveria um rapaz a quem Deus deu uma boa mente ter mais visão do que aquela que mostra? *Que acontecerá depois?*» O jovem respondeu apressadamente: «Mas, tio, ninguém sabe o que acontece depois da morte!» «Estás enganado, meu sobrinho.» — disse o tio — «Há uma pessoa que sabe exactamente o que acontece depois da morte. É Jesus. E Jesus disse: "Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ele; mas estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida." Depois da morte, vem o juízo de Deus. As pessoas ou estão perdidas, ou salvas.»

Não basta fazer planos para a vida até à sepultura. Devem-se fazer planos para o que acontece além-túmulo.

Quando trabalhava com a juventude, muitas vezes dizia aos meus jovens amigos: «Se eu tivesse um par de sapatos a precisar de conserto, não iria a uma estação de serviços. Os mecânicos são boas pessoas, mas não entendem nada de conserto de sapatos. Eu levaria os sapatos ao sapateiro. Por outro lado, se tivesse um problema no carro, não o procurava resolver com um sapateiro, mas com um mecânico.

Se quisesse comprar alguns bolos, não ia ao talho, nem à droguaria. Podem ser todos muito bons, mas não percebem nada de bolos. Se de facto me apetecessem bolos, ia à pastelaria. Se um cano de água estivesse a verter, ia a um canalizador. Por outras palavras, procuraria alguém que percebesse do assunto.

«Mas quando se trata de descobrir o que acontece depois da morte, damos ouvidos a fulano, a beltrano ou cicrano; ou então descansamos nas nossas próprias ideias, vagas e confusas. Não deveríamos nós para este assunto, mais do que para qualquer outro, procurar um especialista na matéria? Onde poderemos encontrar um especialista? Há só um. É o Filho de Deus, que veio do céu, e que foi ao reino dos mortos. Jesus morreu na cruz, mas voltou à vida e conhece todos os factos acerca do além-túmulo. E diz-nos: Vocês podem ir para o inferno, ou para o céu».

«Mesmo que 25 professores provassem pela lógica que não existe nada para além da morte, eu dir-lhes-ia: "Desculpem-me, mas apesar dos cursos universitários que têm, os senhores não são especialistas no assunto, simplesmente porque nunca estiveram no outro mundo. Mas eu conheço alguém que já esteve lá: Jesus. E *ele* tem uma opinião totalmente diferente da vossa."»

Hoje em dia, as pessoas agem como se a morte fosse o fim. Também elas parecem pensar que iremos directamente para o céu, se tivermos sido baptizados e sepultados por um sacerdote. Eu só desejava poder convencê-las de que correm um grande perigo. O inferno vai encher-se de pessoas que foram baptizadas e sepultadas por um líder religioso. Mais cedo ou mais tarde, cada um de nós terá de comparecer no tribunal de Deus.

Tenho de admitir que foi o pensamento do juízo final que me levou a tornar-me cristão. Durante a Primeira Guerra Mundial, eu era um jovem oficial do exército alemão. O nosso regimento tinha sofrido pesadas perdas. Eu era exactamente como qualquer outro oficial, nem melhor, nem pior. Se alguém me tivesse dito então que um dia seria pregador, eu teria desatado a rir. Na altura, vivia muito longe de Deus. Um dia, o meu pai perguntou-me: «Não crês em Deus?» «Não sou tão tolo que negue a existência de Deus.» — respondi — «É preciso ser-se muito estúpido para ser ateu, mas» — acrescentei — «até agora nunca me encontrei pessoalmente com Deus. Por isso, ele simplesmente não me interessa.»

Algum tempo depois dessa conversa com o meu pai — foi durante a ofensiva alemã à França — eu estava sentado ao lado dum amigo

meu, um jovem tenente como eu próprio, numa trincheira perto de Verdun. Estávamos a aguardar ordens para atacar. Para matar o tempo, começámos a contar algumas anedotas sujas (quem já esteve no exército, sabe exactamente a que me refiro.) Eu acabara de contar uma das anedotas do meu quartel quando, muito surpreendido, verifiquei que o meu amigo não se tinha rido. «Kutscher» — perguntei eu — «não achaste graça a esta?» Nesse momento, ele caiu pesadamente para o lado. Estava morto! Uma pequena peça duma granada tinha-o atingido e tinha-se-lhe alojado profundamente no coração. E ali estava eu, um jovem de 18 anos, ao lado do cadáver do meu amigo.

Ao princípio, aquilo não me afectou muito. A gracejar, ainda disse: «Então, que é isso de caíres assim antes de acabar a minha anedota?» Mas um minuto depois, perguntava a mim mesmo: «Onde é que ele está agora?» Ainda me posso ver na trincheira em que essa verdade me atingiu como um raio mais forte do que o brilho duma explosão nuclear: «Ele está diante do Deus Santo.» Assaltou-me então outra ideia: «Se eu estivesse sentado onde ele estava, teria sido eu o atingido — e neste momento estaria diante do Deus Todo-poderoso.»

Eu não estaria perante um velho Deus qualquer, mas perante o Deus que revelou a sua vontade e estabeleceu leis que eu tenho violado, cada uma delas. Compreendi então que tinha transgredido as leis de Deus e que, se fosse atingido, iria imediatamente à presença de Deus e, sem sombra de dúvidas, seria condenado ao inferno.

A chegada dos nossos rapazes com os cavalos interrompeu as minhas meditações. «Depressa, marchar.» foi a ordem. Montei a cavalo, mas antes de deixar o meu amigo morto, fiz uma coisa que não fazia há anos: *Orei*. «Oh, Deus,» — clamei — «por favor, não me deixes morrer no campo de batalha antes de eu ter a certeza de que não vou para o inferno!»

Um pouco mais tarde, fui falar com o capelão e perguntei-lhe: «Capelão, que devo fazer para não ir para o inferno?» A sua resposta foi: «Tenente, o que conta agora é ganhar, ganhar, ganhar!» Eu exclamei: «O senhor nem se conhece a si mesmo!»

Não é horrível pensar que milhares de jovens iam morrer dentro de poucas semanas, sem ninguém lhes ter dito como se poderiam salvar? E, no entanto, nós vivíamos num país supostamente cristão!

Sem dúvida que eu teria ficado muito desesperado, se um dia não me tivesse chegado às mãos um Novo Testamento. Posso ainda ver o lugar onde me encontrava nesse dia: era uma quinta em França, atrás da fronteira. «Um Novo Testamento!» — pensei eu — «Se o ler,

talvez possa descobrir o que devo fazer para não ser condenado.» Mas como o Novo Testamento não me era muito familiar, comecei a lê-lo ao acaso, um pouco aqui e um pouco ali, até que os meus olhos deram com este versículo: «Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.» Isso atingiu-me como um raio. *Um* pecador. Eu era exactamente isso. Ninguém precisava de me convencer do facto. *Eu* era um pecador! Não tinha a menor dúvida e queria realmente ser salvo. No entanto, eu não compreendia muito bem o que é que isso significava. Pelo menos, tinha de compreender que *ser* salvo significava sair do estado em que me encontrava e reconciliar-me com Deus. «Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.» Se Jesus podia realmente fazer isso, então eu tinha de o encontrar a todo o custo!

Isto arrastou-se por algumas semanas. Procurei alguém que me pudesse ajudar a encontrar Jesus, mas não encontrei ninguém.

Fiz então algo que desejo que todos cheguem a fazer. Embora a nova ofensiva estivesse em marcha, saí sozinho um dia e escondi-me numa velha casa de campo francesa. Estava quase em ruínas e tinha sido evacuada. Havia no entanto uma sala que continuava de pé. A chave estava na porta. Entrei e fechei a porta por dentro. Ajoelhei-me e orei: «Senhor Jesus! Na Bíblia está escrito que tu foste enviado por Deus para salvar os pecadores. Eu sou um desses pecadores. Não te posso fazer quaisquer promessas para o futuro, porque tenho um carácter muito mau, mas eu não quero ir para o inferno, se for atingido. Por isso, Senhor Jesus, quero entregar-te toda a minha vida. Faz de mim o que quiseres!»

Não houve qualquer *clic* mágico. Não aconteceu nada de especial, mas quando saí daquela sala eu já tinha encontrado um Senhor; um Senhor a quem pertenço desde então.

Com o passar do tempo, comecei a compreender que o mundo vive sob uma grande ameaça. As pessoas correm perigo de morte. Homens e mulheres passam pela vida sem jamais procurarem perdão para os seus pecados. E que dizer dos seus pecados, amigo? Tem a certeza de que já lhe foram perdoados? Não? Então como é que alguma vez pode ter esperança de se manter de pé, quando tiver de comparecer no tribunal de Deus?

As pessoas passam pela vida sem nunca conhecerem a paz de Deus. Muitos vivem toda a vida sem chegarem a reconciliar-se com Deus. Revestem-se duma fina camada de verniz de cristianismo, mas por baixo existe um coração infeliz e sem paz, porque nunca foi transformado.

Deus não quer que ninguém vá para o inferno. A Bíblia diz: «Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.» Foi por isso que ele mandou o seu Filho. Mas para sermos salvos temos de dar um passo na direcção de Jesus. Temos de lhe pertencer.

Cuidado — Perigo à frente! Estamos a avançar para o juízo de Deus.

Costumava haver um rapaz muito simpático no meu grupo de jovens. Durante algum tempo, ele frequentou regularmente o nosso estudo bíblico. Estávamos na altura sob o regime de Hítler. Um dia, as autoridades obrigaram-no a seguir um curso de doutrinação nazi e ele desligou-se então do grupo. Perdi o contacto com ele por muito tempo até que um dia o encontrei por acaso. «Olá, Hunther!» — disse eu. «Heil, Hítler» — foi a resposta. «Gunther,» — disse eu — «como estás? Já há muito tempo que te não via!» Ele endireitou-se e respondeu: «A minha divisa é - Cumpre o teu dever, custe o que custar!». E se alguma vez não cumprir o meu dever, e se há realmente um Deus, então serei suficientemente honesto para admitir as minhas faltas diante dele. Mas não preciso dum bode expiatório, como Jesus, para morrer em meu lugar.»

Mentalmente posso ver milhões de homens e mulheres que pensam deste modo. Orgulham-se de dizer: «A minha divisa é — Cumpre o teu dever, custe o que custar. Quanto ao resto, conseguirei explicar as coisas a Deus!» Por nada deste mundo eu gostaria de comparecer ante o tribunal de Deus apenas com as palavras, «Cumprido o meu dever.» Eu sei que vou a caminho duma condenação certa, se permanecer nesta situação. Pode ter a certeza disto: Chegará o dia em que cada um de nós terá de prestar contas a Deus.

O grande escultor Ernst Barlach escreveu também uma peça intitulada *Boll, o Bêbado*. A personagem central, Boll, era um proprietário que estava sempre um pouco toldado. Um dia, depois de ter comido uma boa refeição e ter bebido bastante, dirigiu-se para a praça da aldeia, a uma hora em que o sol estava no zénite. Ali, encontrou-se de súbito diante da igreja da aldeia. Nas portas da igreja estavam esculturas que representavam quatro querubins a tocar trombeta. Ao olhar para elas, Boll teve a estranha impressão de que eles ganharam subitamente vida e começaram a anunciar o juízo final: «Chegou a hora de todos os seres humanos comparecerem no tribunal de Deus.» Barlach escreveu estas palavras: «Vocês, mortos, saiam dos túmulos. Não tentem evocar a decomposição dos vossos corpos

como desculpa! Não! Saiam cá para fora!» Boll, o bêbado, começou a compreender. «Eu não posso escapar de Deus. Um dia, terei de comparecer diante dele com toda a minha miséria.»

Bem no íntimo, todos nós sabemos que não chegaremos muito longe com a nossa auto-justiça. O juízo de Deus está iminente. Nesse dia, todas as nossas boas obras se derreterão como neve sob a acção dos raios de sol.

Eu sei que as pessoas não querem ouvir este tipo de coisas, hoje em dia. Quando afirmo que se não nos voltarmos para Jesus iremos para o inferno, as pessoas sorriem simplesmente e dizem, «O quê? Para o inferno? Essa é uma ideia da Idade Média! O inferno nem sequer existe!»

Esse tipo de reacção sempre me recorda uma experiência por que passei durante a Segunda Guerra Mundial. Tinha de fazer uma visita e, portanto, saí. No caminho, fui surpreendido por um *raid* aéreo. Corri para o abrigo mais próximo e fiquei ali até cessar o alerta. Depois continuei o meu caminho até que finalmente cheguei à zona em que tinha de fazer a minha visita. Nenhuma das casas ficara danificada e, no entanto, eu tinha a impressão de que toda a área estava abandonada. Não se via nem um gato! «Devo estar a sonhar» — pensei eu. «Não é possível! As casas estão todas direitas e, contudo, toda a gente se foi embora.» Alguns minutos mais tarde encontrei-me com o chefe da defesa civil da área. Perguntei-lhe então: «Por que é que todos se ausentaram?» Para me explicar, ele pegou-me no braço e conduziu-me para dentro de uma das casas. Levou-me em seguida até junto duma janela que dava para as traseiras. Dali, pude ver que as casas circundavam um parque. Exactamente no meio do parque estava uma grande bomba, com o tamanho duma caldeira de locomotiva! «Ainda não rebentou?» — perguntei eu. «Não.» — respondeu ele — «Esta é uma bomba de acção retardada.» Eram essas as bombas mais traiçoeiras. Não explodiam ao bater no chão; só cinco ou mesmo vinte horas mais tarde. Em geral, explodiam quando as pessoas saíam dos abrigos. «Toda a gente daqui fugiu.» — explicou o homem — «Consegue ouvir o relógio?»

Nós podíamos facilmente ouvir o ruído do relógio do detonador. A bomba podia explodir a qualquer momento! «Venha.» — disse o chefe da defesa civil. «O melhor é não ficarmos aqui mais tempo.» Recuámos alguns passos para um lugar em que pelo menos estaríamos abrigados, no caso de a bomba explodir. Foi exactamente nesse momento que reparei numa coisa muito curiosa. Um bando de

andorinhas voou para a terra e pousou suavemente sobre a bomba. Uma delas voou mesmo para a cabeça da bomba e pousou sobre o detonador. Eu gritei-lhe: «Ó andorinha, olha que estás a namorar a morte!» Mas parecia que todo o bando se divertia, como reacção ao meu aviso: «Ah, ah, já sabemos o que isso é. Quem é que hoje ainda acredita em bombas? Não há o menor perigo!»

As pessoas de hoje mostram a mesma estupidez perante o perigo que as ameaça. Deus já falou muito seriamente a todos os povos, pela sua Palavra e pelo juízo que tem caído sobre eles. O Filho de Deus veio, foi crucificado e ressuscitou dentre os mortos. Por isso, todos devem compreender que Deus é real e santo. Mas quando o homem se ergue e diz: «Cuidado — Perigos à Frente. Procurem salvar as vossas almas.», elas riem-se simplesmente e dizem: «Ah, ah, ah! Quem acredita nessa loucura no nosso tempo?»

Há ocasiões em que o próprio Deus faz certos comentários irónicos. A Bíblia refere-se só uma vez à condição do ateu, nesta frase simples: «*Diz o louco no seu coração - Não há Deus!*» Com a visão bíblica da vida, que mais se poderia dizer?

2. Para o resgate

Deus condenou o mundo uma vez, com um terrível juízo. Só um homem e sua família foram salvos, nessa altura. Foi Noé, a quem Deus deu instruções para construir uma arca, antes que a tragédia comesse. Deus ordenou a Noé que entrasse na arca com toda a família. Quando já todos se encontravam dentro da arca, o próprio Deus fechou a porta.

O mundo caminha para o julgamento de Deus, mas há uma arca para nos salvar. Essa arca é a graça que nos é oferecida em Jesus Cristo. Ele veio do mundo de Deus ao nosso mundo de miséria. Cristo morreu por nós na cruz. Ora, se Deus consentiu em que o Seu Filho suportasse tão ignominiosa morte, a salvação que Ele adquiriu para nós deve ser suficientemente grande para salvar mesmo o pior dos pecadores. Jesus ressuscitou dentre os mortos e chama-nos para si pelo seu Espírito Santo. *Jesus é a arca da salvação.*

Como Deus disse a Noé no passado, «entra na arca, tu e a tua casa!», também agora insiste consigo, através das minhas palavras, para que se esconda no abrigo da graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Dê esse passo para fazer as pazes com Deus. Desligue-se do que o está a prender. Diga ao seu Salvador: «Vem a ti um grande pecador.»

Deponha os seus pecados ao pé da cruz. Creia que o sangue de Jesus foi derramado pessoalmente por si e diga-lhe: «Senhor, coloco toda a minha vida nas tuas mãos.» É isso que significa entrar na arca.

Cuidado — Perigos à Frente!

Muitos de nós estão a dirigir-se para o julgamento final sem salvação e protecção. Contudo, a graça de Deus é tão grande que nós podemos recorrer a ela em qualquer altura. *Crer* significa dar um passo para fora do juízo de Deus e penetrar na esfera da graça de Jesus Cristo. Dar esse passo não é fácil, mas salva-nos do perigo, do perigo da morte.

Albert Hoffmann, bem conhecido pioneiro missionário na Nova Guiné, contou-me uma história que nunca esqueci. Eu tinha-lhe dito: «Irmão Hoffmann, penso que é uma verdadeira luta viver a vida cristã. Não é nada fácil, mesmo para um pastor, pertencer a Jesus Cristo num mundo como o nosso.»

«Gostava de lhe contar uma experiência que tive.» — disse-me ele — «Era nosso costume darmos alguma instrução sobre a vida cristã aos papuas que desejavam seguir a Cristo. Isso ajudava-os a conhecer melhor Jesus. Depois, num determinado domingo, eram baptizados. Essa era sempre uma ocasião de grande festa. Muitos pagãos assistiam sempre. Acendia-se uma grande fogueira. Os candidatos ao baptismo aproximavam-se, carregando nos braços todos os objectos do culto de feitiçaria: objectos de magia, estatuetas e amuletos. Quando chegavam à fogueira, lançavam às chamas todas essas relíquias da sua vida passada.

«Numa noite, observei uma jovem mulher nativa que se aproximava do fogo com os braços carregados de estatuetas e amuletos. Quando, porém, chegou o momento decisivo de os lançar ao fogo não conseguiu fazê-lo. Deve ter pensado: "Tudo isto faz parte do estilo de vida dos meus antepassados. Todas as minhas raízes estão nisto. Não posso realmente negar a minha herança." Recuou um passo. Ao mesmo tempo deve-lhe ter surgido outra ideia. "Nesse caso, não poderei pertencer a Jesus." Deu então três passos em frente, mas um momento depois, sentindo-se absolutamente incapaz de se separar daqueles objectos, recuou de novo os três passos. Aproximei-me dela, — continuou o missionário — e disse-lhe: "É demasiado difícil para si! Talvez deva pensar um pouco mais no assunto. Poderá ser baptizada no próximo culto de baptizados." A mulher reflectiu um momento e depois, avançando rapidamente, atirou com os feitiços para a fogueira e desmaiou.»

Jamais me esquecerei do que esse missionário disse, com o rosto todo enrugado, como se esculpido em madeira, quando terminou a história: «Tenho a certeza de que só aqueles que experimentaram uma verdadeira conversão poderão compreender a luta travada por esta mulher.»

Meu amigo, há só um passo entre si e a arca. Escape do perigo da morte e do juízo, lançando-se nos braços de Jesus. Esse passo não é fácil de dar; exige uma total rotura com o passado. Nada menos que isso. Será que fui suficientemente claro?

Fico sempre muito preocupado ao ver quantas pessoas prosseguem em direcção à condenação eterna, a despeito de todos os avisos que têm conhecido. Deus não quer isso. Ele quer que cada um de nós seja salvo. Foi *por isso* que enviou o seu Filho para sofrer o castigo devido aos nossos pecados. Tudo o que você tem a fazer agora é reconhecer a sua culpa e aceitar pela fé a obra de salvação que Jesus efectuou por si.

Fui muitas vezes convocado pela Gestapo durante o Terceiro Reich. Numa dessas ocasiões fizeram-me esperar numa sala em que nada havia senão arquivos cheios de todo o tipo de registos. Havia muitas fichas nesses arquivos, e em cada uma delas um nome, como por exemplo «Karl Meier», ou «Friedrich Schultze». Durante essa infundável espera, rodeado por todos aqueles ficheiros, agradei a Deus por não ter de passar toda a vida na companhia deles. Mas quando já começava a ficar saturado, comecei a ler os nomes nas fichas: «Karl Meier» numa; «Friedrich Schultze» noutra. De repente, li «Wilhelm Busch». Sim, havia também ali um registo sobre mim! Como se por magia, os ficheiros já não me pareciam maçadores. O meu registo pessoal estava ali, num daqueles arquivos! A arder de curiosidade, senti-me tentado a tirá-la do lugar para ver o que aqueles homens tinham escrito a meu respeito. Mas não ousei correr tal risco. Mesmo assim, tremia literalmente, só de pensar: «A minha ficha está aqui!»

Houve um período na minha vida em que nada me aborrecia mais do que o cristianismo. Eu estava muito mais interessado em ver a minha caneca de cerveja bem cheia. Então, um dia, vi pela primeira vez a cruz de Cristo como ela realmente era: tinha algo a ver com a minha culpa e a minha salvação. A partir desse dia, a cruz de Jesus é o que tem mais interesse para mim.

Jesus é, sem dúvida, o grande Salvador.

Consideremos o facto doutro ângulo. Quando este assunto me atravessou a mente (Cuidado! Corres perigo de morte! Pára! Dá meia volta e vai-te embora! Procura o teu Salvador!), veio-me de súbito este pensamento: Só uma pessoa viva pode estar em perigo de morte.

Consegue ver o que eu estou a tentar mostrar?

Você está em perigo de nunca chegar a encontrar a vida. Corre o risco de passar pela vida como um morto, e no fim ser rejeitado como um morto. O perigo que corre é o de não chegar mesmo a entender a vida. A Bíblia afirma muito claramente: «Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida.»

Há algum tempo, conheci uma senhora solteira, de Berlim, que ensina línguas. «Desculpe-me,» — disse-lhe eu — «talvez um pastor tenha o direito de ser rude, uma vez por outra. Diga-me: Que idade tem?» Em princípio, é uma indelicadeza perguntar a idade a uma senhora, mas, enfim, um velho pastor pode ter essa liberdade, de vez em quando. Sem hesitar, ela respondeu: «Tenho oito anos...!» «Um momento» — disse eu, surpreendido — «Ensina três línguas e só tem oito anos?» Ela começou a rir e explicou então: «Foi há oito anos que conheci Jesus Cristo.» Fiquei maravilhado. «É uma maneira interessante de dar a informação» — disse eu. Ela citou o versículo: «Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida.» E continuou: «No passado, eu não tinha um Salvador; não vivia realmente. Contentava-me em ganhar muito dinheiro e passar um tempo agradável, mas isso não era viver!»

Não será esta uma afirmação corajosa? De facto, a pessoa que ainda não entregou a sua vida a Jesus num acto deliberado, não pode dizer que vive. Sem Jesus, nós nem mesmo sabemos o que é afinal a vida. Só aquele que tem o Filho tem a vida.

Há muitos anos, veio visitar-nos um jovem. «Que te traz por cá?» — perguntei eu. «Na verdade, nem eu próprio sei» — disse ele. «Só tenho a sensação de que a vida que levo não é de facto vida!» Atónito, perguntei. «O quê? Tu tens um bom trabalho como serralheiro e ganhas bem.» «Mas isso não é a vida» — respondeu ele, de novo. «Não. Não é realmente a vida. Segunda-feira, sou serralheiro; terça, serralheiro; quarta, serralheiro; quinta, serralheiro; sexta, serralheiro; sábado, futebol; domingo, cinema e raparigas. De facto, isto não é a vida!» «Meu amigo,» — disse eu — «tens toda a razão. Se já compreendeste isso, deste um grande passo. De facto, a vida não é isso! Deixa que te diga, meu jovem, o que significa viver. Na minha própria vida verificou-se uma mudança radical, quando Jesus se me

revelou. Ele tornou-se o meu Salvador e reconciliou-me com Deus. Quando compreendi esse facto, dei-lhe o meu coração. Desde então, tenho vida.»

O jovem encontrou finalmente a vida também. Vi-o de novo, recentemente, em Freiburg. «Bem,» — perguntei eu — «como estão as coisas agora? Estás realmente a viver?» Com o rosto radiante, respondeu: «Agora estou realmente vivo!» Com efeito, ele é agora um crente muito envolvido. Dirige um grupo de jovens e mostra a outros o caminho para aquele em quem ele próprio encontrou a vida — Jesus Cristo.

Um dos meus amigos tem um negócio e foi convidado recentemente para casa dum industrial importante. Esse senhor tinha uma bela mansão, situada num local magnífico. Havia lá pelo menos uma centena de convidados. Pressionado pela multidão, o meu amigo viu-se a certa altura junto do seu anfitrião, de modo que lhe disse: «O senhor é muito feliz! Vive como um rei. Tem uma bela propriedade, uma indústria próspera, uma esposa amorosa e filhos encantadores.» Ele respondeu: «Sim, é verdade. Sou muito feliz.» Depois, subitamente, ficou muito sério e disse: «Mas, com tudo isso, não me pergunte como é que as coisas estão aqui» — e apontou para o coração.

Quando vou na rua, penso muitas vezes: «Se as pessoas fossem mesmo sinceras, iriam parar e dizer: «Não me pergunte como é que estão as coisas aqui no meu coração.» Elas não têm paz. A consciência acusa-as. Sentem-se culpadas. E há só uma pessoa que pode curá-las. Lembre-se de que Deus vê a nossa miséria. Sozinhos, nós não podemos ir ter com ele, mas, no seu amor, Deus veio até nós na pessoa de Jesus Cristo. É essa a espantosa mensagem que tenho para lhe comunicar. «Deus amou o mundo de tal maneira...». Eu não era capaz de amar o mundo. Teria espancado toda a gente com um azorrague; este velho mundo tão cheio de engano, impiedade e estupidez. Mas Deus amou-o. Estou perplexo! «Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o Seu unigénito Filho; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.»

Diga-me, poderia Deus fazer mais que isso — mais que entregar o Seu próprio Filho à morte para nós podermos ter vida?

Mais uma história: Numa noite, depois do culto na igreja, um jovem foi ter com o grande pregador inglês Charles Haddon Spurgeon, e disse-lhe: «Pastor, o senhor tem razão. Eu também preciso de me encontrar com o homem do Calvário e tornar-me filho de Deus. Hei-de converter-me qualquer dia.» «Qualquer dia?» — perguntou

Spurgeon. «Sim, mas mais tarde.» «Mais tarde? Por que não hoje?» Uma expressão de embaraço atravessou o rosto do jovem, mas ele respondeu: «É evidente que quero ser salvo, e é por isso que tenciono converter-me um dia. Antes disso, contudo, desejo gozar um pouco a vida.» Spurgeon desatou a rir e disse então: «Jovem, você não tem grandes ambições na vida. Eu não me contentaria em gozar *um pouco* a vida. Eu quero muito mais da vida. Eu quero *vida em abundância*. Na Bíblia, lemos (e ele mostrou-lhe a passagem): "Disse Jesus: Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância."»

Deus permitiu que Jesus morresse na cruz pelos pobres e perdidos pecadores como você e eu, a fim de que nós, aqui e agora, possamos ter vida. Quando acordo de manhã, posso cantar com alegria porque sou um filho de Deus e encontrei vida nele. Sim, Jesus veio dar-nos vida aqui na terra; veio livrar-nos do juízo de Deus e conceder-nos a vida eterna. Quando aceitamos estas coisas, podemos avançar alegremente pelo caminho da vida.

Só mais uma ilustração. É uma noite de Novembro. Neve húmida vai caindo. Dois homens seguem pela estrada. Um não tem gabardine, mas levanta a gola do casaco. Não parece estar preocupado por se encontrar encharcado. Não lhe importa a direcção que toma. Pode ir para aqui ou para ali — é indiferente — porque não tem casa. É assim que muitos passam pela vida. Não têm qualquer alvo à sua frente.

Qual é seu caso? Para onde se dirige?

O ateu e filósofo alemão Nietzsche escreveu estas palavras num dos seus poemas: «Ai do homem que não tem casa!» E você? Já tem um lar eterno?

Agora, vejamos o segundo homem que segue pela estrada. Ele tem de enfrentar a mesma tempestade, a mesma lama, a mesma chuva, a mesma neve. Mas vai assobiando uma melodia e o seu passo é alegre. Porquê? Porque, brilhando à distância, ele vê as luzes da sua casa. Lá encontrará calor; lá poderá rir das dificuldades do caminho. É assim, meu amigo, que percorrem o mundo as pessoas que entregaram a sua vida a Jesus Cristo e encontraram vida nele.

Deus disse a Noé: «Entra na arca.» Exorto-o a si também a procurar um lugar calmo. Jesus estará lá. Converse um pouco com ele e diga-lhe tudo o que sente. Alguém me perguntou um dia: «Poderei falar um pouco consigo, por favor?» Mas eu respondi: «Que adianta isso? Não é comigo, mas directamente com Jesus, que as pessoas devem falar!»

E é isso, exactamente, o que você também deve fazer!

O QUE DEVE FAZER?

Numa das muitas cartas que me enviaram, fizeram-me a seguinte pergunta: «O senhor proclama as suas próprias opiniões nos seus sermões, ou simplesmente as doutrinas da sua igreja?» Na minha resposta, escrevi: «Eu prego a mensagem da Bíblia.» E para os meus leitores, acrescento: Ficarão rapidamente frustrados, se apenas ouvirem as opiniões do Pastor Busch. Elas não lhes servirão de muito. O que realmente importa é ouvir a voz de Jesus, a voz do Bom Pastor. A minha tarefa é ajudar as pessoas, com os fracos meios de que disponho, a ouvir a voz do Pastor das nossas almas.

Que é que você deve fazer?

1. Acabe com a sua incredulidade

Ao longo de muitos anos de ministério em cidades grandes, tenho ouvido toda a sorte de argumentos contra a mensagem da Bíblia. Tenho visto tanta incredulidade que devo exortá-lo desde já, porque a salvação da sua alma está em perigo, a acabar com a sua atitude de incredulidade.

Durante parte da última guerra, além do meu trabalho entre os jovens, desempenhei as funções de capelão num grande hospital. Um dia, quando estava quase a bater à porta do quarto dum paciente privado, vi uma jovem enfermeira a correr na minha direcção, vindo do fundo do corredor. Esbaforida, disse-me: «Pastor Busch, não entre naquele quarto, por favor.» «Por que não?» «O senhor que está lá» — explicou ela — «recusa-se em absoluto a receber qualquer visita

pastoral. Se entrar lá, ele põe-no fora!» A enfermeira apontou para a inscrição por cima da porta e eu reconheci o nome dum importante homem de negócios. «Sra. Enfermeira, não se preocupe. Eu tenho nervos de ferro.» Bati então à porta. «Entre!» — disse uma voz masculina e forte. Entrei. Um homem idoso e grisalho estava deitado na cama. «Bom dia!» — disse eu. «Sou o Pastor Busch.» «Ah!» — disse ele. «Tenho ouvido falar muito de si. Pode entrar para uma visita breve.» «Muito obrigado pela sua amabilidade.» — exclamei com alegria. Rapidamente, ele acrescentou: «Mas não comece a aborrecer-me com o seu cristianismo!» Sorrindo, respondi: «Que pena! Era exactamente sobre isso que eu vinha falar com o senhor!» «Nem pense!» — disse com força, despedindo-me logo com a mão. «Já me deixei de religiões. Quando era criança, os meus pais enchiam-me de salmos e quando eu não sabia recitá-los correctamente, batiam-me. Rejeitei tudo isso quando cresci. Formei a minha própria filosofia de vida. São pensadores como Darwin, Hackel e Nietzsche que me têm inspirado.

Ao ouvir isso, fervei. Infelizmente, perco a calma com muita facilidade. «Ouçame, meu amigo» — disse eu — «Quando um adolescente de dezasseis anos me diz que Nietzsche é o seu *guru*, eu limito-me a encolher os ombros e penso comigo: "Bem, estás a atravessar um período de transição. Acabarás por descobrir que mesmo os filósofos modernos já não acreditam naqueles que eram os seus modelos." Mas quando um velho como o senhor, que já está com um pé na cova, diz uma coisa dessas, então o caso é muito sério. O senhor está gravemente doente. Pensa que vai poder dizer essas tolices, quando for à presença de Deus? Faça-lhe essa pergunta!»

Ele fitou-me, admirado. Era evidente que não estava acostumado a que lhe falassem assim. «Cuidado!» — disse comigo mesmo. «Não te exaltes! Isto aqui é um hospital e não temos o direito de explodir.» Invadiu-me então uma profunda compaixão por aquele pobre homem. Mudei o tom de voz e, apesar da sua recusa inicial, comecei a explicar-lhe que Jesus também queria ser o seu Pastor. O doente suspirou profundamente e disse: «Sim, isso seria muito bom, mas que faria eu com a minha filosofia de vida? Terei de deitar fora tudo aquilo em que acreditei até agora?» «É isso mesmo.» — disse eu, com o coração cheio de alegria. «Deite fora tudo o que lhe é inútil à luz da eternidade. Faça-o agora mesmo. Não adie para amanhã. O senhor não pode viver nem morrer em paz com tal incredulidade. Depois de se desligar de tudo isso, lance-se nos braços abertos do Filho de Deus que morreu para o salvar. Ele quer tornar-se também o seu Salvador.»

Precisamente nesse momento, entrou a enfermeira no quarto e ficou muito surpreendida por nos encontrar a conversar como velhos amigos. Fez-me sinal com a mão e compreendi que eram horas de me retirar. Apertei a mão do doente durante longo tempo e depois deixei o quarto em silêncio. Nunca saberei se ele seguiu o meu conselho. Nessa noite, morreu.

Nesse dia fiquei muito triste ao ver como mesmo pessoas cultas se deixam levar por homens tais como Darwin, Hackel e Nietzsche. A sua incredulidade, baseada em raciocínios errados, põem-nas em risco de perderem a salvação eterna. É por isso que antes e acima de tudo o exorto a lançar fora todo o raciocínio superficial em que apoia a sua incredulidade. Liberte-se! Essa incredulidade não lhe vale de nada. A Bíblia diz: «Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem.»

Encontrava-me um dia sentado em frente dum homem que eu tinha alcunhado de «litrado», por causa do padrão de listras do seu *pullover*. Ele era um homem forte e robusto, semelhante a um barco de guerra. A esposa tinha-lhe morrido durante um ataque aéreo; e os seus dois filhos, em combate. Pobre amigo! Eu tinha ido fazer-lhe uma visita nesse dia, mas logo que me sentei ele começou a afrontar-me: «Pastor Busch, cale-se lá com a sua religião! Já vi muito na minha vida e agora não acredito em nada.»

Eu ri-me e disse: «Isso é impossível. O senhor anda de comboio de vez em quando, não é verdade?» «Sim, ando.» «Suponho» — continuei — «que sempre que o faz vai ter com o maquinista para que ele lhe mostre o certificado do curso!» «É claro que não!» — foi a resposta. «Tenho a certeza de que a companhia dos caminhos de ferro só usa maquinistas que...» «O quê?!» — interrompi eu — «Quer dizer que entra num comboio sem se certificar antecipadamente de que o maquinista tem as habilitações necessárias para dirigir o comboio? Põe a sua vida nas mãos dele, sem a mínima garantia? Bem, sabe que pôr a vida nas mãos de alguém é ter fé? Por isso, faria bem em não voltar a dizer que não acredita em nada. Deve antes dizer: «Não creio em nada, excepto nos caminhos de ferro!» «Ah...!»

Continuei a fazer-lhe perguntas. «Vai alguma vez à farmácia?» — perguntei. «Sim,» — respondeu — «sofro de dores de cabeça e tenho de ir à farmácia comprar comprimidos.» «Sabe naturalmente» — disse eu — «que alguns farmacêuticos têm dado veneno aos seus clientes, por engano. Suponho, portanto, que manda analisar os comprimidos antes de os tomar!» Ele respondeu — «Não, Pastor

Busch. Um farmacêutico diplomado conhece a sua profissão. Ele não me faria uma partida dessas a mim.» «O quê?!» — perguntei eu, estupefacto — «Então, toma comprimidos sem os analisar primeiro? Confia a sua vida a um farmacêutico? Toma os comprimidos sem a mínima suspeita? Bem, eu chamaria a isso fé. Meu amigo, deixe de dizer que não acredita em nada. Diga antes: "Não acredito em nada — excepto nos caminhos de ferro e nos farmacêuticos."»

Continuei a mostrar exemplos. Por fim, falei-lhe da minha própria experiência. «Um dia, eu encontrei Jesus, aquele que Deus nos enviou. Sim, Jesus, que ressuscitou de entre os mortos e que ainda tem as marcas dos cravos nas mãos. Essas marcas mostram de modo eloquente que o seu amor era tão grande que o levou a dar a vida por mim. Jamais alguém deste mundo fez tanto por mim como Jesus! Ninguém é mais digno da minha confiança do que ele. Pensa que Jesus alguma vez disse uma mentira, uma só que fosse?» «Não» — foi a resposta. «Eu não posso dizer isso de qualquer outra pessoa, mas nesse dia, há muitos anos, disse para mim próprio: "Podes entregar a tua vida a Jesus. Ele é digno de toda a confiança." E foi isso mesmo que eu fiz!»

«É assim tão simples?» — perguntou o homem. «Sim,» — disse eu — «tão simples como isso. Você confia em todo o tipo de pessoas à sua volta — excepto em Jesus. E, afinal, ele é o único que merece toda a nossa confiança. Liberte-se, pois, dos falsos raciocínios em que a sua incredulidade se apoia e entregue então a sua vida ao Senhor Jesus.»

Um dia, numa reunião, eu desafiei um grande grupo de jovens, com esta proposta: «Dou um milhão de marcos de recompensa a alguém que possa apresentar-me um só homem ou mulher que esteja arrependido de ter dado a sua vida a Jesus Cristo!» É claro que eu não tinha essa quantia de dinheiro, mas pude fazer a oferta, sem hesitar — ninguém iria aparecer. No entanto, eu tenho conhecido muitas pessoas que lamentam não terem recebido Cristo.

Exorto-o, portanto, mais uma vez, a que se liberte da sua incredulidade. Confie em Jesus, que tem feito tanto por si. Esta é uma questão pessoal entre si e Jesus. Recolha-se a um local sossegado e diga-lhe: «Senhor Jesus, de agora em diante, quero pertencer-te!»

2. Desfaça-se da opinião que tem a seu respeito

Na Bíblia, lemos: «Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.» Muitos que lêem este

versículo ficam aborrecidos e declaram: «*Eu não sou pecador. Não cometi qualquer crime.*» É a tais pessoas que dirijo agora estas palavras. O que acabam de afirmar é total e absolutamente errado. Podem imaginar-se no dia do juízo a dizer pessoalmente a Deus: «Eu não sou pecador, tenho cumprido todos os mandamentos.»? Ousariam dizer-lhe isso?

Ora vamos lá! Você tem de abandonar o bom conceito que tem de si próprio. Deixe de pensar — ou fingir — que a sua vida está em ordem. Nada está em ordem, absolutamente nada!

Falei há muito tempo com um jovem de vinte anos. Jamais o esquecerei. Quando o encontrei um dia, disse-lhe: «Meu caro Heinz, já há muito tempo que não te vejo nos estudos bíblicos ou nas reuniões de jovens.» «É verdade» — respondeu ele. «Pastor Busch, tenho pensado precisamente nisso. O senhor anda sempre a dizer que Jesus morreu pelos pecadores. No que me diz respeito, eu não sinto necessidade dum bode expiatório para levar os meus pecados. Se eu fiz alguma coisa errada e se realmente existe um Deus, eu próprio responderei perante ele. A ideia dum Salvador a morrer em meu lugar é totalmente ridícula.» «Está bem.» — respondi eu — «Quando compareceres diante do Deus santo, pede-lhe justiça. Tens esse direito. És livre para rejeitar Jesus e dizer: "Apelo à justiça". Mas tens de reconhecer uma coisa: na Inglaterra, as pessoas são julgadas pela lei inglesa; na Alemanha, são julgadas pela lei alemã; diante de Deus, seremos julgados pela lei divina. Espero que nunca tenhas transgredido uma só dessas leis — de contrário, não te restará qualquer esperança. Adeus!» «Espere um momento!» — exclamou o jovem — «Deus não é assim tão mesquinho!» «Ah! Então, como é que achas que é o Deus santo?» — perguntei eu — «Imaginemos por um momento que, depois de viver honestamente durante cinquenta anos, um dia eu cometo um pequeno roubo, num espaço de três minutos, no máximo. O caso acaba por ser descoberto e é levado a tribunal. Durante a audiência, eu digo ao juiz: "Senhor Juiz, não seja tão rigoroso. Três minutos de roubo são bem compensados por metade dum século de honestidade. Quem poderia ser tão escrupuloso que me castigasse por tão pouco?" Sabes o que acontecia? O juiz iria responder: "Um momento! A minha responsabilidade aqui não são os seus cinquenta anos de honestidade, mas sim os três minutos que passou a cometer esse roubo. A lei está a julgá-lo por esse crime específico". Se um juiz terreno reagia desse modo, por que é que Deus não faria o mesmo?»

Por que não se reconhecer culpado diante de Deus? Por que não reconhecer a sua necessidade de perdão? Por que não admitir que é pecador? Liberte-se da sua atitude de auto-justiça e vá ao Salvador. Ele morreu pelos seus pecados e pagou a sua dívida. Receba-o como seu Salvador, confesse-lhe os seus pecados e diga-lhe: «Lanço-me aos teus pés, com todas as minhas imperfeições. Tem misericórdia de mim e purifica-me com o teu sangue.»

3. Dê o passo decisivo

Uma outra ilustração poderá ajudá-lo a compreender o que estou a tentar transmitir.

Foi no início do regime de Hítler. Eu tinha de contactar com um oficial superior nazi. Fi-lo com temor e tremor, porque o regime não era muito simpático para com os pastores. Qual não foi o meu espanto quando, em vez de me pôr fora da porta, o oficial me ouviu atentamente. Eu disse-lhe, no fim da entrevista: «Raras vezes tenho sido tratado com tanta benevolência por qualquer um dos seus colegas. Gostaria de lhe agradecer. E como o senhor foi tão amável, será que posso deixar consigo a mensagem que me foi entregue? "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."»

O oficial fitou-me por um momento e respondeu: «Não precisa de dizer mais nada. Os meus pais são crentes e ensinaram-me tudo isso desde o berço. Mas...» Pôs uma folha de papel branco em cima da mesa, pegou num lápis e fez uma linha na folha. Depois, continuou: «Sabe, pastor, eu conheço tudo isso, mas para ter a salvação teria de atravessar uma linha como a que fiz no papel. Estou muito perto — com o dedo indicou um ponto mesmo abaixo da linha — mas o passo decisivo para o outro lado da linha ainda não foi dado.» E acrescentou depois, um tanto embaraçado: «A minha posição social impede-me de dar esse passo.»

Deixei-o de coração triste. Esse homem já morreu há muito, mas a sua posição social não lhe serviu de nada ao entrar na eternidade. Ele compreendera que tinha de dar um passo decisivo, que tinha de atravessar a linha para poder entrar no reino de Deus.

Terá você a coragem de fazer isso? Vale a pena fazê-lo. Jesus está à sua espera, de braços bem abertos. Dê o passo decisivo; atravesse para o outro lado da linha e encontrar-se-á nos braços de Jesus!

4. Acabe com todo o mal deliberado

Conheço um homem que tem uma amante. Um dia, contactei com ele e disse-lhe: «Está a viver em adultério. Está a fazer infeliz a sua esposa. Está a caminho do inferno.» Ele respondeu: «Isso que diz é absurdo. Deixe-me explicar-lhe a situação. A minha esposa não me compreende...» Contou-me então uma longa história, mas no íntimo ele sabia muito bem que o seu comportamento era repreensível.

Muitas vezes ouvimos dizer a pessoas que caíram com alguém: «Foi ele (ela) que começou tudo». Qualquer que seja o problema, é sempre o outro que tem a culpa. *Você* nunca começa o problema, pois não? Não! O outro é sempre o culpado!

Queria lembrar-lhe que aos olhos de Deus uma contenda é tão grave como um assassinio. Por que não resolver então o problema? «Como é que hei-de fazer?» poderá perguntar. Permita-me que lhe diga como: Acabe agora mesmo com todo o mal deliberado.

Se ao menos parasse por um momento e fizesse a si mesmo esta pergunta: «Que há de errado na minha vida? Que preciso de corrigir?» Na realidade, você sabe muito bem o que está errado!

Acha que Jesus lhe perdoará, se continuar a pecar deliberadamente? A Bíblia diz: «Arrepende-te!» O filho pródigo, cuja história é contada na Bíblia, voltou as costas à sua velha vida. Também você pode vir a Jesus, tal como está: com incredulidade e carregado de pecados. Mas tem de dar mais um passo e acabar com tudo o que o puxa para a destruição e que você tem consciência de que é mau.

Nas muitas cartas que recebo diariamente, por vezes as pessoas estão zangadas e escrevem: «O senhor é demasiado severo no que diz; isto e aquilo não é pecado.» Enumeram então coisas de que eu nunca falei! Nessas ocasiões, noto particularmente quão rebeldes nós somos, quando se trata de deixar que Jesus Cristo dirija a nossa vida. Você nunca será capaz de viver como cristão, se não tiver a coragem de render a sua vida a Jesus Cristo e abandonar de vez todas aquelas coisas que têm de desaparecer da sua vida.

5. Fale com Deus

Sabe orar? Talvez consiga recitar algum tipo de fórmula, mas saberá mesmo orar? As ideias de algumas pessoas acerca da oração são tão estranhas que me poderiam pôr os cabelos em pé...se eu ainda tivesse alguns!

Um dia, eu estava de visita a uma família. A mãe disse: «Nós também somos bons cristãos. Clara, vem cá.» Quando a pequenina de quatro anos se aproximou, a mãe disse-lhe: «Mostra ao pastor que sabes orar muito bem.» A criança começou a recitar uma oração. Eu interrompi-a imediatamente. «Já chega, querida. Tu não precisas de me mostrar que sabes orar. Não faças isso!»

A verdadeira oração é algo totalmente diferente. Orar é falar com um Deus vivo, de quem nos aproximamos através de Jesus Cristo. Orar é derramar os nossos corações diante dele. Já alguma vez orou assim?

Um bispo americano, chamado Robinson, escreveu um livro controverso — *Honestos com Deus*. Ali, entre outras coisas, o autor escreve que o homem moderno já não sabe orar. Concordo com ele neste ponto. A falta não está na oração, mas no homem moderno. A teoria de Robinson é que a fé cristã deve ser totalmente revista, porque as pessoas de hoje não sabem orar. Parece-me antes que as pessoas precisam de aprender outra vez a orar.

Por que não tenta orar? Mesmo que só consiga dizer, «Senhor, permite que te encontre!» Ou «Senhor, por favor, salva-me também.» Ou, «Senhor, ajuda-me a encontrar a verdadeira fé!» Ou «Senhor, perdoa os meus pecados!» Dê o mergulho! As suas orações ao princípio poderão não ser tão lindas como as que os pastores e sacerdotes recitam com o livro de orações na mão e de óculos na ponta do nariz! Mas não é necessário fazer orações bonitas. O importante é que aprenda a falar com o Deus vivo, com um coração aberto e sincero. Comece simplesmente a orar; o resto virá naturalmente!

A fé é uma relação viva entre Deus e o homem. O diálogo é indispensável a essa relação. Eu falo com Deus e Ele fala comigo.

6. Leia a Bíblia

Como é que Deus fala com as pessoas? Bem, fala-lhes através da Bíblia. Por isso é absolutamente necessário que comece a lê-la. Pode estar a pensar que dificilmente se encontrarão pessoas que ainda leiam a Bíblia. Infelizmente, isso é um facto. Muitas vezes, durante as minhas visitas, as pessoas dizem-me: «Ó pastor, nós temos uma velha Bíblia de 1722. É uma herança de família que desde a nossa bisavó tem passado de mão para mão.» Mostram-me então uma grande peça de museu que, evidentemente, nunca ninguém leu. Eu tenho muito respeito pelas Bíblias antigas, mas o melhor é comprar-se um pequeno

e lindo Novo Testamento! Alguns deles são mais pequenos que a minha mão. Certas edições são muito atraentes. Arranje um desses Novos Testamentos modernos e separe então diariamente uns momentos para o ler. Ouça apenas o que Jesus lhes diz através das suas páginas.

Certamente irá encontrar algumas passagens que não compreende. Continue a ler. Eu costumo explicar as coisas aos jovens, assim: Um agricultor brasileiro disse-me que quando se fixou no Brasil lhe deram alguma terra. Quando foi para lá, descobriu que não era mais do que um bocado de matagal. Começou então a cortar as árvores, a cavar as rochas e a desenraizar os troncos. Chegou o dia em que tudo estava pronto para prender uma junta de bois a um arado e começar a lavrar. Mal tinha dado três passos, quando a relha do arado ficou bloqueada por uma rocha. Que é que ele fez então? Correu a casa para trazer alguma dinamite e explodir a rocha, o arado e os bois? É claro que não! Desligou a relha do arado, ultrapassou o obstáculo e continuou a lavrar. Quando terminou, o resultado não era o ideal. Mesmo assim, semeou a terra e alguns meses mais tarde fez uma boa colheita. No ano seguinte foi um pouco melhor. Conseguiu retirar mais rochas e arrancar mais troncos, o que tornou muito mais fácil a lavra. No terceiro ano, a situação melhorou muito.

É assim que deve ler a Bíblia. O mais importante é *começar* a ler. Se há algo que não compreende, rodeie a dificuldade e continue a ler.

No primeiro capítulo do Novo Testamento, depois duma longa lista de nomes, que talvez ache monótona e aborrecida, chega de repente a este versículo: «Chamarás o seu nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.» É natural que reaja a este versículo, dizendo: «Eu posso entender isto. É mesmo para mim.» Deixe que Deus lhe fale assim através da Bíblia. Dedique tempo a lê-la diariamente. Faça a Deus esta oração: «Senhor, ilumina-me! Dá-me inteligência para compreender a Tua palavra.»

Mais uma coisa: Não deixe que ninguém diminua a Bíblia. Ela é um livro único. Nenhum outro livro é tão relevante ou tão fascinante.

Como jovem soldado na Primeira Grande Guerra Mundial, fui enviado um dia numa missão especial de reconhecimento. Foi à noite. Eu estava sentado na borda duma ravina. Então, de repente, mesmo antes de cair a noite, notei uma cozinha móvel do inimigo, aos solavancos, na direcção duma pequena clareira da floresta. Provavelmente tinha avançado demasiado cedo. Nunca imaginaríamos que eles fossem passar por ali! Mas essa cozinha móvel, que não tinha

esperado pelo anoitecer, revelara-nos um dos caminhos que levava às posições inimigas. Se uma cozinha móvel conseguia atravessar a floresta, então os reforços e munições das tropas inimigas também podiam chegar ao acampamento. Ali estava uma rota estratégica, e nós não tínhamos nenhuma intenção de a poupar. Pelo contrário, bombardeámo-la durante toda a noite.

A Bíblia é a principal linha que Deus usa para enviar alimento e munições aos cristãos, e o diabo é suficientemente esperto para a tornar objecto dos seus ataques. É por isso que a Bíblia está sob persistente ataque. O mais rude dos adolescentes diz: «Ora, só um doido varrido se põe a ler um livro como esse!» O culto professor universitário tenta provar que a Bíblia é simplesmente mais um livro. Todos eles concordam num ponto: fogo cerrado à Bíblia. Mas se você se quer tornar um filho de Deus, não pode permitir que isso o impeça. Não deixe que ninguém denigre a Bíblia. A Bíblia apresenta-se como tendo sido escrita por homens cheios do Espírito Santo e iluminados por ele. E quando começar a lê-la pessoalmente, em breve compreenderá que um espírito diferente, um espírito divino, permeia todas as suas páginas.

Alguém me fez esta queixa: «A Bíblia é um livro fechado para mim. Eu gostava de ser salvo, mas não recebo nada da leitura da Bíblia.» Eu respondi: «Peça a Deus que lhe dê o seu Espírito. Ore durante meses, se necessário: "Senhor, concede-me o dom do teu Espírito para que eu possa compreender a tua Palavra e chegue a ter uma fé viva." Creia que Deus irá responder à sua oração.»

7. Ouça a pregação da Palavra de Deus

Vá ouvir a Palavra de Deus, onde ela seja claramente pregada. Devo preveni-lo de que, hoje em dia, em muitos púlpitos está a ser anunciada uma mensagem diluída do evangelho. Eu não frequentaria qualquer dessas igrejas, se estivesse no seu lugar. No que me diz respeito, não estou interessado em limonada, mas no vinho puro do evangelho. Muito em breve poderá reconhecer se é o evangelho puro que está a ser pregado, ou não. Felizmente, há muitos pregadores que ensinam de facto a verdade. Vá aonde eles estiverem e permaneça fiel ao evangelho. Junte-se a outras pessoas que gostam de ouvir a Palavra de Deus.

Um homem disse-me recentemente: «Sabe, eu sou individualista.» Não pude deixar de lhe responder: «O senhor nunca conseguirá

manter viva a sua fé, se não estiver em contacto com outros cristãos e se não frequentar uma igreja em que a Palavra de Deus é anunciada.»

Antes de terminar, gostaria de lhe contar uma história acerca duma senhora idosa que conheci. Ela desempenhou um papel importante na minha própria vida e foi um meio de levar ao Senhor três engenheiros que eu conhecia. Parecia-me que fluía dela uma grande força espiritual. Assim, nessa ocasião específica, fui visitá-la. Ela era viúva de um mineiro. Ficou contente por me ver e disse-me como tinha chegado à fé em Cristo.

Na altura, ela vivia num dos antigos subúrbios de Essen. Desde então, essa área foi incorporada na cidade. O nome do subúrbio era Stoppenberg. Ela tinha lido num jornal local que dois jovens pastores iam ser consagrados na igreja de S. Paulo. Por isso, disse às suas amigas: «Vamos ver. Coisas como estas são sempre um acontecimento em Essen.» Era uma longa caminhada até à Igreja de S. Paulo, mesmo atalhando pelos campos. Quando chegaram, o grande edifício estava quase lotado. Tiveram, portanto, de ficar na parte de trás do auditório. Um dos pastores que foi consagrado nesse dia, Julius Dammann, teve mais tarde uma grande influência na cidade.

Eis a história que a velha senhora me contou: «Quando Julius Dammann ocupou o púlpito pela primeira vez, leu no terceiro capítulo do Evangelho de João: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Depois inclinou-se para a frente, e disse: "De todas as palavras da Bíblia, não há nenhuma de que eu tenha mais medo do que da palavra *perecer*. Nós podemos ficar eternamente perdidos, ao ponto de o próprio Deus se retirar de nós. Isso é o inferno!"». A senhora continuou: «Lá estava eu, uma jovem, de pé, na parte de trás da grande igreja. Não ouvi mais nenhuma palavra do sermão. Foi como se tivesse sido atingida por um raio. Continuei a repetir para mim própria: "Também estás perdida. Não tens paz com Deus. Os teus pecados não foram perdoados. Não és uma filha de Deus. Estás perdida!". De algum modo, consegui voltar para casa, mas foi como se num sonho. Três dias depois, o meu pai perguntou-me se estava doente.»

Ela tentou em vão explicar aos pais o que tinha acontecido. A única coisa que eles conseguiam dizer é que ela tinha perdido o juízo, que estava com um esgotamento nervoso. Ninguém parecia compreender a angústia profunda que ela experimentava ante o pensamento de que poderia estar eternamente perdida.

«Durante quatro semanas,» — continuou a velha senhora — «andei em círculos, totalmente desorientada. Depois, li no jornal que o pastor Dammann ia pregar de novo. Assim, voltei a percorrer todo aquele caminho desde Stoppenberg a Essen. Orei durante toda a viagem. A mesma oração — a estrofe dum hino — continuava sempre na minha mente.»

Foi assim que ela chegou à igreja. O edifício estava repleto. Não havia lugar, de modo que teve de ficar em pé, como na primeira vez. Orou de novo. Abriu depois o hinário no número indicado na lista e descobriu, com grande surpresa, que era precisamente o hino que fora cantarolando pelo caminho. «Se toda a gente cantasse este hino em oração» — pensou ela — «algo aconteceria, por certo.»

O Pastor Dammann levantou-se e leu outro texto do Evangelho de João: «Jesus disse: Eu sou a porta; aquele que entrar por mim salvar-se-á.»

«Era a segunda vez que eu estava nessa igreja» — disse-me ela — «e de novo não ouvi mais nada além desse versículo: "Eu sou a porta; aquele que entrar por mim salvar-se-á." Num instante, tudo se tornou claro para mim. O Jesus ressuscitado era a porta para a vida. E eu entrei por essa porta! Não ouvi mais nada do sermão, mas o que ouvi foi suficiente. Eu tinha agarrado a vida.»

Conto por vezes esta história a pessoas que dizem: «Oh, eu nunca vou à igreja. Não suporto o ambiente das igrejas. Prefiro ir dar um passeio pelos bosques, onde posso ouvir os passarinhos a cantar e a brisa a perpassar por entre as árvores.» «Bem,» — respondo eu — «aquela senhora nunca teria chegado à fé, se não tivesse ido a um lugar em que se pregava a Palavra de Deus!»

Então, que deve fazer?

1. Acabe com a sua incredulidade.
2. Abandone o bom conceito que tem de si mesmo.
3. Dê o passo decisivo.
4. Acabe com todo o mal deliberado.
5. Fale com Deus.
6. Leia a Bíblia.
7. Ouça a pregação da Palavra de Deus.

Cada um destes pontos é importante, mas eu quero terminar com um ponto ainda mais importante. O que realmente conta não é o que

nós fazemos. É antes o que Deus fez por nós em Jesus Cristo. É esta a boa nova que eu tenho prazer em lhe anunciar: Jesus fez *tudo* por cada um de nós. Ele veio até nós, morreu por nós, ressuscitou de novo por nós, está sentado à dextra de Deus por nós.

Jesus é o Bom Pastor que fez *tudo* pelas suas ovelhas. O autor do Salmo 23 dá testemunho disso. Diz ele: «O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.» E continua, referindo todas as coisas que o Bom Pastor fazia por ele...

O meu maior desejo é que também você venha a dizer: «O Senhor é o *meu* pastor.»

COMO É QUE DEUS PODE PERMITIR TAIS COISAS?

«64 pessoas morrem em acidente aéreo.»

«Mais um terramoto: 1200 mortos e 6000 feridos.»

«7 mortos em acidente numa mina.»

«Louco ataca crianças da escola com incendiador: 10 crianças morreram; outras ficaram gravemente feridas.»

Quando são dadas notícias como estas nos jornais ou na televisão, ouvimos levantar estas questões, à nossa volta: «Então Deus? Onde está ele? Por que é que permite tudo isto, sem fazer nada? Não é ele todo-poderoso? Ou será que existe mesmo?»

Atrocidades estão a ser cometidas em todo o mundo. Julgamentos infindos têm revelado os horrores dos campos de morte de Treblinka e Auschwitz. E o que choca mais que tudo são as crianças a ser torturadas, assassinadas e violentadas por toda a parte.

Como é que Deus pode permitir tais coisas?

Bem, esta é uma questão importante!

Aos que fazem esta pergunta de modo irreflectido, tentando apenas limpar a consciência da sua indiferença para com Deus, não temos nada a dizer. Responderemos apenas àqueles para quem esta questão constitui um verdadeiro problema.

Deus no banco dos réus?

Como é que Deus pode permitir tais coisas? Se pretendemos levantar uma acusação contra Deus, estamos a ser tolos. Imagine só a seguinte cena, num tribunal: lá estou eu, o homem tão ofendido e triste com todo este sofrimento no mundo. Estou sentado na cadeira do juiz. No banco do réu está... Deus!

Então, do alto da minha cadeira de juiz, começo a acusar Deus. «Levante-se o réu! Como é que pôde permitir que tais coisas acontecessem?»

É absolutamente impossível verificar-se uma coisa destas! É absolutamente impossível que Deus se sente no banco dos réus e seja julgado por nós. Isso transformá-lo-ia numa figura digna de dó, ridícula e fraca. Assim, ele não seria Deus, de modo nenhum. O ponto importante é este: Se Deus é Deus, então é santo. É o Deus vivo. Ele é que é o juiz; e nós os réus.

Lembro-me de ter ido uma vez a uma reunião agitada, no período conturbado entre as duas guerras. Quando o orador me notou no auditório, gritou: «Ora bem, ali está o pregador! Venha cá!» Quando subi ao estrado, ele disse: «O senhor pensa que há Deus, não é verdade? Bem, se ele realmente existe, penso que me irei encontrar com ele depois da minha morte...» Eu acenei afirmativamente com a cabeça.

O homem continuou: «Alegra-me saber isso, porque quando me encontrar com ele hei-de lhe dizer: "O senhor sabia que morrem crianças de fome enquanto outras têm fartura e não fez nada para o evitar! Permitiu que houvesse guerras — e pessoas inocentes sofressem, enquanto que os responsáveis por elas faziam fortunas! O senhor não disse nada a respeito de toda esta angústia, nada contra toda esta injustiça, opressão e exploração!" Sim, eu hei-de-lhe lançar tudo isso em rosto. E sabe o que vou fazer depois? Vou-lhe dizer: "Saia daqui! Saia já do seu trono e desapareça!"»

Ele tinha conseguido irritar-me e eu interrompi-o. «Muito bem! Eu concordo! Vou gritar consigo: "Saia já do seu trono e desapareça."» Um silêncio mortal caiu sobre a reunião. O orador olhou para mim, estupefacto. A expressão do seu rosto era a de alguém que talvez tivesse cometido um erro e que eu, afinal, não seria pastor.

Quando vi a expressão das pessoas, deu-me vontade de rir. A atmosfera já não era a mesma. Era o momento apropriado para eu falar e não o podia perder.

«Olhe aqui. Um Deus que se deixasse insultar por si dessa maneira seria absolutamente ridículo. Deixe-me dizer-lhe que um Deus assim não existe, excepto na sua imaginação. Um Deus que pudesse ser chamado a contas, um Deus que tivesse de comparecer diante de si, como um réu diante do juiz — oh, não! Um Deus assim só poderia existir numa mente doente. E eu só posso dizer isto: "Livremo-nos de um tal Deus. Acabemos com ele — uma vez por todas!"»

«Mas o senhor é pastor, não é?» — gaguejou ele, surpreso. «Sem dúvida! E é exactamente por isso que gostaria de dizer o seguinte:» — levantei a voz de modo que toda a gente me pudesse ouvir — «Gostaria de testemunhar diante de todos que existe outro Deus, o Deus verdadeiro. A esse, ninguém o poderá chamar a contas. Pelo contrário, será ele que chamará cada um a comparecer no seu tribunal de justiça. Quando chegar a hora, todos ficarão de boca fechada. Não existe um Deus a quem se possa dizer: "Desapareça!" Mas há um Deus santo, vivo e verdadeiro. Esse Deus pode muito bem dizer-lhe a si, um dia: "Sai da minha frente. Fora daqui!"»

Como é que Deus pode permitir tais coisas? Se fazemos esta pergunta numa tentativa de chamar a contas o Deus vivo, o nosso raciocínio está totalmente errado. É evidente que não vamos receber qualquer resposta. Só mostramos o quanto somos loucos.

Deus, uma ama-seca de crianças?

«Como é que Deus pode permitir tais coisas?» — perguntam muitos, assustados e revoltados com a ideia de todos os factos terríveis que acontecem no mundo. É uma questão muitas vezes posta aos cristãos: «Dêem-nos uma resposta. É o vosso Deus que nós acusamos. Que têm a dizer em sua defesa?» Poderão os cristãos ajudar a desculpar ou defender Deus? Repito que é uma visão absurda de Deus aquela que imagina que as suas criaturas o podem defender.

É como pensar em Deus como se ele fosse uma ama-seca de crianças. Uma *babá* que tivesse sido contratada para manter a ordem na creche. Se acontece uma das crianças cair da janela, toda a gente fica horrorizada. «Onde estava a ama? Como é que deixou que tal coisa acontecesse?» É em grande parte assim que algumas pessoas pensam em Deus. O dever dele é estar atento ao mundo, de modo que as coisas corram suavemente. Ninguém se preocupa muito com ele, enquanto não acontecer nada de mal. Nessa altura, logo todos ficam

chocados e perguntam onde é que poderia estar a ama-seca espiritual. E a pergunta é naturalmente dirigida aos amigos de Deus: «Como é que o vosso Deus pode permitir tais coisas?»

Os cristãos seriam muito insensatos se tentassem vir em defesa de Deus!

Não podemos confundir Deus com uma ama de crianças! Onde é que está escrito que é dever dele velar para que a ordem reine neste mundo de infâmia e estupidez?

Deus não tem qualquer obrigação para quem quer que seja. *Ele é o Senhor!*

Poderemos nós negar simplesmente a existência de Deus?

As catástrofes acontecem. E Deus continua em silêncio!

Para muitos a conclusão parece óbvia: «Não há Deus. Não pode existir um Deus que tenha o controlo do mundo. Não pode haver um Deus que veja e ouça tudo.» Desse modo, Deus é expulso da nossa vida. «Deixamos isso para os teólogos resolverem o problema.» Mas que acontecerá se afinal de contas Deus existir mesmo? E se nós nos precipitámos em negar a sua existência? Deixe-me afirmar-lhe com toda a veemência: *Deus está vivo! Ele existe mesmo!*

Se se interroga como é que poderá ter a certeza, só lhe poderei responder isto: «Deus revelou-se. Veio ter com os homens na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo. Desde que Jesus veio ao mundo, ninguém pode negar a existência de Deus. Negá-la é admitir a nossa ignorância ou má vontade.»

A visão cristã do mundo

Se quisermos compreender o que está a acontecer no mundo, temos de conhecer a visão cristã do mundo. Doutro modo, nunca resolveremos o nosso problema. A Bíblia diz-nos que Deus, o Criador, fez o mundo harmonioso e muito bom. O homem foi a obra prima da sua criação. Deus colocou-o numa posição de honra: queria fazer dele um parceiro. Para isso o homem tinha de ser totalmente livre.

Mas a catástrofe vem relatada na primeira página da história humana: o que os cristãos descrevem como «a Queda». O homem abusou da sua liberdade. Voltou-se contra Deus. Quis ser seu próprio deus. E é isso que ele continua a querer ser hoje.

Logo desde os primeiros capítulos, a Bíblia afirma que o homem se separou de Deus. Nessa queda, arrastou com ele toda a criação. Foi como se um portão cerrado se abrisse. Sofrimento, morte, lágrimas, tristeza e injustiça — tudo isso inundou o mundo.

A Bíblia afirma claramente que o mundo em que vivemos não é como Deus queria que fosse. Nós vivemos num mundo caído, onde reina o pecado e onde o diabo, o «homicida» e «pai da mentira», domina de tal modo que é chamado «o deus deste mundo».

A visão bíblica do mundo é muito realista e corresponde precisamente ao que vemos à nossa volta. Ela continua a mostrar que Deus não impõe a ordem neste mundo rebelde. O mundo tem de seguir o seu curso, exactamente até ao fim. Tudo o que é horrível, assustador e mau tem que dar o seu fruto. Quando chegar a hora, Deus porá fim a tudo isso e criará «um novo céu e uma nova terra».

Isto não quer dizer que Deus tenha simplesmente abandonado o mundo. Não! Ele enviou Jesus ao mundo para morrer na cruz pelos pecadores e ressuscitar dentre os mortos. Onde quer que o homem creia em Jesus e o aceite, começa a nova criação de Deus. Todos os que pertencem ao Senhor Jesus dão esse testemunho: «Deus salvou-nos do domínio das trevas e trouxe-nos para o reino do Filho que ama.» Através dos discípulos de Jesus, Deus quer trazer consolação, paz, amor e ajuda a este mundo caído.

Os cristãos nem sempre perguntam por que é que Deus permite o sofrimento. Eles entendem que não pode ser doutro modo num mundo caído. Sabendo isso, dedicam-se a ajudar os outros. Mas acima de tudo, aguardam «novos céus e nova terra onde habitará a justiça.»

Mas persiste a pergunta: Como é que Deus pode permitir tais horrores? Mesmo concordando que tais coisas são inevitáveis num mundo pecador, o problema continua a perturbar aqueles que foram pessoalmente atingidos por uma tragédia. Lembro-me dum jovem casal. Eles tinham um menino que amavam muitíssimo. Um dia, trouxeram-lhes o seu corpinho morto. Tinha sido apanhado por um condutor embriagado. Quando esse tipo de coisas acontece, a pergunta queima os nossos lábios. «Como é que Deus pôde permitir que tal coisa acontecesse?»

Seremos capazes de compreender os caminhos de Deus?

Parece-me que um Deus que eu pudesse entender com a minha inteligência não seria realmente Deus. Seria apenas um homem como

eu próprio. Uma criança não compreende que tipo de homem é o pai. Será concebível que nós sejamos sempre capazes de compreender os caminhos de Deus?

Há uma velha história que eu costumava ouvir em criança e que deixa este ponto bem claro: Era uma vez um velho eremita que vivia a queixar-se de Deus. Um dia, teve um sonho:

Um mensageiro de Deus apareceu e disse-lhe que o seguisse. Chegaram a uma casa onde lhes deram calorosas boas-vindas. O dono da casa afirmou: «O meu inimigo fez as pazes comigo e como sinal de amizade enviou-me esta taça dourada.» Quando partiram no dia seguinte, o eremita notou que o mensageiro levava consigo a taça. Ia já falar-lhe com dureza, quando o mensageiro disse: «Cala-te! São estes os caminhos de Deus.» Em breve chegaram a outra casa. O anfitrião, um velho avaro, amaldiçoou os indesejáveis visitantes e disse-lhes que fossem para o inferno. «Vamos embora!» — disse o mensageiro. Ao fazê-lo, entregou a taça de ouro ao avaro. De novo o eremita estava quase a protestar, mas o mensageiro voltou a impedi-lo: «Boca calada! São estes os caminhos de Deus.»

À noite, chegaram a casa dum homem que estava muito triste porque, apesar de todos os seus esforços, sempre tinha deparado com infelicidade. «Deus virá ajudar-te.» — disse o mensageiro, que ao partir incendiou a casa. «Pára com isso!» — gritou o eremita. «Boca calada! São estes os caminhos de Deus.»

Ao terceiro dia, foram a casa dum homem taciturno e carrancudo, que não era bom senão para o seu jovem filho, a quem amava muito.

Quando partiram na manhã seguinte, o homem disse-lhes — «Não os posso acompanhar, mas o meu filho irá convosco até à ponte. Cuidem bem dele.» «Deus há-de protegê-lo» — respondeu o mensageiro de Deus. Quando chegaram à ponte, de repente, ele empurrou a criança para o rio!. «Oh, demónio hipócrita!» — gritou o eremita — «Estes não eram certamente os caminhos de Deus!»

Nesse mesmo instante, o mensageiro transformou-se num anjo que resplandecia de glória celestial. «Ouve-me com atenção. Aquela taça estava envenenada. Por isso, eu salvei a vida do homem simpático, enquanto que o velho avaro encontrou a morte ao beber por ela. O homem pobre encontrou um tesouro ao reconstruir a sua casa, ficando assim livre de necessidades para o resto dos seus dias. Quanto ao homem cujo filho eu lancei ao rio, era um pecador perverso. Assim, se o rapaz ficasse com ele transformar-se-ia também num criminoso. A perda do filho levou o pai ao arrependimento e a criança está bem

onde está. Pudeste assim ver algo da sabedoria e da graça de Deus. De agora em diante, deves inclinar-te perante o mistério da sua providência!

Como eu disse, esta história era bem conhecida na minha infância. Quem ouve destas histórias na infância não se precipita tanto em determinar o que Deus pode ou não fazer. Sabe que nós não podemos compreender os caminhos de Deus.

Talvez nós nunca cheguemos a encontrar um anjo no nosso caminho para nos explicar as coisas, como no caso do eremita. Nós só podemos continuar a avançar no escuro e a aceitar o facto de que não podemos compreender os caminhos de Deus.

Deus disse através do profeta Isaías: «Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos. Como os céus estão elevados acima da terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.»

O grande profeta declarou solenemente: «Ninguém pode imaginar o seu pensamento.»

Um poeta cristão escreveu também:

Deus move-se de um modo misterioso
Para realizar as suas maravilhas;
Ele marca no mar as suas pegadas
E cavalga sobre a tempestade.

Fundo, em minas inimagináveis,
De infalível capacidade,
Ele entesoura os seus grandes desígnios
E realiza a sua soberana vontade.

Não julgues o Senhor com leviandade,
Mas confia nele, pela sua graça.
Por detrás duma providência dura,
Esconde um rosto sorridente.

Incredulidade cega vai certamente errar
E analisar sua obra em vão;
Deus é seu próprio intérprete
E deixará isso bem claro.

Os cristãos aprendem a esperar

A verdade é que muitas das nossas perguntas difíceis não podem ser respondidas aqui na terra. Nós temos de reconhecer que «os seus pensamentos não são os nossos pensamentos». Como cristãos, nós estamos confiantes de que nem sempre caminharemos no escuro. Não, pois na eternidade, todas estas difíceis questões serão respondidas. Este quadro ajuda a explicar a questão: Se analisar o avesso dum tapete persa, só conseguirá ver é um emaranhado de fios, aparentemente estranho. Mas ao virar o tapete do outro lado aparece um desenho magnífico. Descobre então que existe uma ordem perfeita nessa aparente confusão.

Neste velho mundo podemos ver apenas o avesso do tapete da vida. Tudo parece muito confuso e sem sentido. No céu, contudo, conseguiremos ver o lado direito e então ficaremos espantados com a sabedoria e método com que Deus dirigiu a nossa vida.

No estado em que nos encontramos, somos como alguém que conduz um carro de noite. Ele poderia desfrutar da paisagem por onde passa, só que o escuro a esconde dos seus olhos. Ele não consegue perceber nada do cenário que gostaria de contemplar, mas tem luz suficiente para conduzir, graças aos faróis do carro.

Há muitas coisas que nós, cristãos, gostaríamos de conhecer e entender. Gostaríamos de compreender os caminhos de Deus e de poder explicar por que é que Deus faz isto ou aquilo. Mas aqui na terra andamos às escuras. Muitas coisas estão escondidas. Deus porém dá-nos luz suficiente para podermos encontrar o caminho certo. A sua Palavra — a Lei, no Velho Testamento; e o Evangelho de Jesus, no Novo Testamento — mostram-nos o suficiente da estrada para atingirmos o alvo eterno.

Quando chegarmos ao céu, o sol nascerá para nós. Poderemos então ver claramente o que estava à direita e à esquerda do nosso caminho. Descobriremos o que nos estivera vedado na terra. Compreenderemos por que é que «Deus permitiu tudo aquilo.»

Não poderemos receber qualquer resposta agora?

Fizemos uma pergunta importante: Como é que Deus pode permitir tais coisas?

Antes do mais, já procurámos mostrar claramente que não temos o mínimo direito de falar com o Deus santo como falaríamos com um

homem. Uma pessoa pode ser chamada a prestar contas, mas Deus não pode; uma pessoa pode agir injustamente, mas Deus nunca comete qualquer injustiça; uma pessoa pode ser analisada e compreendida, mas Deus está acima de tudo isso.

Estas coisas têm de ser sempre afirmadas com a maior clareza e simplicidade possível. Apesar disso, depois de se clarificar a base, continuaremos a perguntar, talvez até com mais seriedade que antes: «Por que é que Deus permite tais coisas?»

Há uma resposta na Bíblia. O problema é que o homem não quer ouvir, porque a razão que o leva a fazer a pergunta é, no fundo, acusar Deus de injustiça. A resposta bíblica, no entanto, inverte os papéis e põe-nos a nós no banco dos réus.

Cada tragédia constitui um aviso e um apelo

Lucas, o evangelista, regista um episódio que toca no cerne da questão. Um grupo de pessoas, perturbadas e excitadas por um acto de repressão política que acabava de ocorrer, veio procurar Jesus para o informar do caso. Uma das festas tradicionais estava a ser celebrada em Jerusalém. Estavam a ser oferecidos sacrifícios no templo. Como era costume nessas ocasiões, quando milhares de judeus se reuniam na capital, a guarnição romana ficava de vela. Nessa ocasião específica tinha-se verificado um sério motim. Não se sabe exactamente a causa, mas parece que alguns homens vindos da área tão orgulhosa e independente da Galileia, tinham despertado a atenção de alguns soldados romanos. Travara-se uma luta e muitos galileus tinham sido barbaramente massacrados.

«Como é que Deus pôde permitir tal coisa?» A questão era bem real para as pessoas que contaram o incidente a Jesus. Precisamente alguns dias antes, outra tragédia tinha deixado perplexos os habitantes de Jerusalém: uma torre elevada, de paredes espessas, tinha subitamente desabado, enterrando dezoito pessoas sob os escombros.

A pergunta estava lá, em muitos corações. «E Deus?» É claro que alguns teólogos sabichões tinham a resposta: «Os que pereceram eram ímpios pecadores e essa foi a maneira de Deus os castigar.»

Mas Jesus rejeitou tal explicação. Mostrou muito claramente que nós não devemos imaginar os segredos de Deus. Depois disse algo que causou um arrepio a toda a gente. O que Jesus disse fechou a boca de alguns e revoltou outros: «Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.»

Cada infelicidade, dizia Jesus, mesmo que envolvida em mistério, é um apelo de Deus e um aviso ao mundo que vive em oposição a ele. Estes sinais de alarme são vitalmente necessários.

«Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim.» Esta é a receita de Deus para a nossa vida, mas que é que nós temos feito com ela? O nosso dinheiro, os nossos carros, o nosso trabalho, a nossa saúde, os nossos filhos: de tudo temos feito ídolos. São esses os deuses que servimos.

«Lembra-te do dia de sábado para o santificar.» Pense em todas as semanas, meses e anos em que não temos tido tempo nenhum para Deus!

«Honra a teu pai e tua mãe.» Compreenderemos nós realmente o que significa honrar os nossos pais, hoje?

«Não matarás.» Que valor dá a nossa geração à vida humana? E ninguém pode afirmar-se inocente neste campo. Com efeito, a Bíblia diz que quem «aborrece o seu irmão é homicida.» Se isso é verdade, quantos homicídios têm sido cometidos em segredo nas nossas casas e nos nossos locais de trabalho!

«Não cometerás adultério.» Quantos casamentos já se desfizeram, dissolveram e destruíram! Nós brincamos com a ideia de pureza, como se estivesse fora de moda. Em vez de levarmos a sério os mandamentos de Deus, falamos de «problemas sexuais», de «não nos reprimirmos a nós mesmos».

«Não furtarás.» O furtar começa pela não devolução de livros que pedimos emprestados. Se todos os bens que adquirimos injustamente pudessem gritar, que grande algazarra se ouviria nas nossas casas!

«Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.» Que é que temos feito com este mandamento? A vida pública e privada está envenenada pela calúnia. Uma pessoa arrasta outra para a lama. E a inveja? Não se terá ela tornado um dos principais incentivos da vida política?

Que é que Jesus disse? «Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.»

Deus rasgou os céus e deu o seu Filho para que nós pudéssemos receber perdão dos pecados, vida e salvação por meio dele. E que faz o homem hoje com este dom de Deus? Rejeita-o. Finge que não sabe o que fazer com ele, por causa dos problemas que tem de enfrentar.

Temos de deixar de perguntar por que é que Deus permite estes infortúnios. Seríamos mais sábios se ouvíssemos os seus avisos e nos arrependéssemos.

Um Deus duro?

«Eu entendo isso» — poderá alguém dizer — «mas se todas as tragédias são avisos de Deus, segue-se logicamente que é Deus que as envia e, portanto, é responsável por elas.

Eu concordo. Na Bíblia há uma afirmação terrível que diz isso mesmo: «Quando a calamidade atinge uma cidade, não foi o Senhor que a causou?»

Lembrar-me-ei sempre da terrível noite em que Essen foi bombardeada pela primeira vez. Eu fiquei preso na minha casa a arder. Tudo à minha volta era um mundo de chamas! Não havia qualquer hipótese de apagar o fogo — todos os canos tinham rebentado. Precisamente quando eu ia desistir, já desesperado, lembrei-me desta palavra do profeta Amós: «Quando a calamidade atinge uma cidade, não foi o Senhor que o causou?» Uma grande paz me invadiu. Eu não tinha sido entregue na mão dos homens ou do acaso. Estava nas mãos do Pai do nosso Senhor Jesus Cristo.

Senti então que o nosso conceito de Deus é muitas vezes errado. Precisamos de nos libertar de ideias inventadas por nós acerca de Deus e de nos agarrar ao que o próprio Deus nos revelou!

Os nossos conceitos de Deus são vagos, infantis, tolos e superficiais. Deus não é o «o avô bonacheirão» que imaginamos. E quando a nossa ideia preconcebida de Deus não corresponde à realidade, a nossa primeira reacção é lançar Deus pela borda fora. Mas a verdade é que se conseguimos libertar-nos dos nossos falsos conceitos acerca de Deus, *não* conseguimos ver-nos livres do próprio Deus. (Embora ele se possa ver livre de nós!)

Onde está escrito na Bíblia — o testemunho de Deus a respeito de si mesmo — que ele é o «bom Senhor»? Não diz antes que é um «Deus terrível», um «Deus zeloso», um «Deus escondido»? A Bíblia compara-o a um leão rugidor: «O Senhor ruge de Sião.» E o Novo Testamento diz: «Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.» Jesus, que está

mais bem informado que qualquer dos nossos mestres, disse a mesma coisa: «Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo e deitá-los no inferno.»

A Bíblia afirma também que o temor de Deus é o princípio da sabedoria. E quando lemos o último livro da Bíblia, onde são descritos os eventos futuros, todo o desejo de comparar Deus a um «idoso e simpático avô» desaparece em absoluto, pois descobrimos que Deus pode ser terrivelmente severo; e isso, porque ele é justo. Deus não passa por alto os nossos pecados. Ele é a própria justiça e vela ciosamente pelo cumprimento dos seus mandamentos.

Será que isso nos parece duro?

Bem, as coisas são mesmo assim! Deus não é moldado pelo conceito que temos dele. Pelo contrário, compete-nos a nós ajustarmos-nos à realidade de Deus. No juízo final, o homem sem o temor de Deus descobrirá às suas próprias custas quão terrível Deus pode ser.

É claro que alguns dirão que não acreditam no juízo final. A esses temos de dizer que isso pouca diferença faz! Nós temos muito tempo para esperar e ver quem tem razão: o escarnecedor incrédulo, ou a eterna Palavra de Deus. Essa Palavra certifica que haverá um julgamento. As tragédias deste mundo não são senão uma ténue visão do mesmo.

Na Bíblia encontramos estas palavras: «O teu pecado te castigará; o teu desvio te repreenderá. Considera então e vê quão mau e perverso é para ti abandonares o Senhor teu Deus e não teres temor de mim, declara o Senhor, Deus todo-poderoso.» Será esta a experiência do mundo no seu conjunto e de cada indivíduo em particular.

Como é que Deus pode permitir tais coisas? A pergunta assenta num falso conceito de Deus.

Foi por isso que Deus enviou o seu Filho ao mundo. Foi por isso que o Filho de Deus morreu na cruz por nós. Foi por isso que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos. E é por isso que nós podemos dizer hoje: «Quem tem o Filho, tem a vida.» Compete-nos a nós aceitar esta salvação que nos é oferecida para nos tomarmos filhos do Deus todo-poderoso, filhos que não mais precisam de ter medo dele, pois os seus pecados foram perdoados.

Deus quer a nossa salvação. Por isso nos adverte pela sua Palavra e pelos factos aterradores da vida. «Olhai para mim e sereis salvos, vós todos os termos da terra, porque eu sou Deus e não há outro.»

A Bíblia ousa declarar que «Deus é amor» por esta mesma razão; mas é completamente diferente falar dele como de algum inofensivo «bom Senhor».

Esta grande verdade ficou gravada em mim, quando me encontrava numa situação particularmente difícil. Era noite e eu estava num pátio escuro. No dia anterior, a nossa cidade de Essen tinha sido duramente bombardeada. Eles tinham conseguido limpar um abrigo aéreo de debaixo dos destroços e tirar para fora os mortos. Estendidos ali à minha volta estavam os corpos de 60 pessoas, muitas das quais eu conhecia. Eram pessoas idosas, mães jovens e crianças. Todas tinham sido mortas pela guerra. Oh! Aquelas pobres crianças! Ali estavam elas sufocadas, estranguladas, mortas. Na minha imaginação, eu podia ver as crianças ao sol, num prado coberto de flores. «Era assim que as crianças deviam crescer!» clamou o meu coração. «Elas não deviam estar aqui mortas!»

Foi então que o velho grito irrompeu do meu coração: «Oh, Deus, onde estavas tu então? Onde estás tu agora? Como é que podes permitir uma coisa destas?»

Não houve qualquer resposta. Só uma viga meio quebrada rangeu suavemente ao vento da tarde.

Uma cena atravessou-me então a mente e vi Jesus na cruz. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.» E essa cruz apareceu-me como um tipo de luz, uma lanterna do amor de Deus, colocada neste mundo de miséria.

Eu não compreendo os caminhos de Deus. Fico mesmo aterrorizado, quando vejo como Deus pode «abandonar» o mundo. Mas da cruz Jesus irradia luz. Nela, eu vejo o coração de Deus; nela, Deus mostra o seu amor por mim e o seu anseio de me atrair pelo amor para si mesmo.

Qual é o objectivo de tudo isso?

Quando ouvimos notícias de tragédias, volta a atormentar-nos a questão: «Por que é que Deus permite tais coisas?»

Mas essa questão torna-se ainda mais perturbadora, quando nós próprios estamos envolvidos; quando perdemos um filho; ou quando um forte golpe abala toda a nossa vida. Então a pergunta já não é meramente teórica; queima dentro de nós como fogo. «Por que é que me aconteceu isto? Como é que Deus pode fazer uma coisa destas?»

E enquanto não obtivermos uma resposta, não podemos sentir paz. Uma pessoa que me ajudou muito na compreensão deste facto foi um mineiro chamado Merle.

Merle tinha sido um homem grande e forte, que nem temia Deus nem o diabo. Um dia, contudo, foi apanhado pelo desmoronamento duma mina e ficou paralítico das pernas. Por isso, fui visitá-lo. Encontrei-o em casa, numa cadeira de rodas, rodeado por vários dos seus amigos. Quando me viu à porta, começou a fazer troça: «Bem, senhor religioso, onde estava o seu bom Deus, quando as pedras caíram sobre mim? Vá para o inferno com todas essas tolices!» Ele era tão terrível que eu não consegui dizer uma palavra e tive de ir embora sem abrir a boca.

Mas alguns mineiros, crentes verdadeiros, começaram a preocupar-se com Merle. Mostraram-lhe o caminho para Jesus, o caminho da salvação. Uma grande mudança se verificou nele. Os seus pecados foram perdoados e ele fez as pazes com Deus.

Visitei-o um dia, depois disso. Encontrei-o na rua, em frente da casa, sentado numa cadeira de rodas. Nessa altura já éramos bons amigos.

Sentei-me junto dele, num dos degraus que davam para a varanda. Pude ver pela expressão do seu rosto que tinha algo de importante para me dizer. Não demorou muito. «Sabe,» — disse ele — «sinto que não vou viver muito mais tempo, mas agora sei para onde vou depois de fechar os olhos. Quando chegar à presença de Deus, vou ajoelhar-me e agradecer-lhe por me ter partido a espinha.»

«Merle,» — disse eu — «que quer dizer com isso?»

Ele sorriu e explicou: «Se não se tivesse dado este acidente, eu teria continuado na minha impiedade, longe de Deus, até acabar no inferno. Deus teve de tomar medidas extremas para me levar ao seu Filho, meu Salvador. Sim, foi duro, mas foi para meu bem, para a minha eterna salvação.»

Parou um momento. Disse então, devagar: «É melhor entrar no céu aleijado, do que saltar para o inferno com as duas pernas.»

Peguei-lhe na mão. «Merle, você estudou numa escola difícil, mas não foi em vão. Aprendeu a sua lição.» E pensámos com tristeza em todas as pessoas que são feridas tão duramente, mas que não ouvem Deus a chamá-las, no meio das suas tribulações.

Quando alguma tragédia desaba sobre nós, não devemos perguntar: «Como é que Deus permite tal coisa?» A nossa pergunta deve ser antes: «Qual é o objectivo disto? Que é que Deus me quer ensinar

através disto?» Então poderemos entender o que escreveu o autor deste hino:

Quando por águas profundas te mandar seguir,
Os rios medonhos não te submergirão;
Pois estarei contigo, para te abençoar nas tuas lutas
E te santificar na tua mais dolorosa tristeza.

Quando por ardentes tribulações teu caminho prosseguir,
Minha graça, toda-suficiente, será teu recurso;
As chamas não te ferirão; eu só pretendo
Tua escória consumir e teu ouro refinar.

Um dia, um senhor foi visitar um cristão idoso e experiente e queixou-se de várias tribulações que sofrera. Depois perguntou: «Por que é que Deus me fez isto? Por que é que ele permite tais coisas?» O homem idoso respondeu: «Já alguma vez viu um rebanho de ovelhas? Bem, algumas ovelhas querem ser independentes e por isso afastam-se do pastor. Este, manda então o cão atrás delas. O cão ladra, as ovelhas assustam-se e correm de volta em busca da protecção do pastor. Como vê, o sofrimento desempenha em grande parte o papel do cão-pastor. Ao princípio, assusta-nos, mas o seu único objectivo é levar-nos de volta ao bom Pastor, o Senhor Jesus. Assim, em vez de se queixar, corra agora mesmo para o Salvador. Ele conforta todos os que se sentem cansados e oprimidos!»

Como poderemos aguentar?

Na realidade, eu não sei como é que um não-crente consegue aguentar as dificuldades da vida. Bem, simplesmente não as enfrenta. Tudo na sua vida tem de correr suavemente. Se se abate sobre ele alguma tragédia, fica ressentido e acusa Deus e os homens.

Em vez de perguntarmos a nós mesmos, «Por que é que Deus permitiu tal coisa?», em vez de acusarmos Deus, devemos reconhecer que somos fracos, impotentes e incapazes de seguirmos sozinhos o nosso caminho.

Na verdade, não sei como é que alguém consegue caminhar sem Jesus. E à medida que o horizonte escurece se torna cada vez mais ameaçador neste mundo, o discípulo de Jesus aprende a fixar os olhos no alvo eterno, no reino celestial para o qual foi chamado.

Permita-me que lhe conte uma história verdadeira: Há muitos anos, eu era pastor numa importante região de minas. Um dia, quando andava a fazer visitas, fui a casa de algumas pessoas que estavam a celebrar um aniversário. Garrafas de licor estavam a passar à volta e o barulho e algazarra podiam ouvir-se de todos os cantos. Quando, porém, eu apareci à entrada da porta, fez-se silêncio. Então um homem exclamou: «Olhem o pastor! Que é que ele está aqui a fazer? Pastor, nós não queremos saber das suas tolices. Temos muito prazer em lhe ceder o céu todo para si... para si e para os pássaros!»

«É muito amável,» — respondi — «mas há uma coisa que eu não entendo. Como é que pode ceder-me uma coisa que não lhe pertence? De qualquer modo, acho que o senhor não tem nenhum céu para me dar! Parece-me que o seu caminho segue na direcção do inferno e não do céu! Então, que é que me vai deixar para mim e para os pássaros?»

O homem ficou envergonhado. Depois, continuou com ar de riso: «Ora, ora! Os pastores acabam sempre por confortar as pessoas com a promessa do céu. E juro que o senhor estava prestes a fazer exactamente isso!»

«Engana-se!» — respondi — «Não tenho a menor intenção de dar às pessoas a esperança dum céu a que elas não têm direito. Só posso exortá-las a não continuarem no caminho que conduz ao inferno e convidá-las a vir a Jesus, o Salvador. Ele oferece o céu aos que o aceitam.»

Não se engane a si próprio...

A esperança da vida eterna é um privilégio que Jesus oferece, pela graça apenas, e só àqueles que o «recebem».

Os crentes não estão sempre a perguntar como é que Deus pode permitir esta ou aquela tribulação. Eles sofrem exactamente como qualquer outra pessoa e tentam aliviar o mais possível o sofrimento deste mundo. Mas à medida que seguem o seu caminho, com sofrimento ou alegria, vão entoando no coração as palavras do hino:

Deus tem a chave de todo o desconhecido,
E eu estou contente;
Se outras mãos tivessem a chave,
Ou se ele ma confiasse a mim,
Eu poderia estar triste.

E se os cuidados do amanhã estivessem aqui
Sem o seu descanso!
Eu preferia que ele abrisse o dia;
E à medida que as horas passassem, dissesse:
«A minha vontade é a melhor.»

A própria imperfeição da minha vista
Faz-me sentir seguro;
Pois tentando avançar pela neblina,
Sinto a sua mão; e ouço-o dizer:
«A minha ajuda é certa.»

Não posso ler os seus planos futuros,
Mas uma coisa eu sei:
Tenho o sorriso do seu rosto,
E todo o refúgio da sua graça,
Enquanto estiver na terra.

Basta! Isto cobre todos os meus anseios,
E por isso descanso!
Pois o que eu não posso, pode ele ver,
E no seu cuidado estarei salvo,
Para sempre bendito.

Nietzsche disse num poema: «Ai do homem que não tem lar!» É essa a aflição desta geração: Os homens têm de enfrentar as tribulações da vida sem um lugar de refúgio e sem segurança. «Ai do homem que não tem lar!» É esta a grande tragédia do nosso tempo.

Busquemos fervorosamente o Senhor Jesus. Foi ele que disse: «Na casa de meu pai há muitas moradas.»

Não gostaria de ter uma à sua espera?

O NOSSO DIREITO AO AMOR

1. Uma enorme angústia

Que paradoxal é o tempo em que vivemos! Nunca antes viveram as pessoas tão juntas — amontoados e apertados como estamos — e, no entanto, nunca se sofreu tanto de solidão como agora.

Um rapaz de 16 anos disse-me um dia: «Não tenho ninguém no mundo!» «Tem juízo! Não sejas tolo! E o teu pai?» «Quando o meu velho vem do trabalho para casa, barafusta um pouco, engole ruidosamente o jantar e depois sai de novo.» «E a tua mãe?» «Oh, ela ... Ela está cheia de trabalho até aos cabelos. Não tem tempo para mim.» «E os teus colegas de trabalho?» «Nós trabalhamos juntos, mas só isso! Não tenho ninguém com quem conversar.» E foi isso que me disse um rapaz de 16 anos!

Os jovens não são os únicos a experimentar este tipo de solidão. As mulheres casadas sentem-se sós, mesmo vivendo com os maridos. Muitas vezes o marido não faz ideia do que preocupa a mulher. E ela também não faz ideia do que perturba o marido. E nós definimo-los como casal. Assim, todos nós acabamos por viver em solidão! As pessoas são todas ouvidos, quando os nossos filósofos falam da solidão do homem moderno; pela simples razão de que homens e mulheres, em toda a parte, estão a pedir que os libertem da sua solidão. Ora, este anseio de escapar à solidão está muitas vezes combinado com a maior força que temos em nós: o nosso impulso sexual. Quando isso acontece, ignoramos prontamente quaisquer restrições.

O rapaz de 16 anos vai procurar uma moça para o salvar da sua solidão. O homem casado, que vive com a sua mulher e mesmo assim se sente só, irá no fim de semana com a secretária, na esperança de que

ela lhe faça esquecer a sua solidão. O estudante, sentindo-se muito só entre os dez ou vinte mil jovens da sua universidade, envolve-se com uma colega, que se sente exactamente tão só como ele. Assim, o anseio de escapar da solidão combina-se com o nosso impulso sexual. É essa a razão porque o mundo de hoje se preocupa tanto com o sexo.

A juntar a tudo isso, astutos homens de negócios — produtores de filmes e romancistas — conseguem lucros vultosos por o homem usar o sexo para resolver o seu problema de solidão. A palavra tornou-se popular: já não há filmes que não tenham pelo menos uma cena de amor, nem livros sem pelo menos um caso de adultério. E ao vermos outros a namorar, a cortejar-se e a fazerem amor entre si, ficamos com a impressão de que a vida é maravilhosa!

Uma jovem disse-me recentemente: «Pastor, os nossos padrões de valores são diferentes dos dos nossos avós. Nós temos uma nova moralidade, um novo código de ética.» Quando oiço estes argumentos, sinto-me tentado a tirar o chapéu (se usar algum) e a dizer: «Desculpe!» Mas depois de se ser pastor tanto tempo, como eu, numa grande cidade, já não se acredita nesse tipo de conversa. E eu sei por experiência que toda essa linguagem pretensiosa não passa de espectáculo. Por detrás dela existe uma profunda angústia: jovens que têm casos de amor complicados e que não conseguem resolver os seus problemas; casais que tentam fingir ou que se separam. Sim, há uma tremenda angústia.

E todos nós sabemos alguma coisa acerca disso, pois eu não estou a falar a respeito de outras pessoas, mas sim acerca de si e de mim!

Há muitos anos apresentei uma palestra sobre este mesmo tema, numa pequena cidade perto de Lippe. A reunião destinava-se apenas a jovens. Quando entrei na sala, disse comigo mesmo: «Em que confusão te vieste meter! Parece que estamos no inferno!». Rapazes e raparigas... e um ambiente saturado de fumo de cigarro! Alguns dos rapazes tinham consigo whisky; diversas moças estavam sentadas ao colo dos rapazes. «E tenho eu de falar aqui?!» pensei. «Bem, meu velho, vais precisar de muita coragem.»

Comecei então a falar: «Nós podemos experimentar muita angústia na nossa vida sexual.» Foi como se naquele mesmo momento alguém tivesse acendido a luz. Posso ainda ver um dos rapazes a pôr imediatamente de lado a moça que tinha ao colo. Ele tinha sido tocado. Houve um súbito silêncio de morte na sala. Não pude deixar de pensar, «À primeira vista, todos parecem muito felizes, mas vê-se que estou

absolutamente certo: nós podemos experimentar profunda angústia na nossa vida sexual.»

2. Donde vem essa angústia?

Esta angústia resulta de nós já não conhecermos a diferença entre o bem e o mal. Fingimos ter novas ideias acerca da moralidade, mas não nos esqueçamos disto: *o pecado não é um mito*. Sempre que peço, faço algo de mal e a minha consciência fica pesada. A realidade é essa. Infelizmente, nós já não sabemos distinguir com precisão o bem do mal. Deixe-me fazer algumas perguntas muito directas: Será certo ou errado ter relações sexuais antes do casamento? Se o casamento é infeliz, será o adultério uma necessidade, ou um mal? E a homossexualidade entre homens, ou com rapazes, ou entre rapazes, será pecaminosa ou legítima? Será o lesbianismo um pecado, ou não? Será certo ou errado alguém masturbar-se? Ou pedir o divórcio?

Em suma, o que é certo e o que é errado? É esta a razão da nossa angústia. Milhares de livros tentam levar-nos a acreditar que o sexo não tem nada a ver com o bem ou o mal. Por isso, a questão nem se põe. É horrível ser um mau amigo — claro. Mas o sexo, ouvimos nós, não tem que se considerar em termos de certo ou errado. Pense, por exemplo, nos filmes modernos: num *primeiro plano* vemos um beijo; depois, o pano cai e por detrás dele podemos ver a sombra de corpos abraçados. Este tipo de cena faz naturalmente parte do filme. Não se trata duma questão de bem ou mal. Será assim?

O que é certo? O que é errado?

Lembro-me muito bem do momento em que, na minha juventude, vi subitamente a luz. Pude então entender a diferença entre o bem e o mal. Foi nessa altura que me começou a perturbar esta questão: «O que é permissível e o que não é?»

Antes, porém, de dar uma resposta válida a esta pergunta, temos de perguntar primeiro: «Quem decide, em última análise, o que é o bem e o que é o mal?»

Um dia, um jovem casal veio visitar-me. Ela era uma moça de costumes livres e com muita maquilhagem. Ele, com os dedos todos manchados de nicotina, era evidentemente um rapaz instável. Eu disse-lhes: «Pelo menos, sei o terreno que piso convosco. É óbvio.» A moça ripostou logo: «Mas não há nada de mal nisto, pastor! Não há nada de mal nisto!» Eu repliquei: «Só um momento! Quem tem o direito de nos dizer se há ou não alguma coisa de mal nisso?» Sim,

quem nos dirá o que é bom e o que é mau? A Igreja? Não! Eu não me curvo ao que ela dita. Quando era jovem, eu nunca teria reconhecido a autoridade da igreja e dos seus pastores sobre a minha vida; agora, eu próprio sou pastor! Quem tem o direito de definir o bem e o mal? A tia Joana? A minha própria consciência? «Eu sigo as instruções daquela voz suave dentro de mim», dizem alguns. Então, quem tem o direito de decidir em relação ao que é bom e ao que é mau?

Chegámos agora a um ponto verdadeiramente crucial. Se *há* um Deus vivo que é o Rei deste mundo, então é a ele que compete decidir quanto ao que é bom e o que é mau. Se *não há* Deus, então podemos fazer o que nos parecer certo e, nesse o caso, também não vejo razão para que se comporte decentemente só por causa da tia Joana. Quando confrontados com este problema, todos se devem interrogar: «Haverá Deus?» Eu conheço pessoas que vivem numa terrível desordem moral, mas que afirmam, «Eu creio em Deus.» Isso não faz sentido!

Se há um Deus, então ele também tem algo a dizer no tocante ao sexo. Você tem de se decidir. Pode expulsar Deus da sua vida, mas nesse caso morrerá segundo a escolha que fez. Não tente imaginar-se a dizer, «Eu quero viver sem Deus», até à idade de 45 anos, e então decidir de repente tornar-se piedoso, quando a velhice se instalar. Isso não funciona! «Buscai o Senhor enquanto se pode achar» e não «...quando achardes conveniente». Por isso, repito: se *não* há Deus, faça o que lhe apetece; mas se Deus realmente existe, então é ele que tem o direito de lhe dizer a si o que é bom e o que é mau. Não acha lógico?

E eu digo-lhe que Deus *existe mesmo* e que *está vivo*! Se me perguntar como é que posso afirmar isso com tanta certeza, a minha resposta é: «Porque Deus se revelou em Jesus Cristo.» Eu quero que compreenda isso. Desde que Jesus veio a este mundo, toda a indiferença e cepticismo em relação a Deus só são devidos à ignorância ou má vontade.

Deus existe mesmo! E porque existe, é ele quem define o que é bem e o que é mal. Você pode decidir pôr Deus fora da sua vida. Pode até dizer: «Eu tenho outros princípios morais!», mas permita-me que lhe lembre que um dia terá de comparecer diante de Deus e prestar-lhe contas da sua vida.

Na verdade, é um grande alívio descobrir que Deus é afinal quem decide o que é bem e o que é mal. E na sua palavra — a Bíblia — Deus afirma isso muito claramente. Um homem perguntou-me um dia: «Mas a Bíblia fala também acerca dessas coisas?» Ele estava perplexo.

«Sim, fala.» — respondi — «Deus dá instruções muito precisas a respeito do bem e do mal no tocante ao sexo.»

Será que seguiu o meu raciocínio? Agora temos de perguntar: «Então, que é que Deus tem a dizer sobre o sexo?»

Tentarei resumir o ensino bíblico sobre esta questão.

3. O que é que Deus diz?

a) Deus aprova o sexo

Num dos seus poemas, Tucholsky escreve algo como isto: «Da cintura até à cabeça sou cristão; da cintura até aos pés sou pagão.» Que absurdo! A Bíblia diz: «Criou Deus o homem... macho e fêmea os criou.» Deus criou-nos com a nossa sexualidade. Posso portanto falar abertamente acerca dela. Não é nenhum tabu. Deus criou-me a mim como homem, e a você também, leitor masculino. Sejamos portanto homens e não meros fantoches! E a vós, senhoras, Deus criou-vos mulheres. Sejam, portanto, mulheres! Os esforços desesperados de algumas mulheres para serem como os homens — ou de certos homens para serem como as mulheres — são, sem dúvida, sintomas duma doença. Compreende? Nós podemos ser homens ou mulheres autênticas! «Criou Deus o homem... macho e fêmea os criou.» Ele não criou um terceiro sexo! Deus aprova a nossa sexualidade. Por isso, não precisamos de a suprimir. Podemos notar desde a criação a tensão que resulta de se ser homem ou mulher.

Mas nós vivemos numa criação caída em pecado. O mundo não é mais o que era quando saiu das mãos de Deus. A nossa vida sexual, tão importante e, ao mesmo tempo, tão delicada, está particularmente ameaçada. Por isso, Deus deu passos concretos no sentido de a proteger.

b) Deus protege a nossa vida sexual pelo casamento

Deus aprova o sexo e protege-o pelo casamento. O casamento não é um mero contrato social, mas sim uma instituição de Deus.

Um psiquiatra americano que escreveu um importante livro sobre este tópico, confirma isto: «De tudo o que já foi escrito sobre este assunto nada se pode comparar em profundidade ao que lemos na Bíblia: "Criou Deus o homem... macho e fêmea os criou."» E continua: «Eu não sou cristão, mas como psiquiatra digo que o casamento é exactamente aquilo de que necessitamos.» Desde que

haja fidelidade no casamento, claro. E não sete, oito, nove ou dez casamentos, como no caso de muitas estrelas do Hollywood! O facto de este tipo de casamento ser apresentado como ideal é um dos sinais da loucura da nossa geração. Isso só revela a nossa profunda confusão. Deus instituiu o casamento, mas o tipo de casamento caracterizado pelo amor e fidelidade.

Então, que é que deve ser o casamento? Senhoras, para ser uma boa esposa não basta cozinhar iguarias especiais para o marido, ou coser-lhe os botões; homens, depois de terem dado o dinheiro à esposa para a administração do lar, não pensem que já cumpriram o vosso dever. De acordo com o plano de Deus, o casamento implica livrarem-se mutuamente da solidão. Será que aqueles de vocês que são casados têm este tipo de vida conjugal? Se não, talvez devam conversar sobre o assunto e perguntarem um ao outro: «Que nos aconteceu? O nosso casamento devia salvar-nos da solidão!» No princípio, Deus disse: «Não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma adjutora, que lhe seja idónea.» Tentem compreender isto. Ele queria tirar-vos da solidão.

Permitam-me que lhes conte uma pequena história, que diz muito. Quando eu era criança, a minha irmã e eu recebemos licença, um dia, para ir a um casamento de família em Estugarda. Era a primeira vez que me via num casamento e tudo me parecia muito interessante. Fomos para a igreja numa carruagem e depois houve um banquete num hotel. O último ponto da ementa era «bombe glacée». Minha irmã e eu estávamos sentados na extremidade da mesa, ansiosos por que chegasse o tal «bombe glacée». Mas nunca mais chegava, porque um tio após outro se levantava para fazer um discurso. Nós estávamos horrivelmente aborrecidos. Contudo, um dos discursos ficou gravado na minha memória. Um dos meus tios, tentando ser espirituoso, disse em voz alta: «Senhoras e senhores, diz-se que no céu há duas cadeiras, que são para o casal cujos membros nunca se arrependeram de ter casado.» Depois continuou: «Mas até hoje, essas cadeiras ainda não foram ocupadas.» Nesse momento, foi interrompido. Por cima das cabeças de todos os convidados, o meu pai gritou para a minha mãe, que estava na outra extremidade da mesa: «Mãezinha, aquelas cadeiras estão à nossa espera!» Eu era ainda adolescente e não compreendi o profundo significado daquelas palavras. Mas o meu coração encheu-se de alegria, porque senti o maravilhoso calor dum lar como o nosso. Será também assim o seu lar?

Na recepção do meu próprio casamento, um dos meus colegas, mais velho que eu, fez alguns comentários impressionantes acerca da

passagem de Génesis: «Far-lhe-ei uma adjutora que lhe seja idónea.» Eis o que ele disse: «Não um déspota para o dominar; não uma escrava para ficar aos seus pés; não um objecto que ele pusesse de lado; mas uma adjutora para o rodear de amor.»

No aniversário das suas bodas de prata, fiquei profundamente impressionado com a maneira como o meu pai olhava para a minha mãe e por o ouvir dizer-lhe: «Tu tens-te tornado cada dia mais preciosa para mim ao longo destes 25 anos!» Não pude deixar de pensar em todos aqueles casais que em 25 anos de casamento têm visto o seu amor desaparecer pouco a pouco. É terrível! Muitos casais deviam dizer um ao outro: «Ouve, vamos começar de novo.» Creiam que é possível!

Há outro ponto que queria salientar. Muitos jovens dizem-me: «Eu não estou a pensar em me casar para já. Que é que pensa a respeito disso? Poderemos fazer tudo o que quisermos?» Eu digo-lhes isto:

c) Deus quer que os jovens sejam puros

Eu sei que no nosso tempo e idade isto é considerado absolutamente ridículo. Mas acham que Deus anda com a moda? É a Palavra de Deus que afirma isto, e não eu. Deixem-me apresentar os meus argumentos. Na Bíblia, temos a história dum jovem chamado Isaque. Um dia, o pai encarregou um dos seus servos de lhe arranjar uma esposa para o filho. O jovem foi para o campo orar pois estava convicto de que era Deus quem lhe escolhia a esposa. E embora ele ainda não a conhecesse, já lhe era fiel. Vocês, jovens, que ainda não pensam em casar, podem ter a certeza de que quando chegar a hora certa Deus lhes dará a esposa de que precisam. E ela merece a vossa fidelidade já agora. O mesmo se verifica em relação às raparigas. Vocês, meninas, devem permanecer fieis àquele que ainda não conhecem. A Bíblia é clara sobre este ponto: Deus quer que os jovens sejam puros.

Um psiquiatra disse-me um dia: «Tenho a certeza de que no fundo, no íntimo do seu coração, a jovem só consegue amar uma vez. Ela dá o seu amor só a um homem. E se tiver uma dúzia de amantes, está — e desculpe-me a expressão bastante forte — "perdida" para o casamento. Poderá casar com o sétimo, mas pensará sempre no seu primeiro amor.» Eu respondi-lhe: «Bem, isso que diz é extremamente interessante. Fazendo uso da psiquiatria chegamos à mesma conclusão da Palavra de Deus.»

Quero deixar isto muito claro: o sexo premarital, o lesbianismo, a homossexualidade, o adultério e o divórcio são pecados pelos quais as pessoas terão de dar contas a Deus, um dia!

Eu podia ficar por aqui. Lembro-me de que nos meus tempos de jovem isso ajudou-me muito conhecer a vontade de Deus e a reconhecer que Deus é o único que tem uma palavra a dizer sobre estas questões. Mas seria cruel da minha parte parar neste ponto e não tratar doutra questão de suprema importância.

4. Como poderemos escapar a essa angústia?

Na Bíblia há uma história maravilhosa que é, ao mesmo tempo, incómoda. Um dia, Jesus, o Filho do Deus vivo, viu-se rodeado por uma multidão de pessoas. De repente, levantou-se uma confusão. As pessoas afastaram-se para abrirem caminho a um grupo de sacerdotes e curiosos que se aproximavam. Eles arrastavam uma linda e jovem mulher. Não tenho qualquer problema em imaginá-la ali diante de mim, com as roupas rasgadas. Eles levaram-na a Jesus e clamaram: «Senhor Jesus, nós apanhamos esta mulher no acto de adultério. A lei de Deus declara que este pecado deve ser punido com a morte. Tu és sempre muito compassivo, Senhor Jesus, mas certamente não vais contra a vontade de Deus! Nós gostávamos de te ouvir dizer que esta mulher deve ser apedrejada agora mesmo.» Jesus olhou para a jovem mulher e respondeu: «Sim, Deus leva esta questão muito, muito a sério. Segundo a lei de Deus, ela deve ser condenada à morte.» Muitos rostos se ergueram. Alguns apanharam pedras, pois os adúlteros eram apedrejados até morrerem. Mas Jesus continuou: «Só um momento! Aquele que dentre vós não for culpado de pecado — seja em pensamento, palavras, ou obras — atire a primeira pedra!» Sentou-se então e começou a escrever na areia. Eu gostaria imenso de saber o que Jesus escreveu, mas a Bíblia não no-lo diz. Depois de um bom espaço de tempo, Jesus levantou-se. Todos se tinham ido embora! Só a mulher continuava ali. E lemos na Bíblia: «E os que o ouviram, acusados pela sua própria consciência, retiraram-se um a um.»

Permita-me que lhe faça uma pergunta: «Teria você tido o direito de atirar a primeira pedra àquela mulher? Estará limpo de culpa? Será absolutamente puro em pensamentos, palavras ou obras? Poderia ter atirado a primeira pedra?» Alguém responde? Ninguém? Nem uma só pessoa? Nesse caso, nós não somos senão um bando de pecadores. Sim. Somos exactamente isso!

Nessa ocasião, os homens cometeram um grave erro. «Acusados pela sua própria consciência, retiraram-se um a um.» Deviam ter feito exactamente o contrário. Deviam ter dito a Jesus: «Olha, nós vamos pôr-nos ao lado desta mulher. Tu não a condenaste. Sê misericordioso connosco também!» Eu não conheço ninguém, excepto Jesus, que possa livrar-nos dos nossos problemas sexuais. A razão, posso afirmá-lo, é porque eu próprio tenho sido ajudado por ele. Quando falo de Jesus, não estou a apresentar teorias bonitas. Ele interveio na minha vida e continua a intervir, mesmo neste momento. Um pastor é um homem como qualquer outro. Precisa do Salvador, tanto quanto cada um de vós. Eu tenho experimentado o poder da sua salvação de duas maneiras diferentes:

a) Jesus perdoa os nossos pecados

Nenhum pastor, nenhum sacerdote, nem mesmo os anjos podem fazer isso. O nosso primeiro pensamento impuro e todas as quedas que se seguirem são percalços irreparáveis. Acompanhar-nos-ão para a eternidade, até ao trono de juízo de Deus, a não ser que antes nos encontremos com Jesus, lhe confessemos as nossas faltas e sejamos perdoados por ele. Jesus é o único que pode conceder perdão.

Assim, aproxime-se mentalmente da cruz de Jesus e diga: «Eu venho aqui para colocar todos os meus pecados da minha juventude. Confesso-te todos os meus questionáveis casos de amor; não quero esconder nada de ti.» Levante então os seus olhos para a cruz e diga as palavras deste hino:

Eu creio, eu creio
 Que Jesus morreu por mim;
 E que através do seu sangue,
 Seu precioso sangue,
 Eu serei liberto do pecado.

A Bíblia diz: «O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado». Que palavra libertadora!

Quando tinha dezassete anos, fui chamado para o serviço militar. Posso garantir-lhe que, nos quartéis, os meus companheiros faziam tudo o que podiam para poluir a minha mente. Mas um dia os meus olhos foram abertos e, pensando em todas aquelas obscenidades, gritei: «Quem me pode libertar desta confusão que fiz da minha vida?» Compreendi então que Jesus podia limpar o meu passado e

perdoar-me os meus pecados. Voltei-me para ele e agora não o deixaria por nada deste mundo.

Um dia, numa grande reunião em Dusseldorf, eu disse que, ao perdoar os meus pecados, Jesus lavava o meu passado. No fim da reunião, quando já todos se estavam a retirar, vi um homem alto e de aspecto bastante distinto, caminhando na minha direcção, por entre a multidão de gente, até à frente da sala. Quando chegou junto de mim, perguntou-me entusiasmado: «É mesmo verdade, como o senhor disse, que nós podemos receber o perdão dos nossos pecados?» «Sim! Louvado seja Deus! O seu perdão sustenta-me diariamente!» — respondi. Ele continuou: «Eu sou psiquiatra! As pessoas consultam-me sobre as suas doenças mentais. Têm complexos de todo o tipo, mas não sabem de que sofrem. Muitas vezes pode-se atribuir o problema a velhos pecados de que elas já não conseguem — ou não querem — lembrar-se. Às vezes gasto horas com os doentes, tentando trazer para fora todas essas perturbações que existem no íntimo do seu subconsciente. Mas o meu poder termina aí. Eu posso trazer para a luz o pecado cometido — a mentira, a contenda, a imoralidade — mas tenho muitas vezes pensado, em desespero: «Se ao menos eu pudesse limpar cada um deles! É por isso, Pastor Busch, que eu pergunto se há de facto alguém capaz de nos libertar dos nossos pecados. É verdade, ou não?» Alegremente, confirmei de novo esse facto. «Sim, graças a Deus!» E compreendi que temos de facto uma mensagem incrível e espantosa no Novo Testamento: Jesus perdoa os nossos pecados!

b) Jesus rebenta com as nossas cadeias

Eu disse um dia a uma encantadora e jovem secretária: «Menina, você está a dirigir-se para o inferno! Este caso de amor com o seu patrão é terrível. Não faça infeliz esse homem e a família dele!» Com um olhar doloroso, ela afirmou: «Não há solução. Eu amo este homem!» «Acredito em si,» — respondi — «mas ele tem mulher e filhos! E você está a causar muita dor.» Eu podia ver que ela sofria muito com o pensamento dessa ligação, mas não conseguia pôr-lhe fim. Assim, fiquei feliz por lhe poder dizer: «Nós sozinhos não podemos rebentar com as cadeias do pecado. É verdade. Mas a Bíblia diz: "Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres." Clame a Jesus. Só ele a pode libertar.»

Estas palavras dum hino podem ajudá-lo a aliviar a sua alma diante de Deus:

Da minha escravidão, tristeza e noite,
 Venho, Jesus; venho Jesus;
 Para a tua liberdade, alegria e luz;
 Eu venho a ti, Jesus.
 Da minha doença, para a tua saúde;
 Da minha necessidade, para a tua riqueza;
 Do meu pecado, para ti mesmo;
 Eu venho a ti, Jesus.

Como pastor numa cidade grande, eu tenho testemunhado o corte de muitas cadeias.

Para sermos livres da escravidão do sexo e escaparmos ao sofrimento causado por ele, todos nós, jovens e velhos, precisamos dum Salvador. Você precisa dum Salvador! Jesus oferece uma libertação maravilhosa e real. Experimente-a pessoalmente! Doutro modo, viverá uma existência infeliz pelo resto da sua vida.

5. O mundo tem sede de amor

Tenho de acrescentar algo mais. Muitas mulheres solteiras têm-me dito: «Eu já passei dos quarenta e nenhum homem me perguntou alguma vez se queria casar com ele. Que devo fazer?» Eu sou um pacifista convicto e tornei-me assim ao ver a infelicidade destas mulheres solteiras. Durante a Segunda Guerra Mundial, cinco milhões de homens, só da Alemanha, perderam a vida nos campos de batalha. Isso significa que cinco milhões de moças não viram realizado o seu mais querido sonho, o de tornar um homem feliz e realizado. Isso significa que cinco milhões de jovens mulheres do nosso país estão condenadas a ficar solteiras. Precisarei de melhor razão para ser contra a guerra? Tente só imaginar a situação destes cinco milhões de mulheres alemãs. Os homens que elas queriam fazer felizes estão sepultados nos nossos cemitérios militares.

Eu gostaria de dizer o seguinte a essas mulheres: «Por amor de Deus, não tentem roubar aquilo de que foram privadas. Não perturbem a paz dos casais. Isso é um perigo, uma tentação cada vez mais frequente no seio do nosso povo.» «Que devemos fazer então?» — perguntam elas. E eu digo-lhes: «Se é esta a vossa situação, aceitem-na. As pessoas não casadas não são necessariamente infelizes.»

A Bíblia fala duma mulher solteira, chamada Tabita. Ela vivia em Jope, que é hoje a cidade de Jafa. Quando morreu, o apóstolo Pedro estava nessa região de modo que o mandaram chamar. Pedro ficou surpreendido ao entrar no quarto de Tabita. Talvez ele pensasse: «Certamente vou encontrar aquela boa velhinha na cama, sem ninguém à volta.» Mas o quarto estava cheio de gente. Uma viúva presente disse: «Tabita fez este vestido para mim.» E um cego disse: «Eu estava muito só e Tabita vinha ler-me todas as tardes de domingo, das três às quatro. Para mim, essa era a hora mais feliz da semana.» Os jovens que lá estavam também tinham alguma coisa a dizer: «Quando vínhamos da escola, a chave costumava estar debaixo do tapete. Ninguém cuidava de nós, até ao dia em que Tabita chegou e começou a cuidar de nós.» Pedro compreendeu. Tabita tinha uma vida muito mais rica do que certas mulheres casadas. Algumas, tendo de viver com um marido maçador, acabam por se tornar aborrecidas e amargas.

Em grego, a língua do Novo Testamento, há duas palavras que se usam para definir amor. A palavra «eros» refere-se àquele amor de que falámos no princípio — o amor físico. É desse termo que vem «erotismo». Mas há outro termo que se traduz igualmente por amor. É o termo «agape» que descreve o amor de Deus, esse amor que eu posso dar aos outros.

Às mulheres solteiras, eu digo: Aceitem a vossa situação — e encham a vossa vida de «agape».

O mundo tem sede desse tipo de amor!

Resumindo: É prerrogativa de Deus decidir quanto ao que é certo ou errado. Deus exige pureza moral da parte dos jovens e fidelidade no casamento. E se o nosso caminho não conduzir ao casamento, então devemos aceitar a situação.

6. Um amor a que não temos direito

Para terminar, gostava de dizer algo mais acerca de Jesus. O assunto de que estou a tratar é: «O nosso direito ao amor.» Há um amor ao qual nós não temos direito, mas que, apesar de tudo, nos é livremente oferecido. É o amor do Senhor Jesus. Nós somos pecadores e precisamos dum Salvador.

Permita-me que lhe dê o meu testemunho pessoal. Foi na altura do Terceiro Reich. Mais uma vez, eu tinha sido preso por causa da minha fé. O capelão da prisão foi-me visitar e disse: «Desta vez, você tem

muito poucas possibilidades de sair daqui.» E foi-se embora. Fiquei só na minha cela. Estava muito limitado. Bem alto, uma estreita frincha deixava entrar um pouco de luz. Tinha frio e sentia-me gelado. Todo o ambiente estava gelado. Eu suspirava pela minha esposa, meus filhos, meu ministério e meus jovens, pois era líder de jovens na altura. Estava ali sentado, sem a mínima esperança de chegar a ser libertado. Quando já era noite, um profundo desânimo se apoderou de mim. Não sei se alguma vez algum de vocês experimentou tal coisa, mas nesse preciso momento — posso dar testemunho disso — o Senhor Jesus entrou na minha cela. *Ele está vivo!* Ele pode passar através de portas cerradas. E foi isso exactamente o que Jesus fez. Ele pôs diante dos meus olhos a sua morte na cruz, a morte que suportou por causa dos meus pecados, e sussurrou-me: «Eu sou o Bom Pastor. O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas.» A corrente de amor que fluiu por mim nesse preciso momento foi tão forte que mal a podia aguentar. Era demasiado para mim.

Reconheci então que não merecia esse amor especial, nem tinha qualquer direito a ele. Tinha-me sido concedido pela graça.

Também você pode conseguir este amor de Jesus. Por que há-de deixar passar ao lado esta corrente de amor, quando ela quer encher a sua alma?

PODEREMOS FALAR COM DEUS?

Um grupo de homens que andavam em cordas bambas chegaram um dia a uma aldeia da Suávia e pediram para fazer um espectáculo nessa noite. O seu equipamento estava já a postos e uma longa corda estava esticada muito acima do ringue, quando passou uma mulher com o seu filho. No seu sotaque típico da região, a criança perguntou: «As pessoas podem mesmo andar em cima duma corda, mamã?» «É claro que podem,» — disse ela — «mas têm de saber fazer isso. Eu não podia andar, porque não sei como se faz!»

Poderemos nós falar com Deus? A nossa pequena história leva-me a dizer:

1. Podemos, se soubermos como!

Tal como a mãe daquela criança, muitas pessoas têm de admitir: «Eu não sei como!»

Poderemos nós falar com Deus? É claro que podemos! Deus está muito perto de nós e por isso podemos conversar com ele. Você pode falar com o sr. Silva, então por que não poderia falar com o Deus vivo? Ele está tão perto como isso...

Mas saberá você *como* falar com Deus?

Quando eu era criança, aprendi este coro:

Criancinhas, alguém vos ama,
Lá em cima, além do azul...

E eu costumava pensar: «Que adianta orar? Eu nunca conseguiria falar tão alto que Deus me ouvisse lá no céu!»

Os russos são sempre sarcásticos a este respeito. «Nós mandámos os nossos sputniks para o espaço.» — dizem eles. «Se Deus realmente existisse, tínhamo-lo visto.» Multidões de homens e mulheres estão confusos. «Onde está Deus?» — perguntam eles. «Estará realmente para além do céu azul? A que distância? A cem, a mil quilómetros de distância?»

Quero que este ponto fique bem claro: Em nenhum ponto da Bíblia foi alguma vez usada a expressão «além do céu azul». A Bíblia diz algo totalmente diferente, quando declara. «Deus não está longe de cada um de nós.» Noutra passagem, lemos: «Tu cercas-me — por detrás e pela frente.» Nós não podemos compreender isto, a não ser que tenhamos em conta que os nossos sentidos só podem perceber um mundo a três dimensões. Deus, contudo, está noutra dimensão — mas, ao mesmo tempo, está muito perto de nós.

É claro que nós podemos falar com Deus! Como no caso de andar sobre a corda bamba, acontece o mesmo com a oração. Poderemos orar, se soubermos como! A grande parte dos homens e mulheres de hoje tem de admitir: «Eu não sei orar!» E você? Por que não é absolutamente sincero, ao menos uma vez? A verdade é que não faz ideia de como deve orar, porque se fizesse, estaria a orar.

Esta é uma das mais alarmantes características do século XX. A nossa geração perdeu a capacidade de orar e, como resultado disso, perdeu a capacidade de crer. O bem conhecido autor alemão Franz Werfel escreveu um romance intitulado «O Céu Profanado». Uma frase desse livro ficará para sempre gravada na minha memória, enquanto eu viver. Diz ela: «O sinal típico dos tempos modernos é a *insensatez metafísica* do homem.» Com o termo «metafísica» ele quer referir as realidades eternas, que pertencem a outra dimensão. O homem tem sido tão stupidificado pela rádio e televisão, conversa fiada, propaganda, ideologias de toda a espécie, políticas, vizinhos e tensões no trabalho, que já não consegue aperceber-se da proximidade de Deus ou da possibilidade de comunicar com ele.

Será possível falar com Deus? Seria, sem dúvida, possível, se a mente das pessoas ao longo do século passado não tivessem sido drogadas com tanto racionalismo.

Um rapaz de 16 anos falou-me acerca de um dos incidentes mais terríveis que tinha presenciado, quando era soldado durante a guerra. Depois dum raide aéreo, ele foi o primeiro a sair do abrigo e, portanto, foi ele que encontrou um dos colegas estendido no chão, com o abdómen esfacelado. O rapaz queria ajudá-lo, mas o colega ferido

disse: «Não vale a pena tentar ajudar-me. Eu vou morrer. Preciso é de alguém que ore comigo. És capaz de orar comigo?» O rapaz respondeu: «No grupo dos pioneiros de Hítler fui ensinado a blasfemar, não a orar!» Correu então a chamar o capitão, gritando: «Meu Capitão, venha cá depressa!» O oficial ajoelhou-se ao lado do homem com os intestinos a sair do ventre aberto e perguntou-lhe: «Que posso fazer por si, amigo?» «Eu vou morrer, meu capitão. Por favor, ore por mim!» «Que coisa horrível!» — exclamou o capitão. «Se há alguma coisa que não sei fazer é orar!» E correu a chamar o tenente.

Por fim, todos os soldados estavam em fila, segundo a categoria de cada um, à volta do moribundo. Lá estavam eles, aqueles duros soldados, tão seguros de si próprios, peritos em contar anedotas sujas e em praguejar. E, contudo, nenhum deles sabia orar. Nenhum deles era mesmo capaz de recitar o «Pai Nosso».

O rapaz acrescentou: «Ali, de pé, fiz o voto de que a primeira coisa que faria, se saísse vivo daquela horrível guerra, seria procurar um lugar onde pudesse aprender a orar. Eu não quero morrer de um modo tão miserável como aquele soldado!»

Foi a este ponto que chegámos.

A posição social não faz qualquer diferença. O administrador pensa que é demasiado inteligente para orar e o trabalhador é dominado pelo livre pensamento. Nós já não conseguimos orar. Aquilo que Franz Werfel define como «insensatez metafísica do homem» é uma grande tragédia. Não admira que caiamos e fiquemos transtornados quando somos atingidos pelo mais leve golpe.

Em diversas ocasiões, quando Essen estava a ser bombardeada, aconteceu eu estar no mesmo abrigo de raides aéreas com certas pessoas que falavam alto e aclamavam ruidosamente «a vitória final», «o nosso maravilhoso Führer» e «a grandeza do Terceiro Reich». Mas quando as bombas começavam a cair, essas mesmas pessoas gritavam de terror. Nós cristãos orávamos com elas e cantávamos hinos para as ajudar a aguentar a tensão, pois elas próprias não sabiam orar. Não sabiam como! É horrível não saber orar.

Um dia estava eu sentado com um homem inteligente e culto que afirmou, com um sorriso: «Pastor Busch, a verdade é que o orar não serve de nada!» «Deixe de dizer tolices!» — disse-lhe eu, bruscamente. Estupefacto, ele perguntou: «Que lhe aconteceu?» Eu respondi: «Você lembra-me alguém a quem amputaram uma perna e que diz. "Não serve de nada esquiar!" Tal como ele, você não sabe do que está a falar!»

Estou pronto a discutir as vantagens de esquiar com alguém, mas não com um homem que sofreu a amputação duma perna. E, no entanto, é exactamente isso que nós fazemos, quando se trata de orar. Nós não sabemos nada a esse respeito, mas mesmo assim dizemos: «Não adianta orar.» Quanto mais miseráveis somos, mais espertos tentamos parecer!

Quando vejo a letargia em que a nossa pobre nação caiu, não só fico cheio de ira, mas também com profunda tristeza. Preocupa-me também o facto de que a igreja parece assumir que toda a gente ainda sabe orar. É provável que aconteça o mesmo na vossa igreja: no Natal vemos lá pessoas que normalmente nunca entram a porta duma igreja. As nossas igrejas estão lotadas no Natal! E quando o pastor diz, «Oremos» — é isso que me perturba — então todos inclinam a cabeça e dão as mãos. Apetece-me gritar: «Deixem-se de fitas! Menos de uma pessoa em cada dez das que estão aqui sabe orar. Vocês estão simplesmente a representar!» Estarei certo ou errado?

Acontece o mesmo em alturas de casamentos ou funerais. O pastor diz «Oremos» e os homens lá ficam de chapéu na mão, pensando que olhar para o chapéu é o mesmo que orar. Mas logo que o culto acaba, encaminham-se para o bar mais próximo para beber um copo!

Quando estava a servir no exército, em 1914, recebemos ordem para ir à igreja. Antes de irmos, o ajudante deu-nos as seguintes instruções: «Vocês vão para os bancos, sem fazer barulho. Lá, fiquem de pé, de boné na mão, e contem lentamente até 12. Depois sentem-se.» As pessoas que nos observavam devem ter pensado que nós orávamos com muito fervor! Na realidade, estávamos simplesmente a contar lentamente até 12, antes de nos sentarmos! Fico com a impressão de que quando há casamentos as pessoas nem mesmo contam até 12, quando o pastor diz «Oremos». Dói-me o coração só de lembrar que dantes as pessoas costumavam orar mesmo, e não fingir, quando ouviam a palavra «Oremos».

O famoso explorador da África Central, David Livingstone, um dos maiores homens da história, conhecido pela sua coragem, inteligência e conhecimentos — morreu assim: acompanhado dos seus únicos carregadores nativos, Livingstone tinha penetrado profundamente no coração da África. Numa manhã, os rapazes acabaram de empacotar o material e desmontaram as tendas. Só a tenda de Livingstone continuava de pé. Os seus fieis amigos sabiam que todas as manhãs Livingstone orava, falava com o seu «Tuan»

celestial — o seu Deus. Naquela manhã, contudo, o seu tempo de oração estava a prolongar-se mais do que o normal. A certa altura, o chefe dos carregadores aventurou-se a espreitar por uma frincha da tenda. E o que é que viu?» O seu senhor — ainda de joelhos. Esperaram até à tarde antes de ousarem entrar na tenda. Livingstone continuava de joelhos, mas o seu coração tinha deixado de bater.

Este grande e inteligente homem morreu de joelhos, orando. Mas o pequeno burguês, em vez de admitir que já não sabe orar, ousa afirmar que não adianta fazê-lo. Livingstone sabia orar e morreu a orar. Nós, contudo, morremos no hospital, ajudados por injeções hipodérmicas. Não poderíamos enfrentar a morte, se os nossos médicos não nos ministrassem drogas. Livingstone não precisou delas. Estava habituado a falar com Deus. E foi enquanto falava com Deus que entrou na eternidade.

E que dizer da oração familiar? Na nossa casa — nós éramos oito filhos — fazíamos assim: De manhã, toda a família se reunia antes do pequeno-almoço. Depois de cantarmos um hino, líamos uma passagem das Escrituras e o meu pai terminava com oração. Mesmo quando eu perdi o interesse em Deus, nunca me abandonou o pensamento de que em casa a família orava por mim. E quando, já oficial, abandonei tudo e comecei a cair, as orações dos meus pais sustentaram-me.

Será que você faz um culto com a sua família, em casa? Pais, um dia, Deus chamar-vos-á a contas e considerar-vos-á responsáveis pela perda da vossa mulher e filhos, se não tiverem administrado devidamente a vossa casa. Como é que começam o dia? Com um hino, leitura bíblica e oração?

Um importante homem de Essen pediu-me um dia que o visitasse em sua casa. Ali, sentado ao lado da esposa, ele disse: «Aconteceu-me uma coisa estranha no outro dia. O nosso filho de 16 anos veio para casa, numa reunião de jovens, e perguntou-nos: "Por que é que nós nunca oramos em casa?" "Tudo isso" — expliquei eu — "é mera formalidade. Não tem qualquer valor." Ele continuou a interrogar-me: "O que pensa do Espírito Santo?" "Bem, nada. Absolutamente nada!" "É esse" — disse enfaticamente o nosso filho — "o problema da nossa família. Nós precisamos dum pai que saiba pedir o Espírito Santo."»

Foi esta a história que o senhor me contou. Perguntei-lhe então: «Quer que eu tenha uma boa conversa com o seu filho por ter sido malcriado com o pai?» «Não.» — respondeu ele. «Se o meu filho está certo, então eu estou numa posição muito má.» Eu só pude responder:

«Sim, você está numa situação séria. O seu filho tem razão.» «Era isso que eu temia.» — admitiu ele. «Que hei-de fazer?»

Aquele homem acabava de compreender que não tinha cumprido o dever fundamental dum pai. Não basta vestir e alimentar simplesmente os filhos. Pais, a vossa responsabilidade vai além disso! Sabem orar?

Há uma lenda que é bem conhecida dos marinheiros. Essa lenda diz que um barco fantasma vagueia pelos sete mares. Embora não tenha tripulação nem comandante, nenhuma tempestade conseguiu ainda afundá-lo. Imagine que outro barco o vê aparecer de repente no horizonte. Que faria o comandante? Tentaria contactá-lo pela rádio, claro, mas não receberia qualquer resposta.

Nós somos como o barco fantasma. Deus procura entrar em contacto connosco. Usa todo o tipo de eventos e experiências para nos alcançar, especialmente a sua Palavra, a Bíblia. Nós, porém, não sabemos comunicar com ele. Somos barcos fantasmas! É isso que nós somos!

Um dia, quando falava sobre este tema, uma criança perguntou à mãe: «Mãezinha, por que é que aquele homem nos está a falar assim?» Eu espero que vocês entendam que a minha intenção não é ridicularizar ninguém. A verdade é que o meu coração arde de compaixão pela nossa pobre nação ao ver no que ela se tornou — intelectuais e operários, homens e mulheres, jovens e velhos. Nós somos pessoas que já não sabemos clamar a Deus. Contudo, Deus ainda está muito perto — à distância duma oração!

Muitos homens e mulheres apresentam-se como cristãos e afirmam estar em relação com a igreja, mas de orar não sabem nada. Nas minhas visitas pastorais tenho encontrado muitas vezes pessoas que dizem: «Nós somos bons crentes, Pastor Busch. A minha mãe conheceu o Pastor Fulano, muito bem. O senhor também o conheceu? Não?! Oh, a minha mãe conheceu-o muito bem!»

A minha resposta seria: «Se você não conhece Jesus pessoalmente, irá direitinho para o inferno, juntamente com o seu pastor Fulano. O importante é se sabe ou não invocar o nome do Senhor, se sabe ou não orar.» Peço-lhe que faça a si próprio esta pergunta: «Saberei eu orar? E oro?»

Talvez você esteja a ponto de dizer: «Basta, Pastor Busch. Diga-nos como podemos aprender a orar.» Estou a chegar exactamente a esse ponto.

2. Como podemos aprender a orar?

a) O grito dum recém-nascido

Como é que aprendemos a falar? Lembra-se das suas primeiras tentativas? Não? Eu também não! Mas se quiser aprender a orar, tem de entoar primeiro o grito do recém-nascido. Deixe que eu explico. Numa ocasião, o Senhor Jesus contou a seguinte história. Dois homens foram à igreja, ao mesmo tempo. Um deles era um homem distinto e influente. Foi logo para a frente e começou a orar: «Senhor, agradeço-te por ser um bom homem...» Deus não ouviu mais nada! Embora ele continuasse a falar para sua própria satisfação, o seu discurso caiu em ouvidos surdos. *Deus não estava a ouvir.*

O outro homem não era um indivíduo muito recomendável: um tipo de vadio — um contrabandista, um jogador, ou qualquer coisa do género — Pertencia à escória da sociedade (A Bíblia chama-lhe publicano; por outras palavras, um cobrador de impostos). Tocado pela solenidade do lugar, no momento em que entrou, o pobre homem sentiu-se dominado pelo medo. Mantendo-se junto da entrada, pensou: «Este lugar não é para mim. O ambiente alegre do bar da esquina condiz melhor comigo; sinto-me à vontade na taberna, mas aqui, não!» Estava já para se levantar, quando de repente se lembrou do motivo que o levava lá. Tinha uma profunda sede de Deus. (Não estaremos todos nós na mesma situação? Ansiosos por voltar a casa, ansiosos por voltar para junto do nosso Pai?) Não, ele não se podia ir embora! Nem podia avançar. As lembranças do tipo de vida que tinha vivido até ali invadiram-no e só conseguiu juntar as mãos e murmurar esta pequena oração: «Oh, Deus, tem misericórdia de mim, pecador!» A Bíblia diz que nesse preciso momento os exércitos do céu começaram a cantar de alegria. Um homem tinha encontrado a vida!

«Pequei.» É esse o grito do recém-nascido.

Eu assisti ao nascimento do meu filho mais velho. Foi um parto muito difícil e não pude deixar de pensar nas palavras de Jesus: «A mulher que está para dar à luz tem dores, porque a sua hora chegou.» Por vezes, parecia que a mulher que eu amava e cuja cabeça segurava, perdia por completo as forças. Então, de repente, ouvi um leve grito. A criança já estava ali! O seu gemido não era uma melodia harmoniosa, mas quando o ouvi, relaxei e chorei. Compreende-me, não é verdade? Eu fiquei dominado por aquele choro; o primeiro choro duma nova vida.

O primeiro grito dum pessoa que nasce de novo — por outras palavras, do homem ou mulher que finalmente vem para a luz da verdade, é este: «Pequei. Oh, Deus, tem misericórdia de mim, pecador.» Todas as litâneas serão inúteis, se você não começar com o grito dum recém-nascido. Eu nunca vi uma criança começar com uma conversa longa. No princípio, há sempre o grito do recém-nascido. Passa-se exactamente o mesmo com a pessoa que entra no reino de Deus.

Já deu o grito do recém-nascido? Não? Então, vá para um lugar calmo e pense seriamente nestas coisas. Eu não estou a fazer propaganda dum igreja. Eu estou aqui para deter alguns daqueles que se dirigem para o inferno. Você não será detido, se não der o grito do recém-nascido: «Pequei. Oh, Deus, tem misericórdia de mim, pecador.»

Quando o filho pródigo da Bíblia voltou a casa, a primeira coisa que disse ao pai, foi: «Pai, pequei contra o céu e perante ti.» Logo que você tenha pronunciado estas palavras, Jesus, o Filho de Deus, lhe dirá: «Meu amigo, eu morri pelos teus pecados. Eu já paguei a tua dívida.»

b) Só um filho de Deus sabe orar

Um dia encontrei um amigo que tem três lindos filhos: um rapaz e duas meninas. Enquanto vinham na minha direcção, notei que os filhos bombardeavam o pai com perguntas e comentários, ao ponto de o pobre homem ter dificuldade em responder. Quando cheguei junto deles, disse-lhes: «Olá, sr. Fulano! Olá, meninos!» Logo que ouviram a minha voz, como que por magia, as crianças deixaram de falar. Eu era um estranho e isso bastou para os calar. Em geral, a criança só se sente à vontade para falar na presença do pai e da mãe. Fica receosa ou tímida diante dum estranho.

O mesmo acontece connosco. Só conseguimos orar, quando somos filhos de Deus. Por isso, se não sabemos orar, podemos concluir que não somos filhos de Deus.

Oh, eu sei, nós somos cristãos devotos! Já fomos confirmados, vamos à igreja no dia de Natal, cumprimos o pastor ou o padre com respeito. Um dia, um evangelista descreveu assim certas pessoas: «São lebres baptizadas!» Quando alguém lhe perguntou o que queria dizer, respondeu: «Se apanharem uma lebre e a baptizarem, ela voltará para os campos logo que a soltarem. Há pessoas que fazem exactamente o mesmo. Mal são baptizadas, fogem de novo para o mundo.»

Quando as coisas se passam deste modo, as pessoas não conseguem orar. Só um filho de Deus sabe realmente orar. Só um filho de Deus pode, portanto, ser verdadeiramente feliz.

É por isso que nós temos de nos tornar filhos de Deus. Nenhum de nós nasce filho de Deus. Pode-se ter aparência de cristão sem se ser filho de Deus. Tornamo-nos filhos pelo nascimento; e tornamo-nos filhos de Deus só pelo novo nascimento. Temos de nos tornar filhos de Deus para sabermos orar. Um filho de Deus não pode viver sem oração. Para ele, a oração é como a respiração. Os meus jovens dizem por vezes uns para os outros, a brincar: «Agora, não te esqueças de respirar!» Mas *você* negligencia a respiração da alma; esquece-se de orar. É essencial que se torne primeiro um filho de Deus.

Como é que nos tornamos filhos de Deus? Numa palavra — apenas por Jesus Cristo. Foi ele que disse: «Eu sou a porta; aquele que entrar por mim, salvar-se-á.» Do espesso nevoeiro deste mundo, Jesus vem até si — Jesus, o homem que tem as cicatrizes dos cravos no corpo. Até agora, você não tem sentido grande interesse por ele e o que já ouviu a seu respeito parece-lhe completamente irrazoável, sem sentido. Mesmo assim, Jesus vem ao *seu* encontro. Talvez você se sinta primeiramente impressionado ao ver quem é Jesus. Depois conseguirá dizer-lhe: «Tu és um homem que vem doutra dimensão; tu és o Filho do Deus vivo; tu não és senão o meu Salvador.»

O *primeiro passo* que tenho de dar para me tornar filho de Deus é reconhecer Jesus como meu Salvador. O *segundo passo* é adoptar uma atitude de confiança em relação a Jesus: confiança em que ele voltará a pôr a minha vida em ordem, me livrará da angústia, do meu sentimento de culpa, dos pecados da minha juventude.

Um santo do Velho Testamento exclamou: «Tu cuidas da minha alma.» De repente, sentimos tal confiança em Jesus que conseguimos desprender-nos do nosso passado e entregar toda a nossa vida ao seu cuidado. É a isso que chamamos «conversão». Foi isso que eu experimentei quando, aos 18 anos, abandonei a minha vida de pecado e me coloquei nas mãos de Jesus. Ninguém podia dar esse passo por mim. E eu também não o posso dar por si. É uma questão pessoal entre cada um de nós e Deus. Por que não tomar já a firme decisão de o seguir a partir de agora?

No preciso momento em que der esse passo, tornar-se-á um filho de Deus. Embora alguns creiam que podemos ser salvos por outros meios, eu repito que só há uma porta pela qual podemos entrar no reino de Deus. É Jesus Cristo que morreu e ressuscitou por cada um

de nós. Dê um passo na direção de Jesus e ele o receberá de braços abertos. Não hesite mais!

Logo que se tornar um filho de Deus saberá orar. A sua miséria terminará, porque poderá derramar o seu coração diante de Deus. Poderá falar-lhe como um filho ao pai.

Eu sou pastor há muitos anos e tenho lidado com muitas pessoas. Estou convencido de que cada indivíduo esconde bem no íntimo do seu coração algum segredo que leva consigo por toda a parte. Mas quando me torno filho de Deus, abro o meu coração a Jesus e posso compartilhar com ele esse meu segredo: o pecado que não consigo abandonar, a minha relação amorosa ilícita, a lembrança dum erro que me persegue. Posso compartilhar com Jesus as coisas que nunca ousaria partilhar com qualquer outra pessoa.

No fim dum acampamento de jovens, vários deles falaram-nos acerca de experiências que tinham tido. Um rapaz de 18 anos disse isto: «Embora me considerasse cristão, estava a ponto de abandonar tudo. Uma noite, antes de ir para o estudo bíblico, orei: "Senhor Jesus, se não me falares pessoalmente esta noite, vou pôr tudo de parte. Não conseguirei enfrentar os meus problemas, principalmente os que encontro nesta grande cidade, se tu não me iluminares."» O jovem continuou a sua história: «Quando cheguei a casa nessa noite, tudo se tornou claro para mim. O Senhor tinha respondido à minha oração e tinha-me falado pessoalmente.» A história desse jovem tocou-me bem fundo. Na sua dúvida e desespero ele tinha clamado a Jesus — e fora atendido!

Quanto mais não seremos nós ouvidos, quando oramos como filhos de Deus!

A minha mãe vivia em Hulben, perto de Urach, na região do Jura suábio. Um dia, durante a guerra, ela escreveu-me: «Acordei às 3 da manhã e, de repente, comecei a pensar nos meus filhos que estavam na frente da batalha, nos meus netos, em ti, na zona dos bombardeamentos, e na Elisabete, no Canadá, de quem não tenho tido notícias. O meu coração encheu-se de medo. Senti-me como se alguém me estivesse a sufocar com luvas de ferro. Incapaz de suportar isso por mais tempo, comecei a orar: "Senhor Jesus, diz-me alguma coisa. Eu não consigo aguentar o peso dos meus temores." Acendi então a luz, peguei na Bíblia (feliz a pessoa que tem sempre a Bíblia na mesinha de cabeceira) e abri-a. Os meus olhos caíram neste texto: "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós."» A carta da minha mãe terminava com estas palavras: «Então, pus tudo nas mãos do Salvador, apaguei a luz e adormeci.»

Não é maravilhoso? Quando somos filhos de Deus podemos ter este tipo de experiência.

Lembro-me de a minha mãe me dizer um dia: «Ontem à noite, estava tão cansada que nem consegui orar. Só disse: "Boa noite, querido Salvador!"» Ao ouvi-la, pensei: «É assim que os filhos de Deus falam com o seu Salvador — com toda a naturalidade.» Deus vela de facto pelos seus filhos. Dia e noite o meu Salvador está ao meu lado, porque eu sou seu filho. Posso contar com ele, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Será que vê tudo isto claramente?

É trágico não saber orar. Por isso, espero que você dê o grito do recém-nascido: «Senhor, eu pequei. Tem misericórdia de mim, pecador.» E espero que não descanse enquanto não se tornar realmente filho de Deus, enquanto não pertencer a Jesus Cristo.

Então, e só então, deixarei de me preocupar consigo.

EU NÃO CONSIGO CRER!

1. Ninguém pode passar sem fé

Ora, logo de início quero dizer-lhes uma coisa: ninguém pode viver a vida sem fé em Deus. E não sei o que aconselhar, simplesmente porque não se pode fazer nada para ajudar a pessoa que não crê em Deus.

Deixem-me explicar porquê...

Para algumas pessoas, Deus parece ser apenas um conceito teológico ou filosófico, ou alguma força da natureza. Na realidade, Deus é pessoal. Ele está bem vivo e enche todo o universo com a sua presença. E se eu ainda não me reconciliei com Deus, se não acertei a vida com ele, se ainda não sou seu filho, então estou a perder o grande propósito da vida. Isto é de facto muito sério.

Na minha vida fez-se luz quando eu era um jovem oficial na Primeira Guerra Mundial. De súbito, compreendi. Deus está aqui! Senti-me como se tivesse conduzido um carro directamente para um muro de tijolo. Até ali, tinha fingido, como muitos fazem, que acreditava em Deus, mas não me tinha apercebido do facto de que Deus era real. Então, num momento, encontrei-me frente a frente com a realidade de Deus.

Um dos salmos da Bíblia descreve a realidade de Deus em termos bastante fortes. Façamos o que fizermos, não podemos escapar de Deus. «Se eu subir aos céus, tu aí estás.» O astronauta americano John Glenn declarou que o que o tinha impressionado mais na sua cápsula espacial foi este pensamento: Deus está aqui também! «Se eu subir aos

céus» — ou se viajar pelo espaço exterior — «tu aí estás!» Ou se eu me esconder uma milha abaixo do chão, na galeria mais funda duma mina — encontrarei Deus também lá. O salmista vai mesmo mais longe, quando diz: «Se eu descer ao lugar dos mortos, tu aí estás.»

Recentemente, fui de avião para a Califórnia. A minha esposa tinha-me deixado uma nota na pasta, com um versículo deste salmo. Eu li-o quando tirei as coisas da mala, em S. Francisco. «Se eu voar nas asas da aurora, se eu habitar no distante mar, mesmo aí a tua mão me guiará.»

Sim, Deus é uma grande realidade.

E como Deus é uma grande realidade, eu não posso simplesmente ignorá-lo e continuar como se nada fosse. Se continuar a viver como se Deus não existisse; se continuar a viver contrariamente às suas leis — não tendo em conta o santo dia do Senhor, cometendo adultério, mentindo, não respeitando os meus pais e nem mesmo o nome do Senhor — então não estou a atingir o propósito da vida. Em tais circunstâncias, não poderei estar à altura da vida.

Olhem à vossa volta! É evidente que as pessoas não conseguem encontrar um escape para as suas dificuldades, nem mesmo aqueles que ganham muito dinheiro. Todos andam preocupados. Nada corre bem nas suas vidas privadas e tudo vai mal a nível da vida familiar.

Como é que podemos continuar a viver sem fé em Deus? Nós não estamos à altura da vida e somos impotentes diante da morte.

Nenhum de nós estará a viver daqui a cem anos. Todos teremos atravessado para o outro lado. Não restam dúvidas acerca disso! «Mas uma vez no túmulo, tudo terá acabado» — poderá pensar. «Estaremos mortos, e pronto.» Se é isso que crê, então pare um minuto e pense. Em que deve apoiar-se no que toca à morte: nas suas próprias ideias? ou na Palavra de Deus? Como poderá enfrentar a morte, se este pensamento se apoderar subitamente de si: «Não posso levar nada comigo do que guardei.»? Talvez você tenha construído uma pequena casa; ou, como no meu caso, tenha juntado uma grande colecção de livros. Mas a verdade é que não pode levar consigo nada do que gosta, como também não pode levar nenhum dos seus entes queridos. Só há uma coisa que podemos levar connosco para a eternidade: é a nossa culpa diante de Deus.

Tente imaginar-se no seu leito de morte, com este pensamento a passar-lhe constantemente pela cabeça: «Vou ter de deixar tudo atrás. Tudo... excepto as transgressões e pecados que cometi desde a minha juventude. As minhas más acções vão seguir-me mesmo até à

presença do Deus santo e justo!» Como poderá ser absolvido no tribunal de Deus, se não crê naquele que pode justificar o pecador? Nunca se esqueça disto: um dia você terá de comparecer diante de Deus!

O Senhor Jesus, embora tão misericordioso, disse um dia: «Não temais os que matam o corpo» (Mas eu tenho medo deles). «São apenas o peixe miúdo» — sugeriu Jesus. «Não tenham medo deles! Temam, sim, aquele que pode destruir o corpo e lançar a alma no inferno.» E como se tivesse sentido um arrepio, só de pensar nisso, Jesus repetiu: «Sim, digo-vos, temei esse.»

Um bem conhecido erudito, chamado Ole Hallesby, viveu na Noruega há alguns anos. Tive o privilégio de o conhecer. Era uma pessoa extraordinária. Em certa ocasião, ele apresentou uma série de palestras na rádio nacional, durante toda uma semana, à noite. Imagino-o facilmente diante do microfone a dizer: «Vocês podem deitar-se a dormir calmamente esta noite e acordar no inferno amanhã de manhã. É meu dever avisá-los. Estas palavras desencadearam uma série de protestos. Um jornalista do maior jornal diário de Oslo escreveu um editorial nestes termos: «Nós já não estamos na Idade Média. É inadmissível que uma invenção moderna como a rádio seja usada para espalhar tolices deste tipo.» Quando um jornal importante publica um artigo assim, todos os jornais mais pequenos lhe seguem o exemplo. Em breve toda a imprensa estava a repetir: «Nós já não estamos na Idade Média. Como é que um erudito do nosso tempo pode falar no inferno?!» A controvérsia estava acesa.

Finalmente, a Rádio Oslo teve de pedir ao Professor Hallesby para clarificar a sua posição. Ele voltou ao microfone e disse isto: «Tenho de clarificar as minhas afirmações! Muito bem! Eis o que se me oferece dizer: Vocês podem deitar-se hoje calmamente na cama e acordar no inferno amanhã de manhã. É meu dever avisá-los.»

Essa foi a última acha na fogueira!

Então, todos os bispos noruegueses foram questionados. «O inferno existe, ou não?» Mesmo a revista alemã «Der Spiegel» pegou no debate e publicou um longo artigo com o título «A Contenda Sobre o Inferno na Noruega».

Menos de um ano depois dessa tempestade, estive em Oslo para fazer uma série de conferências com estudantes e também diversas reuniões públicas à noite. Logo que cheguei, tive de dar uma conferência de imprensa. Os representantes dos diferentes jornais tinham-se reunido no meu hotel. Curiosamente, à minha direita ficou o jornalista

que estivera na origem dessa controvérsia e à minha esquerda o Professor Hallesby, representando a imprensa protestante. Começaram então a fazer-me perguntas. O jornalista à minha direita foi o primeiro a atacar: «Pastor Busch,» — disse ele — «eu discordo em absoluto do Professor Hallesby. O senhor é um homem moderno. Na sua opinião, o inferno existe mesmo? Sim ou não?» «É claro que o inferno existe. É lógico.» «Ora, ora. Como é que pode ter tanta certeza disso?» Eu continuei: «Terei todo o prazer em explicar. Creio que o inferno existe, porque Jesus afirmou isso. E eu acredito plenamente no que Jesus disse. Ele sabia muito mais a respeito disso do que todos os nossos intelectuais.»

A Palavra de Deus declara: «Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.» Deus mostra-nos na Sua Palavra como podemos viver e morrer em paz. É por isso que insistimos na necessidade de crer. Como poderei continuar a viver e a enfrentar os meus problemas, se não tenho fé?

Não há qualquer saída!

Deixem-me explicar isto doutra maneira. Suponhamos que um de vocês tem um peixinho dourado. Um dia, surge-lhe uma ideia brilhante: «Pobre peixinho» — diz você. «Deve ser horrível ter de estar sempre em água fria. Espera um momento. Vou ver o que posso fazer por ti.» Tira então o peixinho da água, seca-o com uma toalha e põe-no numa linda gaiola dourada. Dá-lhe a melhor comida para peixinhos dourados e diz: «Peixinho, estás numa bela gaiola dourada, com comida saborosa e bom ar fresco. Agora, a vida é ótima para ti!» Que acha que o peixinho vai fazer? Abanar as barbatanas e dizer — «Obrigado! Muito obrigado!»? É claro que não! Vai debater-se desesperadamente para conseguir respirar. E se pudesse falar, diria: «Não quero a tua gaiola dourada nem a tua comida especial. Quero voltar para o meu elemento natural — a água.»

Ora, o nosso elemento específico é o Deus vivo, que criou os céus e a terra e que nos criou também a nós. «Toda a vida vem de Deus», diz uma canção patriótica suíça. Deus é o nosso elemento, mas enquanto eu não fizer as pazes com Deus, a única coisa que consigo fazer é arranjar uma gaiola dourada para a minha alma. Compreende o que quero dizer, não é verdade? O homem do nosso tempo oferece à sua alma tudo o que acha fantástico — prazeres de todo o tipo, viagens ao estrangeiro, boas comidas e bebidas. Mas a nossa alma debate-se dentro de nós e suspira: «Na verdade, eu não quero nada disto. Quero estar no meu elemento; quero estar em paz com Deus.»

Não seja tão cruel consigo próprio. O seu coração estará sempre ansioso, enquanto não descansar no Deus vivo. Como o peixe quer viver no seu elemento natural, assim a nossa alma quer estar em Deus. Só então se sentirá à vontade. Como é que podemos viver, se não cremos em Deus? Só posso responder que não há qualquer saída, nem nesta vida, nem na morte, nem na eternidade. Poderá objectar, dizendo que há muitas pessoas que parecem viver muito bem. Na minha opinião, isso ainda está para se ver! Pense, por exemplo, num homem como Goethe, poeta alemão. Era simpático, rico e inteligente e tinha tudo o que se poderia desejar. Porém, no fim da vida, Goethe confessou a um amigo que se fosse a juntar todas as horas de verdadeira felicidade que tivera ao longo da existência, elas nem somariam três dias. Goethe não tinha paz.

É bem verdade que não podemos viver sem fé.

2. É vital ter uma fé verdadeira

O que realmente importa é que a pessoa tenha uma fé autêntica: a fé que salva.

É um facto inquestionável que todo o ser humano crê em alguma coisa. Eu estava um dia em casa, nos meus tempos de estudante, quando uma senhora veio visitar a minha mãe. Como ela tinha saído, eu disse à senhora: «A minha mãe ainda não está aqui, por isso acho que a senhora tem de tratar o assunto comigo.» «É muito amável!» — respondeu ela, delicadamente. Quando a convidei a sentar-se na sala-de-estar, a senhora perguntou-me: «E que é que você faz na vida?» Eu disse-lhe que estudava teologia. «O quê?!» — exclamou ela. «Teologia? Quem acredita em qualquer coisa hoje? É impossível. Nós temos a fé de Goethe.» (Isto aconteceu em Frankfurt, a cidade onde Goethe tinha vivido). «O cristianismo está antiquado, está acabado!» — declarou orgulhosamente a senhora. Nós estávamos a mergulhar em águas profundas, e como eu não queria começar uma discussão, mudei de assunto. «Posso perguntar-lhe como está de saúde?» Ela respondeu rapidamente, tocando ao mesmo tempo de leve na mesa. «Muito bem... longe vá o agoiro! Mas veja, jovem, não deve fazer essas perguntas!» «Perdão,» — disse eu — «mas por que é que a senhora disse "Longe vá o agoiro"?» «Para evitar o azar.» «De verdade?» exclamei eu. «A senhora rejeitou a fé no Deus vivo, mas tem fé nessas palavras. Isso é estranho. Espero que tenha beneficiado com a troca!»

Nesse dia compreendi que toda a gente tem qualquer tipo de fé. Mas resta saber se é uma fé verdadeira, uma fé que salva. As pessoas do nosso tempo dizem que o mais importante é acreditar. Há quem diga: «Eu creio no bom Senhor!» Outros afirmam: «Eu creio na natureza!» E ainda outros declaram: «Eu creio no destino!», ou «Eu creio na providência!»

Não, meus amigos, não é isso! O principal é ter fé autêntica, a fé que traz paz: paz ao coração. Eu preciso duma fé que me salve do inferno, cujo efeito eu possa sentir agora mesmo por me ter dado uma nova vida. Se eu tiver qualquer outro tipo de fé, devo considerá-la inútil.

Houve tempos em que muitos de nós, alemães, acreditávamos na Alemanha, no *Fuhrer* e na vitória final. E em que é que tudo isso deu? Não vêem que a fé pode ser falsa?

Mas a fé autêntica — aquela que salva — é, numa palavra, a fé em Jesus, que não é outro senão o Filho do Deus vivo. Fé em Jesus Cristo. Não fé no fundador duma religião — e há bastantes — mas a fé em Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo.

Há na Bíblia uma linda história que ilustra perfeitamente o que é na realidade esta fé salvadora em Jesus. Na vossa imaginação, recuem comigo dois mil anos, até Jerusalém — saindo pelas portas da cidade até ao monte chamado Calvário (que significa «Lugar da Caveira»). Não prestem atenção à multidão histérica e em gritos, ou aos soldados romanos de guarda, que lançam sortes sobre as roupas dos condenados. Ergam os olhos. Na cruz do meio está cravado o Filho de Deus, com o rosto todo manchado do sangue que escorre da coroa de espinhos que lhe espetaram na fronte. É Deus que está ali suspenso! Na cruz da direita crucificaram um assassino; na cruz da esquerda está outro assassino. A noite cai rapidamente. A morte aproxima-se. De súbito, um dos dois homicidas, clama: «Ouve lá, tu que estás aí no meio. Disseste que és o Filho de Deus. Se isso é verdade e não és mentiroso, então desce da cruz e tira-me também a mim!»

Isto é bem fácil de compreender. Quando as pessoas estão às portas da morte, dizem coisas que nunca diriam noutras condições.

Então, o outro homicida fala também. Voltando-se para o companheiro, diz: «Tu nem aqui temes a Deus?»

É aqui que a fé tem de começar. Temos de reconhecer que Deus é santo e a sua ira é terrível.

Quando as bombas caíam nas nossas cidades, durante a última guerra, as pessoas ficavam chocadas e perturbadas. As igrejas talvez fossem culpadas disso por não as terem avisado de que a ira de Deus

pode ser terrível e que ele deixa as pessoas à vontade para fazerem o que querem, sem interferir.

Ainda não temes a Deus? Esta pergunta devia ser gritada dos telhados de todas as nossas cidades. Ainda não temes a Deus?

Devia ser ouvida por toda a parte. Ainda não temes a Deus? Em que estás a pensar? Estás cego?

É aqui que devemos começar: reconhecer que Deus é santo e que a sua ira é terrível.

Mas o segundo criminoso, o assassino, continua a falar: «Nós fomos condenados justamente; estamos a receber o que os nossos actos merecem.»

Este é o *segundo passo* que leva à fé e à salvação. Ele admite a sua culpa.

Encontro muitas pessoas que me dizem: «Eu não consigo crer!» E eu pergunto-lhes: «Já reconheceram que são culpadas aos olhos de Deus?» Então respondem: «Não tenho nada de que me sentir culpado!» E eu tenho de responder: «Você nunca verá a luz, se continuar a enganar-se a si mesmo.»

Recentemente, encontrei-me com alguém que se desculpou do mesmo modo. «Não tenho nada de que me sentir culpado!» disse ele. «Parabéns!» — respondi — «Já eu não posso dizer isso. Há sempre algo de errado na *minha* vida!» A pessoa atalhou: «Bem, naturalmente, se entrarmos em detalhes.» «Mas Deus entra mesmo em detalhes.» — foi a minha resposta — «Deixe de se enganar a si mesmo.»

Ninguém chegará a uma fé autêntica — a esta fé que salva — a não ser que encare o pecado tal como ele é: os seus hábitos sexuais irregulares — *fornicação*; as suas infidelidades conjugais — *adultério*; a sua falsidade — não perspicácia, mas *mentiras*; o seu egoísmo — não um amor próprio legítimo, mas uma forma de *idolatria*, por ter feito de si o seu próprio deus.

Deixe-me repetir que o segundo passo para a fé e salvação é chamar o pecado pelo seu verdadeiro nome e admitir diante de Deus que merece a sua condenação.

É alarmante ver quantas pessoas do nosso tempo se tentam convencer de que está tudo bem. Um dia, Deus terá de lhes remover as escamas dos olhos.

Por fim, o ladrão volta-se para Jesus e diz: «Tu, porém, não fizeste mal nenhum; por que é que estás a ser crucificado?» De repente, faz-se luz no seu espírito. «É por mim que ele está aqui pendurado na cruz; para remover o meu pecado.» E então clama, «Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.»

Ele deu assim o *terceiro passo*: acreditou que Jesus podia salvá-lo para todo o sempre. Acreditou que Jesus estava a sofrer o castigo que os seus pecados mereciam. É a resposta de Jesus é imediata: «Garanto-te que hoje estarás comigo no paraíso.»

Esta é a fé que salva: tomo consciência da santidade de Deus; reconheço que estou perdido; acredito que Jesus, que morreu na cruz por mim, é a minha única esperança de salvação. Sem esta fé, não há saída. Com esta fé, qualquer um pode ter a certeza de que sairá da confusão em que se encontra. Isto é tudo o que lhes posso dizer.

Tenho sido muitas vezes acusado de simplificar demais as questões. Só posso responder que lamento, mas a verdade é que não há qualquer outra maneira de nós vivermos a vida, confrontarmos a morte e comparecermos ante o tribunal de Deus.

Como pecador, eu não tenho qualquer alternativa senão ir a Jesus arrependido, confessar-lhe os meus pecados e repetir então com fé:

Eu creio, eu creio
Que Jesus morreu por mim.
E pelo seu sangue, seu precioso sangue,
Estou para sempre livre.

Nunca se esqueça destas palavras: *Jesus Cristo morreu por mim*. Quando acordar amanhã de manhã, elas devem estar a retinir no seu coração: Jesus Cristo morreu por mim! Enquanto vai fazendo todas as tarefas do dia, deve pensar nelas também: Jesus Cristo morreu por mim!

Chegará o dia, se Deus tiver misericórdia de si, em que você poderá louvá-lo e dizer, «*Por mim...* Sim, eu creio!» No instante em que tiver apreendido esta verdade, tornar-se-á filho de Deus. Com efeito, Jesus disse: «Eu sou a porta; quem entrar por mim salvar-se-á.»

Mas eu tenho de avançar para o meu terceiro ponto.

3. Pessoas que não conseguem acreditar em Deus

Muitas pessoas dizem-me: «Pastor Busch, o que nos diz é certo e bom, mas no que me diz respeito, eu simplesmente não consigo acreditar em Deus.»

Examinemos este tipo de reacção um pouco mais de perto.

Em geral, há quatro categorias de pessoas que fazem esta afirmação. Primeiro, há as que dizem que *não são religiosas*. O seu raciocínio é

este: «Não consigo acreditar, porque não sou religioso. O Pastor Busch é, mas eu não.»

A esta objecção só posso responder assim: «Talvez fique surpreendido, mas eu também não sou religioso!» Para ser franco, eu dou muito pouca importância aos sinos da igreja, ao incenso e outras coisas do género. Nestes últimos anos em Essen, tenho tido o prazer de pregar numa capela onde há apenas uma boa banda metálica. Não há órgão nem sinos de igreja — e nunca lhes senti a falta. Não sou contra essas coisas, mas não preciso delas. Receio bem que não seja muito religioso!»

Quando Jesus, o Filho de Deus, esteve aqui na terra, havia sempre algumas pessoas muito religiosas à sua volta. Havia os escribas, os sacerdotes e os fariseus — todos eram muito religiosos. Os saduceus, embora mais liberais em posição, também se podiam contar entre eles. E foram essas pessoas — esses religiosos — que crucificaram o Filho de Deus. Jesus não era o homem para eles!

Havia também outros à volta que não eram nada religiosos: prostitutas, trapaceiros — a Bíblia chama-lhes publicanos — e trabalhadores que se esforçavam muito por ganhar o pão de cada dia. Eram todos indivíduos sem fé nem lei! E, contudo, eram esses que procuravam Jesus! Porquê? Porque no fundo do coração admitiam isto: «Nós somos culpados diante de Deus. Há tantas coisas erradas na nossa vida! Mas aqui está um homem que nos pode salvar e tornar filhos de Deus.» E acreditavam em Jesus.

Não. O Senhor Jesus não veio para tornar os religiosos ainda mais religiosos; veio, sim, para salvar os pecadores da morte e do inferno e torná-los filhos de Deus.

Àqueles que dizem: «Eu não posso crer em Deus, porque não sou religioso», respondo sem hesitar: «São naturalmente vocês que mais facilmente se tornam filhos de Deus.» Pecadores somos todos nós — e todos sabemos isso muito bem!

Permita-me que repita isto: Jesus não veio tornar os religiosos ainda mais religiosos, mas sim fazer de pobres pecadores perdidos, filhos do Deus vivo.

A segunda categoria de pessoas também diz: «*Eu não consigo crer em Deus.*» Mas se forem realmente sinceras, dirão: «*Eu não quero crer.*» Se cresse em Deus, toda a sua vida teria de mudar; e é isso exactamente que elas não querem. Sabem muito bem que há muitas coisas erradas nas suas vidas. Para se tornarem filhos de Deus, têm de vir para a luz; e essa é outra coisa que não pretendem. Bem, os seus

amigos iriam provavelmente trocar delas. E que diriam todos os seus familiares se, de repente, os vissem tornarem-se cristãos? Não, é melhor não!

Assim, se encontrar pessoas que lhe afirmam que não podem crer em Deus, fite-as com atenção. Talvez elas devessem realmente dizer: «Eu não quero crer.»

Há uma história impressionante na Bíblia. Jesus, o Filho de Deus, estava sentado algures no Monte das Oliveiras. A cidade de Jerusalém estendia-se abaixo dele. À sua frente, a pequena distância, estava o grandioso templo. Mesmo os pagãos diziam que o templo de Jerusalém se devia ser considerada uma das maravilhas do mundo. Era essa a vista diante dos olhos de Jesus. De repente, os discípulos notaram com surpresa que lágrimas deslizavam do rosto de Jesus. Abatidos, olharam para ele com ar interrogador e ouviram-no então suspirar: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados. Quantas vezes quis eu juntar os teus filhos, como a galinha junta os seus pintos debaixo das suas asas, e tu não o quiseste.» Esta é uma das passagens mais tocantes da Bíblia.

«Mas tu não o quiseste.»

Os habitantes de Jerusalém também tinham dito: «Nós não conseguimos crer.» Na realidade, eles não queriam crer.

A pessoa que não quer crer em Deus não tem qualquer obrigação de o fazer.

Deixe-me dizer isto, de passagem: Nas nossas igrejas há ainda todo o tipo de restrições, mas no reino de Deus tudo é feito de livre vontade. A pessoa que quer viver sem Deus tem todo o direito a fazê-lo. Deus oferece-se a nós, mas nós podemos rejeitá-lo, se quisermos.

Será que você quer viver sem Deus? Tem esse direito. Quer viver sem fazer as pazes com Deus? Tem esse direito. Quer viver sem nunca orar a Deus? Tem esse direito. Quer viver sem a Bíblia? Tem esse direito. Quer transgredir os mandamentos de Deus? Tem esse direito. Quer profanar o dia do Senhor, quer cometer adultério, enganar e roubar? Tem esse direito.

O homem ou mulher que não quer o Salvador enviado por Deus para salvar os pecadores tem a liberdade de o rejeitar. O homem ou mulher que quer lançar-se no inferno tem o direito de o fazer. Deus não força ninguém.

Simplemente, nunca se esqueça de que terá de assumir as consequências da escolha que fizer. Deus oferece perdão e paz através de Jesus. Cada um tem o direito de responder que não precisa deles,

nem os quer. E pode continuar a viver com essa atitude. Mas, claro, não espere que, nos últimos momentos de vida, mesmo antes de morrer, se possa agarrar-se à salvação que Deus lhe ofereceu ao longo de toda a sua vida. Você tem o privilégio de recusar a oferta de paz que Deus lhe faz através de Jesus. Se for essa a sua escolha, nunca viverá em paz com Deus, por toda a eternidade!

O inferno é o lugar onde nós nos vemos livres de Deus para sempre. Uma vez ali, nada nos poderá jamais atrair para ele. Talvez você deseje orar, mas não será capaz. Talvez queira invocar o nome de Jesus, mas nem conseguirá lembrar-se dele.

É claro que você não tem qualquer obrigação de aceitar a mensagem que eu lhe trago. Pode escolher não seguir Jesus Cristo. Mas nunca se esqueça de que, nesse caso, estará a escolher o inferno. Você é absolutamente livre de fazer essa escolha.

«*E tu não quiseste*» — disse Jesus a Jerusalém. Ele não forçou ninguém, mas a escolha feita pelo povo de Jerusalém foi horrível.

A terceira categoria de pessoas que dizem «Eu não consigo crer em Deus» dá uma explicação bastante curiosa. Quem fala assim nunca são as mulheres, mas sempre os homens. Eis o que dizem: «Pastor Busch, *eu já vi tanta coisa na minha vida* que não acredito em mais nada.» Em geral, eu pergunto: «Bem, diga-me então o que aconteceu na sua vida. Olhe que a minha também não tem sido nada fácil!» «As pessoas já me fizeram muito mal e eu, francamente, já não creio em mais nada.» Este tipo de raciocínio persegue o mundo dos homens.

Tenho o hábito bastante aborrecido de arrelhar as pessoas que me dizem isso. «Você acredita no que lê nos horários dos comboios? Acredita no que os polícias lhe dizem, quando pede uma informação?» — pergunto-lhes eu, geralmente. «É claro que sim!» E eu continuo: «Nesse caso, deixe de dizer que já não acredita em mais nada. Diga antes: "Eu já não acredito em mais nada — excepto no que dizem os horários dos comboios, no que diz a polícia ..."». E poderíamos continuar por aí adiante! Mas tenho a certeza de que já compreendeu o que pretendo dizer.

A este tipo de pessoas, acabo muitas vezes por dizer: «Sabe, eu próprio vivi uma vida de pecado, impureza, trevas e erros. Foi então que Jesus interveio. Eu reconheci nele o Filho de Deus, o mensageiro de Deus, e dei-lhe a minha vida. Jesus fez tanto por mim. Talvez você tenha a impressão de que realmente já não pode acreditar em mais ninguém ou em mais nada, mas naturalmente pode pelo menos crer na palavra daquele que deu a vida por si. Certamente pode crer no que ele

diz! Afinal, você acredita em tantas coisas! E, contudo, diz «não» à única pessoa que é digna da sua total confiança; diz «não» à única pessoa que nunca decepcionou ninguém! E você ousa dizer que já viu muitas coisas na sua vida; na minha opinião, você ainda não viu o suficiente!»

A quarta categoria de pessoas que dizem não poder crer em Deus são *as que ficaram chocadas com a igreja*, ou que estão frias em relação aos seus ensinamentos.

Uma jovem estudante sentou-se um dia diante de mim e disse: «Eu estudo ciências naturais.» «Muito bem,» — respondi — «mas qual é o seu problema?» «Pastor Busch,» — respondeu ela — «eu assisti a uma das suas reuniões. Sinto que o senhor tem algo que eu própria gostaria de ter. Mas eu não consigo crer. Não posso aceitar as doutrinas e tradições da igreja, com toda essa naturalidade! Sentir-me-ia como se estivesse mergulhando num molho de feno!». Não pude deixar de rir, mas apressei-me a responder: «Não há necessidade de mergulhar num fardo de feno! Já ouviu falar de Jesus?» «Sim.» — foi a resposta. «Que é que você diria,» — perguntei eu — «se eu insinuasse que Jesus é um mentiroso?» «Diria que não acredito nisso.» «Então, acredita que Jesus diz a verdade?» «Sim, acredito!» — confirmou ela. Fiz nova pergunta: «Haverá alguém neste mundo a quem ouse dizer "Tenho a certeza de que você nunca disse uma mentira"»? «Oh, não!» — disse ela — «Eu nunca podia dizer tal coisa a respeito de ninguém.» Continuei: «Por tudo isso que acabou de dizer, é evidente que você já crê. Você já confia. Isso é importante. Você já agarrou a ponta certa da vara: crê que Jesus diz a verdade. A Bíblia afirma: "A vida eterna é esta: que te conheçam a ti só como único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste."»

Em conclusão, eu disse: «Você não tem que lutar contra as doutrinas e tradições da igreja. Do nevoeiro deste mundo alguém veio ter consigo e, na medida que ele se for aproximando, você conseguirá distinguir cada vez melhor os sinais dos cravos nas suas mãos e as marcas da coroa de espinhos na sua frente. São essas as provas de que ele carregou com os seus pecados e o amou quando ninguém mais a amava. O meu desejo é que você possa ver Jesus claramente e ser capaz de dizer: "Meu Senhor, meu Salvador e meu Deus!"» Crer não significa engolir doutrina como feno, só porque o pastor disse isso.

«Não. Crer é *conhecer* Jesus Cristo.»

Outros poderão explicar: «No que me diz respeito, eu não posso crer, porque conheço um pastor que fez isto, aquilo e aqueloutro...»

E lá vão eles! Quanta coisa eu tenho ouvido a respeito de pastores! Um teve problemas com mulheres, outro fugiu com fundos da igreja. Tem havido problemas com pastores por todo o lado. «Por isso, como é que ainda espera que eu acredite?» Eu não posso deixar de corar, porque eu próprio sei disso muito bem. É claro que eu nunca fugi com os fundos da igreja, mas se as pessoas soubessem tudo o que se passa no meu íntimo, poderiam reconhecer que eu também não sou perfeito.

Que poderei eu dizer? Simplesmente que a Bíblia não diz em lugar nenhum «Crê no teu pastor e serás salvo.» O que a Bíblia afirma é: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo.» Um pastor é — sei que nem sempre isso se verifica, mas quando faz o seu trabalho como deve ser — um marco a apontar para Cristo. Um marco pode ficar um pouco torto, ser deslocado ou arrastado pela chuva. Isso de facto não importa muito, desde que as pessoas possam ver aquilo para que ele aponta. Quanto a mim, não darei atenção a um pastor que não esteja a dirigir as pessoas para Jesus, o Filho de Deus crucificado e ressuscitado. Mas é claro que não vou ficar irritado com um marco que, embora defeituoso, indique a estrada certa. Não, continuarei naturalmente a seguir por essa estrada.

Acha que se atreverá a dizer ao Deus vivo, quando comparecer diante dele no juízo final: «Senhor, eu não quis a tua salvação, não aceitei o perdão dos meus pecados; tudo por causa daquele pastor que não valia nada.»? Será que se vê a fazer isso diante de Deus, um dia?

Meu amigo, é um erro dizer «Não consigo crer.» Jesus disse algo que, na minha opinião, é de suprema importância: «Se alguém escolher fazer a vontade de Deus, verificará se o meu ensino vem de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.» A questão aqui é se eu estou mesmo disposto a obedecer e a pôr em prática, até ao mínimo pormenor, o que reconheci como verdade. Então, e só então, serei capaz de avançar.

4. Que deve fazer?

Eis em poucas palavras o que deve fazer, se não consegue crer em Deus.

Primeiro, peça a Deus que o ilumine. Ele está ao seu lado. Diga-lhe: «Senhor, ajuda-me a crer. Ajuda-me a ver a luz.» Deus responde a este tipo de oração.

Segundo, *conte com a presença de Deus*. Conte-lhe os seus pensamentos e diga: «Senhor Jesus, quero dar-te a minha vida.» Foi isso que eu fiz quando, na minha juventude e num estado de incredulidade, senti de um modo muito real o temor de Deus. Quando ouvi falar de Jesus, dei-lhe a minha vida.

Terceiro, *leia a Bíblia*. É assim que poderá conhecer melhor Jesus. Todos os dias, passe quinze minutos ou cerca disso a sós com Deus. Leia uma passagem da Bíblia e ouça o que Deus lhe diz através dela. Leia, mantenha os ouvidos bem abertos à voz de Deus. Então, com toda a naturalidade, leve as suas preocupações a Deus. Fale-lhe da sua incredulidade: «Senhor Jesus, eu tenho muitas coisas a dizer-te; só que não consigo fazê-lo. Por favor, ajuda-me!»

Por fim, *entre em contacto com outros cristãos*. Procure outras pessoas que sejam também sinceras em relação a Deus. Não fique só. Não há viajantes solitários no caminho para o céu. Por isso, procure ter comunhão com outros cristãos que seguem pela mesma estrada.

COMO PODEMOS GOZAR A VIDA, SE AS NOSSAS FALTAS E FRACASSOS NOS DERRUBAM?

Como se costuma dizer: «Acabou-se a brincadeira!» É assim que eu quero introduzir o nosso assunto, porque agora vamos tratar de alguns problemas muito sérios.

Como é que podemos gozar a vida, se as nossas faltas e fracassos nos derrubam? Devo salientar desde já que a questão não é exatamente «... se as nossas faltas e fracassos nos derrubam». A verdade é que todos nós somos derrubados por eles. As nossas faltas e fracassos seguem-nos por toda a parte. É por isso que eu me sinto feliz por lhe poder falar acerca de algo maravilhoso — um presente — que pode enriquecer a sua vida e enchê-la de felicidade. É algo que não pode ser comprado em nenhum país do mundo. Mesmo que você fosse milionário e estivesse disposto a gastar toda a sua fortuna, não conseguiria comprá-lo! Também não o pode receber através de amigos influentes — mesmo que, hoje em dia, muitas pessoas consigam coisas que o dinheiro não pode comprar, *mexendo os cordelinhos*. E não tem maneira de o adquirir sozinho.

Se o quiser, tem de o aceitar como presente. Esta coisa importante, maravilhosa e incomparável de que estou a falar, que não pode ser comprada com dinheiro, nem conseguida através dos nossos amigos, não é senão o perdão dos pecados.

Talvez você fique decepcionado; talvez tenha ficado com ar carrancudo ao ler as palavras «perdão dos pecados» e se interogue:

1. Preciso realmente disso?

Estou convencido de que a maior parte dos homens e mulheres raciocinam assim: «Perdão dos pecados? Não preciso disso.» Recentemente, um jovem explicou-se assim: «Nós vivemos numa época em que as nossas necessidades são criadas pela publicidade. Os nossos bisavós não conheciam nada de pastilhas elásticas ou de cigarros. Mas com os incessantes anúncios na rádio, televisão e cartazes, temos vindo a ficar gradualmente condicionados. Por isso, agora estamos convencidos de que não podemos viver sem cigarros. A necessidade é criada primeiro e depois então começa a venda em força.» O jovem continuou: «A igreja trabalha exactamente da mesma maneira. Diz às pessoas: "Vocês precisam de perdão." Depois começa a vender o perdão. Na realidade, não precisamos dele, mas vocês criaram a necessidade para poderem vender os vossos produtos.»

Será realmente assim? Imaginemos que detém alguém que vai pela rua e lhe diz: «Viva! Como se chama?» «Silva.» informa ele. «Muito bem! Diga-me, sr. Silva, precisa de perdão para os seus pecados?» O sr. Silva responderia naturalmente, «Ora, ora. Que coisa sem jeito! Eu preciso mas é duma boa quantia de dinheiro, não do perdão dos pecados.»

Terá razão esse jovem? Teremos nós criado uma necessidade que antes não existia e estamos agora a usar a Bíblia para tentar satisfazer essa necessidade?

Não, mil vezes não! É um erro tremendo pensar isso. A nossa mais profunda necessidade é receber o perdão dos nossos pecados. O homem ou mulher que pensa que pode passar sem isso não conhece o Deus santo e terrível. Hoje em dia, dá-se tanta ênfase ao amor de Deus que nos esquecemos de que o Deus da Bíblia é também um Deus a ser temido. O que me chocou e me tirou da minha vida pecaminosa foi este pensamento que, de súbito, me assaltou. Há boas razões para ter medo de Deus. A pessoa que diz: «Eu não preciso de perdão», não conhece o Deus vivo, aquele que pode destruir o corpo e a alma e lançá-los no inferno. Oh, sim, há inferno, há condenação eterna. Jesus afirmou-o e ele sabia-o muito bem! E ainda que toda a gente grite «Nós não acreditamos nisso», todo o mundo perecerá da mesma forma. Jesus conhece o que nos aguarda para além do túmulo e avisa-nos da condenação eterna.

Há alguns anos, fiz uma reunião na bela cidade de Zurique, no Congress Hall, perante uma enorme audiência. Muitas pessoas tiveram

de ficar em pé, encostadas à parede. Entre os que estavam de pé, notei dois homens que conversavam descontraidamente. Era evidente pela atitude deles que só estavam ali por curiosidade. Um tinha uma bela pera (Eu tinha reparado nele e tinha dito comigo mesmo: Que pena não poderes ter uma assim!). Desde o princípio do sermão, eu estava decidido despertar o interesse daqueles dois homens. Na realidade, eles estiveram bastante atentos, até ao momento em que proferi a palavra «perdão». De imediato, um sorriso trocista apareceu nos lábios do que tinha a barba. Vi que sussurrava algo ao ouvido do amigo. O salão era grande e como estavam atrás é evidente que eu não podia ouvir o que ele dizia. Mas pela sua expressão podia imaginá-lo a dizer algo como isto: «Perdão dos pecados — o blá, blá, típico dum pastor.» E talvez pensasse também: «Afinal, eu não sou nenhum criminoso. Não preciso de perdão. Ora, ora!» (Não é exactamente isso que está a pensar também?) De qualquer modo, quando notei aquela reacção do homem comeci a ficar irritado. Eu sei que Deus não gosta de nos ver irritados, mas não pude evitar. Por isso, disse: «Ouçam todos, agora: Vamos ter 30 segundos de silêncio e quero que durante esses breves momentos cada um de vós responda "sim" ou "não" a esta pergunta: "Está disposto a rejeitar a possibilidade de ter os seus pecados perdoados por toda a eternidade, só porque pensa que não precisa?"» Durante meio minuto reinou um absoluto silêncio entre a multidão. De repente, vi o homem das barbas, encostado pesadamente à parede, ficar pálido de medo. Ele deve ter pensado: «Neste momento eu afirmo que não sou má pessoa, mas quando chegar a hora da morte e as coisas ficarem de facto sérias, sentir-me-ia muito feliz se os meus pecados estivessem perdoados. Não, é melhor não me arriscar a ficar sem perdão por toda a eternidade.»

E você?

Se a nossa consciência não está totalmente abafada, sabemos muito bem que a nossa maior necessidade é receber o perdão dos pecados.

Há alguns anos, Bill Halley deu um concerto em Essen. Ele está entre os músicos modernos a que eu chamo «hip rollers». Milhares de adolescentes se tinham reunido no «Grugahalle» para o ouvir a ele e ao seu conjunto. Logo desde a primeira canção, o auditório ficou frenético. Eles destroçaram literalmente o salão. Os danos foram calculados em 60.000 marcos. Um jovem polícia confidenciou-me mais tarde: «Eu estava sentado precisamente à frente e tive de me agarrar ao assento para não me associar com eles!»

Quando eu passava pelo centro da cidade, no dia seguinte a esse espectáculo, observei três adolescentes que tinham aspecto de terem participado nos acontecimentos da noite anterior. Aproximei-me deles e disse: «Olá! Adivinho que vocês estiveram no espectáculo de Bill Haley, ontem à noite.» «É verdade, pastor.» «Ora bem,» — respondi — «então estamos em terreno familiar. Digam-me: o que é que os levou a todos a destruir o salão?» «Estávamos desesperados, Pastor Busch» — respondeu um deles. «Desesperados? Por causa de quê?» «Não sabemos!»

O grande teólogo e filósofo dinamarquês, Soren Kierkegaard, conta que quando era criança ia passear muitas vezes com o pai. De vez em quando, o pai parava, olhando pensativamente para o filho e dizia: «Meu filho, tu tens desespero escondido dentro de ti.» Quando li isto, não pude deixar de reconhecer que, como pastor numa grande cidade durante 40 anos, eu próprio tinha verificado que isso é um facto em todo o ser humano.

E você? Também se sente atormentado por algum desespero secreto? Deixe que lhe diga donde é que ele vem. Analisemos o íntimo da sua alma por meio duma breve ilustração.

Como a minha paróquia é no Vale de Ruhr, tenho ido muitas vezes às minas. É uma experiência tremenda. Primeiro, recebemos um uniforme e um capacete de mineiro para usarmos; depois descemos no ascensor a velocidade lenta até cerca do oitavo nível. Será possível descer ainda mais? Talvez, mas ninguém o faz, porque abaixo disso há apenas uma cova cheia de lama. É aí que se junta toda a água que se infiltrou pelo resto da mina. Só uma vez, desde que vivo em Essen, o cabo do elevador se partiu. Nesse dia, o elevador caiu exactamente naquela poça de lama. Foi horrível.

A poça e as suas águas lamacentas fazem-me lembrar o homem. Toda a gente sabe que há diversos «níveis» na nossa vida. Por fora podemos parecer muito alegres, enquanto que no íntimo as coisas podem estar exactamente ao contrário. Podemos ter um lindo e grande sorriso no rosto e, contudo, ter o coração doente. Por vezes, parece que encaramos a vida como uma grande anedota, quando, na realidade, um negro desespero se esconde bem no fundo, nos recônditos do nosso coração.

Médicos, filósofos e psiquiatras, todos eles reconhecem este facto. É esse o tema de muitos livros e romances. É preocupante ver a forma como o nosso desespero ou ansiedade vem à superfície, de vez em quando. Um psiquiatra disse-me um dia: «Não pode imaginar o

número de jovens que me procuram para tratamento.» Muitas pessoas, no entanto, nem mesmo procuram descobrir a causa do seu desespero ou ansiedade. Limitam-se a tentar libertar-se dele, embebedando-se ou drogando-se. Não será mais razoável enfrentar os factos?

Muitas pessoas pensam que o desespero profundamente enraizado no coração humano só foi descoberto neste século, mas, por estranho que pareça, os escritores da Bíblia conheciam-no há mais de 2000 anos. A Bíblia fala duma alma abatida. Também nos mostra a causa profunda do nosso desespero: desde a queda, nós estamos separados de Deus, fora do nosso elemento, e tememos o dia em que teremos de comparecer diante de Deus. Para sermos ainda mais definidos, diremos que o nosso maior problema na vida é a nossa culpa diante de Deus. Quando nos defrontamos com um problema deste tamanho, reconhecemos a nossa incapacidade de encontrarmos sozinhos uma via de escape. Daí, o negro desespero no mais íntimo do nosso ser.

Precisaremos nós de receber o perdão dos nossos pecados? Sem dúvida alguma! Precisamos mais de perdão do que de qualquer outra coisa.

Pecado — o que é? O pecado é algo que nos separa de Deus. Nós nascemos pecadores. Uma criança nascida na Inglaterra durante a guerra, por exemplo, nada tinha contra nós, alemães. Mas a verdade é que ela estava no campo do inimigo. Assim também, devido ao facto de termos nascido no mundo, o campo hostil a Deus, estamos pela nossa própria natureza separados de Deus. À medida que a vida prossegue, o muro da nossa culpa torna-se cada vez mais alto e nós vamos ficando ainda mais longe de Deus. Cada transgressão de um dos seus mandamentos é como um tijolo mais que acrescentamos a esse muro. O pecado é uma terrível realidade.

Gostava de lhes dizer como é que comecei por ganhar consciência da terrível realidade do pecado e da sua irreversibilidade. Eu tive um pai fantástico. Nós tínhamos um relacionamento maravilhoso. Um dia, estava eu muito bem sentado num dos quartos do sótão da nossa casa a estudar para um exame, quando ouvi uma voz a chamar-me de baixo: «Wilhelm!» Debrucei-me sobre a janela e vi que era o meu pai que me chamava. «Qual é o problema?» — perguntei. «A casa está a arder ou coisa do género?» «Eu vou à cidade.» — respondeu ele — «Queres vir comigo? É muito mais agradável ir acompanhado.» «Mas, paizinho,» — respondi — «eu estou a estudar uma parte muito importante para o meu exame. Não podia ser em pior altura.»

«Não há problema. Eu vou só.»

Duas semanas mais tarde, ele morreu.

É uma tradição do nosso país que os filhos do defunto façam turnos no velório do corpo. A noite estava calma. Todos dormiam. Eu estava sentado só, junto da urna aberta. De súbito, lembrei-me do convite do meu pai feito duas semanas antes para ir com ele à cidade, convite esse que eu tinha recusado. Olhei para ele e chorei: «Oh, paizinho! Pede-me de novo. Eu irei contigo cem quilômetros, se quiseres.»

Mas não houve resposta. A sua boca permaneceu silenciosa. Compreendi então que a minha falta de gentileza era uma terrível realidade que jamais poderia ser alterada, mesmo que eu tivesse toda a eternidade à minha frente.

Já pensou porventura no número de vezes em que falhou? Como é que nós podemos viver com um fardo como esse? Nós não poderemos enfrentar a vida, se os nossos pecados não forem perdoados.

E como poderemos nós enfrentar a morte? Será que queremos levar as nossas faltas e fracassos connosco para a eternidade?

Tento muitas vezes imaginar os meus últimos momentos. É perfeitamente natural na minha idade. Posso ver-me a segurar a mão dum ente querido. Depois vem o momento de eu partir e o meu barco desliza para o grande silêncio, até eu chegar à presença de Deus.

Sim, sem sombra de dúvida, você comparecerá diante de Deus, um dia. Com todos os seus erros, com todos os seus fracassos, enfrentará o Deus vivo e santo. E sentirá o sangue a gelar à vista da enorme pilha de pecados e fracassos que foram atrás de si.

Precisaremos nós do perdão dos pecados? Sim, nós precisamos de perdão mais do que de qualquer outra coisa, mesmo mais do que do nosso pão de cada dia.

2. Onde posso encontrá-lo?

Acabei de lhes contar o que aconteceu entre o meu pai e eu. Nunca mais terei oportunidade de voltar atrás e corrigir o meu erro. Nós não podemos desfazer o erro que cometemos e os seus efeitos permanecem diante de Deus. A conta é enviada para pagamento.

Um homem chamado Judas traiu o seu Mestre por 30 moedas de prata, mas quase imediatamente depois sentiu-se esmagado pelo remorso. Por isso voltou ao grupo de homens a quem tinha vendido o Mestre e disse-lhes. «Cometi um grave erro! Tomem o vosso dinheiro. Eu quero pôr tudo direito.»

Com um encolher de ombros, eles responderam: «Que temos nós com isso? O problema é teu.» Você pode falar a qualquer pessoa que desejar. Invariavelmente, elas responderão: «O problema é seu.»

Será possível, apesar disto, que as nossas faltas e fracassos possam desaparecer, que possamos endireitar as coisas com Deus? Onde poderemos nós receber o perdão dos pecados? Como é que podemos consegui-lo? A essas perguntas os escritores da Bíblia dão uma resposta unânime, calorosa e alegre. Do Génesis ao Apocalipse, tanto no Velho Testamento como no Novo, surge o mesmo tema, muitas vezes. Os nossos pecados podem ser perdoados!

Mas onde? Sigam-me pelas portas de Jerusalém e subam comigo o monte chamado Calvário. Não prestem atenção à multidão que ali se reuniu, ou aos dois criminosos que estão pregados nas cruzes da direita e da esquerda. Prestemos toda a atenção ao homem pregado na cruz do meio. Quem é ele? É evidente que não é como nós. Um dia em que estava diante duma multidão, desafiou-a a provar que ele tinha algum pecado. Nem uma só pessoa aceitou o desafio. Não conseguiam encontrar nada de errado na sua vida. Mais tarde, Jesus foi julgado e interrogado pelas autoridades romanas e pelos líderes religiosos judeus. Também estes não conseguiram encontrar qualquer razão para o condenar. Não. Ele não era como nós. Jesus não precisa de perdão, porque nunca pecou. Contudo, é ele que está pendurado ali, naquela cruz!

Porquê?

Deus é justo e não pode deixar de castigar o pecado. Por isso colocou o nosso pecado sobre Jesus, o seu Filho, e o seu Filho foi castigado por nós. «Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades. O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.» Este é o coração da mensagem bíblica. O juízo de Deus foi aplicado a Jesus para que nós possamos encontrar paz. É aqui que nós podemos receber o perdão dos pecados.

Onde poderei eu libertar-me do fardo das minhas faltas e fracassos? Onde poderei fazer as pazes com Deus? Aos pés da cruz de Jesus. «O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.» Que todos nós possamos aproveitar-nos dele!

Um americano chamado William L. Hull publicou um livro muito interessante. Ele foi nomeado capelão de Adolph Eichmann, o homem que foi responsável pelo massacre de milhões de judeus. Hull visitou Eichmann 13 vezes durante a sua permanência na prisão.

Conversou longamente com ele, ouviu as suas últimas palavras, acompanhou-o à forca e estava presente quando as cinzas foram espalhadas pelo Mediterrâneo.

O Rev. Hull publicou a essência das suas conversas com Eichmann numa obra intitulada, *Luta por uma Alma*. No princípio desse livro, ele escreveu: «O meu objectivo era salvar este sobrecarregado pecador de ir para o inferno.» E nós soubemos com consternação que aquele homem, que assassinou milhões de pessoas a partir da sua secretária e que mergulhou o mundo em visível sofrimento, ousou dizer, mesmo no último momento: «Não preciso que ninguém morra por mim. Não preciso do perdão dos pecados e não o quero.»

Quer seguir o exemplo de Eichmann e morrer como ele? Não? Então, se não quer, é melhor voltar-se para Jesus com todo o seu coração. Jesus, o Filho de Deus, é a única pessoa do mundo que pode perdoar os pecados, porque ele morreu para os expiar.

Durante as suas conversas com Eichmann, o Rev. Hull quase teve medo de oferecer o perdão dos pecados através do sangue de Jesus a um homem como ele. Poderia tão grande criminoso ser perdoado? Sim, sem dúvida! «O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.» Mas para conseguir perdão eu tenho de confessar os meus pecados e dizer a Deus com os olhos fitos na cruz:

Eu creio, eu creio!
 Que Jesus morreu por mim;
 E através do seu sangue,
 Seu precioso sangue,
 Serei do pecado liberto.

A Bíblia serve-se de diferentes ilustrações para nos ajudar a compreender a relação entre a morte e ressurreição de Jesus Cristo e o perdão dos nossos pecados (Pois, como provavelmente sabe, Jesus não permaneceu no túmulo, antes ressuscitou ao terceiro dia e está vivo hoje).

Um exemplo que a Bíblia apresenta é o do *fiador*. O fiador é alguém que fica responsável pelas dívidas de outro. Compromete-se a pagar a dívida, se o devedor não o puder fazer. Alguém tem de pagar. É sempre assim na vida. Ora, de cada vez que eu peço, fico em dívida com Deus. A Bíblia diz: «O salário do pecado é a morte.» Isto significa que Deus exige a nossa morte como pagamento pelo nosso pecado. Mas foi aí que Jesus interveio e morreu pelos nossos pecados

a fim de nos salvar da morte eterna. Jesus ergue-se como nosso fiador diante de Deus. Agora compete-nos a nós escolher: ou pagamos nós próprios a nossa dívida e vamos para o inferno, ou voltamo-nos para Jesus, dizendo-lhe: «Senhor Jesus, eu quero crer que tu pagues a minha dívida. Obrigado.»

Isto leva-nos a uma segunda ilustração que aparece na Bíblia: a do *resgate*. Suponhamos que um homem cai nas mãos de um traficante de escravos. Ele não pode salvar-se a si mesmo. Então, alguém compassivo aparece e vai ter com o dono dele, dizendo-lhe: «Quanto quer por este escravo? Eu compro a liberdade dele». Quando é que o escravo recupera a liberdade? No próprio momento em que é pago o último centavo! No Calvário, o Senhor pagou o preço da nossa redenção até ao último centavo. Creia nisto e reclame a liberdade que Jesus já adquiriu para si. Jesus redime; Jesus liberta os escravos do pecado!

E isto não é tudo.

Outra imagem que aparece frequentemente na Bíblia é a da *reconciliação*. Mesmo o menos esclarecido pagão sabe que precisa de se reconciliar. É por isso que em quase todas as religiões existem sacerdotes que procuram apaziguar os deuses com sacrifícios propiciatórios. Mas o Deus todo-poderoso só aceita um sacrifício: o sacrifício do «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.» Multidões de sacerdotes têm oferecido incontáveis sacrifícios, mas Jesus é o grande sumo sacerdote que nos reconcilia com Deus. Além do mais, ele é o sacrifício expiatório pelos nossos pecados. Só ele, portanto, pode restaurar a paz entre Deus e nós.

Outra figura bíblica usada é a da *purificação*. Um cristão escreveu aos seus irmãos: «Deus amou-nos e purificou os nossos pecados com o seu sangue.» Naturalmente, conhece a história do filho pródigo que acabou a apascentar porcos. São muitos — infelizmente! — os que têm seguido as suas pisadas. Chegou, porém, o dia em que o filho pródigo voltou a si. Iniciou a viagem de volta a casa e depois atirou-se nos braços do pai, tal como estava. Ele não começou por tomar um bom banho ou comprar um fato novo e um novo par de sapatos. Não. Correu para casa tal como estava. Foi o pai que se encarregou da sua higiene e de o vestir em condições.

Muitas pessoas pensam que têm de melhorar primeiro, antes de se tornarem cristãos. Esse é um erro terrível. Nós podemos ir a Jesus exactamente como estamos, sujos e repulsivos. Ele está pronto a aceitar-nos com tudo aquilo que sujou a nossa vida. É o próprio Deus

que nos lava e purifica. Ele faz novas todas as coisas. «O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.» Foi este o testemunho do apóstolo João e pode ser também o seu.

Não posso referir todas as imagens que existem na Bíblia. Espero, contudo, que você se disponha a ler a Bíblia sozinho. Fazendo isso, descobrirá mais perfeitamente a sua maravilhosa mensagem de perdão.

Como poderemos nós gozar a vida, se as nossas faltas e fracassos nos derrubam? É impossível! Mas tudo muda quando nos encontramos com Jesus, quando através dele experimentamos o perdão dos nossos pecados. Desaparecem então os nossos temores, o nosso profundo desespero!

Rendermos a nossa vida a Jesus não é uma coisa triste e sombria. Muito pelo contrário, é passar das trevas da angústia para a luz do sol da graça.

3. Como é que eu posso pedir perdão?

Nesta altura talvez esteja a pensar: «Deve ser maravilhoso saber que temos os pecados perdoados, mas como é que posso receber esse perdão? Nunca nenhum jornal escreveu uma linha a esse respeito. Os romances modernos não falam do assunto e eu não conheço um único filme que me possa dizer alguma coisa.

Como poderei obter perdão? É essa a questão escaldante!

Parece-me que o melhor que tem a fazer é procurar um lugar sossegado e pedir a ajuda de Deus — agora mesmo. Ele ressuscitou e está vivo. As pessoas que «crêem» são descritas na Bíblia como sendo as que «invocam o Senhor.» Por que não o invoca também?

Há uma linha directa a ligá-lo a Jesus. Talvez você nunca a tenha usado antes. Que pena! Por que não o invoca agora? Você nem precisa de discar! Chame apenas: «Senhor Jesus» — e tê-lo-á logo em linha! O contacto com ele será imediato. É isso que significa orar.

Mas que é que você lhe vai dizer? Tudo o que o está a perturbar. Pode dizer, por exemplo: «Senhor Jesus, eu tenho um caso amoroso e não consigo acabar com ele. Mas eu sei que isso é mau. Senhor, ajuda-me.» Ou então: «Senhor Jesus, as coisas não correm nada bem no meu negócio. Ao longo dos anos tenho estado a roubar nos impostos. Se tentar endireitar as coisas, posso falir. Senhor, ajuda-me.» Ou talvez assim: «Senhor Jesus, eu sou infiel à minha mulher e não consigo ver-me livre da confusão em que me meti. Ajuda-me,

Senhor.» Sabe, nesta linha privada pode compartilhar com o Senhor Jesus as coisas que nunca se atreveria a dizer a mais ninguém. Ele ouvi-o. Abra-lhe o seu coração. Confesse-lhe todos os seus erros. Isso fará de si um homem livre.

Diga-lhe então: «Senhor Jesus, o Pastor Busch diz que pelo teu sangue tudo voltará a ficar bem. É verdade?» Pergunte-lhe. Poderá falar com ele durante horas, se quiser. Ele atendê-lo-á.

«Bem,» — poderá você argumentar — «mas depois de lhe ter dito tudo talvez ele nem me responda.» Responda, sim! Ouça atentamente. Vou-lhe dizer em que linha poderá ouvi-lo falar. Pegue num Novo Testamento. Deixe de lado o Velho Testamento por enquanto, porque é demasiado difícil para se começar com ele. Abra o Novo Testamento no Evangelho de João e comece a ler. Depois tente o Evangelho de Lucas. Leia-os tal como leria um artigo de jornal e em breve notará que Jesus fala através de todo o texto. É isso que torna a Bíblia diferente de todos os outros livros. Ela é a linha que o Senhor usa para nos falar.

Alguém me disse um dia: «Quando quero ouvir Deus falar dou um passeio pela floresta.» «Isso é ridículo» — respondi. «Quando estou na floresta, ouço as folhas a mexer, as aves a cantar e as águas a murmurar. É realmente maravilhoso, mas a floresta nunca pode dizer-me se os meus pecados foram ou não perdoados. Nem mesmo me podem mostrar como é que o meu coração se torna novo, ou como é que eu encontro a graça de Deus. Deus revelou-nos tudo isso a nós, só na Bíblia.»

Tente separar diariamente quinze minutos para meditar e orar. Invoque Jesus e diga-lhe absolutamente tudo: «Senhor, tu vês tudo o que tenho de fazer hoje e sabes que nunca o conseguirei fazer sozinho.» Pode compartilhar tudo com Jesus. Depois, pegue no seu Novo Testamento e leia metade dum capítulo, orando durante todo o tempo: «Senhor Jesus, fala-me agora.» De repente, notará uma palavra de Deus dirigida mesmo a si. Dirá consigo: «Deus está-me a dizer isto a mim!» Sublinhe a passagem e, se quiser, escreva a data na margem.

Quando era jovem, visitei um dia uma família. Havia uma Bíblia em cima do piano. Folheando-a, notei que muitas passagens estavam sublinhadas a verde ou a vermelho. Nas margens havia datas registadas. Como se tratava duma família grande, perguntei de quem era a Bíblia. «É a Bíblia da nossa Emmi», foi a resposta. Olhei para a Emmi com mais atenção — e casei com ela! Ela era exactamente o tipo de moça que eu queria: uma jovem que compreendia que é por esta linha, e não qualquer outra, que Jesus nos fala.

Servi como telegrafista durante algum tempo na Primeira Guerra Mundial. Na altura, não se faziam comunicações pela rádio. Os nossos instrumentos eram pequenos e tínhamos de lhes ligar os fios. Um dia tive de ir a um posto de observação que ficava num monte. Não havia ali qualquer abrigo, portanto tive de me deitar na erva. Estava a tentar contactar com as nossas tropas, quando vi, de repente, um soldado levemente ferido a surgir no topo do monte. Gritei-lhe: «Ei, tu aí! Vem para baixo! Fomos localizados. Não demora muito que eles nos bombardeiem.» Ele atirou-se ao chão, arrastou-se até junto de mim e disse: «Vou ter dispensa por causa desta bala que apanhei e poderei voltar para casa. Digamos que o teu equipamento é bastante velho.» «Sim.» — disse eu em voz baixa. «É um velho modelo.» «Os parafusos estão frouxos.» «Sim, os parafusos estão frouxos.» «E olha aqui, falta uma peça.» Comecei a ficar irritado e disse: «Cala-te! Não tenho tempo para ouvir os teus comentários. Tenho de me concentrar em fazer o contacto com o quartel-general». Acontece o mesmo com a Bíblia. Eu quero ouvir a voz de Jesus, mas quando as pessoas chegam e me dizem: «A Bíblia não passa dum livro escrito por homens» e outros comentários tão estúpidos como esse, só consigo responder: «Cale-se! Eu ouço a voz de Jesus na Bíblia.»

Compreende aonde quero chegar? Não se deixe desviar do ponto. Jesus só nos fala através duma linha — a Bíblia.

Você deve também entrar em contacto com outras pessoas que estudam a Bíblia. Quando menciono coisas como estas às pessoas, elas sempre respondem: «Tudo isso é muito antiquado. Hoje em dia, só os velhos vão à igreja.» Eu trabalhei com juventude durante mais de 30 anos e encontrei inúmeros jovens que podem dar testemunho da realidade do perdão dos pecados e de que nós podemos falar com Jesus e receber a sua resposta.

Procure a amizade de homens e mulheres que tenham experimentado estas coisas. Sim, é possível encontrar pessoas que querem seguir pelo caminho que conduz ao céu.

Jesus está hoje diante de si e diz-lhe: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, sobrecarregados com as vossas faltas e fracassos, e eu darei descanso às vossas almas. Sim, eu posso perdoar os vossos pecados.»

«VOCÊ ENERVA-ME!»

Todos estamos convencidos de que há pessoas que nos enervam, não é verdade? Faz parte da vida. Dificilmente passa um dia sem que alguém nos aborreça ou irrite. Acontece o mesmo com os outros — nós também *os* enervamos! Todos se irritam uns aos outros. Bem, quase todos! A minha esposa, por exemplo, nunca me irrita. Mas há algumas pessoas que realmente me exasperam. Não concorda? Certamente que sim!

Esta maneira de ver os outros é a causa básica dos constantes atritos no seio das nossas famílias, entre vizinhos, nos negócios e indústrias — e mesmo nas nossas igrejas. Todo o mundo sofre do síndrome do «você enerva-me».

Muitas pessoas pensam: «Eu teria prazer na vida, se fulano não estivesse por perto!» Fulano é um espinho na carne para elas. É a sua aversão predilecta.

Parece, pois, que já é tempo de encararmos esta questão: Como poderemos impedir que as pessoas nos enervem?

Ora, isto faz parte dum problema muito maior. De certo modo é como quando alguém tosse. Ele poderá ter uma séria infecção pulmonar. Nesse caso, não adiantará nada chupar reбуçados. O que o doente precisa é dum bom exame médico e tratamento adequado. Vê aonde eu quero chegar? O facto de nos irritarmos uns aos outros é apenas um sintoma duma doença mais séria de que o mundo sofre. As razões são mais profundas do que, digamos, o desagradável temperamento do nosso vizinho!

A verdadeira causa é uma doença que afecta o mundo inteiro.

1. O mundo em que vivemos

Devo a minha visão do mundo à Bíblia. Para a minha mente, a abordagem da Bíblia é a única válida. Muitas filosofias ficam desactualizadas em vinte anos.

A Bíblia afirma que no princípio, quando Deus criou o mundo, este era perfeito. Adão não irritava Eva, e Eva não irritava Adão. Havia perfeita harmonia entre eles; perfeita harmonia também entre a humanidade e Deus. Todos eram um: Deus e a humanidade; o homem e a mulher. Não havia a mais leve falha nos seus relacionamentos.

Mas, de acordo com o relato bíblico, aconteceu uma tragédia logo no início da história da humanidade: a Queda. O homem foi posto à prova. Ele não devia comer do fruto de certa árvore. Deus tinha-lhe proibido que o fizesse, mas era demasiado tentador! Assim, de sua livre vontade ele escolheu desobedecer. Adão comeu o fruto proibido e, como resultado da sua queda, abriu-se uma grande fenda.

Por um lado, o relacionamento do homem com Deus ficou desfeito. Deus pôs o homem fora do jardim do Édem e colocou dois anjos de guarda à entrada. A nossa separação de Deus data desse momento. Desde então, nós irritamos Deus e ele irrita-nos a nós. Para comprovar isso só precisa de conversar com as pessoas a respeito de Deus. Logo elas se aborrecem e começam a gritar: «Ora, ora, pare com isso! Nós nem mesmo sabemos se Deus existe!» Entre Deus e nós há um grande abismo.

Por outro lado, os relacionamentos humanos também se estragaram. Só precisamos de olhar para os filhos de Adão e Eva para vermos que já nessa altura os homens se tinham começado a irritar uns aos outros. Havia dois irmãos. A relação entre irmãos, como todos sabemos, são muitas vezes tensas. Estes dois irmãos, Caim e Abel, eram muito diferentes um do outro. Um dia, Caim, que era lavrador, andava a trabalhar no campo com a sua enxada. Viu o irmão Abel por ali perto. Não tenho dificuldade em imaginar a sua reacção: «Espero que ele não venha para aqui incomodar-me. Não suporto vê-lo por perto!» Mas Abel aproximou-se dele e dirigiu-lhe algumas palavras. De repente, Caim agarrou na enxada e começou a golpear aquele rosto que odiava, ferindo-o repetidamente até que, por fim, Abel caiu morto a seus pés.

Nós somos civilizados; não nos matamos uns aos outros com enxadas! Mas se lê os jornais, sabe bem que coisas deste género acontecem com frequência. Quando penso de novo nos julgamentos dos criminosos de guerra nazis, não posso deixar de dizer para

comigo: «Eles tinham exactamente a mesma mentalidade de Caim: estavam cheios de ódio pelo seu semelhante. Foi em nome desse ódio que massacraram centenas de milhares de homens, mulheres e crianças.

Parece que nós, os seres humanos, pensamos que se ninguém viu nada aconteceu! Quantos de nós são perseguidos por recordações de factos sinistros que ninguém viu!

Caim fugiu. Estava preocupado. De súbito, ouviu uma voz a chamá-lo: «Caim!» Quem seria? «Caim!» — repetiu a voz. Um arrepio de medo percorreu-lhe o corpo. Lembrou-se de repente que era Deus quem o chamava. Deus sempre estivera ali! Deus tinha presenciado tudo, sem dizer uma palavra! «Caim!» — chamou de novo a voz. «Onde está o teu irmão Abel?» Na defensiva, Caim respondeu: «Eu não sou ama do meu irmão! Ninguém me pediu para olhar por ele.» Mas Deus replicou. «Caim, o sangue do teu irmão Abel clama a mim desde a terra.»

Esta história é um exemplo perfeito do abismo que se formou com a Queda. As relações humanas nunca mais foram as mesmas. Algo se desfez. Nós incomodamo-nos uns aos outros. O abismo, contudo, afectou também a relação do homem com Deus. Deus incomodou Caim — e incomoda igualmente alguns de nós. O problema é que nós não nos podemos ver livres dos nossos semelhantes; como também não nos podemos ver livres de Deus.

É assim o mundo em que vivemos.

2. As palavras não ajudam

Não adianta falar do «bom Senhor». Entre Deus e nós há uma barreira, um abismo. Durante a guerra, quando a minha casa e metade da cidade de Essen estavam em chamas, uma mulher veio a correr ter comigo, gritando: «Como é que o seu Deus permite tudo isto?» «Talvez por ser seu inimigo» — respondi eu. Desde a Queda, a relação entre Deus e o homem foi desfeita. Como nos afastámos de Deus, as nossas relações com as pessoas também já não são as mesmas. É esta a razão profunda por que as outras pessoas nos enervam. Em última análise, se o seu vizinho o aborrece, é por causa da Queda, porque nós somos homens caídos, separados de Deus. E o melhor conselho do mundo não mudará nada.

No outro dia, aconteceu que eu estava junto da fronteira suíça. Na parede, dentro da sala da alfândega, estava um atraente cartaz com estas palavras: «É melhor ter comunhão». Pensei comigo mesmo:

«Não há duvida de que é verdade, mas isso não ajuda quando alguém nos irrita.» Li noutra cartaz: «Seja simpático para os outros». Os americanos têm posto autocolantes em todas as esquinas das ruas das nossas cidades com o slogan «Sorri.» Mas apesar de tudo isso, nada muda.

Lembro-me duma família que costumava visitar com certa frequência, quando estudava na Faculdade de Teologia. Não havia unidade nessa família. Todos viviam na mesma aldeia, mas tinha havido muitas contendas e ressentimentos entre eles. No meu optimismo de estudante para o pastorado, eu tinha reunido toda a família numa noite, com a louvável intenção de os reconciliar a todos. Fartei-me de falar... Por volta das 11 horas tinha resolvido tudo e todos eles deram um aperto de mãos. Radiante, dei a mim próprio uma pancadinha nas costas: «Tu vais ser um bom pastor. Estás a começar muito bem!» Voltei para casa, feliz, e dormi profundamente. Na manhã seguinte, aconteceu que encontrei uma das mulheres daquela família e disse-lhe: «Foi maravilhoso ver como as coisas se resolveram ontem à noite, não foi?» «Maravilhoso?» — questionou ela. «Não sabe o que aconteceu depois?» «Não... Que foi?» — perguntei, empalidecendo.

Aparentemente, ao voltarem para casa tinham recomeçado a discutir e as coisas estavam agora pior do que nunca! Acha isso engraçado? Eu não achei nada. Nesse dia tomei bem consciência da realidade da Queda; a nossa relação com Deus e com o nosso semelhante ficou desfeita.

Muitas vezes as pessoas escrevem-me, dizendo: «Caro rev. Busch: Em tal e tal lugar tenho parentes que não se dão bem uns com os outros. Poderia visitá-los?» Sempre me recuso a fazer isso, porque sei que é inútil aconselhar outros. Pense só por um momento em todas as pessoas que o irritam a si. Eu poderia dizer-lhe o que deve fazer, mas seria absolutamente inútil. Isto é trágico.

Deixe-me ilustrar este ponto.

Imagine que visito uma família. A certa altura, entra o filho de 17 anos, todo descontraído, com umas calças de ganga muito gastas e o último modelo de penteado. O pai — um cidadão respeitável e de boas maneiras, fica subitamente furioso e explode. «Olhem para ele; olhem só para ele!» A visão deste filho inútil faz ferver o sangue do pai.

Ou então pense no caso duma boa mãe crente com tendência para ser legalista. A filha atreve-se a usar algum baton e a mãe exclama: «Oh, esta rapariga enerva-me!» Entretanto, a filha pensa: «A minha mãe irrita-me sempre!»

Não acontece isto mesmo por toda a parte?

Um dia, um homem que estava a divorciar-se, e a quem eu explicava que o divórcio é um pecado, virou-se para mim e disse: «Pastor Busch, pare com isso. Basta a maneira como a minha mulher come a sopa para me descontrolar.»

Acha piada? Eu não. Isto horroriza-me. Acha que estas coisas são pequenas, insignificantes? Não. Não são. São sintomas do mundo caído, doente e rebelde em que nós vivemos como homens e mulheres sem Deus.

O exaspero assume por vezes formas muito sérias. Conheço uma jovem que está totalmente paralisada, com esclerose múltipla. Ela vive numa pequena casa. Na casa ao lado vive um rapaz cruel e egoísta. Ele vê televisão à noite e põe o som muito alto. Todas as noites até tarde, a jovem doente ouve tudo através da parede fina que separa as duas casas. Um dia, ela pediu-lhe que baixasse o som da televisão, mas ele fez exactamente o contrário: aumentou-o para o máximo. Assim, ano após ano, noite após noite, hora após hora, a pobre moça tem de aguentar esta situação.

Os homens podem ser crueis a esse ponto.

Quando era um jovem pastor, tive de preparar 150 adolescentes para a confirmação. Decidi visitar cada um deles em casa. Eles viviam em apartamentos alugados. Na primeira casa que visitei, encontrei a família a discutir; na segunda, estavam a discutir; na terceira, a mesma coisa. Algum tempo mais tarde perguntei às crianças, na hora da catequese, se aqueles que não tinham discussões em casa se podiam levantar. Só 3 ou 4 se levantaram. «Quer dizer que em todas as outras famílias há discussões?» — perguntei eu. «Há, sim.» Voltando-me para os adolescentes que se tinham levantado, perguntei-lhes: «Por que é que não há discussões na vossa casa?» «Porque vivemos sozinhos» — foi a resposta deles.

É essa a situação.

Espera-se que sejamos corajosos, alegres e trabalhadores, quando afinal vivemos constantemente num estado de tensão nervosa. Quando alguma coisa nos cai nos pés, magoa-nos. Mas quando as outras pessoas nos enervam constantemente, torna-se insuportável.

3. Deus intervém!

Se fosse só isto o que eu tinha a dizer, então teria sido melhor não dizer nada. Mas eu tenho uma notícia incrível e espantosa para si: no

meio de toda esta tensão nervosa, desta irritação mútua, Deus, na sua grande misericórdia, intervém. O triste estado do mundo não deixa Deus indiferente. Não! Deus envolve-se.

E Deus faz isso de um modo maravilhoso. É esta a mensagem da Bíblia — uma mensagem fantástica. Deus derrubou o muro que nos separava dele e veio até nós na pessoa do seu Filho, Jesus. Os homens e mulheres de hoje rejeitam a mensagem da Bíblia, porque a acham irrelevante. Essa atitude só mostra a cegueira da nossa geração. Ao rejeitarem Jesus, desprezam a sua última esperança.

Que grande bênção é para pessoas como nós, em más relações com Deus e com o homem, que Deus tenha derrubado o muro que nos separava dele! Que grande bênção é para nós que Jesus tenha vindo realizar uma mudança radical na nossa situação!

Mas como é que ele pode fazer isso?

a) Paz com Deus

Todas as perfeições estão combinadas na pessoa de Jesus. Nunca houve qualquer brecha entre Deus e ele. Jesus é o Filho de Deus.

Um dia, alguém me disse: «Jesus foi simplesmente um homem como nós; foi o fundador duma religião, nada mais.» Eu respondi: «Certamente não estamos a falar da mesma pessoa. Eu estou a falar daquele que disse: "Vós sois de baixo; eu sou de cima." A pessoa a que me refiro é o Filho do Deus vivo, o único, o ser extraordinário que veio ao nosso pobre, perdido e amaldiçoado mundo.»

Nunca houve qualquer brecha entre Deus e Jesus, nem jamais alguém o enervou; nem mesmo Judas. E, no entanto, Judas traiu-o. Jesus, porém, amou Judas até ao fim. Eu quero que você veja Jesus deste ângulo: como o único homem que nunca ficou com os nervos em franja por causa das outras pessoas.

Note, por exemplo, a descrição da última ceia, na véspera da crucificação de Jesus. Sabe que no oriente, nos tempos bíblicos, as pessoas não se sentavam em cadeiras; deitavam-se em grandes divãs em torno da mesa. Como conseguiam comer nessa posição, não sei! Duma coisa tenho a certeza, é que é impossível usar faca e garfo estando deitado. Mas era assim que eles comiam.

Era também costume descalçarem-se e lavarem os pés, antes de se instalarem todos à mesa. Ora, nesse dia os discípulos tinham feito uma longa caminhada com Jesus. Totalmente exaustos, tiraram as sandálias e atiraram-se para os divãs. Posso mesmo imaginar Pedro a olhar

intencionalmente para João, como que a dizer: «Bem, um de nós terá de ir buscar água e uma esponja para lavar os nossos pés. Ao menos hoje tu podes fazer isso. Afinal de contas, és o mais novo. Estás sempre a tentar escapar, João, e isso começa a irritar-me.» Mas João encolhe simplesmente os ombros e pensa consigo: «Este Pedro enerva-me. Está sempre a dar-me piadas só por eu ser o mais novo. Por que é que não há-de ser o Tiago a ir buscar água?» Entretanto, Tiago, no seu canto, pensa: «Por que é que hei-de ser eu? Eu sou um dos discípulos preferidos do Mestre. Que vá Mateus tratar disso desta vez!» E assim, porque cada um tentava livrar-se do trabalho, iam-se irritando uns aos outros.

Foi então que Jesus se levantou. Os discípulos empalideceram. «Será que ele vai fazer esse trabalho?» Sim, ele vai fazê-lo! Jesus voltou com um avental dum servo, atou-o à cintura e, pegando numa bacia com água e uma esponja, começou a lavar os pés aos discípulos: os pés de Judas, de Pedro, de João, de Tiago, de Mateus... (eu quase acrescentaria... e os meus!)

É bem verdade que todas as perfeições se encontram unidas em Jesus, o Filho de Deus! Deus estava nele. E ele amava as pessoas.

Mas agora quero mostrar-lhe Jesus no lugar onde mais gosto de o contemplar: na cruz. Deixe-me conduzi-lo para fora das portas de Jerusalém e subir até ao monte. Nesse monte está uma multidão a clamar; soldados romanos armados de lanças estão de guarda; três cruces foram levantadas. O homem a quem me refiro está pregado na cruz do meio, com uma coroa de espinhos na fronte. Não retire dele os olhos, porque é por si que sofre. Ele está a morrer para o libertar da sua miséria e o reconciliar com Deus.

Gostaria que esse obstáculo que se interpôs entre si e Deus fosse removido? Então, venha à cruz de Jesus. Este Jesus, que morreu e resuscitou por si, foi enviado por Deus como mensageiro da sua paz. Não deixe que as suas dúvidas, por mais numerosas que sejam, o impeçam de vir. Coloque a sua fé em Jesus. Deixe diante dele o fardo dos seus pecados, e diga-lhe: «De agora em diante, quero pertencer-te.»

Se der este passo, posso assegurar-lhe que Deus lhe concederá o dom da sua paz.

Na sua carta aos romanos, o apóstolo Paulo declara: «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.» Sim, sem dúvida. Jesus é o anjo da paz de Deus. Aceite-o. Quão horrível é pensar em todos os homens e mulheres que, tendo ouvido falar de Jesus, recusam a sua oferta de paz. Não siga esse

exemplo, suplico-lhe. Por amor da sua própria alma, diga «sim» à oferta de paz que Deus lhe faz através de Jesus.

Um dia, estava eu a falar com alguns jornalistas. Eles tinham chegado a um ponto em que se interrogavam se haveria ainda alguma coisa no nosso tempo em que se pudesse acreditar. «Francamente,» — disse-lhes eu, sem rodeios — «depois de ter passado por duas guerras mundiais e ter vivido sob o regime nazi, sou forçado a admitir que de facto não sei mais em que me posso apoiar. Os nossos pensadores e políticos não levam a sério os seus próprios e bem elaborados discursos — então por que é que havia eu de os levar? Não, eu não sei em que poderei confiar nesta terra... a não ser na oferta de paz que Deus me estende através de Jesus Cristo.»

Nós podemos levar a sério a oferta de Deus. É a única coisa que ainda é segura. Vale a pena reflectir sobre este assunto.

Se você é um daqueles desiludidos que diz que «já não se pode acreditar em ninguém», então o Evangelho é exactamente aquilo de que precisa. Com efeito, Deus, em Jesus Cristo, levou-o muito a sério. Agora, compete-lhe a si levar também a sério a oferta de paz que Deus lhe faz.

Jesus restaura a relação entre si e Deus. Talvez possa objectar: «Mas eu vou regularmente à igreja, ponho dinheiro no prato das ofertas todos os domingos!» De que adiantará isso, pergunto eu, se não tiver paz com Deus? Deixe que lhe diga de novo: Jesus morreu por si. Ele carregou com todos os pecados que você praticou para lhe dar a possibilidade de se lançar aos seus pés e dizer: «Senhor, venho a ti, plenamente consciente de que sou um pobre e perdido pecador. Mas eu creio em ti e aceito-te como meu Salvador.»

É assim que pode agarrar a vida e achar paz com Deus.

b) Paz com os outros

Quando Jesus entra numa vida, dá paz com Deus e paz uns com os outros. Nós deixamos de nos irritar mutuamente.

Alguns dos leitores podem ser cristãos maravilhosos, mas se continuam a sentir que as outras pessoas os irritam, há algo de errado neles. Compreende? Talvez você diga: «Mas o senhor não conhece o meu vizinho, a minha vizinha — ela é um verdadeiro problema!» Eu responderia: «Enquanto você não a amar, há algo de errado em si, porque quando Jesus entra na nossa vida nós devemos deixar de ser tão sensíveis e tão facilmente irritáveis em relação aos que nos rodeiam.»

Jesus oferece-nos paz com Deus e paz com a pessoa que nos irrita. Por isso, se não suporta certas pessoas, precisa de Jesus. Só ele o pode ajudar. Doutro modo, ficará com os nervos em franja com todas essas tensões. Você precisa que Jesus lhe dê paz com Deus. Então, e só então, é que as coisas ficarão em ordem com as outras pessoas.

Eu tenho um bom amigo que vive num lindo apartamento. O seu senhorio, contudo, tem um temperamento difícil e é muito ganancioso. Um dia, ele escreveu ao meu amigo uma carta insolente: «Você vai fazer isto e aquilo e tem de pagar tanto.» O meu amigo contou-me o que aconteceu: «Quando li essa carta, fiquei furioso. Sentei-me à secretária, com a intenção de lhe responder imediatamente. Quando estava prestes a fazê-lo, a cena de Jesus na cruz, morrendo por mim — e pelo meu senhorio — passou-me diante dos olhos. Não pude escrever a carta! Em vez disso, fui vê-lo e disse-lhe: "Senhor fulano, acha que é necessária uma linguagem tão ofensiva entre nós? Parece-me que ambos somos homens abertos ao diálogo. Então, por que é que não nos sentamos e conversamos calmamente sobre o assunto? Eu gosto do senhor e acho que não precisa de me falar desse modo."» O senhorio ficou totalmente desarmado e não houve mais problemas. Os dois — o discípulo de Jesus Cristo e o difícil senhorio — acabaram por se tornar bons amigos.

Gostava de lhe contar outra história impressionante. Conheço um homem que se chama Erino Dapozzo e que foi evangelista em França. Ele voltou da guerra depois de ter estado num campo de concentração, com um braço gravemente ferido. Dapozzo falou-me um dia dum incidente que ocorrera na sua vida e que eu nunca mais esqueci: «O comandante do campo de concentração onde eu estava detido chamou-me um dia, por volta da hora do almoço. Levaram-me para uma sala onde estava posta a mesa para uma pessoa. Eu estava morto de fome. O comandante do campo entrou todo empertigado na sala. Sentou-se à mesa e foi-lhe servido um luto banquete. Eu tive de ficar em sentido, a vê-lo a devorar um prato atrás do outro. Ele lambia os lábios... e eu morria de fome. Mas o pior ainda estava para vir. Quando lhe estavam a servir o café, pegou num pequeno pacote e colocou-o ao lado da chávena. Voltou-se então para mim e disse: "Vês este pacote? Foi a tua mulher que to mandou de Paris. Está cheio de biscoitos." (Eu sabia que havia muito pouca coisa para comer em França, e que a minha esposa se devia ter privado de comer para fazer aqueles biscoitos). Ele começou então a comê-los, um após outro! Eu supliquei-lhe: "Por favor, dê-me um, só um, para guardar como

recordação da minha mulher. Eu prometo-lhe que não o como!" Mas ele riu-se e engoliu-os todos, sem deixar um sequer.»

Numa situação destas, a nossa raiva pode atingir o clímax e transformar-se em ódio.

Dapozzo continuou com a sua história: «De repente, compreendi o que a Bíblia quer dizer quando afirma: "O amor de Deus está derramado em nossos corações." Ali mesmo, senti verdadeiro afecto por aquele homem e pensei: "Pobre homem; ninguém gosta de ti. Estás rodeado de ódio. Quão privilegiado eu sou como filho de Deus!"» Dapozzo encheu-se de compaixão pelo comandante! Não deixou que aquele homem o irritasse. O comandante deve ter sentido isso, pois levantou-se depressa e deixou a sala.

Quando a guerra acabou, Dapozzo foi visitá-lo. O homem ficou pálido quando o viu entrar. «Veio para se vingar?» — perguntou ele. «Sim.» — replicou Dapozzo. «Venho para me vingar. Vamos tomar café juntos. Eu tenho um bolo no carro. Vou fazer umas sandes para os dois.» O ex-comandante ficou profundamente confuso. De repente, compreendeu: o homem submisso a Jesus Cristo já não está sob o domínio do ódio. Foi libertado da ira que o pressionava, porque o amor de Deus está derramado no seu coração.

Como velho pastor a trabalhar numa cidade, tenho ouvido muitas vezes pessoas a queixar-se: «Sinto-me muito só. Ninguém me ama.» Eu já não suporto ouvir esse tipo de coisas! Sempre me apetece perguntar-lhes: «E você? Quantas pessoas ama?» Quando nós próprios somos um bloco de gelo, não é muito lógico dizer que não há amor no mundo.

Quando percebi isso, disse imediatamente para mim mesmo: «É melhor começares a ser mais amável para com as outras pessoas.» Mas muito em breve verifiquei que era impossível. O nosso coração está tão cheio do «eu»! Sei que nos sentimos particularmente atraídos para certas pessoas, que são agradáveis. Mas as outras? Aquelas que nos enervam?

Lembro-me duma conversa que tive com um operário comunista. Ele disse: «Nós manifestamo-nos a favor dos *coolies* de Xangai.» «Ah, isso é bom!» — respondi. «E como é que vão as coisas com o seu vizinho do lado?» Ele explodiu: «Quando vir esse tipo, dou-lhe cabo da cara!»

Não, não é muito difícil amar alguém no outro lado do mundo. As coisas são bem mais complicadas quando se trata de amar alguém que vive na porta ao lado.

Eu creio que o mundo nunca mudará, a não ser que cada um de nós, individualmente, aprenda a amar o seu vizinho, inclusive aquele que é muito difícil, aquele que é violento, aquele que não nos deseja nada de bom. *Isso não se consegue fazer sozinho.* É um dom de Deus. Eu sei por experiência que não é fácil. Quando Jesus toma posse da nossa vida, não só nos dá o dom da paz com Deus como quer também ajudar-nos a fazer as pazes com o nosso semelhante.

Mas é doloroso! De facto, no processo, Jesus mostra-nos que nós ainda irritamos mais as outras pessoas do que elas nos irritam a nós; que é mais difícil para elas aguentarem-nos a nós do que nós a elas. Desde que conheço Jesus, ele tem posto muitas vezes o dedo na ferida, mostrando-me o mal que fiz às outras pessoas. E eu dou cada vez mais valor ao facto de Jesus ter suportado os meus pecados na cruz e me conceder o perdão dos mesmos.

Jesus pode começar a maior revolução que o mundo alguma vez conheceu. Para que isso aconteça, cada um de nós tem de o aceitar. Peço-lhe portanto que não se contente simplesmente em ouvir as minhas palavras. Ponha a sua confiança em Jesus.

Quanto eu gostaria que você pudesse dizer: «Eu encontrei Jesus e ele encontrou-me a mim.»!

AS COISAS TÊM DE MUDAR MAS COMO?

Quando eu era jovem, os escritos de Max Eyth, um escritor que desde então há muito foi esquecido, estavam na moda. Ele era engenheiro e os seus romances centravam-se geralmente no começo da era industrial. O título de um deles era «Tragédia Profissional». Na história, encontramos um jovem engenheiro que um dia, através duma série de curiosas coincidências, recebe a oferta dum contrato muito importante. O projecto consiste em construir uma ponte sobre um rio, exactamente no ponto em que esse rio se transforma num braço de mar. A dificuldade do empreendimento é agravada pelo facto de que a ponte terá de aguentar a pressão das marés altas e baixas. A nossa tecnologia moderna ainda não existia nessa altura!

O jovem engenheiro mete-se ao trabalho e constrói uma enorme ponte. Quando a ponte fica pronta, faz-se uma inauguração oficial, com música, bandeiras e muita cobertura por parte dos meios de comunicação. Os directores presentes na cerimónia são convidados a atravessar a ponte num comboio. O jovem engenheiro é motivo de conversa em todo o país. O seu nome aparece em grandes parangonas em todos os títulos dos jornais. A sua reputação está feita.

Pouco depois, ele abre um grande escritório em Londres e casa com uma senhora rica. Tem tudo o que quer na vida. No entanto, um estranho segredo, partilhado apenas com a esposa, ensombra a sua vida. Um dia, no princípio do Outono, ele desaparece subitamente. Nessa noite, enquanto a tempestade rugue e a chuva cai torrencialmente, o jovem engenheiro pode ser visto, de gabardine vestida, de pé, na base da ponte. Está receoso. Pode literalmente sentir a fúria da

tempestade a bater contra os pilares da ponte. Examina repetidamente os cálculos que fizera para se assegurar de que os pilares são suficientemente sólidos e de que calculou correctamente a pressão do vento. Logo que a tempestade termina, ele volta para Londres. Mais uma vez ele é a grande celebridade, uma importante figura na vida social da cidade. Ninguém consegue detectar o oculto temor que o domina: «Terei construído devidamente esta ponte? Será ela suficientemente sólida?» Estas perguntas aflitivas atormentam dia e noite o jovem engenheiro e ensombram cada minuto da sua vida.

Max Eyth prossegue, descrevendo em linguagem muito forte a maneira como numa noite terrivelmente tempestuosa, o engenheiro, cheio de medo, vai de novo verificar a ponte. Vê um comboio a atravessar a ponte, nota as luzes vermelhas da última carruagem e então, de súbito, deixa de as ver. O comboio, verifica ele, desapareceu simplesmente nas águas profundas do mar encapelado. A ponte cedeu pelo meio!

Quando li esse romance pela primeira vez, há anos, veio-me à mente este pensamento: «De facto, esta é a história de todo o ser humano. Cada um de nós trabalha na construção da ponte da sua vida e, de tempos a tempos, depois duma noite de insónia ou duma experiência traumatizante, somos assaltados pelo medo: «Terei eu construído bem a ponte da minha vida? Será ela suficientemente sólida para resistir às tempestades da vida?» Por instinto, sabemos que algo está errado. A ponte da nossa vida não é muito perfeita.

Assim, o primeiro ponto que eu gostaria de focar é este:

1. Algo está errado

Na qualidade de pastor a trabalhar numa cidade grande, tenho muitas vezes perguntado às pessoas: «Diga-me, está tudo perfeitamente bem na sua vida?» Nunca encontrei uma única pessoa que não tenha acabado por admitir: «Tudo perfeitamente bem? Não. As coisas deviam ser diferentes em muitas áreas da minha vida.» É claro que não posso dizer-lhe a si qual é o ponto fraco da ponte da sua vida, mas você próprio tem consciência de que muitas coisas deviam ser diferentes.

É por isso que nós estamos constantemente a tomar boas resoluções: «Vou mudar. Tenho mesmo de melhorar nesta ou naquela área da minha vida.» Seja sincero — acredita mesmo que uma pessoa pode mudar? Não. Na realidade, o homem é incapaz de mudar. A Bíblia diz-nos isto com um realismo brutal: «Poderá o etíope mudar a sua pele,

ou o leopardo as suas manchas? Assim também não pode fazer o bem quem está acostumado a fazer o mal.»

O mundo está cheio de lições de moral e de boas resoluções, mas nenhum ser humano pode mudar só por si. Esta é uma palavra forte.

Algumas pessoas que encontro estão perfeitamente conscientes das fraquezas da ponte da sua vida. De vez em quando, perguntam-me: «Mas que posso eu fazer? Não consigo mudar.» Isso é verdade. Uma pessoa imoral não pode dar a si mesma um coração puro; o mentiroso não se pode transformar a si mesmo em verdadeiro; a pessoa egoísta não pode subitamente tornar-se altruísta (pois mesmo que consiga aparentar um pouco de amor, esse pouco de amor está manchado de egoísmo); e o desonesto não pode transformar-se num homem honesto. Se eu ao menos o conhecesse suficientemente para lhe poder mostrar o ponto fraco da ponte da sua vida! Mas Deus conhece-o e pode-lho mostrar.

Esta é uma verdade muito séria que a Bíblia nos revela. Eu não estou a falar das minhas próprias ideias. Estou simplesmente a comunicar aos outros o que a Palavra de Deus diz.

A Bíblia tem uma mensagem fantástica para si, neste momento, uma mensagem que o deixará maravilhado! Ei-la: o Deus vivo enviou a este mundo alguém que o pode transformar e mudar toda a sua vida. Esse alguém não é senão o seu Filho, o Senhor Jesus Cristo.

2. Tudo pode mudar

Meus amigos, eu não sei se é a igreja a culpada de as pessoas pensarem que o evangelho é apenas um conjunto de contos de fadas. No que me diz respeito, acho que a sua mensagem é extraordinária. Deus enviou o seu Filho ao mundo para me dar uma oportunidade. E Jesus fez esta espantosa declaração: «Eis que faço novas todas as coisas.» Só ele pode mudar um ser humano.

Tenho conhecido alcoólicos que se têm libertado do seu vício; mulheres idosas egoístas (ao ponto de aborrecerem de morte toda a gente) que foram transformadas da noite para o dia e começaram a preocupar-se com os outros; e homens obcecados pelo sexo, que receberam a pureza duma criança. Jesus transforma. Ele aparece e de repente tudo se torna novo.

É por isso que nós precisamos dum Salvador, nós que sabemos que a ponte da nossa vida não é o que devia ser. Precisamos do Senhor Jesus Cristo — não do exterior do cristianismo, mas do próprio Cristo.

Não é de religião, de dogma, de filiação nalguma denominação que precisamos, mas sim do Salvador vivo. E ele está precisamente aqui. Pode invocá-lo agora mesmo e confessar-lhe toda a miséria da sua vida. É essa a extraordinária mensagem que tenho para compartilhar consigo.

Recentemente, passei uma semana na cidade de Munique. Há lá um grande parque, mesmo no centro da cidade, conhecido por *Jardim Inglês*. Como o meu hotel ficava a pouca distância desse parque, eu ia dar um passeio até lá, todas as manhãs. Junto do portão de entrada há uma ponte de madeira sobre um rio. À esquerda da ponte a água corre sobre uma represa e transforma-se numa queda de água. No fundo da queda vi um dia um bocado de madeira a flutuar na água. Como não tinha pressa, detive-me numa ocasião a observar o tronco que girava em círculos. Por vezes, parecia que ia ser arrastado pela corrente e continuar o seu caminho, mas o redomoinho sempre o fazia recuar. Quando voltei no dia seguinte, aquele pedaço de madeira continuava lá. De cada vez que parecia que ia ser apanhado pela corrente, tinha de voltar para trás, por causa do movimento da água. Pode imaginar a cena? Havia uma corrente bastante forte, mas o bocado de madeira continuava em círculos.

Muitos de nós somos assim. A nossa vida gira indefinidamente no mesmo ciclo vicioso: os mesmos pecados, a mesma ansiedade, a mesma impiedade, o mesmo desespero no coração. Dia após dia, é a mesma vida monótona, a mesma rotina. Giramos e voltamos a girar em círculos. Mas não longe de nós está a corrente. Ela flui de Jesus, o Filho de Deus.

Este Jesus morreu por nós na cruz. Creia nele. Se Deus permitiu que o seu Filho sofresse uma morte tão cruel, deve ter tido alguma razão para isso, mesmo que você ainda não a tenha conseguido ver. Na sua mente, contemple Jesus na agonia da cruz. *Deve* haver sentido na sua morte! Basta isso para você não dever passar simplesmente de lado, sem ao menos tentar compreender tudo o que está envolvido.

É por Jesus ter morrido e ressuscitado que flui dele uma corrente libertadora. Aliás, nós somos exactamente como aquele tronco de madeira no Jardim Inglês. Giramos em círculos incessantes. Nessa altura, no parque, pensei: «Para ser arrastado pela corrente este bocado de madeira só precisa dum empurrãozinho.» Por mais que tentasse, eu não conseguia apanhá-lo, sem correr o risco de cair na água.

Nós, porém, não somos um bocado de madeira! Para sairmos do nosso velho ciclo vicioso e entrarmos na corrente libertadora que flui do Filho de Deus, temos de nos empurrar a nós próprios. E quando fazemos isso, descobrimos que foi Deus quem nos ajudou a fazê-lo!

Mas neste ponto prefiro salientar o facto de que todos nós, cada um de nós tem de pessoalmente dar um passo na direcção da corrente libertadora. Ninguém pode fazê-lo em nosso lugar. Alguns, no entanto, estão perfeitamente conscientes, desde o princípio, que Deus está a trabalhar nos seus corações e que é ele que os capacita a darem o passo que os tirará do velho ciclo vicioso e os puxará para a corrente libertadora que flui de Jesus.

3. Ou isto ou aquilo!

Há duas histórias bíblicas que podem ilustrar o que acabei de dizer.

O Apóstolo Paulo encontrava-se preso em Cesareia, a cidade onde o governador romano fixara residência. O novo Procurador da Judeia era um romano chamado Festo. Um dia, o rei Agripa, judeu, e sua irmã Berenice chegaram a Cesareia para saudar Festo. Disseram-lhe, então: «Festo, há um preso muito interessante, chamado Paulo, que está aparentemente sob a tua guarda. Gostaríamos de ouvir falar esse homem.» Assim, no dia seguinte, a sala de audiências foi preparada. Festo, Agripa e Berenice entraram com toda a pompa e cerimónia, seguidos pelos oficiais superiores e as autoridades da cidade. À ordem de Festo, o acusado foi introduzido na sala. Mas dentro de minutos os papéis inverteram-se. O acusado já não era Paulo, mas sim toda a aristocracia reunida à sua volta. Paulo ergueu-se diante de todos e fez um discurso de grande poder espiritual. Procurou levar o auditório a compreender quem era Jesus. Em vez de se concentrar nos pecados dos seus ouvintes, Paulo descreveu-lhes o Filho de Deus — aquele que disse: «Quem tem sede venha a mim e beba.» Paulo disse mais ou menos isto: «Vocês, com a vossa sede de vida, a vossa consciência culpada, o vosso anseio de Deus, o vosso medo da morte, ouçam-me! Jesus estende a mão a cada um de vós e diz: "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos darei descanso."» Com palavras como estas, Paulo falou em louvor de Jesus, com quem ele se tinha encontrado um dia, quando se dirigia para Damasco.

Quando Paulo acabou de falar, o governador Festo disse-lhe: «Paulo, és um bom orador, mas o que dizes é uma loucura! Deixas-te empolgar pelo teu entusiasmo!» Festo não tinha entendido nada.

A Bíblia diz a respeito de certas pessoas: «Engordou-se-lhes o coração.» Alguns corações parecem estar cobertos de gordura, de modo que tudo escorra. De certo modo, o de Festo era assim.

Por seu lado, Agripa ficou muito perturbado e disse algo que sempre me toca profundamente: «Quase me persuades a que me faça cristão!» Com essas palavras, o rei levantou-se e saiu da sala. E tudo ficou como antes! Tal como acontecia ao tronco de madeira no Jardim Inglês, a vida de Agripa continuou a traçar os mesmos círculos, no mesmo redemoinho, no mesmo tipo de existência enfadonha e sem sentido — até à sua morte, até ao inferno.

E você? Também vai deixar as coisas como estão? Se fizer isso, então Jesus terá morrido em vão por si. E a ressurreição dele também não lhe valerá de nada. Para si não haverá perdão, nem libertação, nem paz com Deus. Tal como no caso de Agripa, a si só um passo o separa de ser cristão: «*Quase* me persuades a que me faça cristão.»

Há homens e mulheres hoje que se chamam cristãos, mas que nunca se tornaram filhos de Deus. Há homens e mulheres hoje que se chamam cristãos e que, no entanto, estão a caminho da condenação eterna. Há homens e mulheres hoje que se chamam cristãos e, todavia, não têm paz. É trágico!

Vou contar-lhes agora a segunda história bíblica que é exactamente o contrário da primeira. O apóstolo Paulo chegou um dia a Filipos, uma cidade europeia em que tudo se podia encontrar: lugares de diversão, teatros, clubes nocturnos; numa palavra, tudo o que se podia encontrar em qualquer cidade digna desse nome. E como em todas as cidades importantes há uma prisão, também havia uma em Filipos. Esse estabelecimento prisional estava a cargo dum ex-oficial romano, que poderia ter sido nomeado para esse posto em consequência de algum ferimento recebido em combate. Um dia, o carcereiro foi encarregado de guardar dois presos fora do comum: o Apóstolo Paulo e seu companheiro Silas. Eles tinham pregado o evangelho com grande poder na cidade. A sua pregação provocou um motim e as autoridades locais ordenaram que os açoitassem e lançassem na prisão. Assim, Paulo e Silas ficaram sob a vigilância do carcereiro, que os devia guardar em segurança até ao dia seguinte. O carcereiro, um fleumático para quem ordens eram ordens, concordou com um aceno da cabeça. «Mantê-los bem guardados? Não se preocupem! Eu trato disso!» Bem no interior da prisão estava uma cela com água a escorrer das paredes. Foi para essa masmorra que conduziu os dois presos, deixando-os lá com os pés presos num tronco.

Se me perguntasse qual era a religião deste homem, eu dir-lhe-ia: a mesma que muita gente tem! Ele acreditava no «bom Senhor» ou talvez mesmo em vários «bons senhores». Nessa altura, todos os súbditos do Império Romano tinham algum tipo de religião, mas ninguém se preocupava muito com isso. Acontece o mesmo, hoje. Será que se identifica com este homem?

De súbito, algo de estranho aconteceu; algo que jamais conseguiremos explicar perfeitamente. Primeiro, por volta da meia noite, Paulo pôs-se a cantar um hino de louvor em honra de Jesus. talvez ele tivesse precisado desse tempo para aceitar o injusto tratamento de que fora alvo: as chicotadas, a prisão, o tronco. Esse tipo de tratamento é muito difícil de aguentar. Mas veio-lhe então um pensamento: «O Senhor Jesus, o Filho de Deus, remiu-me com o seu sangue. Eu sou um filho de Deus. Tenho paz com ele. Mesmo aqui na prisão, Deus segura-me com a sua mão.» Assim, Paulo irrompeu num canto de louvor e Silas juntou-se-lhe, cantando o contralto ou o baixo. Era maravilhoso! Os outros presos ouviam-nos cheios de espanto, pois nunca antes se tinham ouvido tais sons na prisão. E com muita razão!

Nos períodos em que estive detido, vim a saber como são as prisões da polícia do Estado. A única coisa que se ouve são pragas, gritos e palavras de revolta dos presos, juntamente com os gritos dos guardas. Quando um dia comecei a cantar um hino, eles vieram imediatamente ordenar-me que me calasse. No nosso tempo, eles já compreendem que é perigoso deixar que alguém cante louvores a Deus, mas na altura não era assim.

Paulo e Silas continuaram a cantar. É claro que o carcereiro ficou muito surpreendido. «Por Júpiter!» — pensou ele consigo — «que é que eles estão a cantar?» Apurou o ouvido. «Olha, são cânticos religiosos...» — exclamou — «e aqui na prisão! Naquela cela lá em baixo há boas razões para o moral dos presos baixar bastante. E estes presos estão a cantar em honra do seu Deus!» O carcereiro voltou para a cama. Mal se tinha deitado outra vez, quando sentiu o abalo dum violento terramoto. Fora Deus que o provocara. Todas as portas da prisão se abriram. As cadeias dos presos rebentaram. O carcereiro saltou da cama, vestiu-se o mais depressa que pôde e descobriu que as portas estavam abertas. «Céus! Os presos escaparam-se.» — gritou ele. «Estou desgraçado. Estou liquidado!» Estava prestes a cometer suicídio, quando ouviu a voz de Paulo, vinda lá de baixo: «Não faças mal a ti mesmo. Nós estamos todos aqui!»

A Bíblia não dá quaisquer pormenores sobre o que se passava no íntimo desse homem, mas num relance ele compreendeu isto: «Deve haver um Deus vivo, que intervém a favor dos seus servos. Durante toda a vida tenho insultado e ofendido esse Deus com a minha maneira de viver e agir. Ele não me vai aceitar; vai-me rejeitar, porque conhece os meus pecados. Ele conhece todas as coisas horríveis que tenho feito. Sim, há um Deus vivo — e quanto a mim, estou perdido.» Correu pelas escadas abaixo até à cela de Paulo e clamou: «Senhores, que tenho de fazer para ser salvo?» O carcereiro acabava de reconhecer que a sua vida era como aquele pedaço de madeira no Jardim Inglês. Não fazia senão andar em círculos. Tudo continuava na mesma. Mas agora, a situação era crítica: «Que tenho de fazer para chegar à corrente libertadora?»

Se o carcereiro de Filipos nos tivesse feito essa pergunta, talvez lhe tivéssemos pregado um sermão ou dado uma lição de moral. Se estivéssemos na situação de Paulo, talvez tivéssemos começado por lhe pedir que nos deixasse sair da prisão. Paulo, porém, respondeu imediatamente, com uma única frase: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.» O conhecimento do carcereiro era muito limitado. Ele estava vagamente consciente de que Jesus nos salva da ira de Deus, da condenação, do inferno — e da nossa velha maneira de viver. Mas num momento ele experimentou aquele choque salutar que o libertou da sua velha vida e o empurrou para a corrente libertadora. Dali em diante, ele pertencia a Jesus.

A Bíblia relata então a maneira como esse homem tirou Paulo e Silas da prisão e lhes lavou as feridas, ouvindo atentamente tudo o que Paulo lhe ia ensinando acerca de Jesus. O carcereiro foi depois baptizado, nessa mesma noite, dando assim testemunho de que já pertencia a Jesus. A história termina com estas palavras. «O carcereiro levou-os para a sua casa e pôs-lhes a mesa, e toda a família se alegrou por causa da sua fé em Deus.» O carcereiro estava agora a ser atraído pela corrente da vida. Tinha encontrado a paz em Deus.

Um homem disse que estava quase persuadido a tornar-se cristão. Outro homem foi apanhado pela corrente libertadora que jorrava de Jesus. Que lhe acontecerá a si?

4. Encare a sério a oferta de Jesus

As coisas têm de mudar — mas como? Para começar, você tem de conhecer Jesus.

Foi pouco depois da guerra. Um director dum colégio telefonou-me um dia e disse: «Pastor Busch, eu tenho quinze rapazes aqui. Eles passaram com notas excelentes na tropa, mas têm de ter mais um período extra de ensino para que o seu diploma seja considerado válido. Eles foram tenentes da força aérea, capitães de infantaria e artilharia e outros oficiais de postos inferiores. Desnecessário é dizer que estão furiosos por terem de voltar a estudar. Será que o senhor concordaria em lhes ministrar um curso sobre religião?» Aceitei e fui para a minha primeira lição com temor e tremor.

Encontrei-os todos sentados, com os uniformes gastos, esses jovens guerreiros que se tinham tornado grisalhos no campo de batalha. «Vivam!» — disse eu ao entrar na sala. «Vim para lhes dar algumas aulas sobre religião.» A minha introdução foi interrompida, pois imediatamente um deles se levantou e começou o debate. «Por que é que Deus consentiu nesta guerra horrível?» Outro acrescentou: «Onde está o amor de Deus? Ele ficou em silêncio enquanto milhões de judeus morriam nas câmaras de gás.» Questões semelhantes vinham de todos os lados. Por fim, ergui a mão e pedi: «Um momento, por favor! Vocês encaram estas questões como um cego ao leme dum barco sob fogo pesado! Não faz sentido falar de Deus nesses termos. Deus é-nos totalmente desconhecido e alheio. Ele só se revela duma maneira — em Jesus. E antes de continuarmos temos de saber quem é Jesus. Portanto, meus senhores, só recomeçaremos o debate depois de termos considerado primeiro a revelação de Deus. Será esse o nosso assunto nas próximas semanas. Tragam as vossas Bíblias.»

Os homens trouxeram as suas Bíblias e começámos então a ler o livro de Génesis: «No princípio criou Deus os céus e a terra.» Avançámos depois para a história da Queda; a seguir para o relato do juízo de Deus sobre a humanidade caída. Todos eles ficaram muito impressionados com esta afirmação bíblica: «O teu pecado te castigará; o teu desvio te repreenderá. Considera então e reconhece quão mau e amargo é para ti abandonares o Senhor teu Deus e não teres temor de mim, declara o Senhor todo-poderoso.» Nações e indivíduos têm descoberto a grande verdade desta afirmação.

Depois disso, lemos juntos a história de Jesus. Ouvimos, sem interrupções, o relato da sua morte e ressurreição. Essa hora, em especial, permanecerá para sempre gravada na minha memória. Enquanto um dos jovens lia a passagem em voz alta, fez-se de repente um grande silêncio em toda a sala. Ficámos de respiração suspensa ao ouvirmos as grandes coisas que Deus fez através de Jesus Cristo. E foi

tão grande a mudança operada no coração destes jovens que nunca mais se envolveram com o tipo de discussão estéril com que tinham começado na primeira lição. Todos eles se consideravam cristãos, mas não sabiam nada a respeito do Deus vivo, que veio até nós na pessoa de Jesus Cristo, realizando tudo o que era necessário para a nossa salvação.

Sim, é preciso conhecer Jesus. E depois? É preciso considerar seriamente a sua oferta.

Jesus contou um dia esta parábola. Um rei organizou o banquete da boda do seu filho. Enviou então os servos a chamar os convidados: «Venham. O banquete está pronto!» Mas todos eles, um após outro, se desculparam. O primeiro explicou, «Desculpe, lamento muito, mas estou mesmo no processo de concluir um negócio muito importante e tenho de o resolver de imediato.»

O segundo convidado arranjou outra desculpa: «Obrigado pelo convite, mas casei há pouco e estou certo de que vai compreender que me encontro em plena lua de mel. Não posso nesta altura ocupar-me de outras coisas.»

Afinal, ninguém apareceu. Tenho muitas vezes tentado imaginar como é que essas pessoas se terão sentido mais tarde. Devem ter pensado consigo mesmas: «Realmente, eu devia ter aceitado o convite do filho do rei. O problema é que as circunstâncias não eram nada favoráveis.»

Não será isso que você diz também consigo mesmo? «Na verdade, eu devia tornar-me um filho de Deus, mas por qualquer razão não consigo! Não posso mesmo...» Peço-lhe que aceite pela fé o convite do Filho de Deus!

Muitas pessoas me dizem: «Eu também creio.» Eu sei que nós, os alemães, acreditámos numa porção de coisas durante o Terceiro Reich: acreditámos no Fuhrer, na vitória final, na arma milagrosa, etc.. Mas a coisa de que realmente precisamos não é qualquer tipo de crença; é sim, da paz com Deus. Esta paz só pode ser conseguida através de Jesus. Por meio de algumas ilustrações, quero explicar o que significa crer.

No princípio do meu ministério, fiz visitação de casa em casa, numa certa área. Em quase todas as casas as pessoas fechavam-me a porta na cara, dizendo: «Não queremos comprar nada.» Eu punha o pé na porta, sempre que possível, e respondia: «Eu não vendo nada; sou pastor.» «Nós não temos necessidade dum pastor.» — era invariavelmente a resposta.

Um dia entrei num apartamento, cuja porta abria directamente para a cozinha. Um jovem andava de um lado para o outro na sala, com um olhar furioso. «Olá» — disse eu. «Viva. Eu sou pastor evangélico.» — continuei. «O quê? Um pastor?» — gritou ele, parando de repente. «Isto é o máximo! Saia daqui imediatamente! Eu já não acredito em mais nada. Perdi a fé na humanidade.» Naturalmente ele tinha acabado de receber um duro golpe. Eu respondi: «Jovem, aperte cá a mão. Eu também perdi a fé na humanidade.» Atónito, perguntou-me: «Que disse? Como pastor, o senhor deve tentar manter viva a fé na humanidade.» «Acha que sim?» — perguntei eu. «Desculpe, mas já desisti da humanidade. Eu atravessei a guerra. E quando penso nas obscenidades, em todo o lixo, e no deserto de egoísmo em que este mundo se tornou... Não, não posso acreditar mais na humanidade.» «Tem razão» — concordou ele — «Mas então, como é que pode ser pastor?» Eu respondi-lhe: «É que eu recebi uma nova fé, uma fé que nada do mundo pode abalar.» «Ah, estou curioso em saber que tipo de fé é essa.»

Anunciei-lhe então o evangelho: «Trata-se duma fé absoluta em Jesus Cristo, que veio a este mundo como Salvador.» Ele ficou atónito. «Jesus Cristo? Mas isso é o cristianismo! Eu pensei que o cristianismo estava acabado, desactualizado!» — exclamou ele. «De modo nenhum. O cristianismo começa onde todas as outras crenças terminam.»

Quanto eu desejaria que você se libertasse das falsas crenças, de modo a poder vir também à fé salvadora em Jesus Cristo!

Logo depois da guerra, como tencionava viajar bastante, comprei um velho Opel P4. Era realmente um carro antigo! Quando viajei pela primeira vez no meu pequeno e bombaleante P4, um amigo gritou-me: «Olha para aquilo! O pastor a guiar um carro. Temos de pôr fardos à volta de todas as árvores!» Um tanto ferido, respondi: «Parece que pensa que não sei guiar.» «Claro que sabe. Eu sei que tem carta de condução.» «Então, entre» — disse eu — «e vamos contornar o bloco.» «Não, obrigado!» — foi a resposta rápida — «Ainda não fiz testamento!» Nesse momento apareceu a minha esposa. «Emmi, queres vir dar um passeio comigo?» — perguntei eu. Sem a mínima hesitação, ela entrou no carro e — asseguro-lhes — ainda está viva! Quando subiu do chão sólido para o carro, Emmi colocou a sua vida nas minhas mãos. Façam isso mesmo em relação a Jesus. Ponham a vossa vida, de todo o coração e sem receio, sob o seu cuidado.

Li há algum tempo a história comovente dum caso que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, em Estalinegrado. Na altura, a cidade estava totalmente cercada por tropas russas. O último avião alemão que mantinha a ligação com a zona não-operacional acabava de aterrar. Eles carregaram o avião com os feridos. Outros soldados chegaram, entretanto — levemente feridos ou quase mortos de frio — e queriam embarcar também. Assim, agarraram-se ao avião, segurando-se a tudo o que podiam encontrar: aos manípulos das portas, ao trem de aterragem. O avião levantou voo. Quando aterrou mais tarde, nenhum daqueles que se tinha agarrado ao avião estava ainda lá. Com as mãos geladas, eles tinham sido simplesmente varridos pela tempestade. Só se salvaram os que estavam dentro do avião.

Quando li a notícia deste incidente, não pude deixar de ver um paralelismo entre o evangelho de Jesus, o Filho de Deus que morreu e ressuscitou por nós, e este avião salva-vidas. Para nós, Jesus é a via de escape da eterna condenação. Nele há espaço suficiente. Mas — é triste dizê-lo — muitos homens e mulheres não estão dentro. Nunca embarcaram. Contentam-se em se agarrar ao trem de aterragem. Vão à igreja uma vez por ano, no Natal. Foram batizados, mas isso não os impede de pensar e agir como o resto da multidão. E quando morrem, o pastor vai afirmar que eram boas pessoas. Na realidade, eles sempre estiveram do lado de fora. E um dia serão varridos pela tempestade. Não restam dúvidas a esse respeito. Só os que estão dentro serão salvos.

Estará você entre eles?

O inferno estará a abarrotar de pessoas que ouviram falar de Jesus, mas nunca embarcaram com ele. «Embarcar» com Jesus significa crer em Jesus. Façam isso!

Na Catedral de Lubeck, uma igreja muito antiga e muito bela, há uma linda peça de altar representando a crucificação, pintada por Hans Memling no século XV. Em 1942, quando a igreja estava em chamas, em consequência dum raide aéreo, um soldado desconhecido, com alguns amigos, correu para dentro do santuário, com risco da própria vida, para salvar essa obra de arte.

Pouco depois da guerra, eu dirigi uma série de reuniões em Lubeck. Um dia, o curador do museu de Belas Artes veio ter comigo e disse-me: «Eu tenho a famosa peça de altar de Memling guardada na cave. Se o senhor estiver interessado, terei prazer em lha mostrar.» É claro que essa foi uma excelente oportunidade. O curador levou-me então, juntamente com outro amigo, até à cave. Era um quadro

magnífico. Soldados com lanças, mercenários a jogar, uma multidão desordenada, mulheres em pranto, fariseus com o seu olhar cínico. E mais além, muito acima da multidão, três cruces.

De repente, a minha atenção foi despertada por um pormenor muito estranho: mesmo no meio da multidão, junto à cruz de Jesus, havia um espaço em branco. Eu comentei para os outros: «É estranho, pois no meio da multidão, mesmo ao pé da cruz, não devia haver nenhum espaço vazio. Que é que o artista teria em mente?» Aqueles pintores medievais tentavam sempre transmitir alguma mensagem através dos seus quadros. O meu amigo aventou uma explicação: «Acho que ele queria dizer isto: Neste ponto, mesmo aos pés da cruz de Jesus, há um espaço livre. Tu podes colocar-te ali, se quiseres.»

Penso muitas vezes nesse quadro, quando cantamos este hino:

Sobre a cruz de Jesus,
Os meus olhos podem ver, às vezes,
A forma moribunda daquele
Que sofreu ali por mim.
E do meu coração ferido, com lágrimas,
Duas grandes verdades confesso —
A maravilha do seu glorioso amor,
E a minha própria indignidade.

Quão alegre me sinto por junto da cruz de Jesus haver um espaço livre — um lugar para mim!
E há também um para si.
Irá adiar muito mais tempo, antes de se colocar lá?

«PARA MIM NÃO SERVE!»

Cada geração inventa os seus próprios *slogans* e expressões. As pessoas usam-nos e repetem-nos por tudo e por nada, como se eles se aplicassem a todas as circunstâncias. Uma dessas frases é a expressão negativa, «Para mim não serve!» Isso significa, «Eu não quero isso de modo nenhum. Está fora de questão!»

Essa expressão é usada como desculpa para uma discussão, para ferir outros e, por vezes, mesmo para nos prejudicarmos a nós próprios. É por isso que essa expressão se pode tornar extremamente perigosa — mesmo ao ponto de pôr em perigo a vida de alguém. Por outro lado, também pode ter resultados positivos. Tudo depende da maneira como as pessoas a usam.

Vamos considerar agora essa questão.

1. Não a usamos quando a devíamos usar

Há uma história na Bíblia que embora tenha já séculos continua a ser relevante hoje e ilustra de forma clara este aspecto da questão.

Certamente já ouviu falar de Abraão, o homem de Deus de quem se diz isto no primeiro livro da Bíblia: «Creu Abraão em Deus e isso lhe foi imputado como justiça.» Abraão era o tipo de homem que tinha perfeita consciência das suas limitações. Contudo, ele vivia tão perto de Deus que no momento em que se apercebia de algum pecado na sua vida, confessava-o imediatamente e agarrava-se pela fé ao perdão que Deus lhe oferecia.

Ora, um dia, Abraão viu-se numa situação estranha em relação ao seu sobrinho Lot. A Bíblia diz-nos que Abraão era rico em ovelhas e

gado. Lot, que acompanhou o tio, também tinha grandes rebanhos e gados. O que podia acontecer, aconteceu mesmo: «Levantou-se uma contenda entre os pastores de Abraão e os pastores de Lot.» Um conflito aberto estava prestes a irromper entre tio e sobrinho. Tudo isso porque não havia suficientes pastagens para todos. As contendas entre os pastores de Lot e os pastores de Abraão estavam a tornar-se cada vez mais sérias. Após cada novo incidente, eles corriam para os seus senhores e comunicavam de forma acalorada as palavras e actos dos seus adversários. É evidente que a situação estava a degenerar.

Se você fosse Abraão, que era bastante mais velho que Lot, que teria feito? Se eu fosse Abraão, talvez lhe tivesse dito: «Mas que maneira de proceder! As coisas foram longe demais! É melhor arrumares as tuas coisas e ires embora.» E Lot, muito naturalmente, teria ripostado: «Nem pense! Eu tenho os meus direitos. Você é que deve ir embora!»

As contendas nunca mais teriam parado, com reacções deste género.

As coisas atingiram o clímax e parecia ser inevitável uma rotura entre Abraão e Lot. Mas o piedoso ancião vivia perto de Deus e ao olhar para o sobrinho, pensou consigo: «Um conflito? Uma separação? Não. Para mim, não serve! Está fora de questão!» Pondo a mão no ombro de Lot, disse-lhe: «Não haja qualquer contenda entre ti e mim, ou entre os teus pastores e os meus, pois somos irmãos.» Abraão sugeriu então para o diferendo uma solução que podia muito bem ser desvantajosa para ele. Mas que interessava isso? «Uma contenda? Para mim, não serve!»

Talvez você já tenha também conhecido este tipo e situação, quando alguém o provocou abertamente. Será que, como Abraão, disse consigo: «Uma contenda? Para mim, não serve!»?

É assim que reage? Duvido. Provavelmente preferia aceitar o desafio para o duelo, com o resultado de ainda hoje estar de relações cortadas com a sra. Fulana ou com os seus vizinhos. Quantas vezes esta expressão «Para mim, não serve!» teria sido a melhor coisa a dizer! Não afirmou o próprio Senhor Jesus que são «bem-aventurados os pacificadores»? Se o nosso cristianismo tem tão pouco impacto, não será porque quando as situações se tornam críticas nós não conseguimos dizer: «Uma contenda? Para mim, não serve!»? Não é verdade que neste tipo de situação nós falhamos redondamente?

Deixe-me contar outra história bíblica de que gosto imenso. É a história dum jovem chamado José. Ele tinha sido vendido pelos

irmãos e foi como escravo que chegou ao Egito, um país grande e altamente civilizado na época. Um homem rico, chamado Potifar, dono de muitos escravos e de diversas residências magnificentes, comprou-o.

Na sua adolescência, José tinha decidido seguir o Deus vivo. Ele tinha dito a Deus: «Eu quero pertencer-te.» Agora, o jovem José encontrava-se sozinho no Egito. Ele via como os outros escravos roubavam e mentiam, mas recusou-se a seguir-lhes o exemplo. Naturalmente, os outros riam-se dele.

Potifar, contudo, logo notou que José era digno de confiança. Por isso começou a confiar-lhe deveres importantes.

Como vê, embora as pessoas provoquem os cristãos, gostam de contar com eles para certos trabalhos, porque sabem que os cristãos são honestos e dignos de confiança.

Quando José atingiu o estado adulto, o seu senhor já o tinha nomeado como mordomo da sua casa e de tudo o que possuía. A Bíblia vai ao ponto de dizer: «E tendo José como responsável, ele não se preocupava com nada, excepto com a comida que comia.» Talvez Potifar gostasse de dar também a José esse trabalho! Era a única coisa com que ainda tinha de se preocupar.

José tornou-se um jovem forte e simpático. Vestia-se com gosto e elegância. Não admira pois que a jovem esposa do seu amo reparasse nele. A senhora Potifar era pagã. Era também uma mulher ociosa, pois tinha às suas ordens uma multidão de escravos para cuidar de tudo. Há um ditado que diz: «A ociosidade é a mãe de todos os vícios.»

Um dia, a jovem senhora pôs os olhos em José e começou a querer namorá-lo. José, no entanto, nem a notava. Foi numa das ocasiões em que esta terrível cena teve lugar que, completamente só na casa com José, e vítima duma paixão desenfreada, ela subitamente se pôs na frente dele e, agarrando-lhe a capa, lhe pediu que fizesse amor com ela. A Bíblia relata em palavras de tocante beleza como, após um momento de reflexão, José lhe respondeu. «Isso está fora de questão! Nem pensar! Adultério? Para mim, não serve!» É assim que nós falamos...

Mas as pessoas da Bíblia tinham uma maneira mais bonita de dizer as coisas. José escolheu cuidadosamente as palavras: «Não há ninguém nesta casa maior do que eu. O meu senhor não me proibiu nada, excepto a ti, sua esposa. Como poderia eu então cometer uma coisa tão vil e pecar contra Deus?»

Foi esta a maneira de José dizer: «Para mim, não serve!»

Todos nós, numa altura ou outra, nos temos visto neste tipo de situação, em que somos tentados por um pecado específico que as pessoas de hoje já não gostam de considerar como pecado — o pecado do adultério. Teremos nós reagido, dizendo: «Deus vê-me. Cometer adultério? De modo nenhum!»

Em que é que a atitude de José o afecta a si? Receio bem que se estivéssemos na situação dele, nunca teríamos sonhado em responder — simplesmente por respeito pelo mandamento de Deus para sermos puros em palavras e actos — «Para mim, não serve! Está fora de questão!» Estas palavras raras vezes nos vêm à mente em momentos tais como esse. Deus não se esquece disso. Chegará o dia em que nos lembrará todos os nossos pecados. É lamentável que, exactamente quando nós mais precisamos delas, as palavras «Para mim, não serve» nem mesmo nos entrem na cabeça. Contudo, esta é de longe a melhor maneira de reagir na hora da tentação, quando estamos prestes a violar um dos mandamentos de Deus. Uma das características do século XX é que as pessoas já não levam em conta as leis de Deus.

Na cerimónia da consagração do actual Bispo de Hanover, eu tive de pregar a todos os pastores da cidade. O próprio Bispo sugerira o tema do meu sermão: «Que falta aos pastores e igrejas da nossa cidade?» Foi isto, em suma, que eu lhes disse: «Só tenho uma coisa a comunicar: Aquilo de que todos nós carecemos (pastores e paroquianos) é medo de ir para o inferno, medo de ver Deus levar as coisas a sério, medo da sua inflexibilidade no que se refere aos seus mandamentos.»

«Para mim, não serve» é uma excelente resposta para usarmos quando o espírito deste tempo nos tenta a calcar aos pés as leis de Deus.

A Bíblia descreve uma cena realmente impressionante: Jesus, o Filho de Deus, estava no cume duma montanha muito alta. O diabo (Ah, não acredita que ele existe? Mas mesmo assim ele é bem real, deixe que lhe diga de passagem) — estava ao lado de Jesus, mostrando-lhe todos os reinos do mundo e sua glória. Ele afirmou então a Jesus: «Tudo isto te darei, se te prostrares um instante, só um instante, e me adorares.» Mas o Filho de Deus replicou: «Para mim, não serve! Todo o mundo pode curvar-se diante de ti, mas no que me diz respeito está completamente fora de questão.» Na realidade, Jesus respondeu de um modo muito melhor: «Afasta-te de mim, satanás! Porque está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás!»

Não seria óptimo se a expressão «para mim, não serve» viesse sempre à nossa mente na hora certa? É uma pena que não a usemos quando devemos.

2. Usamo-la, quando não a devíamos usar

Com efeito, meus amigos, muitos de nós usamos esta expressão na hora errada.

Por exemplo: Diante de mim está um jovem — um rapaz simpático, como alguns diriam. Eu digo-lhe: «Tu podias fazer algo de grande da tua vida, se a entregasses a Deus!» E ele responde: «Para mim, isso não serve! Está fora de questão!»

Nós tratamos Deus como se... Vou usar uma ilustração para explicar: Como o meu médico me receitou um passeio diário de uma hora, no outro dia fui por um caminho que segue ao longo da vedação da estação sul dos caminhos de ferro de Essen. E ali, mesmo no meio do caminho, deparei subitamente com um velho sofá. Não precisando mais dele, os donos tinham-no simplesmente abandonado no parque público, a coberto da noite. Devem ter pensado: «A cidade que se livre dele!» Eis como eu vejo a história do velho móvel. Um jovem casal tinha provavelmente herdado o móvel duma velha avó que morrera. Como viviam num andar moderno, com mobília a condizer, o marido tinha naturalmente perguntado à mulher: «Que vamos fazer a este velho sofá? Não liga com os outros móveis e talvez até tenha pulgas. O melhor é livrarmo-nos dele». Levaram-no então para o parque público e deixaram-no lá.

É exactamente assim que os homens e mulheres de hoje tratam o Deus vivo. Simplesmente ele não liga com o nosso estilo de vida, nem se enquadra na nossa sociedade moderna e pluralista! E é evidente que também não se conforma com a mentalidade do nosso tempo. Que lhe havemos então de fazer? Vamos deixar o velho sofá na igreja! De qualquer modo, fica fechado toda a semana!

Meus amigos, o Deus vivo não é um velho sofá! Está claro? Deus não é um velho objecto qualquer de que nos possamos descartar à vontade, só porque o achamos antiquado. Tem porventura uma leve ideia do que é realmente o Deus vivo? Talvez a igreja seja parcialmente responsável pelo facto de Deus ser um problema para muitos de nós. Na realidade, a simples menção do seu nome devia bastar para nos causar arrepios, mas refugiamo-nos por trás de um muro de indiferença. — para mim não serve!

Tentemos ligar de novo o efeito com a causa. Ouve-se constantemente dizer que todo o mundo ocidental está doente. Não apenas fisicamente doente — com o aumento do cancro, leucemia, doenças cardíacas e todo o tipo de outros males — mas também

espiritualmente doente, apanhado pela pior de todas as doenças. O homem moderno sofre de deficiência espiritual. É esta a única explicação para o alarmante crescimento de casos de depressão. Como um sagaz médico suíço disse: «A nossa geração sofre da falta de Deus.» Na Idade Média, as pessoas ainda recorriam a Deus — as catedrais que construíam mostram bem isso, mas com o passar do tempo o homem tentou ver-se livre de Deus. O Marxismo não é senão uma tentativa gigantesca para pôr Deus na prateleira. Eles têm tentado substituí-lo pela tecnologia. Na sua tentativa de provarem que Deus não existe, os eruditos recorreram à pena. E as massas têm gritado: «A religião é o ópio do povo.» Mesmo a criança mais simples criança se tem perguntado onde é que Deus poderia estar escondido; e mesmo ainda a chupar o dedo, ela exclama: «Eu não o vi — portanto, não existe!»

Sim, tudo tem sido feito com o propósito de nos livrar de Deus!

E qual é o resultado? Todas essas tentativas têm redundado em fracasso. Não temos conseguido ver-nos livres de Deus! Continuo à procura dum ateu honesto que seja suficientemente corajoso para declarar com toda a convicção que Deus não existe. Este tipo de pessoa não se encontra em lado nenhum no nosso tempo. E mesmo que descobríssemos uma, ela seria tão pouco interessante que não poderia ser levada a sério.

Pouco antes da sua morte, um dos fundadores da moderna física nuclear, o Professor Max Planck, publicou um opúsculo intitulado *Religião e Ciência*. Nele, o autor declara: «Para nós, cientistas, hoje é evidente que Deus é o fim último de todo o conhecimento.» É óbvio que o homem ainda não conseguiu eliminar Deus.

Recentemente, dirigi uma série de conferências numa pequena cidade, nas montanhas. Numa noite, quando saía da igreja, vi um grupo e rapazes, todos com cerca de 20 anos, que estavam por ali à volta. «Por que não entram?» — perguntei-lhes eu. «Eh...» «Bem, isso não é resposta! Diz-me lá,» — continuei eu, voltando-me para um deles — «acreditas que Deus existe?» «Não sei» — foi a resposta. «Mas isso é terrível. Ou ele existe, e então deves entregar-te a ele; ou não existe e, nesse caso, deves abandonar a igreja. Diz lá: Já tiraste o teu nome do rol da igreja?» «Não!»

Olhando para outro rapaz, continuei: «E tu? Acreditas que Deus existe?» «Sim, acredito.» «Diz-me então:» — perguntei ainda — «cumpres os mandamentos de Deus?» «Oh, não!»

Passei de um para outro, fazendo a mesma pergunta, e nenhum ousou negar a existência de Deus. Mas também nenhum deles estava disposto a entregar a vida a Deus. Acontece mesmo por todo o lado.

Quando faço visitas pastorais, muitos homens dizem-me: «Eu creio que há Deus, mas deixo para os outros a ida à igreja.» Esses homens não negam Deus, mas não querem comprometer-se com ele.

Deste modo, o problema de Deus permanece sem resposta. Problemas que nunca encontram solução podem vir a criar sérios complexos e perturbações nervosas ou mentais. Podem mesmo acabar por destruir a pessoa. Nós próprios fazemos muito mal, quando não nos preocupamos em esclarecer o problema de Deus.

Na assistência aos cultos nas nossas igrejas a percentagem é de dez mulheres para cada homem. Onde estão os outros homens? Posso garantir-lhe que muito antes de você entrar no inferno, já terá cedido interiormente; isso, porque nem tem a coragem para pôr a sua vida nas mãos de Deus, nem dispõe de meios para se ver livre dele.

Em face desta situação específica, nós, os cristãos, temos uma tremenda mensagem a anunciar: Este Deus que nós tratamos de um modo tão terrível rasgou os céus que nos separavam dele e veio ter connosco na pessoa de Jesus. Um Salvador divino veio à terra! Ele não se limitou a viver no nosso meio; morreu também na cruz em nosso lugar. Poderá Deus fazer mais do que isso por nós? Depois, Jesus ressuscitou dentre os mortos — vencendo a morte e abrindo o caminho da vida.

E você? A única coisa que consegue dizer é: «Bem, tudo isso é muito interessante e digno de se ouvir, mas não é para mim!»

Tal incoerência enche-me de náuseas. Deixa-me literalmente doente.

Nos primeiros anos do meu pastado, havia um operário na minha paróquia que, sempre que eu tentava falar com ele acerca de Jesus, me mandava embora, troçando de mim ao mesmo tempo. Um dia perguntei-lhe: «Como é que espera enfrentar a morte?» Ele respondeu: «Oh, vocês, pastores, estão sempre a tentar assustar-nos, falando-nos da morte. Não me venha com essa!»

Ele continuou com o seu estilo, até que um dia se encontrou no leito de morte — ainda não tinha 40 anos de idade. A esposa telefonou-me a meio da noite. Corri para junto dele. «Chegou o momento» — disse-lhe eu — «em que Jesus está a chamar pela última vez.» Foi terrível. Ele queria orar, mas não conseguiu. Repeti-lhe versículos bíblicos, um após outro — palavras de perdão — mas ele simplesmente não os

conseguia apreender. Antes, ele tinha dito: «Não me venha com essa!»; agora era Deus que já não queria. O homem morreu atormentado pelo desespero e nunca encontrou a paz com Deus.

Há um solene versículo na Bíblia que diz: «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação?»

Peço-lhe que leve esta extraordinária mensagem a sério. «Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» Jesus, contudo, ainda faz mais que isso. Dirige-nos a todos uma palavra consoladora: «Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei e ele comigo.»

Há muitos tipos de «cristãos». Há os que se contentam em dar ofertas para a igreja — indivíduos simpáticos, mas terrivelmente maçadores; há os que só vão à igreja no Natal — tenho pena deles, desses cristãos de dias especiais. Depois há também os que mandam as esposas à igreja, mas eles próprios nunca põem lá os pés — não lhes custa nada. Outros dizem: «Eu fui baptizado — pelo menos isso já é alguma coisa; mas se não houver mais do que isso... Finalmente há aqueles que, tendo ouvido a chamada do Salvador vivo, respondem: «Não me venha com essa!» É de facto terrível! «Senhor Jesus,» — dizem as pessoas — «eu posso ficar com um pouco de cristianismo, mas daí a deixar que dirijas a minha vida... Isso é pedir demais! Para mim não serve!»

É assim que podemos usar a expressão «para mim não serve», no momento errado.

Se quer mesmo conhecer pessoalmente a realidade de Jesus, então tem de dar atenção à sua chamada, abrir a porta e deixá-lo entrar na sua vida.

3. Alguém que não a usa

Há alguém que teria muitas razões para dizer: «Para mim não serve!», mas que não o faz — Deus seja louvado! É o próprio Senhor Jesus.

Tenho outra história para contar. Um autor dinamarquês, chamado Jacobson, escreveu um emocionante romance, intitulado *Morte Negra em Bérgamo*. Bérgamo é uma pequena cidade da Itália, relativamente perto de Ravena, edificada sobre a encosta dum monte. Só se pode chegar lá por um caminho de pedra. Na história de Jacobson, a peste

irrompeu um dia, na Idade Média, nessa pequena cidade. Foi horrível! Os sinos tocavam dia e noite. As pessoas clamavam a Deus, implorando a sua ajuda, mas nada acontecia. A peste atacava cada vez com mais força.

Os moradores da cidade estavam muito desanimados e diziam uns aos outros: «Deus morreu.» Então atiraram ao ar com toda a compostura. Os barris foram tirados das adegas e toda a gente começou a beber quanto queria. Não demorou muito que homens e mulheres embriagados fossem vistos aos pares a praticar o acto sexual, sem se preocuparem minimamente sobre quem seria o seu par. Aquilo degenerou numa verdadeira orgia — uma orgia de desespero. Durante dias e dias nada mais contou senão obedecer aos próprios instintos. Por vezes, mesmo no meio duma dança, alguém caía, vítima da doença; mas ninguém parecia notar. A orgia continuava... «Comamos, bebamos e folguemos, pois amanhã morreremos!»

Um dia, porém, toda a gente parou subitamente. À distância podiam ouvir-se cânticos. Todos correram para as portas da cidade. Viram então, com grande surpresa, uma procissão de penitentes que subiam a encosta para a cidade. À medida que subiam o monte, iam cantando uma litania, «Kirie eleison — Senhor, tem piedade de nós.» À frente da procissão ia um jovem monge que carregava uma pesada cruz de madeira. O cortejo chegou finalmente às portas da cidade, mas os habitantes de Bérghamo puseram-se a rir: «Que bando de idiotas!» — gritaram eles. «Aqui, Deus morreu. Acabem com essa cantoria estúpida! Deus morreu! Venham juntar-se a nós. Comamos, bebamos e folguemos, pois amanhã morreremos!»

O monge que dirigia a procissão não ligou e continuou a andar. Embora ninguém tivesse entrado na igreja há dias, as portas estavam bem abertas. A procissão penetrou na igreja. O monge encostou a cruz a uma das colunas. Então, o bando selvagem e frenético de pessoas desesperadas e condenadas à morte correu para a igreja com gritos e gargalhadas. Um aprendiz de talhante, que usava um avental manchado de sangue, completamente desesperado e fora de si, dirigiu-se para o altar. Agarrando um cálice dourado, levantou-o e gritou. «Bebamos e embebedamo-nos, pois, aqui, Deus morreu.»

Entretanto, o monge tinha-se dirigido para o púlpito. Estava muito pálido, mas fez sinal à multidão para esta se calar. Fez-se silêncio. Ele começou então a falar: «Quero dizer-lhes uma coisa: Quando crucificaram o Filho de Deus na cruz e lhe cravaram as mãos, todos lá começaram a rir-se dele, provocando-o e ridicularizando-o. Mesmo

os dois ladrões crucificados à sua esquerda e à sua direita, se juntaram à multidão que escarnecia. Foi então que o Filho de Deus pensou: «É então por estas pessoas, que nem mesmo se sentem tocadas com a minha morte iminente, que eu tenho de morrer? Terei eu de dar a minha vida por indivíduos tão repulsivos e duros? E gritando em alta voz, disse: "Para mim não serve! Não contem comigo!" Rasgou os cravos da madeira com a sua força divina, saltou da cruz e puxou a túnica das mãos dos soldados com tal força que os dados foram rolando pelo monte do Calvário abaixo! Lançou então a capa aos ombros e voltou para o céu, repetindo durante todo o caminho, "Para mim não serve! Acabou-se!" A cruz ficou vazia. Por isso, agora não há mais possibilidade de redenção, de salvação ou de vida eterna. Só a morte e o inferno nos aguardam.»

O monge terminou com estas palavras. Um silêncio mortal reinou na igreja.

Entretanto, o aprendiz de talhante tinha descido do altar e estava de pé, mesmo em frente do púlpito. O cálice escorregou-lhe das mãos. «Não há qualquer possibilidade de redenção, de salvação...» Dando três passos em frente, apontou com o dedo para o monge e gritou em tom duro: «Olhe, você aí, volte a pôr o Salvador na cruz.»

Meus amigos, o monge não relatou os factos da maneira como aconteceram.

Sabem, uma das coisas mais espantosas é que o Filho de Deus *não* disse, «Para mim não serve!» De certo modo, Jesus continua em consentir em ser crucificado por aqueles que dizem: «O trabalho, o prazer e a saúde são mais importantes para nós do que a salvação.»

Sim, o Senhor tinha todas as razões para declarar: «Para mim não serve! Arranjem-se!» Contudo, até hoje Ele não deixou de se preocupar conosco.

Se eu fosse Jesus, teria deixado o mundo correr para a destruição. Mas o Filho de Deus não disse: «Para mim não serve! Acabou-se!» Pelo contrário, ele continua a procurar-nos. Durante quanto mais tempo irá Jesus procurá-lo a si? Quando chegará a entender que Deus o quer para ele? Quando é que os seus olhos se vão abrir? Quando irá você dizer-lhe, «Meu Senhor, meu Salvador»?

Eis, de forma breve, o meu último ponto...

4. Nós não podemos aguentar sozinhos

Àqueles que o rejeitam, dizendo, «Para mim não serve! Está fora de questão!», Jesus responde: «Sem mim, nada podeis fazer.» Isto é

absolutamente certo. Tudo o que você possa fazer na vida sem o Salvador não tem qualquer valor à luz da eternidade.

Observei um dia alguns adolescentes que andavam à luta. Um rapaz que ia passando, apanhou também uns murros, provavelmente por acidente. No momento em que eu me interrogava sobre se deveria intervir, presenciei uma cena tocante. De algum modo, o rapaz conseguiu afastar-se da briga. Os seus olhos choravam, o nariz também, mas ele começou a correr o mais que as pernas lhe permitiam. Quando viu que já estava suficientemente longe, parou e gritou com toda a força: «Vocês vão ver. Eu vou dizer ao meu irmão mais velho!» A luta parou de imediato. Ele tinha um irmão mais velho; um irmão mais velho ao qual ele podia contar tudo e que estava pronto para o ajudar. E eu pensei comigo mesmo: «Meu pobre amigo! É ótimo que tenhas um irmão mais velho!»

O meu coração transbordou de alegria nesse momento — porque também eu tenho um irmão mais velho que está ao meu lado! É maravilhoso ver como este irmão mais velho intervém poderosamente a favor dos seus. Ele lembra-nos: «Sem mim, nada podeis fazer.»

Por que não dizer àquele que fez tanto por si: «Senhor Jesus, de agora em diante não quero fazer nada sem ti.»?

HAVERÁ CERTEZAS EM QUESTÕES RELIGIOSAS?

Não! É claro que em questões religiosas não podemos ter certezas nenhuma. A religião é, por definição, o homem em busca de Deus. Preocupações e contínuas incertezas fazem naturalmente parte dessa busca.

Isso não é verdade no que toca ao evangelho, que é Deus em busca do homem. Talvez fosse melhor então pôr a questão doutra maneira: Será que o evangelho nos dá algumas certezas?

1. As pessoas contentam-se em viver inseguros acerca de Deus

Hoje em dia, as pessoas são cómicas! Logo que um miúdo forte e saudável tem uma dorzinha, corre para o médico e diz: «Sr. Doutor, doi-me aqui. Que é que eu tenho?» Ele quer saber exactamente o que está mal.

Ou pensem no caso duma família que anda à procura duma empregada. Uma moça candidata-se ao lugar. «Bem» — diz a dona da casa — «você terá um quarto com água quente e fria, televisão e aparelhagem sonora. Terá também um dia de folga por semana.» «Está bem,» — responde a moça — «mas eu gostaria de saber quanto vou receber no fim do mês.» A senhora responde: «Bem, chegaremos a acordo nesse ponto depois de eu ter apreciado o seu trabalho!» «Nunca!» — interrompe logo a moça — «Nessas condições, prefiro não ficar com o emprego. Quero saber de antemão quanto fico a ganhar!» Será que ela não tinha razão? É claro que tinha.

Quando nos candidatamos a um emprego, é evidente que a questão mais importante é saber qual vai ser o nosso salário e posição.

Queremos saber em que ponto ficamos. Onde estão envolvidas questões de dinheiro, não toleramos incertezas. É assim em todas as áreas da nossa vida — excepto na área mais importante de todas — a nossa relação com Deus. Aí, nós toleramos a mais incrível ambiguidade.

Há muitos anos dirigi uma série de reuniões na cidade de Augsburg. Montou-se uma tenda numa praça onde se realizava a feira anual. O comité que organizou as reuniões teve uma ideia excelente. No sábado à noite, os lugares de diversão da cidade estavam geralmente cheios. Decidiram portanto ter uma reunião no sábado à noite — à meia noite! A reunião não foi anunciada publicamente, pois não queriam que muitos cristãos aparecessem só por curiosidade.

Ao baterem as 23h30, os meus amigos saltaram para os carros a fim de irem buscar as pessoas que saíam dos cafés e cabarés que encerravam à meia noite. Empregados e empregadas que se dirigiam para casa foram também levados para lá. Um após outro, os carros iam deixando os seus passageiros em frente da porta da tenda. Quando à meia noite me levantei na plataforma para falar, vi um auditório muito invulgar diante de mim. Alguns estavam mesmo um pouco tocados. Logo na primeira fila estava um homem forte com um cigarro já meio gasto apertado na boca e com um chapéu alto na cabeça. «Bem,» — pensei eu — «esperemos que as coisas corram sem problemas.» No momento em que mencionei pela primeira vez o nome de Deus, aquele homem gordo e de chapéu de coco exclamou: «Não existe!» Toda a gente desatou a rir, mas eu inclinei-me sobre o púlpito e perguntei-lhe: «Tem a certeza disso?» Ele abanou a cabeça e o chapéu caiu-lhe sobre o nariz. Depois, rolando o cigarro para o outro lado da boca, respondeu: «Bem, eu acho que ninguém sabe nada ao certo sobre Deus.» Ri-me e disse: «Desculpe, mas eu tenho informações seguras.» «Que é que você sabe disso?» — perguntou ele — «E qual é a sua fonte?» Eu respondi que é Jesus que nos fornece todos os dados acerca de Deus. Um profundo silêncio reinou na sala.

Será que você tem certezas acerca de Deus? E vocês, cristãos, podem dizer, «*Eu sei* que tenho vida nele; *eu sei* que no seu amor ele me salvou.»? Muitos iriam provavelmente responder-me: «Espero que sim!»

Não é estranho que no que se refere a Deus tanto o crente como o não crente se conformem em viver na dúvida e incerteza? Se eu fosse duma extremidade da cidade à outra fazendo esta pergunta a quem encontrasse no caminho: «Diga-me, acredita que Deus existe?», todos responderiam: «Sim; tem de haver um Deus!» Mas se eu fizesse então

esta pergunta: «Você pertence-lhe?», essas mesmas pessoas diriam: «Não sei.»

Numa área tão vital como esta, os homens e as mulheres estão dispostos a aceitar a situação mais nublada!

Um dos nossos jovens teve uma experiência interessante há muito pouco tempo. Ele é estudante e para conseguir ganhar algum dinheiro, arranhou um emprego no verão, como operário não qualificado, numa firma de construções. Um dia, os seus colegas de trabalho descobriram que ele era membro activo dum grupo de jovens protestantes. «O quê?!» — exclamaram eles — «Nem digas que estás com o Pastor Busch!» «Estou, sim.» Seguiu-se um período de galhofa. Começaram a rir-se dele. «Se calhar até vais à igreja ao domingo.» «É claro que vou!» «Todos os domingos?» «Sim. Todos os domingos!» «Deves estar maluco!» — exclamaram eles. «Não, não estou! Vou mesmo a um estudo bíblico durante a semana!» «Deves estar a brincar!» foi a reacção. «Porquê?» «Isso só de loucos!» Então, atiraram-lhe com todo o veneno: «Os pastores só pensam em estupidificar as suas congregações!» «O cristianismo falhou redondamente, depois de dois mil anos de esforços.» «A Bíblia não passa dum monte de lixo.»

O rapaz ficou sob fogo cruzado, mas tinha as costas largas e deixou-os falar. No fim, disse-lhes: «Se é essa a vossa atitude para com o cristianismo, então devem ter todos abandonado a igreja.» Fez-se silêncio. Um dos mais velhos retomou entretanto a conversa: «Que queres dizer com isso de abandonar a igreja? Ora, eu também creio no bom Senhor. Parece que pensas que és o único cristão. Eu creio tanto como tu no bom Senhor!» Os outros meteram-se também na conversa: «Tu gostas de te fazer melhor do que os outros. Nós também somos cristãos. Cremos tanto em Deus como tu.» De repente, os papéis inverteram-se. Começaram a gritar todos ao mesmo tempo: «Nós também cremos em Deus. Somos cristãos, exactamente como tu.» Quando se acalmaram, o meu jovem amigo perguntou-lhes: «Bem, então, por que é que troçam de mim?» Eles responderam: «Tu irritas-nos. Não se pode discutir contigo.»

Aqueles operários da construção eram grosseiros e depois dum dia de trabalho eram capazes de engolir várias cervejas seguidas. Não se preocupavam nada com o cristianismo, mas quando eram postos contra a parede, a única coisa que sabiam dizer, era: «Nós também somos cristãos.»

Que deveremos pensar de tudo isto? Não é esquisito?

No que se refere a Deus, não nos preocupamos por estarmos no escuro. Por vezes, as pessoas agem como pagãos; outras vezes como cristãos. Estarei errado? Receio bem que muitos de vocês vivam na mesma incerteza, na mesma confusão.

2. A Bíblia dá-nos maravilhosas certezas

Você poderá protestar: «Mas, Pastor Busch, a fé cristã não tem nada a ver com certezas. Não é verdade que o génio do cristianismo está no facto de nós não sabermos nada e crermos em tudo?»

Não há muito que um homem me apresentou um desses argumentos de reserva que tenho ouvido tantas vezes ao longo dos anos: «Eu sei que dois e dois são quatro, mas no que toca ao cristianismo não podemos saber nada; só temos de acreditar.» Segundo este ponto de vista, parece que no que respeita às verdades bíblicas devemos pôr de lado toda a lógica e ter uma fé cega. Muitos acreditam nisto.

Qualquer um pode dizer: «Mas vocês, cristãos, nem mesmo concordam uns com os outros. Há os católicos, os protestantes e as seitas. E entre os protestantes há os anglicanos, os luteranos, os presbiterianos e muitos outros. Qual é o grupo que está certo?»

Parece-me que mesmo os cristãos estão convencidos de que a fé cristã é algo muito vago, muito incerto. Mas esse é um erro grave. Com efeito, só através do Novo Testamento é que nós podemos aprender exactamente o que é a fé cristã. Cada frase contém certezas. Não há dúvidas! Não é normal que os cristãos vivam em incertezas. Mas se isso acontece, não é por culpa do cristianismo! O Novo Testamento está repleto de maravilhosas certezas, desde o princípio ao fim.

Uma dessas certezas é o facto da *existência de Deus*. Deus não é apresentado como o Ser Supremo, a Providência, o Destino, ou o Bom Senhor, mas como «o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo». Esse Deus existe mesmo! Como é que nós o podemos conhecer? Bem, ele revelou-se na pessoa do seu Filho. Podemos ter absoluta certeza disso. Abra a sua Bíblia em qualquer página. A Bíblia não fala de problemas religiosos. Testifica, sim, que Deus existe e se revelou através de Jesus Cristo. Mostra também que o homem que vive sem Deus não vive como devia.

Outra certeza é o facto de que Deus (que é capaz de destruir nações e administrar justiça) *me ama profundamente*. Nós não estamos reduzidos a hipóteses. Lemos em Romanos 8:38: «Estou certo de que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o

presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.» Isto não é algo que nós simplesmente imaginamos; é algo que nós *sabemos*.

Como é que o amor de Deus nos é revelado? É manifestado em Jesus Cristo. Por isso, o crente pode cantar:

Quando a paz, como um rio, me espera no caminho,
Quando as tristezas rolam como os vagalhões do mar;
Seja qual for o meu lote, Tu ensinaste-me a dizer,
«Está bem, tudo bem, com a minha alma.»

Embora Satanás ataque e as tribulações venham,
Que esta abençoada segurança me controle:
Que Cristo considerou o meu estado indefeso
E derramou o Seu sangue pela minha alma.

Meu pecado — oh, a bênção deste glorioso pensamento!
Meu pecado — não em parte, mas no todo,
Foi cravado na Sua cruz; e eu não mais o carregó;
Louva ao Senhor, louva ao Senhor, ó minha alma!

Para mim seja Cristo, seja por Cristo que vou viver!
Se o Jordão sobre mim rolar,
Não sofrerei, pois na morte como na vida,
Tu segredarás a Tua paz à minha alma.

Mas, Senhor, é por Ti, pela Tua vinda que esperamos;
O céu, não o túmulo, é nosso alvo;
Oh, trombeta angelical! Oh, voz do Senhor!
Bendita esperança! Bendito descanso da minha alma!

Você conhece algo deste gênero? Tem uma certeza assim?

Os diferentes crentes mencionados na Bíblia também tinham *plena segurança da sua salvação* e sabiam que eram filhos de Deus. «Porque ele nos resgatou do domínio das trevas e nos trouxe para o reino do Filho do seu amor.» Os discípulos de Jesus experimentaram uma mudança radical na vida — e reconheceram isso. Paulo escreveu: «Nós sabemos que passámos da morte para a vida.» Pode dizer também isso? Noutro lugar, encontramos estas palavras: «O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.» Temos aqui o tempo presente: «Somos».

A Bíblia está cheia de certezas.

Donde vem então esta frase absurda: «Eu sei que dois e dois são quatro, mas no que toca ao cristianismo, não podemos saber nada; só temos de crer.»? Eu também sei que dois e dois são quatro, mas sei ainda com mais certeza que Deus existe. Eu sei que dois e dois são quatro, mas ainda estou mais certo de que Deus nos ama em Jesus Cristo. Todos aqueles que já entregaram a vida ao Deus vivo podem avançar um passo: Sabemos que dois e dois são quatro, mas temos ainda mais a certeza de que somos filhos de Deus.

Digam-me, em que igrejas se pregam hoje tais certezas absolutas? Onde? pergunto eu. Não demonstrará isso que nós nos afastámos da posição bíblica e que são horas de voltarmos para ela? Libertemo-nos do nosso cristianismo aguado! Um toque da fé cristã não vale de nada. Aquilo de que precisamos é duma fé inteiramente bíblica, uma fé que se agarre à Palavra de Deus. É disso que todos precisamos para termos a certeza de que Deus existe e nos ama, e que nós somos seus filhos. Tudo o mais é secundário.

Há dois aspectos a considerar nas certezas da fé cristã. Eu sei *objectivamente* que Deus existe e que a sua revelação na pessoa de Jesus Cristo é autêntica — mesmo que todo o mundo o rejeite. Sei também que Jesus morreu para reconciliar o pecador com Deus, e que ressuscitou dos mortos para o salvar — mesmo que ninguém fizesse uso disso. Por outro lado, sei *subjectivamente* que Deus existe, que se revelou em Jesus Cristo e que morreu e ressuscitou dos mortos. Sei isso porque beneficiei dele pessoalmente por um acto deliberado de fé.

Se dez mil eruditos declarassem a um jovem crente que Jesus não ressuscitou dos mortos, ele poderia dizer isto: «Senhores, não obstante o respeito que lhes devo, "*eu sei que o meu Redentor vive*"». Se todo o mundo estivesse contra ele, o crente poderia declarar com toda a firmeza: «Eu sei em quem tenho crido.» Se você me inundasse de argumentos científicos, eu responderia: «Eu sei mais do que você!» E mesmo que todo o universo duvidasse disso, eu continuaria a dizer: «Tenho a certeza.»

Quando a nossa fé está fundamentada na Bíblia, é tão sólida como isso!

3. Você tem esta certeza?

Quero agora fazer-lhe uma pergunta: Pessoalmente tem esta certeza? Ou estará ela ainda a faltar na sua vida? Eu não terei falado

em vão, se você vier a admitir: «Eu pensava que era cristão, mas não posso ser, porque tudo está demasiado vago na minha mente...»

Lembro-me dum acampamento de jovens a que assisti na Holanda. Por volta das duas horas da manhã fui despertado por uma pancada na porta. Abri-a e vi ali na minha frente todo o grupo em pijama. «Que vos traz aqui a esta hora da noite?» — perguntei eu. Um deles respondeu: «Nós pensávamos que éramos cristãos. Acabamos de reconhecer que estamos enganados.» Estavam tão perturbados com o facto que queriam esclarecer a questão ali mesmo, a meio da noite!

Nós demos um grande passo na vida, quando admitimos que, embora chamando-nos cristãos, estamos longe de ter a certeza que a Bíblia dá.

Charles Haddon Spurgeon, o famoso pregador de Londres que esteve na origem dum poderoso avivamento do século passado, disse um dia: «A fé é um sexto sentido.»

Como sabe, nós temos cinco sentidos que nos permitem perceber o mundo exterior: o gosto, o cheiro, o ouvido, o tacto e a vista. Por meio deles podemos descobrir o nosso caminho neste mundo tridimensional. Um homem que aceita apenas o que pode ser percebido pelos sentidos argumenta assim: «Onde poderá estar Deus? Eu não consigo vê-lo. Também não consigo ver Jesus. Então, como é que podem esperar que eu creia?»

Mas, quando Deus nos ilumina com o seu Espírito, faz com que o sexto sentido se desenvolva dentro de nós. Isso significa que nós não só podemos ver, ouvir, tocar, cheirar e provar, mas podemos também perceber o mundo espiritual. Como a Bíblia diz, «A vida eterna é esta: que te conheçam a ti só como único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste.» Só um tal sexto sentido pode captar esta verdade.

Recentemente, fui visitar um grande industrial em Essen. O seu escritório ficava num grande edifício comercial, donde se via metade da cidade. Depois de passar por diversos escritórios e salas de espera, vi-me finalmente sentado em frente dele. Expliquei a razão da minha visita e dentro de alguns segundos estava resolvida a questão. Começámos então a conversar... Disse ele: «É algo de especial ter um pastor no meu escritório, uma vez!» «Oh, tenho a certeza de que é mesmo especial!» — respondi em tom irónico. «Sabe,» — continuou o senhor — «depois da guerra, assisti algumas vezes a conferências sobre teologia. O que mais me impressionava nessas reuniões...» «Continue,» — interrompi eu para o encorajar — «não me choco facilmente». «O que mais me impressionou nas tais reuniões» —

repetiu ele — «foi que o cristianismo parece carecer de clareza. Assuntos como *O Cristão e a Economia*, *O Cristão e o Desarmamento*, *O Cristão e o Dinheiro*, *O Cristão e a Igreja* foram ali tratados, mas nunca ninguém explicou o que é um cristão! E era evidente que nem eles o sabiam!»

Sentado naquele magnificente escritório, eu reagi: «Oh, isso não é verdade! Deve estar enganado.» Ele perguntou-me então, muito admirado: «O senhor pode dizer-me o que é um cristão?» «É claro que sim.» — respondi eu. «Vou-lho explicar com toda a clareza. Não pode haver qualquer confusão nesse ponto.» «Ainda bem.» — disse ele, num tom levemente trocista: «Há quem diga que o cristão é alguém que nunca teve problemas com a polícia. Outros acham que o cristão é alguém que foi batizado e que é sepultado religiosamente.» «Ora bem,» — respondi eu — «deixe que lhe diga o que é realmente um cristão. Ouça com atenção: O cristão é uma pessoa que pode dizer no íntimo do seu ser: "Eu creio que Jesus Cristo — verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado pelo Pai desde a eternidade, mas também verdadeiro homem de verdadeiro homem, nascido da Virgem Maria — é o *meu* Senhor, e foi ele que me salvou, a mim, pobre pecador perdido e condenado." O senhor é também um pobre pecador, perdido e condenado!» Ele concordou com a cabeça. Tinha compreendido até esse ponto — e estava disposto a admiti-lo.

«Bem,» respondi eu, «... foi ele que me salvou a mim, pobre pecador perdido e condenado, que me comprou e libertou do pecado, da morte e do poder do diabo. Fui comprado e libertado do poder do diabo! Compreende? Comprado e libertado do poder do diabo!» Ele acenou em sinal de acordo. Era evidente que não ignorava aquelas questões. Continuei então. «Foi ele que me comprou e libertou do pecado. A Bíblia diz: "Sabeis que não foi com coisas perecíveis como prata ou ouro que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado."» «Ouça atentamente.» — disse eu — «Só o homem ou mulher que pode dizer, "Eu pertenço a Jesus; ele livrou-me do pecado, da morte e do inferno pelo seu próprio sangue. Estou certo disso" — só esse é que é um cristão!»

Houve um momento de silêncio no escritório. Depois, esse senhor perguntou-me: «Mas como é que se consegue isso?» Eu respondi: «O seu secretário disse-me, quando entrei no seu escritório, que o senhor vai sair de férias. Eu vou mandar-lhe um Novo

Testamento esta tarde. Leve-o consigo e leia diariamente um capítulo do Evangelho de João. Leia-o numa atitude de oração. É assim que isso acontece!»

Em suma, a posição cristã, tal como é descrita no Novo Testamento, transporta uma dupla certeza: A primeira, *objectiva*: que as verdades bíblicas são dignas de confiança; a outra, *subjectiva*: que eu posso apropriar-me delas pela fé e ser salvo. Você já tem estas certezas? No que me diz respeito, eu não poderia viver, se não tivesse a certeza de que Deus já me aceitou.

Perguntei um dia a um jovem: «Você ama o Senhor Jesus?» «Sim, amo.» — respondeu ele. «Sabe se Jesus já o aceitou e se já é um filho de Deus?» «Não estou absolutamente certo.» — respondeu ele — «Ainda tenho muitas dúvidas.» «No que me diz respeito,» — retorqui — «eu não suportaria viver em tal incerteza. Preciso de estar certo de que sou filho de Deus.»

Aquele que se considera cristão e que, no entanto, nem sabe se Deus existe — embora saiba até ao mínimo centavo qual é a sua situação financeira — não é realmente um cristão. De acordo com o Novo Testamento, só o homem ou mulher que pode declarar, «Eu sei que Jesus se tornou o Senhor da minha vida» é um verdadeiro cristão.

Gostaria de ilustrar este ponto com uma história que talvez já tenha ouvido. O General von Viehban diz que um dia, durante as manobras, quando ia a cavalo pela floresta, prendeu-se-lhe o uniforme num ramo e rasgou-se. É contra os regulamentos que um general ande por fora com o uniforme rasgado. Quando chegou ao quartel nessa noite, viu alguns soldados que estavam sentados num muro de pedra. Parou o cavalo e chamou-os: «Algum de vocês é alfaiate?» Um dos soldados correu para o general, saudou-o e disse-lhe: «Sou eu, meu General!» O General von Viehban ordenou: «Vem imediatamente ao meu quarto, no Hotel Golden Lamb, para me consertares o uniforme.» «Mas eu não sei costurar, meu General.» — foi a resposta. «O quê? Não sabes costurar? Mas então não és alfaiate?» «Perdão, meu General,» — esclareceu o soldado — «eu chamo-me Alfaiate, mas não sou alfaiate!»

Acontece o mesmo com a maioria dos homens e mulheres. Chamam-se cristãos, mas na realidade não o são. Essa é uma situação muito grave e perigosa, pois significa que tais pessoas não estão salvas.

Tenho, portanto, de avançar mais um passo e fazer esta pergunta:

4. Como é que podemos ter a certeza?

Se quer ter a certeza a respeito destas coisas, aconselho-o a pedir antes de tudo essa certeza a Deus. Depois, comece a ler a Bíblia, alguns minutos por dia.

Chamo a sua atenção para um ponto importante: nós não chegamos a ter a certeza da salvação seguindo a nossa lógica, mas sim por meio da nossa consciência.

Sempre que começo uma conversa sobre a fé cristã, alguém vem sempre com isto: «Sabe, o problema é que eu não consigo crer! Há muitas contradições na Bíblia.» «Contradições?» «Sim, contradições!» — declaram eles — «Por exemplo, a Bíblia diz que Adão e Eva tiveram dois filhos: Caim e Abel, mas Caim matou Abel. Assim, Caim foi o único filho que ficou. A Bíblia diz também que Caim foi para uma terra distante e encontrou lá uma esposa. Ora, se eles eram as únicas pessoas da terra, como podia Caim encontrar uma esposa noutra lugar? Isso não faz sentido!»

Já alguma vez deparou com esta objecção? Parece-me que é este o principal argumento usado pelos homens, aqui na Alemanha, para escaparem de Deus. Em geral, respondo-lhes assim: «Isso que diz é muito interessante. Olhe, temos aqui uma Bíblia. Mostre-me onde está escrito que Caim foi para uma terra distante e arranhou lá uma esposa.» Geralmente começam a ficar atrapalhados. Eu continuo. «Se você rejeitou a Bíblia, o meio pelo qual multidões de homens e mulheres razoáveis têm chegado à fé; se se considera mais inteligente que eles, deve ter estudado a Bíblia a fundo! Mostre-me então a passagem onde isso se encontra!»

O que verifico sempre é que eles não sabem nada a respeito disso. Mostro-lhes então eu próprio a passagem no livro de Génesis. Ela diz: «Caim saiu da presença do Senhor e viveu na terra de Nod, a oriente do Édem. Caim deitou-se com a sua mulher e ela concebeu e deu à luz Enoque.» Caim tinha simplesmente levado a mulher com ele! Quem era ela? No contexto lemos que Adão «teve outros filhos e filhas.» Vemos pois que Caim tinha casado com uma das irmãs. Está bem claro na Bíblia, também, que Deus queria que todos os seres humanos descendessem do mesmo sangue. Consequentemente, no princípio foi necessário que irmãos e irmãs casassem entre si. Mais tarde, Deus proibiu os casamentos entre indivíduos do mesmo sangue. Ficou claro?

Depois tiro a minha conclusão. «As suas objecções» — faço-lhe notar — «caem como um baralho de cartas!»

Acha que este homem vai agora abrir o Evangelho? De modo nenhum! Tem já outra objecção na ponta da língua: «Sim, Pastor Busch, mas diga-me uma coisa...» E lá vai ele outra vez! Mesmo que eu lhe respondesse a 10.000 perguntas do género, ele não cederia um milímetro.

Não, a fé não brota da nossa lógica, mas sim duma consciência culpada.

Um dos meus predecessores em Essen, o Rev. Julius Dammann, esteve na origem dum grande avivamento espiritual na nossa cidade. Um jovem foi vê-lo um dia para lhe fazer perguntas do género da mulher de Caim. Com um gesto da mão, Julius Dammann evadiu a questão, dizendo: «Jovem, Jesus Cristo não veio para fazer trocadilhos sobre trivialidades, mas para salvar os pecadores. Quando estiver convencido de que é um pecador, pode voltar cá.» São pessoas com a consciência de culpa, pessoas que estão prontas a admitir bem no íntimo que as suas vidas estão num caos e que elas nunca conseguirão sair dele sozinhas, que chegam a crer no Salvador. A lógica vem depois.

Um dia, entrei numa sala dum hospital onde estavam seis homens deitados. Recebi umas calorosas boas-vindas. «Pastor Busch, foi muito amável em nos vir visitar.» — disseram eles — «Gostávamos de lhe fazer uma pergunta.» «Está bem. Digam lá.» Logo à partida eu sabia que me iam fazer uma pergunta traiçoeira. Um deles, sob o olhar atento dos colegas de quarto, perguntou: «Crê que Deus é todo-poderoso, não é verdade?» «Sim, creio.» «Bem,» — continuou ele — «a minha questão é esta: o seu Deus seria capaz de criar uma rocha que fosse tão pesada que nem ele próprio a pudesse levantar?»

Já viram a armadilha? Quer eu respondesse «sim» ou «não», a conclusão seria a mesma — Deus não é todo-poderoso.

Pensei no assunto durante um momento e perguntava a mim mesmo se devia explicar isso. Mas tudo me parecia tão estúpido, que lhe fiz também uma pergunta: «Jovem, antes de responder, gostava de saber se você tem noites de insónia por causa disso.» «Noites de insónia?» — perguntou ele, com ar de quem não entendia nada. «Oh, não!» «Bem. Pois é. O meu tempo é tão limitado que só posso responder a questões que estejam a privar as pessoas do sono. Diga-me: Que é que o impede de dormir?» A resposta foi imediata: «Tenho um problema com a minha namorada. Ela está grávida e nós não nos podemos casar já.» «Bem,» — disse eu — «se é isso que lhe causa insónias, conversemos então.» «Se prefere assim, está bem.» —

concordou ele, bastante surpreso — «Mas, que é que tudo isso tem a ver com a religião?» — perguntou. Eu respondi: «Bem, a sua pergunta acerca da rocha não tem nada a ver com o cristianismo. Mas o seu caso com a sua namorada é diferente. Aí, você está em falta. Transgrediu um dos mandamentos de Deus por ter tido relações sexuais com ela. Por isso, agora dá voltas à cabeça, na tentativa duma saída — um pecado ainda maior. Como vê, está atolado no charco. A sua única saída é voltar-se para Deus e arrepender-se, confessando-lhe: "Senhor, eu pequei." Então, e só então, é que Deus poderá fazer algo por si.» O jovem ouvia atentamente. De repente, fez-se luz: «Jesus está interessado no fardo que me sobrecarrega a consciência. Ele pode ajudar-me a consertar a minha vida estragada.»

Antes, o jovem procurou recorrer à razão, mas só dizia tolices. Só quando ganhou consciência da sua culpa é que viu claramente as coisas.

Será que compreendeu agora que para ganhar a segurança da salvação não adianta gastar tempo em questões difíceis como aquela a que nos referimos? Não. A única maneira de conseguir a certeza é atender à voz da consciência e clamar: «Eu pequei.» Nesse momento, o Salvador crucificado dar-se-lhe-á a conhecer e você *saberá* que os seus pecados foram perdoados. O caminho da salvação passa pela nossa consciência e não pela nossa lógica.

Se deseja experimentar esta certeza, tem de estar disposto a correr o risco. Eu explico: Muitas igrejas têm janelas com vitrais. Quando se olha para eles do exterior, mesmo à plena luz do dia, parecem escuros, e dificilmente se distinguem as cores. Logo, porém, que se entra na igreja, as cores ficam vivas. É exactamente isso que se passa com a fé cristã. Vista do lado de fora, parece obscura, estúpida. Tem de se entrar — isto é, tem de se arriscar dar o primeiro passo na direcção de Jesus. Tem de se entregar a vida ao Salvador e confiar nele. Então *tudo* se torna claro e brilhante. É um passo da morte para a vida. E num momento toda a beleza da fé cristã se desenrola diante dos seus olhos.

Um dia, Jesus estava a pregar e milhares de pessoas o ouviam. Enquanto falava, Jesus disse claramente que se não houvesse uma mudança radical na vida de cada um deles — provocada pelo próprio Deus — não poderiam entrar no reino de Deus. Em consequência disso, diversos se levantaram e disseram: «Vamos embora. Ele exagera. Não podemos aceitar o que diz.» E foram. Algumas mulheres que os viram levantar e sair decidiram fazer o mesmo. Depois um grupo de jovens

segiu-os também. Por fim, toda a multidão começou a dispersar. Deve ter sido terrível.

Imagine que eu prego um sermão e que, de repente, as pessoas começam a sair da sala, umas atrás das outras. Bem, foi exactamente isso que aconteceu a Jesus. De repente, ficou só. Milhares de homens e mulheres se foram embora enquanto ele falava. Não quiseram ouvi-lo por mais tempo.

Só os doze discípulos permaneceram.

Se eu estivesse no lugar de Jesus, talvez tivesse argumentado com os doze: «Pelo menos, fiquem vocês comigo! Vocês são os meus amigos fieis; não me deixem!» Mas a reacção de Jesus foi completamente diferente. Sabe o que Jesus disse aos discípulos? «Vocês também podem ir, se quiserem.» No reino de Deus não há restrições. É o único reino onde não existe força policial. A verdadeira liberdade de escolha é característica desse reino. «Vocês também podem ir, se quiserem.» Foi isso que Jesus disse aos seus discípulos. Eles devem ter ficado divididos. Quando seis mil pessoas se levantam e vão embora, apetece fazer o mesmo. Provavelmente, tinham vontade de ir com os outros — especialmente quando Jesus lhes deu essa possibilidade, ao dizer: «Vocês também podem ir embora...» O caminho estava bem aberto. «Se quiserem, podem perder-se; podem escolher viver sem Deus; podem correr directamente para o inferno.»

Pedro começou a pensar: «Para onde é que eu irei? Para onde? Devo arranjar trabalho e trabalhar como escravo? Ou viver no meio do pecado? E encontrar-me no fim diante da morte e do inferno? Isso seria uma estupidez!» Então, olhou para Jesus e sentiu-se absolutamente certo duma coisa: Só uma vida vivida com Jesus é que era digna de se viver. Disse então a Jesus: «Senhor, para quem iremos nós? Só tu tens as palavras de vida eterna. E nós temos crido e conhecido (o que equivale a dizer: temos a certeza) que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Nós ficaremos.»

Meus amigos, é assim que chegamos à certeza absoluta. Depois de atentarmos cuidadosamente nos diferentes caminhos que se abrem diante de nós, concluímos que Jesus é o único caminho que devemos seguir. Eu espero que também você chegue a conhecer esta maravilhosa segurança dos discípulos: «Nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.»

Antes de terminar, gostaria de dirigir uma palavra especial àqueles que já deram o primeiro passo da fé — entregando a vida a Jesus Cristo — mas que pensam no seu íntimo: «Eu não tenho a certeza da minha

salvação. Como é que posso ter essa certeza? Há ainda tanto pecado na minha vida!» Gostaria de dizer isto: «Acha que realmente temos de esperar até não termos mais pecados para então podermos ter a certeza da salvação? Nesse caso, teremos de esperar até chegarmos ao céu! Nós vamos precisar do sangue de Jesus para o perdão dos nossos pecados até ao último dia, até ao nosso último suspiro!

Certamente que se recorda da história do filho pródigo, que caiu nos braços do pai, proferindo estas palavras: «Pai, pequei.» O pai recebeu-o de braços abertos e realizou uma grande festa em sua honra. Ora, tente imaginar a seguinte cena: Na manhã seguinte, o rapaz, sem querer, deixa cair a chávena do café no chão. No país longínquo, entre os porcos, ele tinha perdido o hábito de estar à mesa. Por isso, quando ouve a chávena a partir-se em mil pedaços, descontrola-se: «Ora bolas, escorregou-me das mãos.» Irá o pai pô-lo fora de casa por causa disso e dizer-lhe: «Vai-te embora, volta para os porcos!»? Nunca! Vai dizer exactamente o contrário: «Não te preocupes.» Voltando-se para o filho, poderá mesmo acrescentar: «Filho, tem cuidado, para que isso não volte a acontecer. Vamos fazer o possível para te ajudar a aprender de novo a pôr a chávena do café na mesa, com cuidado, a controlares as tuas emoções e, pouco a pouco, a habituares-te a viver em casa.» Mas o pai nunca o enviará de volta para os porcos.

Quando alguém entrega a vida a Jesus, logo faz a triste descoberta de que a sua velha natureza não desapareceu e que ele ainda cai em pecado, de vez em quando. Quando sofrer uma derrota depois da conversão, não desanime. Ajoelhe-se e diga três coisas a Deus. *Primeira*: «Obrigado, Senhor, porque sou teu para sempre.»; *segunda*: «Perdoa-me, pelo poder do teu sangue.»; *terceira*: «Liberta-me do poder da minha velha natureza.»

Mas acima de tudo, diga a Jesus quão grato se sente por continuar a ser filho de Deus.

Resumindo, o facto de ter a certeza da minha salvação permite-me dizer: «Voltei a casa; voltei para o meu pai. Esforçar-me-ei por ser santo, como um filho que voltou definitivamente ao lar, e não como um filho que é posto fora da porta, cada vez que falha, e que tem de continuar a regressar.»

Aqueles que pregam que precisamos de pedir diariamente a salvação proclamam uma mensagem terrível. Os meus filhos não precisam de aparecer diante da minha secretária, todas as manhãs, para me perguntarem: «Papá, podemos ser teus filhos outra vez,

hoje?» Eles *são* meus filhos. O homem ou mulher, rapaz ou menina, que é filho de Deus, é filho de Deus para sempre. Ele (ou ela) lutará contra o pecado, porque é e continuará a ser um filho de Deus.

Que cada um de vocês possa experimentar a plena certeza de que é um filho de Deus!

SERÁ A RELIGIÃO UMA QUESTÃO PRIVADA?

Muitas pessoas pensam que sim. Estarão certas? Terá o cristianismo, especificamente, algo de privado? Ou, para ser mais claro, será que a fé do cristão lhe diz respeito apenas a ele?

Antes de responder, vou fazer-lhe uma pergunta muito simples: Que é que vê gravado numa moeda? Uma imagem, ou uma inscrição? Ambas, de facto. Cada moeda tem dois lados. Acontece o mesmo com a fé cristã. Se a fé cristã for autêntica e viva, tem dois lados também. Há o lado estritamente pessoal e privado; e há o lado público, aberto. Se faltar um desses aspectos, há algo de pouco claro no assunto.

Consideremos agora estes dois aspectos da fé genuína.

1. O aspecto pessoal

Para ilustrar este ponto, vou contar uma história. Alguém me disse um dia que eu não passava dum contador de histórias. Respondi-lhe: «Não há nada de mal nisso. Sempre temo ver alguma pessoa a dormir na igreja. Assim, se eu contar uma pequenina história de vez em quando, mantenho-as acordadas!» De qualquer modo, toda a nossa vida é feita de experiências — não de teorias!

Um pregador chamado Johann Heinrich Volkening vivia na região de Ravensburgo, no século XIX. Esse homem de Deus esteve na base dum poderoso avivamento. Toda a área à volta da cidade de Bielefeld foi totalmente transformada como resultado da sua pregação. Numa noite, Volkening foi chamado à cabeceira dum agricultor rico, que possuía uma quinta muito grande e era conhecido como homem honesto e muito trabalhador. Ele, porém, detestava reuniões

evangelísticas. O facto é que não estava disposto a admitir que era pecador e não podia compreender por que é que precisava dum Salvador. O seu lema na vida era: «Faz o bem e envergonha o diabo.» Como já disse, numa noite Volkening foi chamado à sua cabeceira. O velho lavrador estava moribundo e queria tomar a comunhão pela última vez. Assim, Volkening foi lá. Ele era um homem alto e os seus olhos azuis e vivos atraíam a atenção das pessoas. Quando se aproximou do leito do moribundo, olhou para ele por longo tempo, sem dizer nada. Por fim, falou: «Heinrich, estou preocupado, muito preocupado consigo. A estrada que tem percorrido até agora não conduz ao céu; vai direita ao inferno.» Volkening virou-se então e saiu! O agricultor, furioso, gritou-lhe: «E é você um pastor! E é você que se atreve a falar do amor de Deus!»

A noite caiu. Mas o pobre agricultor, que estava gravemente doente, não conseguia dormir. A consciência atormentava-o: «Tu não estás a seguir o caminho para o céu, mas para o inferno...» E se, afinal, fosse verdade? Os numerosos pecados que tinha cometido inundavam-lhe a memória. Ele não tinha honrado a Deus como devia. Por vezes, tinha conseguido enganar os outros com muita astúcia.

Com o passar das noites, um medo mortal se apoderou de todo o seu ser. Não conseguia descansar. Acabou por reconhecer que tinha cometido uma multidão de pecados ao longo de toda a vida e que não tinha qualquer base para pensar que era um filho de Deus. Chegou a um ponto em que desejou dar uma reviravolta na vida. Assim, três dias mais tarde, chamou a mulher e disse-lhe: «Vai chamar o Volkening.» Era já noite e tarde, mas Volkening veio imediatamente. O velho lavrador disse-lhe num tom ansioso: «Pastor, acho que são horas de mudar de vida». «Sim,» — respondeu Volkening — «Quando envelhecemos, tornamo-nos mais sábios. Mas um arrependimento apressado não é necessariamente verdadeiro! Você precisa de algo mais profundo.» De novo o pregador voltou as costas e saiu da casa, e mais uma vez o lavrador ficou furioso.

Será que você não teria ficado também? Não seria melhor que Volkening fosse mais amável para com o agricultor? Afinal de contas, o homem estava às portas da morte! Mas Volkening vivia muito perto de Deus e sabia o que estava a fazer.

Três dias mais tarde, o velho lavrador entrou em agonia e profundo desespero. Sabia que os seus dias estavam no fim. Perguntou então a si próprio: «Que lugar houve na minha vida para o amor, alegria, paz, paciência, bondade, gentileza, fidelidade e auto-domínio?» Ao longo

da sua vida, tinha desprezado o Salvador que morrera por ele. De cada vez que Deus, no seu amor, lhe falava, ele rejeitava-o. E agora, ali estava às portas do inferno — desesperado. Implorou então à esposa: «Vai buscar o pastor!». «Não.» — respondeu ela — «Não volto lá. De qualquer modo, é inútil.» «Por favor!» — implorou ele — «Por favor, vai-buscá-lo. Eu estou a caminho do inferno.» Ela acabou por ir.

Quando Volkening chegou, encontrou um homem que tinha compreendido o sentido da passagem bíblica: «Não erreis; Deus não se deixa escarnecer. Tudo o que o homem semear, isso também ceifará.» Aproximou a cadeira da cama do doente e disse: «Você vai direito ao inferno, não vai?» «Sim.» — foi a resposta — «Eu vou para o inferno.» O tom de voz de Volkening tornou-se suplicante: «Heinrich,» — disse ele — «vamos juntos até ao Calvário. Foi lá que Jesus morreu por ti.» Explicou-lhe então, com todo o amor, que Jesus salva o pecador. Primeiro de tudo, temos de reconhecer que somos pecadores; depois, temos de deixar de repetir o nosso lema preferido; em terceiro lugar, temos de encarar os factos sem rodeios. Só então é que Jesus nos pode dar a salvação.

Finalmente, o lavrador compreendeu: «Jesus morreu por *mim*. Ele expiou os *meus* pecados. Ele pode plenamente justificar-me, oferecendo-me a única justiça que Deus pode aceitar.» Pela primeira vez na vida, orou de facto: «Oh, Deus, tem misericórdia de mim, pecador. Senhor Jesus, salva-me do inferno.»

Volkening deixou calmamente o quarto. Pôde voltar para casa com a mente em paz, porque o moribundo tinha invocado o nome do Senhor. Três vezes na Bíblia encontramos este versículo: «Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.» No dia seguinte, quando Volkening voltou para o visitar, encontrou um homem em paz com Deus. «Como está, Heinrich?» «Jesus aceitou-me — pela sua graça.» — foi a resposta.

Tinha acontecido um milagre.

Agora vou contar-lhe outra história.

Um judeu culto teve um encontro com Jesus, de noite, e disse-lhe: «Mestre, eu gostava de falar contigo acerca de questões religiosas.» Mas Jesus respondeu: «Não há nada para falar. Se o homem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.» «Que dizes?» — perguntou o visitante — «Eu não posso voltar a entrar no ventre da minha mãe e nascer pela segunda vez!» Mas Jesus tornou a afirmar: «Se o homem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.»

Aqui temos o aspecto estritamente pessoal da fé cristã: o homem ou mulher que quer entrar na posse da vida eterna tem de passar pela porta estreita, ou seja, «nascer de novo» através da acção miraculosa do Espírito Santo.

Não estamos a falar aqui de subtilezas teológicas. Não. Está em jogo o seu destino eterno. Pode acontecer que você não tenha a oportunidade de contar com um Volkening à sua cabeceira, quando estiver às portas da morte. Será, portanto, melhor ouvir o que eu tenho a dizer.

«Nascer de novo» implica que cheguei finalmente ao ponto de reconhecer que Deus tem razão; que admiti que estou perdido e que o meu coração é mau. Nascer de novo implica que reconheço a minha necessidade de Jesus, o único Salvador do mundo. Nascer de novo implica ainda que eu confesse franca e honestamente os meus pecados: «Senhor, pequei contra o céu e contra ti.» «Nascer de novo» envolve também um acto de fé: «O sangue de Jesus Cristo me purifica de todo o pecado. Ele pagou a minha vida e oferece-me a única justiça que Deus pode aceitar.»

«Nascer de novo» implica uma total rendição da minha vida nas mãos de Jesus. Finalmente, nascer de novo significa que o Espírito Santo me mostra claramente que sou filho de Deus ou, usando a expressão bíblica, que Deus me selou. Sem a experiência deste «novo nascimento» ninguém pode entrar no reino de Deus. O homem ou mulher que se torna filho de Deus pode ter a certeza absoluta deste facto. Se eu estiver a afogar-me e alguém me puxar para fora da água, sei de certeza que estou salvo, no momento em que sentir a terra firme debaixo dos pés e começar a respirar normalmente.

Deixe-me repetir: Este é o aspecto estritamente pessoal da fé cristã. O «novo nascimento» é uma experiência que cada um de nós precisa de ter para receber a vida eterna. Olhando para trás, para a forma como me tornei filho de Deus, sou forçado a admitir que foi um verdadeiro milagre. Eu vivia longe de Deus, conhecendo todo o tipo de pecado, mas então Jesus entrou na minha vida e agora pertenceo-lhe. Quem me dera ter dez vidas para viver de modo a poder arrebatat homens e mulheres da condenação eterna, trazendo-os a Jesus Cristo! Não descanse enquanto não nascer de novo e poder dizer também:

Seu para sempre, só Seu;
 Quem me separará do Senhor?
 Ah, com que descanso e bênção

Cristo pode encher o coração amoroso!
O céu e a terra podem desaparecer,
A primeira luz declinar em trevas;
Mas, no tocante a Deus e a mim,
Eu sou d'Ele, e Ele é meu.

O novo nascimento não é o fim da experiência cristã; é apenas o princípio. Durante toda a vida do cristão, a sua fé terá uma característica pessoal.

Logo no início da minha vida cristã, compreendi que era indispensável ouvir todos os dias a voz do meu novo amigo. Por isso, comecei a ler a Bíblia. Muitas pessoas hoje em dia parecem pensar que só os pastores lêem a Bíblia. Perto da minha casa em Essen, há um parque público. É para lá que gosto de ir ler a Bíblia de manhã, andando para cá e para lá, enquanto leio. Por vezes, as pessoas à volta observam-me. Uma delas disse-me um dia: «Vejo-o a ler o seu livro de orações de manhã. Sabe, são os padres católicos que lêem o livro de orações!» Aquele homem não podia imaginar que eu estivesse a ler um livro que qualquer pessoa normal pode ler também. Ao contrário da opinião geral, a Bíblia é um livro para todos.

Nos acampamentos que organizo para o meu grupo de jovens em Essen, costumamos reunir-nos de manhã, antes do pequeno almoço, para 15 minutos de meditação. Começamos por cantar um hino, seguido da leitura do dia num livro de meditações. Por fim, sugiro uma passagem das Escrituras e todos a lêem sozinhos, cada um no seu lugar. Aqueles que já deram o seu primeiro passo de fé em relação a Jesus, continuam esta prática, porque não podem passar sem ouvir a voz do Bom Pastor e falar com ele. Se você também já decidiu seguir Jesus, não se esqueça de cultivar o aspecto pessoal da sua fé, começando a ler o Novo Testamento. Disponha de 15 minutos a sós com Deus, todos os dias, de manhã ou à noite.

Quando acabar a leitura do Novo Testamento, feche os olhos e ore: «Senhor Jesus, tenho de falar contigo agora. Tenho muitas coisas para fazer. Ajuda-me a realizá-las. Livra-me dos meus pecados mais fortes. Dá-me amor pelos outros. Enche-me do teu Espírito.» Fale com Jesus. Ele está muito perto e pode ouvir. A oração é também um dos elementos privados da fé cristã.

Há algum tempo, eu disse a um homem que acabava de se converter a Cristo: «O senhor precisa de passar um quarto de hora diário na presença de Jesus.» A isso, ele replicou: «Pastor Busch, eu

não sou pastor como o senhor. O senhor tem tempo para isso; eu não. Tenho um horário muito apertado.» «Ouça-me com atenção.» — disse eu. «Nunca consegue fazer todo o seu trabalho, pois não?» «Não. Nunca.» — admitiu ele. «Vê?» — expliquei — «Isso é porque não dedica algum tempo à meditação e oração. Se ganhar o hábito de falar todos os dias com Jesus — lendo metodicamente alguns versículos da Bíblia, seguidos de um momento de oração — verá em breve que consegue fazer o seu trabalho como se estivesse a brincar. Quanto mais trabalho se tem, mais se precisa desses quinze minutos de tempo com Deus. Talvez tenha mesmo de alargar o quarto de hora para meia hora a fim de ter tempo suficiente para levar todas as suas preocupações ao Senhor. Verá então que as coisas melhoram. Se lhe digo isto é porque eu próprio já experimentei esta verdade. Por vezes, mal ponho um pé fora da cama já o telefone está a tocar. Depois, vou buscar o jornal que está em frente à porta. A seguir, o telefone toca de novo. Depois, alguém chega para nos visitar. Ando tenso durante todo o dia. Nada corre bem. De repente, lembro-me: "Ah, não separei um minuto para falar com Jesus, hoje; e ele não teve a oportunidade de falar comigo. Não admira que as coisas estejam a correr mal!"»

Esse tempo passado na presença de Jesus é também um dos aspectos privados da vida cristã.

Outro aspecto é o que a Bíblia define como «*crucificar a carne*». Ao longo da minha vida tenho falado com numerosos homens e mulheres. Quase todos eles me têm referido os seus medos e sofrimentos. As mulheres queixam-se dos maridos; os maridos queixam-se das mulheres. Os pais criticam os filhos; e os filhos criticam os pais. Mas nunca lhes ocorreu que quando apontavam um dedo contra alguém, dizendo, «A culpa de eu não ser feliz é dele (ou dela)», estavam ao mesmo tempo a apontar três dedos para si mesmos!

Se ganhar o hábito de meditar e orar, não demorará muito que Jesus lhe mostre que é você mesmo o responsável pelos seus medos. Os seus problemas conjugais e familiares devem-se ao facto de você não estar a viver na presença de Deus. As coisas não correm bem, porque não anda com Deus. O cristão tem de aprender, dia após dia, a crucificar a sua velha natureza.

Gostaria de partilhar consigo uma experiência pessoal que tive recentemente. Com cerca de mais cinquenta pessoas que trabalham com os jovens de Essen, pude assistir a um retiro de diversos dias. Foi maravilhoso; tão maravilhoso que não consigo descrevê-lo. Estávamos todos muito felizes ali juntos; e Deus abençoou-nos ricamente. Apesar

disso, houve algumas tensões. No último dia, contudo, antes de celebrarmos juntos a ceia do Senhor, podia ver-se uma pessoa após outra levantar-se e ir ter com alguém para lhe dizer: «Por favor, desculpe-me isto ou aquilo.» No que me diz respeito, tive de ir ter com três colaboradores e pedir: «Por favor, perdoe-me por ter falado tão asperamente no outro dia.» «Mas o senhor tinha razão.» — respondeu um deles. «Mesmo assim, perdoe-me.» — implorei eu. Não é fácil um homem da minha idade humilhar-se diante dum rapaz de vinte anos, mas eu não ficaria em paz, se o não tivesse feito.

Se criar o hábito de ir regularmente à presença de Jesus, aprenderá a crucificar dia a dia a sua velha natureza. Verá que as coisas melhoram. Este é um dos elementos do lado estritamente pessoal da fé cristã. Se você não conhece nada acerca deste aspecto da fé cristã, então — peço-lhe — deixe de se considerar cristão!

Muitas vezes, quando vou pela rua, penso comigo próprio: «As pessoas que passam a correr por mim nesta rua talvez se considerem todas cristãs. Se eu detivesse alguém ao acaso e perguntasse «É cristão?», é muito natural que me respondesse: «Sou. Não me toma por um muçulmano, pois não?» E eu continuaria a questioná-lo: «Diga-me, já alguma vez não conseguiu dormir por causa da alegria que sentia por ser cristão?» Ele iria provavelmente responder: «Está doído, ou quê?»

Estarei errado? O cristianismo do nosso tempo não se sente alegre ao pensar na fé que professa. Queixamo-nos da igreja — e mais nada! Não há o mínimo sinal de alegria. Mas desde o momento em que experimentamos o novo nascimento, compreendemos o significado destas palavras do apóstolo Paulo: «Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos!»

Recentemente, li uma passagem fantástica da Bíblia aos meus jovens: «Para vós, que reverenciais o meu nome, nascerá o sol da justiça (uma alusão profética a Jesus) que traz a cura nas suas asas.» Não é maravilhoso? E o texto continua: «E irão e saltarão como bezerros a quem abriram o estábulo.» Esta passagem expressa-se de um modo muito belo e, contudo, raramente encontro cristãos que, na alegria de pertencerem ao Senhor, saltem como bezerros a quem abriram o estábulo. Por que é que nós não sentimos essa alegria?

A resposta é simples: não somos verdadeiros cristãos.

Não posso deixar de pensar na minha mãe. A sua profunda alegria no Senhor era notada por todos. Tenho conhecido muitos outros cristãos que, tal como ela, brilhavam de alegria. Espero que à medida

que os anos forem passando, também eu vá sentindo cada vez mais a alegria do Senhor. Isso significa levar a sério o evangelho e não ficar satisfeito com uma mera aparência de cristianismo.

E isto é tudo, no que toca ao primeiro aspecto da fé cristã — o seu aspecto estritamente pessoal.

Mas há outro lado — visto por todos.

2. O aspecto público

Antes de mais nada, o *cristão tem comunhão com os outros crentes*. Este é um ponto muito importante. O verdadeiro cristão junta-se aos outros cristãos que, tal como ele, anseiam pela plena realização da sua salvação.

Há o culto de domingo de manhã, por exemplo. Por que é que não vai? «Mas eu ouço o culto no domingo de manhã pela rádio!» — poderá afirmar convictamente. Mas eu não me refiro aos doentes. Para eles é óptimo poderem ligar o rádio para ouvirem a transmissão dum culto. Mas se não sente prazer em participar directamente num culto normal, numa reunião de crentes, então o seu cristianismo não vai muito longe. O culto de domingo é parte integrante duma genuína vida cristã.

Por volta do ano 300 A.D. — há muito tempo — reinou sobre o Império Romano um homem extraordinário, chamado Diocleciano. Antes escravo, Diocleciano tinha gradualmente subido na escala social até que se sentou no trono desse grande império. Nessa altura, o cristianismo tinha-se espalhado por todo o império. É claro que Diocleciano sabia que os seus predecessores tinham perseguido os cristãos. Ele, contudo, pensou consigo mesmo: «Não serei tão estúpido como isso; não vou perseguir as melhores pessoas do império. Elas podem crer no que quiserem. Sob o meu governo cada um poderá escolher a sua própria religião.»

Era bastante invulgar que um imperador tivesse uma atitude tão tolerante. Os dominadores do mundo querem geralmente controlar as nossas consciências. Ora, Diocleciano tinha escolhido para seu assistente chegado um certo Galério, um anterior pastor, que veio a suceder no trono a Diocleciano. Um dia, Galério disse algo deste género: Diocleciano, verás que quando estes cristãos estiverem em maioria haverá muita agitação pública. Com efeito, eles continuam a falar de Jesus — o seu rei. Temos de fazer alguma coisa para os deter!» «Ora, ora,» — respondeu Diocleciano — «isso não tem razão de ser.

Durante 250 anos, os meus antecessores perseguiram continuamente os cristãos e nunca conseguiram acabar com eles. No que me diz respeito, prefiro deixá-los à vontade.» Diocleciano tinha muito senso comum. Galério, contudo, persistiu na sua ideia: «Esses cristãos são um grupo estranho. Afirmam que estão cheios do Espírito Santo e os outros não; e afirmam ser os únicos que se podem salvar. São um povo orgulhoso e tu farias bem em te livrar deles.»

Diocleciano continuou a recusar. Galério, por seu turno, não se deixava vencer facilmente e voltou a insistir até que, finalmente, Diocleciano cedeu: «Pronto, está bem, mas a única coisa que vamos fazer é proibir os cristãos de se reunirem.»

Foi então proclamado um edito para o efeito, dizendo que dali em diante todos os cristãos ficavam proibidos de adorar em conjunto, sob pena de morte. Tinham o direito de seguir as suas crenças numa base estritamente pessoal, mas não como grupo de crentes congregados. Os seus líderes juntaram-se para analisar a situação: «Que devemos fazer? Não seria mais prudente obedecer simplesmente? Afinal de contas, podemos fazer o que quisermos dentro das paredes das nossas casas. Ninguém nos molestará em casa.» A sua conclusão é muito elucidativa: «Reunirmo-nos para oração, cânticos, pregação, instrução e entrega dos nossos dízimos é parte integrante da nossa fé cristã. Nós continuaremos como antes!» E continuaram a reunir-se nas suas igrejas.

Galério exultou. «Vês, Diocleciano?» — disse ele — «Esses cristãos são inimigos do Estado. Não querem submeter-se.» E ele lançou uma das mais cruéis perseguições que os cristãos haviam conhecido até então. Muitos deles submeteram-se, pensando: «Nós podemos ficar em casa e continuar a ser cristãos! Não iremos mais às reuniões.» Mas não era essa a opinião da Igreja Cristã em geral. «Essas pessoas são apóstatas» — declarou a Igreja. «O homem ou mulher que deixar de assistir aos cultos cristãos será considerado apóstata.»

Nós devíamos dizer a mesma coisa aos cristãos da nossa geração. Há, sem dúvida, um grande número de apóstatas no cristianismo actual. Os cristãos daquele período tinham toda a razão em se oporem ao edito imperial, pois a Bíblia diz claramente: «Não deixando a vossa congregação, como é costume de alguns.» Hoje em dia podemos dizer: «... como *quase toda a gente* tem o hábito de fazer.» É por isso que eu insisto em que aqueles que realmente querem ser cristãos devem juntar-se a uma congregação de crentes.

Há diferentes maneiras de os crentes se reunirem: há as reuniões normais da igreja, estudos bíblicos nos lares, células de oração, grupos de jovens. Peço-lhe pois, que entre em contacto com outros cristãos. Um senhor francês disse-me um dia: «Algumas pessoas gostam de comer arenque; outras gostam de ir à igreja!» «Desculpe, mas isso não é verdade. A questão é muito mais séria que isso! Algumas pessoas avançam para o inferno; outras procuram a comunhão doutros crentes. A questão é exactamente esta.»

Se realmente leva a sério o viver como discípulo de Jesus Cristo, então deve fazer algum esforço no sentido de encontrar um grupo a que se possa juntar para aprender mais acerca de Jesus. Isso é muito importante. Só deve ir para um lugar em que se fale de Jesus. Ninguém pode dizer: «Na minha área não há nada.» Podem encontrar-se por toda a parte pessoas que amam o Senhor Jesus. Talvez não sejam numerosas; talvez sejam mesmo um pouco estranhas. Não é isso que importa! A verdade é que se você não tiver comunhão com outros crentes, a sua fé cristã será uma fé morta.

Um culto cristão de louvor consiste, pelo menos, de quatro coisas: cânticos, ensino, oração e levantamento da oferta. Estes pontos devem constar de cada reunião. Era essa a prática dos cristãos primitivos; e é assim que a nova vida dada por Deus a cada cristão se deve expressar.

Há só um tipo de fé cristã: é o tipo que se manifesta na comunhão com outros crentes. A Bíblia vai ao ponto de dizer: «Sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.» Este versículo implica que aquele que se não sente atraído para outros cristãos está espiritualmente morto.

Jamais esquecerei o extraordinário início do meu ministério em Bielefeld, onde fui pastor assistente num dos distritos da cidade. Éramos apenas um pequeno grupo nos cultos de domingo de manhã, cultos esses que se realizavam no salão da igreja local. Num sábado à noite, Deus permitiu-me ter um longo debate na Casa do Povo — um salão que pertencia aos comunistas — com alguns militantes e livres pensadores. O debate prolongou-se até à uma hora da manhã, quando o empregado do bar nos pôs a todos fora da porta.

Fora, chovia. Pela primeira vez, eu tinha conseguido reunir à minha volta um auditório de cerca de 100 homens — todos operários de fábricas da minha zona. Formámos um círculo debaixo dum candeeiro de rua. Os homens faziam-me perguntas e eu respondia. Falámos de Jesus e da sua vinda ao mundo. Depois de algum tempo, eles chegaram ao ponto de ser suficientemente sinceros para admitir

que não se sentiam felizes, que só se estavam a enganar-se a si mesmos ao fingirem que não tinham pecado; que, bem no íntimo, acreditavam na eternidade e no futuro juízo de Deus. Por volta das duas da manhã, eu disse-lhes: «Bem, meus amigos, são horas de me ir embora. De manhã vou dirigir um culto às 9h30 e estou certo de que vocês gostariam de ir... se não tivessem tanto medo uns dos outros!»

Mesmo à minha frente estava um operário a quem chamarei B. Nessa altura, devia ter cerca de 35 anos e era um verdadeiro vestfaliano. «Quem, eu?» — perguntou ele — «Medo? Nunca na vida!» «Pronto, pronto.» — disse logo eu — «Não se enerve! Mas se for à igreja ao domingo, vai ouvir muitas piadas no trabalho, na segunda-feira de manhã. Não vai? É disso que todos têm medo!» Ele afirmou de novo: «Não, eu não tenho medo!» E também pela segunda vez, eu disse: «Pronto! Você gostaria de ir, mas...» «Bem, eu estarei lá amanhã, com um hinário debaixo do braço!»

E nesse domingo de manhã — poucas horas mais tarde — quem havia de vir pela rua abaixo, de hinário na mão, e depois entrar directamente no salão, senão este bom velho vestfaliano? Ele era bem conhecido na área. Na segunda-feira à noite, foi visitar-me e disse: «O senhor tinha razão. Os meus colegas da fábrica ficaram realmente danados comigo por ter ido à igreja. Mas já reparei no *bluff* da nossa propaganda. Nós gritamos: "Viva a liberdade", mas na realidade somos escravos dos outros homens. Já deitei fora tudo isso, inclusive o velho livro sobre o livre-pensamento. Agora, fale-me de Jesus... Eu quero conhecer mais a respeito *dele*.»

Esse foi o meu primeiro convertido. Tudo começou por, num domingo de manhã, ele ter assistido ao culto com o nosso pequeno grupo de crentes. Ele perseverou na fé e outros seguiram o seu exemplo. Começara a abrir-se uma brecha. Com o passar do tempo, Deus continuou a trabalhar entre nós. Mas aquilo que mais me impressionou na altura foi o facto de que o ponto de viragem para estes trabalhadores surgiu quando eles começaram a assistir aos cultos — e ficaram sob a influência da comunhão e ensino cristãos.

Por amor da sua alma e da sua eterna salvação, peço-lhe que entre em contacto com outros cristãos. Não estou a fazer campanha para qualquer igreja específica, ou para qualquer pregador em particular. O meu grande interesse é a salvação da sua alma.

Outro ponto é que cada cristão é chamado a *confessar publicamente* o que descobriu em Jesus. Este é o segundo aspecto do lado aberto e visível da fé cristã.

Já alguma vez deu testemunho de Jesus Cristo, mesmo só com comentários como este, «É verdade; Jesus está vivo.»? ou «Você está a ofender o nome que eu amo acima de tudo, com as blasfêmias que está a proferir.»? ou «Com as suas histórias obscenas está a arrastar pela lama uma das maiores maravilhas da criação de Deus.»? Já alguma vez testemunhou dele, dizendo simplesmente, «Eu pertenço a Jesus.»? As pessoas não conseguiriam crer nos seus próprios ouvidos, se todos nós começássemos a dar testemunho!

Enquanto não temos coragem de falar do nosso Salvador a outros, não somos verdadeiros cristãos. Jesus disse: «Aquele que me confessar diante dos homens também eu o confessarei diante do meu Pai que está nos céus; aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus.» Será trágico no dia do juízo ver os cristãos nominais levantar-se e dizer: «Senhor Jesus, nós cremos em ti», ao mesmo tempo que Jesus se volta para o Pai e declara: «Eu nunca os conheci!» «Mas, Senhor, eu era mesmo...» «Não te conheço.» — será a resposta — «O teu vizinho nunca soube que ia a caminho do inferno. Tu nunca o avisaste, nunca, embora tu próprio conhecesses o caminho que levava à vida eterna. Sempre que devias ter aberto a boca e afirmado a tua posição ao meu lado, permaneceste calado.» «Eu sei, mas a minha fé era muito fraca.» «Devias ter confessado mesmo essa fé fraca. Uma fé débil continua a ter um Salvador poderoso. De qualquer modo, nunca te pedi que proclamasses a tua fé, mas sim, que *me* proclamasses. Não te conheço.»

«Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante do meu Pai que está nos céus; todo aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai que estás nos céus.» É isso que Jesus diz. E Jesus nunca mente. Quando é que arranjaremos coragem para abrir a boca e o confessar?

Quero-lhe contar outra história. Falei durante algumas semanas numa cidade do Vale do Ruhr. As reuniões tinham sido organizadas por um jovem amigo meu, o Gustavo. O Gustavo é o chefe da secção de reparações duma das grandes garagens da cidade. Ele tornou-se uma alegre e eficiente testemunha de Cristo, porque aprendeu a afirmar-se ao lado do seu Salvador no momento certo. Numa manhã de segunda-feira, no trabalho, todos os operários, um após outro, começaram a gabar-se das suas «aventuras de domingo». Um deles disse: «Nós estávamos tão embriagados que a cerveja até nos escorria dos olhos!» Outro amigo descreveu em pormenor uma aventura que tivera com o sexo oposto. «É tu, Gustavo,» — perguntaram eles —

«onde estiveste?» Nessa altura, ele ainda era aprendiz de mecânico. «De manhã,» — respondeu ele — «fui à igreja e de tarde fui à reunião de jovens do Pastor Busch, em Weigle House.» Seguiu-se então uma sessão de gozo e troça. O jovem aprendiz ficou ali, abatido. De repente, enquanto toda a gente — aprendizes, mecânicos e mesmo o chefe da oficina — o atacava, ele encheu-se de ira. «Por que é que» — pensou ele — «entre pessoas que se chamam cristãs é possível vangloriarem-se das coisas mais vergonhosas, e não é possível pormo-nos ao lado do Salvador?»

Ele decidiu então, ali mesmo, procurar ganhar todos os colegas da oficina para Jesus Cristo. Começando pelos aprendizes, chamou cada um à parte e disse-lhe: «Ouve. Se continuares assim, acabarás no inferno, um dia. Por que não vens comigo no próximo domingo a uma reunião em Weigle House? Ali, tu ouvirás tudo acerca do Senhor Jesus!»

Na altura, em que o Gustavo deixou a oficina, depois de ter tido bons resultados nos exames, as coisas já tinham mudado por completo. Eu próprio pude constatar isso. Todos os aprendizes pertenciam ao meu grupo de jovens. Três dos mecânicos iam às reuniões da Associação Cristã da Mocidade. Na oficina, ninguém se atrevia a fazer quaisquer comentários obscenos. Quando um novo aprendiz começava a proferir indecências, os outros faziam-lhe sinal para se calar, ou alguém lhe segredava: «Cala-te! O Gustavo pode ouvir!»

Desse modo, o Gustavo ganhou o respeito de toda a gente. Hoje tem uma posição de grande responsabilidade como chefe da mecânica numa garagem importante. É evidente que Deus o tem abençoado de todas as maneiras.

Volto a repetir a minha pergunta: Onde estão os cristãos, hoje, com coragem para falarem e se declararem publicamente ao lado do seu Salvador? E, contudo, é só quando confessamos Cristo que crescemos espiritualmente.

Será a fé cristã uma questão estritamente privada? Não, não é! Nós temos para com o mundo a obrigação de testemunhar da nossa fé em Jesus Cristo. Assim, acabe com o seu lamentável silêncio. Doutro modo, Jesus o negará no dia do juízo.

Durante o *Terceiro Reich* um bom número dos meus jovens, todos adolescentes, foram inscritos à força no «Arbeitsdienst» ou «Força de Trabalho». Pouco antes da sua partida, eu dei a cada um uma Bíblia, com esta recomendação: «Depois de se integrarem na unidade, na primeira noite, ponham a Bíblia em cima da mesa, abram-na e leiam-

-na à vista de toda a gente. Isso será como uma bomba, mas no dia seguinte terá acabado. Se não fizerem isso logo de início, nunca o conseguirão fazer.»

Eles fizeram o que lhes sugeri. Puseram as Bíblias nas mesas, logo no primeiro dia. «Que estão vocês a ler aí?» «A Bíblia.» Se uma granada de mão tivesse explodido na sala, a reacção não teria sido pior!

É triste dizê-lo, mas na nossa sociedade alemã, pode-se ler qualquer tipo de livro indecente, mas não a Bíblia!

Um dos meus jovens amigos, o Paulo (não voltou da guerra), descobriu na manhã seguinte, ao abrir o seu cacifo, que a sua Bíblia tinha desaparecido. Procurou no quarto. Um dos rapazes desatou a rir. Os outros fizeram logo coro com ele. «Vocês tiraram-me a Bíblia?» — perguntou ele. «Eh...» foi a reacção. «Onde é que puseram a minha Bíblia?» «O sargento-mor tem-na com ele.» Paulo compreendeu então que as coisas se estavam a complicar.

Depois de terminar o seu trabalho naquele dia, procurou um lugar onde pudesse estar só e orou: «Senhor Jesus, eu estou só. Tenho apenas 17 anos. Por favor, não me abandones. Ajuda-me a ficar firme ao teu lado.» Depois de orar, foi ao gabinete do sargento-mor e bateu à porta. «Entre.» O sargento-mor estava sentado à secretária. Em cima da secretária estava a Bíblia do Paulo. «Que queres?» «Por favor, meu sargento,» — implorou ele — devolva-me essa Bíblia, que é minha.» «Eh...» foi a única resposta. O sargento pegou então na Bíblia e começou a folheá-la. «Então é a ti que esta Bíblia pertence! Não sabes que a Bíblia é um livro perigoso?» «Sim, meu sargento, eu sei isso. É um livro perigoso, mesmo fechado no meu cacifo. Levanta problemas, mesmo ali!» O oficial endireitou-se na cadeira e disse: «Senta-te um minuto.» Depois, deixou escapar: «Em tempos, quando era mais jovem, pensei em estudar teologia.»

O Paulo perguntou: «O meu sargento negou a sua fé?» Seguiu-se então uma conversa séria, durante a qual o sargento-mor, um homem de cerca de 40 anos, admitiu perante o jovem de 17: «De facto, eu sou um homem muito infeliz, mas não posso voltar atrás. O preço é demasiado alto.» «Que pena!» — disse o Paulo — «Jesus é bem digno de todos os sacrifícios!» O oficial despediu o jovem com estas palavras: «Tens sorte, meu rapaz.» «Tem razão, meu sargento.» — concordou Paulo, saindo com a Bíblia debaixo do braço. Dali em diante, ninguém fez o mais leve comentário acerca da Bíblia.

Onde estão hoje os cristãos com a coragem de afirmarem as suas convicções?

Será a fé cristã uma questão estritamente pessoal? Sim, é. O novo nascimento e a vida cristã acontecem no coração do crente. Será a fé cristã uma questão estritamente pessoal? Não, não é. Os cristãos unem-se numa igreja para adorarem a Deus. Juntos participam em estudos bíblicos nos lares, em reuniões de jovens e em convívios. Abrem a boca e declaram publicamente que seguem o Senhor.

O mundo precisa de ver que Deus acendeu um fogo na terra na pessoa de Jesus Cristo!

QUANDO VIRÁ O FIM?

Há algum tempo falei com um homem de negócios. Ele bateu-me nas costas e disse: «Pastor, o que o senhor está a fazer para que os jovens vivam vidas decentes é bom.» «Para ser franco» — respondi eu — «não espero muito resultado disso. A Bíblia diz que o coração do homem é mau desde a sua mocidade. Por isso não acho que a moralização dê muito resultado. Gostaria de algo diferente.» «Ai sim? De que é que gostaria, exactamente?» «Gostaria de ver estes jovens voltarem-se para o Senhor Jesus e tornarem-se verdadeiros filhos de Deus!» «Pastor,» — disse ele — «o que diz é muito lindo, mas o melhor é assentar os pés na terra.»

Ora, não será esta uma palavra de sabedoria? «Você tem de assentar os pés na terra!» Desatei a rir. «Meu caro amigo,» — perguntei em ar de riso — «tenho de assentar os pés em *que* terra? Ainda não notou que a terra treme debaixo dos nossos pés há muito tempo?»

Você não precisa de ser um grande homem da indústria para reconhecer que o mundo já não é um lugar seguro. E é isso que assusta as pessoas, hoje. Todos procuram segurança, mas todos sabem que ela não se encontra em lado algum. Uns abrem uma conta num banco suíço; outros têm um abrigo nuclear na Bolívia. Afinal de contas, a segurança tem de estar algures! Mas bem no íntimo, todos nós sabemos uma coisa: não há qualquer segurança. Não admira que as pessoas do nosso tempo perguntem, ansiosas: «Para onde vai o nosso mundo?» É inegável que uma das características do nosso tempo é o facto de muitas pessoas se interrogarem sobre quando será o fim do mundo.

Há alguns anos, apareceu no palco uma peça de um autor suíço, Durrenmatt, chamada *Os Físicos*. A peça terminava com uma cena em que um dos físicos fazia um prognóstico muito sombrio: ninguém pode impedir a humanidade de usar a bomba atômica e de se exterminar a si mesma. O autor concluía: «E lá, algures no espaço, a terra radioactiva continuará a girar indefinida e inutilmente.»

A visão dum mundo desértico, girando incessantemente no espaço, sem vida ou propósito, parecia muito real. Quando um escritor moderno fala em termos tão impressionantes acerca do fim do mundo, merece a nossa atenção. Pessoalmente, não creio que Durrenmatt tivesse razão. Não creio que algum dia não haja senão uma terra radioactiva a girar em torno de si própria no espaço. Se eu tentasse explicar isso ao autor, ele iria provavelmente perguntar-me: «Por que não aceita a minha teoria? Parece bastante razoável que as coisas aconteçam assim.» Mas eu replicaria: «Mas este não é o ponto de vista cristão. O Senhor Jesus deixou implícito que a raça humana não desapareceria antes do fim do mundo. A despeito das probabilidades, as coisas não acontecerão como imagina.»

A questão é esta: Em quem podemos crer e em que prognósticos podemos confiar?

Há duas maneiras erradas de considerar o futuro:

Há a maneira de Joseph Goebbels, que consiste simplesmente em imaginar o que o futuro poderá ser. Mesmo agora, posso ouvi-lo a fazer cálculos: «daqui a cinco anos, as cidades alemãs estarão mais belas do que nunca!» Este modo de pensar contribui realmente para projectarmos as nossas próprias fantasias sobre o véu que esconde o futuro.

As Testemunhas de Jeová usam este método de forma habilidosa. Algumas pessoas mais velhas lembram-se ainda dos cartazes que foram colados em todas as esquinas das ruas, em 1925: «Milhões de pessoas que vivem agora nunca verão a morte!» Este *slogan* começou com os «International Bible Students». Ironicamente, morreram mais pessoas alguns anos mais tarde, do que nunca antes na história do mundo. Os estudantes internacionais da Bíblia tinham simplesmente imaginado um quadro cor-de-rosa do futuro. Mais tarde, mudaram de nome e tornaram-se conhecidos por Testemunhas de Jeová. É provável que continuam a inventar novas imagens mentais nos nossos dias.

Em segundo lugar, há a maneira dos prognosticadores. Tenho de admitir que não compreendo nada disso. E nem quero aprender nada de adivinhações, espiritismo, radiestesia, cartomância, horóscopos e

coisas do gênero. Deixe-me dizer porquê. Deus diz muito claramente na sua palavra: «Não pratiqueis a adivinhação ou a feitiçaria.» E diz também: «Não consultem os médiuns nem busquem espiritistas, pois serão enganados por eles.» Outra passagem diz: «Não haja entre vós quem sacrifique o seu filho no fogo, que pratique a adivinhação ou feitiçaria, que interprete oráculos, que se envolva em bruxarias, que rogue pragas, que seja médium ou espírita ou que consulte os mortos. Quem faz isso torna-se abominável diante do Senhor.»

Como o meu maior desejo na vida é ser um cristão e ser parte do povo de Deus, procuro não me misturar com essas coisas. Se por qualquer circunstância você caiu nessa armadilha, então peço-lhe, por amor da sua alma e da sua salvação: Examine atentamente o seu coração; depois clame a Jesus, confesse esse pecado e peça-lhe perdão.»

No que me diz respeito, estou decidido a pôr a minha confiança na Bíblia, na Palavra de Deus. Não posso fazer doutro modo, porque a Bíblia tem o selo d autenticidade. Não é uma mera especulação. Repetidamente, as Escrituras afirmam: «Assim diz o Senhor!»

A maneira mais segura de descobrir o futuro é consultar a Bíblia.

No auge da guerra, a Gestapo ordenou-me que interrompesse o meu ministério itinerante. Fui autorizado a fazer reuniões apenas na cidade de Essen. A cidade foi devastada pelas bombas. Mesmo assim, eu tinha todas as noites um estudo bíblico num abrigo. Como tinha muito tempo livre durante o dia, aproveitei essa oportunidade para estudar com todo o cuidado o último livro da Bíblia, o Apocalipse. O que mais me impressionou nesse estudo, foi a sua relevância. Decidi então partilhar com outros as lições que dele extraí.

1. Jesus Volta

A Bíblia afirma isto muito claramente. O retorno de Jesus Cristo em glória é o evento supremo para onde convergem as expectativas de todos os cristãos. Quando Jesus subiu aos céus, quarenta dias após a ressurreição, os discípulos ficaram de olhos fixos nele e viram-no desaparecer noutra dimensão. «Uma nuvem o ocultou dos seus olhos.» Então, de repente, dois mensageiros enviados por Deus apareceram aos discípulos e disseram-lhes: «Este Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, há-de vir assim como para o céu o vistes ir.»

Sim, Jesus vai voltar! Um dia, vindo doutra dimensão, a dimensão de Deus, o Senhor Jesus, numa nuvem de glória, voltará a entrar no nosso mundo tridimensional. *É esta a esperança cristã.*

Devo dizer-lhe como é que essa extraordinária verdade se impôs a mim próprio há mais de 25 anos. Na altura, eu era um jovem pastor e acabava de me mudar para uma região de minas na cidade de Essen. Só tinha 27 anos e vi-me sozinho entre 12.000 mineiros, dos quais nenhum estava minimamente interessado na minha mensagem. No coração dessa zona, rodeada por blocos de apartamentos de mineiros e de torres, havia uma praça grande e isolada. Num dos cantos da praça erguia-se ainda uma pequena casa. Consegui arranjar um modesto local de reunião ali e comecei então a fazer estudos bíblicos regulares. Foi maravilhoso ver vir as pessoas, umas atrás das outras, pela primeira vez: alguns mineiros (comunistas e livres pensadores) que tinham curiosidade de ouvir o que um jovem pregador tinha a dizer, algumas queridas avozinhas, algumas crianças e dois ou três jovens. Por estranho que pareça, este modesto embrião duma igreja exasperou toda a população da área. Éramos perturbados em todas as reuniões. Um dia, partiram-nos as janelas e tivemos de colocar portas de madeira. Começaram então a arremessar-lhes pedras. O barulho era ensurdecedor. Depois disso passaram a jogar à bola com latas, mesmo em frente da porta, de modo que ninguém conseguia ouvir palavra do que se dizia. Noutra ocasião fizeram um cortejo com gaitas de fole em frente da nossa pequena sala e começaram a cantar vigorosamente. Dentro, o nosso pequeno grupo começou a cantar um hino.

Esses foram tempos heróicos!

Um dia, a situação tornou-se alarmante. Parecia que todo o inferno andava à solta. Algo de estranho aconteceu. Um objecto pesado foi empurrado contra a porta e caiu no chão com grande estrondo. «Lançaram uma bomba!» — disse eu. Podia ouvir o barulho das pessoas a correr. Os nossos corações deixaram de bater. Depois reinou de novo o silêncio lá fora. Abri lentamente a porta e vi, ali mesmo no chão, no meio duma poça de água, um grande crucifixo de metal. Tinha sido arrancado dum clube católico próximo e lançado contra a nossa porta. Era como se os nossos inimigos quisessem dizer-nos: «Aqui está o vosso Cristo! Deixai-o estar na lama!»

Foi uma noite de Novembro impressionante. Chovia. Ali, aos nossos pés, estava a cruz, numa poça de água. Eu estava de pé, na ponta dessa praça desolada. Atrás de mim, o nosso pequeno grupo apertava-se, tremendo com arrepios de medo; e diante de todos nós, na poça, jazia a imagem do nosso Salvador crucificado. Não pude deixar de pensar: «Deus podia ter abandonado o mundo ao seu terrível destino por milhares de razões. Contudo, não o fez. Enviou mesmo o seu

Filho, que fez uma coisa extraordinária: levou sobre si os nossos pecados e deixou-se pregar numa cruz. E que é que tem feito o homem? Em vez de se prostrar e adorar o Salvador, pega na sua imagem e atira-a para a lama. É como se tivesse cuspido na mão que Deus lhe estendia.»

Bem, pelo menos aquelas pessoas de Essen sentiam algum ódio por Jesus. No nosso tempo, muitos nem mesmo se dão ao trabalho de o odiar. Lançam simplesmente o crucifixo numa poça, por total indiferença.

Uma tremenda e surda ira me dominou naquele dia. «Que irá Deus fazer agora? Certamente vai fazer cair fogo do céu!» Mas não caiu fogo nenhum. Continuou a chover. E a imagem do Salvador na cruz continuava na poça de água.

Eu podia ouvir risos de troça vindos de longe. Estavam a rir-se de mim! «As coisas não vão ser sempre assim.» — pensei de repente. «O Filho de Deus, que morreu por este mundo, não irá ser sempre objecto de escárnio. Não, não será sempre assim. Neste momento o seu poder e majestade permanecem ocultos, mas virá o dia — e é absolutamente certo — em que o mundo que o desprezou terá de o reconhecer como o único caminho para a salvação e como Senhor do universo. Ele voltará na sua glória.»

Nessa noite de chuva, na praça deserta com o crucifixo na lama, com o meu pequeno grupo de crentes ao meu lado, pude pela primeira vez, ao voltar para o nosso modesto local de reunião, alegrar-me com o pensamento da segunda vinda de Jesus. Quando me encontrava de novo no púlpito, abri o Evangelho de Mateus no capítulo 24 e li: «E verão vir o Filho do Homem nas nuvens do céu, com poder e grande glória.» Nunca mais deixei de me regozijar na sua segunda vinda.

Quando vejo a que ponto o meu Salvador é desprezado — este Salvador que livra da morte, que perdoa os pecados, que traz felicidade e salva — fico contente por saber que virá o dia em que a capa de escárnio cairá dos seus ombros e ele aparecerá em toda a sua glória.

Na primeira vez em que entrei no hall principal de Weigle House, um centro cristão para a juventude, em Essen, a minha atenção foi despertada por um quadro que estava na parede. Nesse salão, onde centenas de jovens se reuniam, havia um só quadro, que representava a segunda vinda de Jesus Cristo: no fundo do quadro, uma cidade; por cima dela, nuvens; nessas nuvens, um cavalo branco em que estava montado o Rei. O braço do Rei estava erguido e na mão podiam ainda ver-se os sinais dos cravos. Eu disse ao pastor Weigle, meu predeces-

sor: «Este é o único quadro que tem nas paredes? Não me parece muito apropriado aqui, um centro de jovens.» «Meu caro amigo,» — respondeu ele — «estes jovens passam toda a semana na escola ou no trabalho, na fábrica ou dentro das minas. Quando testificam da sua fé em Jesus, só deparam com sarcasmo e troça. E se falam contra o mal são ridicularizados e criticados. Não admira que muitas vezes se sintam desanimados. Este quadro visa lembrar-lhes, sempre que se reúnem aqui, que Cristo é o vencedor e que por decreto eterno o mundo *será* seu.»

Eu já experimentei pessoalmente o poder desta maravilhosa esperança. Sob o domínio de Hitler, fui preso depois duma grande reunião na cidade de Darmstadt. Levaram-me para um carro da polícia e puseram-me ao lado dum oficial da Gestapo. Dezenas de pessoas se aglomeravam à nossa volta. O soldado das SS que estava ao volante recebeu ordens para avançar, mas o carro não pegava. Provavelmente o carro estava em boas condições, mas por qualquer razão não pegava. «Avance!» — gritou o oficial das SS, mas o motor continuava parado. Nesse momento, do meio da multidão, um jovem que estava de pé nos degraus da igreja começou a cantar com voz forte:

Alegrem-se! O Salvador reina —
 O Deus da verdade e amor;
 Depois de lavar as nossas manchas,
 Ocupou o seu lugar no céu:
 Ergue o teu coração, ergue a tua voz:
 Alegrem-se de novo, eu digo, alegrem-se.

Alegrem-se na gloriosa esperança.
 Jesus, o Juiz, virá
 E levará os seus servos
 Para o seu lar eterno:
 Em breve ouviremos a voz do arcanjo;
 A trombeta de Deus soará!

O jovem desapareceu imediatamente na multidão e o carro pegou! Voltando-me para o oficial da Gestapo, disse-lhe: «Meu pobre amigo! Eu estou do lado do vencedor.» Ele estremeceu com as minhas palavras e segredou-me: «Há muito tempo fui membro da Associação Cristã da Mocidade.» «Então agora» — disse eu — «anda a prender os cristãos! Pobre homem. Não gostava de estar no seu lugar.»

Continuámos a conversar até que chegámos à prisão. Mas nesse curto espaço, a esperança da volta de Cristo tinha-se aberto diante de mim.

À medida que os dias vão escurecendo, a expectativa da vinda de Cristo torna-se cada vez mais importante.

A volta de Jesus Cristo em glória será, na realidade, a sua terceira vinda à terra. Ele veio a primeira vez na sua encarnação. Nascido de Maria, Jesus foi deitado numa manjedoura de Belém. É esse facto que celebramos no Natal; isso, se ainda sabemos o que ele significa. Foi então que o Filho de Deus se tornou homem, para que nós nos pudéssemos tornar filhos de Deus e ele se pudesse tornar nosso irmão.

Jesus vem pela segunda vez agora mesmo, neste dia — na pessoa do Seu Espírito. Ele diz: «Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele comigo.»

Por que é que nós evangelizamos? Porque temos de preparar o caminho para que o Senhor Jesus venha para as pessoas de hoje. A Bíblia diz: «A todos quantos o receberam, aos que creram no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.»

Quando Jesus vier pela terceira vez, virá com toda a sua glória. A Bíblia revela algo sobre as circunstâncias em que nós avançaremos para esse majestoso evento. Na altura da sua vinda, nós teremos esgotado os diferentes sistemas de governo: a monarquia constitucional e a monarquia absoluta; a democracia presidencial e a democracia popular; a ditadura e sei lá mais o quê. E teremos reconhecido que nenhum desses sistemas vale muito.

Esse será o tempo oportuno da sua volta.

2. Eventos que precedem a volta de Cristo

A Bíblia afirma que o curso da história mundial decorrerá durante muito tempo, ao longo de gerações. Depois, de um modo quase imperceptível, haverá um período em que o seu curso como que se encaminhará para o fim. Para designar esse período, usaremos uma expressão que não se encontra na Bíblia. Referir-me-ei a ele como «o período do fim». A Bíblia fala dum tempo de caos generalizado em que os homens serão incapazes de resolver os seus problemas. Dominados pelo pânico, procurarão ajuda, mas não a encontrarão. O Senhor Jesus salientou que este «período do fim» será caracterizado por quatro factores.

Jesus aludiu à *confusão política* deste período, quando afirmou: «Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino». Nunca se conheceu uma época como a nossa, apesar de os diplomatas realizarem tantas e custosas conferências! Nunca se conheceu uma época como a nossa, em que o rearmamento está a ser processado em detrimento dos povos, com tanta insensatez! O dinheiro gasto nas armas atómicas podia ser usado para construir diversas grandes cidades, acabando assim com a falta de casas. Mas, em vez disso, os políticos de todo o mundo dizem: «Temos de nos armar!» Mesmo o Estado mais pequeno tem de ter a sua bomba atómica. Apesar disso, nunca houve tanto anseio de paz! Todos os países querem paz; ninguém quer a guerra. Mas cada país entra como um louco na corrida das armas. Não poderá ser este o caos político «do fim»?

Segundo, Jesus menciona a *confusão económica* deste período: «Haverá fomes e terramotos em vários lugares.» A terra produz alimento suficiente para todos comerem o necessário. E nunca houve tantos economistas qualificados como no nosso tempo. Nunca a economia mundial foi tão sofisticada. Apesar disso, e de acordo com os relatórios das Nações Unidas, mais de metade da humanidade nunca come o suficiente. Numa sociedade tão civilizada como a nossa, não deveríamos nós poder satisfazer a fome de todos os homens? Mas por qualquer razão não conseguimos. E a desordem económica aumenta.

O terceiro sinal distintivo de «o período do fim» a que Jesus fez referência é a *confusão religiosa*. Jesus descreveu-a nestes termos: «Nessa altura, se alguém vos disser "Olhem, aqui está o Cristo!" ou "Olhem, lá está ele!", não o creiais. Pois aparecerão falsos Cristos e falsos profetas e farão sinais e milagres para enganar os eleitos.»

Fui recentemente confrontado por um jovem que me disse: «Eu não sei em quem acreditar: há os católicos romanos, os ortodoxos, os protestantes, as testemunhas de Jeová, os mórmons, os moonies, os budistas, os muçulmanos e todos os outros. Em quem hei-de acreditar?» Eu ri-me e respondi: «Jovem, enche-te de coragem, pois as coisas vão piorar cada vez mais. A Bíblia diz isso!»

Este é, sem dúvida, um dos sinais de «o período do fim». Como as pessoas se recusam a deixar-se guiar pela Palavra de Deus, vão sendo desencaminhadas pelo diabo. E Deus permite isso. «Olhem, aqui está o Cristo...! Olhem, lá está ele!»

Há uma terrível confusão em questões religiosas. Fico alarmado quando observo a maneira como as pessoas correm dum espectáculo

religioso para outro. Mas deixe que lhe diga desde já que nenhum grande pregador poderá alguma vez salvá-lo. Se não tiver um encontro pessoal com o Salvador, ficará eternamente perdido.

Há um último sinal de «o período do fim»: *o retorno dos judeus à Palestina*. A existência do Estado de Israel parece-me ser um dos mais extraordinários sinais dos tempos. Mas algumas pessoas não vêem qualquer sinal nesse facto.

Recentemente, quando estava numa bicha numa fronteira suíça e vi um carro com uma placa de matrícula «Estado de Israel» na minha frente, não pude deixar de pensar: «As profecias bíblicas estão a ser cumpridas e mesmo as placas de matrícula o proclamam!»

O meu pai disse-me que em 1899 ofereceram Madagáscar aos judeus como uma terra de refúgio, mas eles recusaram. «De modo nenhum!» — disseram eles — «Nós recebemos uma promessa, a promessa de voltarmos um dia à terra dos nossos antepassados.» A opinião mundial na altura era que isso jamais viria a acontecer. E, contudo, o Estado de Israel é hoje uma realidade.

O que caracteriza «o período do fim» é o facto de que, a despeito de todo o seu progresso, a humanidade está cada vez mais desnordeada. A impotência do homem é óbvia. Eu não sei dizer quanto demorará «o período do fim». A Bíblia não refere o número de anos, mas exortamos a «vigiar». O apóstolo Paulo deu este conselho aos cristãos: «Não sejamos como os outros que estão a dormir, mas estejamos alerta e com autodomínio.»

Quando este período de confusão antes do retorno de Cristo estiver no auge, *começará o tempo do Anticristo*. Eu vou chamar-lhe *os últimos dias*. É verdade que estamos agora a experimentar a confusão do «período do fim». E essa confusão clama já agora pela aparição do «valente». Sim, o nosso mundo presente está a reclamar este «valente». E quando a angústia estiver no auge, este homem poderoso aparecerá e proclamar-se-á como libertador do mundo. Ele não será o Cristo, mas o Anticristo.

A Bíblia diz-nos que do mar sairá um ditador que dominará todo o mundo: é aquele a quem chamamos Anticristo. Sob o seu domínio, o mundo ficará unido pela última vez. Esta época da história será marcada pela obstinação do homem. Será a última tentativa do homem para salvar o mundo através dum programa político e económico estabelecido por si próprio. É fascinante ler a descrição que a Bíblia faz deste último ditador. Ela descreve-o em linguagem metafórica. Para a compreendermos, o Espírito Santo tem de nos iluminar. O

apóstolo João viu a visão e escreveu: «E vi uma besta sair do mar. Ela tinha dez chifres e sete cabeças, com coroas nos seus chifres. E em cada cabeça um nome blasfemo.»

Como poderemos nós explicar esta descrição impressionante?

O mar é o símbolo das nações da terra. Aqueles que alguma vez já estiveram no mar sabem quão bravo ele se pode tornar. Nunca está perfeitamente calmo. As nações do mundo também nunca estão inteiramente em paz. Há sempre um ponto quente em algum lugar.

O último «libertador» do mundo emergirá do mar das nações. Todos os grandes políticos dos últimos dois séculos se ergueram como libertadores. E todos eles tiveram a sua origem no povo: Napoleão, o pequeno corsecano; Adolfo Hítler, o pequeno cabo da Primeira Guerra Mundial; Staline, o sapateiro. Todos eles foram precursores do Anticristo. Cada um deles veio do meio do povo, e as pessoas, entusiasmadas, aclamaram-no, dizendo: «Ele é um de nós!»

Jesus Cristo, o meu libertador, não vem do mar das nações, mas do mundo de Deus, pois ele é o Filho do Deus vivo.

O Anticristo é chamado «a besta». Que significa isso? A Bíblia afirma que o homem foi feito à imagem de Deus. Quanto mais se aproxima de Deus, mais humano se torna; quanto mais se afasta de Deus, mais animal se torna. Nietzsche, o grande inimigo do cristianismo, declarou numa ocasião: «O homem mais nobre é a besta mais loira.» Ele tinha entendido perfeitamente. O Anticristo será um homem totalmente afastado de Deus. Terá voltado as costas a Deus. É isso que fará dele uma besta.

Ele será uma besta *com sete cabeças*. Que significa isso? Significa que não será tolo nenhum. Naturalmente, as pessoas poderão dizer a seu respeito: «Ele tem uma boa cabeça sobre os ombros!»

O Anticristo terá *uma boca como de leão*. Isso significa que inundará o mundo com a sua propaganda. A nossa geração já teve experiência da força do rugir do leão através de todos os nossos sistemas públicos de comunicação. Não é difícil imaginar que uma vez que o Anticristo esteja aqui, a sua absurda propaganda terá um efeito nivelador sobre todos os aspectos da nossa vida.

Esta última tentativa por parte do homem para salvar o mundo sem procurar a ajuda do seu Salvador, o Senhor Jesus, acabará por ter êxito. A salvação será oferecida ao homem, sem que este tenha de se arrepender e mudar de vida. E todos os seus problemas serão resolvidos por ele: no campo político, pela criação dum império mun-

dial; no campo económico, pela distribuição de cartões de racionamento alimentar; no campo religioso, pelo culto ao próprio Anticristo.

É alarmante observar a rapidez com que o nosso mundo se encaminha para «os últimos dias».

Quando esse tempo chegar, todo o mundo se submeterá ao Anticristo. Os cristãos serão os únicos a dizer: «Recusamo-nos a adorar-te!» Toda a gente, qualquer que seja a sua posição social, terá de suportar um sinal na testa. Os cristãos, contudo, dirão: «Não. Nós temos um Salvador, que é Jesus!» Por causa disso, serão perseguidos. A Bíblia afirma: «Ninguém podia comprar ou vender, a não ser que tivesse a marca.» A respeito deste versículo, um comentador alemão da Bíblia, chamado Auberlen, escreveu o seguinte comentário, há cento e cinquenta anos: «Nós não compreendemos muito bem o que significa isto, mas o desenrolar dos próprios eventos ajudar-nos-á a ver claramente.» Nós que temos vivido sob regimes totalitários, podemos compreender em certa medida, estas coisas: Sabemos o que significa: O sr. X não recebe qualquer certificado de registo, nem cartão de racionamento, nem licença de trabalho; pode acreditar no que quiser, mas deixa de ter país e quaisquer direitos. Isto está a acontecer agora mesmo, nos nossos dias.

Fiquei perturbado, quando li pela primeira vez este versículo. «Muitas pessoas acreditam que a Bíblia está desactualizada.» — não pude deixar de pensar — «Mas não é a Bíblia que está desactualizada; são as nossas ideologias. A Bíblia guia-nos para o futuro.»

O Anticristo poderá tolerar qualquer coisa, excepto o testemunho sobre o verdadeiro Salvador, o Senhor Jesus Cristo. É por isso que os cristãos serão perseguidos.

Um dia, quando estava a falar com os meus filhos acerca destas coisas, a minha filhinha começou a chorar. «Querida» — perguntei — «por que estás a chorar?» Soluçando, ela respondeu: «Mas isso pode acontecer em qualquer dia!» «Sim.» — disse eu — «É possível.» «E que vai acontecer, se eu não conseguir ser fiel a Jesus?» «Isso seria terrível,» — expliquei eu — «mas o que importa é que o sigas todos os dias, agora.»

O período de «os últimos dias» pode surpreender-nos a qualquer momento. Quando isso acontecer, não mais teremos oportunidade de nos encontrarmos com Jesus. Não haverá mais cultos nas igrejas. Os sinos das igrejas fundir-se-ão para fazer estátuas em honra do Anticristo. As igrejas serão transformadas em museus e usadas para expor quadros sobre os primeiros anos do Anticristo.

Nessa fase, as pessoas clamarão por conforto, mas como rejeitaram Jesus, o único Consolador, nada as consolará. Na sua angústia, os homens e mulheres ficarão à mercê dos seus semelhantes. Os cristãos, contudo, considerar-se-ão felizes — mesmo que tenham de enfrentar a morte — pois nesses dias difíceis *eles* terão um Consolador.

Também me tenho sentido perturbado com esta afirmação de Jesus: «Os homens desmaiarão de terror, com medo do que está para vir ao mundo.» O livro do Apocalipse parece indicar que o Anticristo encherá o mundo de fanfarras e bandeiras. Eu costumava interrogar-me como é que estas duas afirmações se poderiam reconciliar. De um lado lemos a respeito de terror e expectativa; do outro, lemos a respeito dum enorme sucesso. Mas depois de viver o ano de 1933, compreendi que o mundo pode estar cheio de gargalhadas, fanfarras e bandeiras, e mesmo assim tremer de medo e pavor do futuro.

Quando o Anticristo estiver no clímax do seu poder, quando ele estiver certo de que Jesus foi eliminado de uma vez por todas — Deus intervirá. Jesus voltará na sua glória. Pouco é dito acerca do Anticristo, excepto que Jesus o destruirá com o sopro da sua boca.

À medida que os tempos se vão tornando cada vez mais escuros, os sinais impressionantes da aflicção da humanidade e do reino futuro do Anticristo tornam-se também mais visíveis. Mas as pessoas que lêem a Bíblia ganham coragem, porque aguardam o retorno de Jesus Cristo.

3. Eventos que se seguem à vinda de Cristo

Também aqui a Bíblia apresenta apenas o esboço.

Antes de tudo, lemos que Jesus reinará durante mil anos na terra. De novo a Bíblia usa linguagem figurativa que, provavelmente, significa apenas que Jesus reinará por um longo período de tempo. Tudo isso me parece perfeitamente coerente: primeiro, o estado desesperado do homem tornar-se-á evidente; a seguir, o homem obstinado fará a sua última tentativa para salvar o mundo; depois disso, Jesus tem de reinar. E ele sabe como fazê-lo!

Se quer uma prova disso, visite uma casa onde Jesus seja Rei — pois elas existem mesmo hoje — e sentirá uma atmosfera diferente, logo que transponha o limiar da porta. Estou a lembrar-me dum jovem casal que conheço. O marido veio ver-me um dia e disse: «Estou pronto a render-me a Deus. Neguei a sua existência até agora, tenho mesmo falado publicamente contra ele; mas não posso suportar isso

por mais tempo!» Continuou com os seus desabafos acerca de todas as coisas que o perturbavam. Admitiu que o seu casamento andava mal. Disse ele: «Eu queria mostrar a toda a gente que se pode ser bem casado, mesmo sem Deus.» Foi aí que tudo começou a correr mal. O seu primeiro filho morreu e ali mesmo, ao lado do seu cadáver, tiveram uma amarga discussão. Por fim, ele teve de admitir: «Deus está contra nós. Eu rendo-me.» O culto fúnebre que dirigi foi muito triste. No meio da sala estava a urna da criança. Dum lado, o jovem pai e sua família; do outro, uma linda e jovem mulher, apertando os lábios, rodeada pela família. Dois mundos, dois lados; e a separá-los, o filho morto!

Levou mais de um ano até que a mulher viesse a crer no Senhor Jesus. Jamais me esquecerei do breve recado que ela me enviou na manhã de Páscoa: «Ele ressuscitou também no meu coração!»

Depois disso, casaram — antes, viviam simplesmente juntos — e começaram de novo. Embora ambos fossem muito independentes por natureza e orgulhosos da sua inteligência, vieram no entanto a experimentar verdadeira harmonia como casal. O marido explicou-me um dia como é que isso aconteceu: «Antes,» — disse ele — «tudo costumava correr mal na nossa casa...». «E como é agora tudo corre bem?» — interrompi eu. Ele respondeu, com o rosto a brilhar: «Agora, Jesus é a cabeça do nosso lar. A minha mulher e eu já não lutamos para provar quem é o chefe. Perguntamos juntos o que é que Jesus espera de nós. E dá resultado!»

Enquanto ele falava, assaltou-me uma ideia: se tudo é tão belo, tão maravilhoso, quando Jesus reina no lar, como será quando ele for o rei do mundo?

O mundo atravessará um segundo período de prova, depois do reinado de Jesus. Os corações serão postos à prova para ver se foram de facto transformados. Satanás será literalmente solto e verificar-se-á que o coração do homem não mudou nada e que a humanidade continua a ser o que sempre foi.

A Bíblia dá-nos a entender que haverá uma rebelião contra Deus e que depois disso virá o fim do mundo. Todo o sistema solar se desintegrará. Os céus e a terra passarão. Depois, como escreveu o apóstolo João no seu relato das «últimas coisas»: «Vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas no livro, segundo as suas obras. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.»

Alguém me perguntou um dia: «Onde estará o trono, se tudo desaparece?» Eu respondi: «Não se preocupe com isso; preocupe-se antes com a maneira como aparecerá diante desse trono branco!» Nós podemos ser condenados! Eu preferia que esta horrível verdade não estivesse na Bíblia, mas a Palavra de Deus confronta-nos com essa aterradora eventualidade: sermos condenados eternamente.

Vou contar-lhes uma pequena história: Um dia, estava a ser dado um jantar de festa num castelo da Escócia e a conversa caiu sobre o tema do cristianismo. Os convidados estavam sentados à volta da lareira em que ardia um fogo agradável. Um idoso e elegante senhor voltou-se para a anfitriã e disse: «Pelos seus comentários, minha senhora, deduzo que é cristã. Acredita mesmo em tudo o que está escrito na Bíblia?» «Sim, acredito.» «E que cada um de nós será julgado?» «Claro!» «E que a pessoa cujo nome não estiver no livro da vida vai para o inferno?» «Sim, creio nisso!» O homem levantou-se, atravessou a sala e tirou uma avezinha numa gaiola que estava pendurada num canto. Depois, aproximou-se da lareira e fingiu que atirava com o passarinho para o fogo. Chocada, a senhora deu um salto para o impedir. «Que está a fazer?» — gritou ela. «Pobre passarinho!» O homem começou a rir. «Como vê, a senhora tem pena deste pobre passarinho e, contudo, aquele a quem define como um Deus de amor ia lançar milhões de seres humanos no inferno... Que estranho Deus de amor!»

Houve um momento de silêncio. A senhora voltou então a falar: «Está enganado. Deus não lança ninguém no inferno. Somos nós que saltamos para lá. Deus quer que todos os homens se salvem.»

A Bíblia apresenta um quadro assustador do juízo final. Temos uma descrição do tribunal de Deus. «E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que era o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas no livro.» As pessoas opõem-se fortemente à mensagem dum juízo. «Não, não é verdade!» — dizem elas.

Um dos meus jovens amigos foi interrogado no local de trabalho: «Crês mesmo no juízo final?» «Sim, creio.» «Tolices» — disseram-lhe os colegas. «Quantas pessoas vivem agora? E quantas já morreram? Bem, tenta só imaginar toda essa gente a ser individualmente julgada. Consegues calcular o tempo que isso levará?» O jovem ripostou: «Quando esse momento chegar, teremos tempo de sobra. Não teremos mais nada que fazer!»

Sim, Deus terá muito tempo para nós. Julgando-nos individualmente, Deus mostra-nos pela última vez a consideração que tem por cada um de nós. Deus já nos deixou isso bem claro, quando o seu Filho morreu em nosso lugar. Talvez você não esteja a levar a sua própria vida a sério. Poderá decidir desperdiçá-la no pecado e leviandade — mas Deus tratá-lo-á com seriedade no dia do juízo.

A Bíblia conclui a visão do futuro, com esta afirmação: «Nós aguardamos novos céus e nova terra, onde habitará a justiça.» E isso descreve este novo mundo em palavras que transcendem a nossa compreensão. A descrição salienta uma realidade grande e única. Deus atingiu o seu alvo. Aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida habitarão nesse novo mundo. Serão semelhantes a ele, semelhantes ao Filho de Deus. Nesse mundo, não haverá polícia, prisões, tribunais, espíritos maus, guerras, dor, pecado, morte.

Leia você mesmo os maravilhosos capítulos 21 e 22 do Apocalipse.

Estas imagens fantásticas estão muito além do nosso entendimento, uma vez que vivemos num mundo de pecado, morte e sofrimento. Quando penso no que Deus nos reserva, fico ansioso por me encontrar nesse novo mundo.

4. Ou... ou...

Gostava de tirar algumas conclusões. Quanto mais estudo a descrição de «os últimos dias» na Bíblia, mais me impressiona o facto de que no fim só haverá duas categorias de pessoas: os salvos e os perdidos.

Poderá dizer: «Se procurar por todo o mundo, dificilmente achará alguém que se preocupe com Jesus.» A isso só poderei responder: «Então haverá muitos perdidos!»

Deixe-me acrescentar só mais uma palavra ou duas: Primeiro, uma palavra aos perdidos. O meu amigo Paul Humburg disse um dia: «Tive um sonho. Era o dia do juízo final. Ouvei Jesus dizer aos condenados: "Apartem-se de mim, malditos." (Isto está escrito na Bíblia). Vi-os afastar-se de costas curvadas, assustados, desesperados. Depois, ouvi um deles dizer para outro: «Reparaste naquilo?» «Sim, reparei.» — respondeu o segundo — «A mão que nos afastou tinha um buraco. Tinha sido cravada por nós na cruz. Nós, porém, nunca lhe prestámos atenção durante toda a vida. É muito justo que estejamos agora perdidos.»

Ouçame atentamente. O Senhor Jesus morreu por si. Se você acredita ou não em qualquer coisa, pouco importa. Jesus morreu por si. Venha ao Salvador! Poderá dizer: «Mas... eu sou pecador.» Jesus veio buscar os pecadores — e nós somos todos pecadores. Se alguém disser que é bom, não passa de um mentiroso. A pessoa que mais longe está de Deus é aquela que pensa que não precisa de um Salvador. Está tão perdida que nem mesmo se apercebe disso.

E agora, uma palavra aos salvos: Na descrição bíblica do mundo futuro diz-se que a nova Jerusalém está edificada sobre doze grandes pedras preciosas. Gravados nessas pedras preciosas estão os nomes dos doze apóstolos, testemunhas do evangelho. Tenho tentado imaginá-los. Numa pedra está o nome de Pedro; noutra, o nome de João; noutra, o nome de Tiago; numa quarta pedra está o nome de Mateus. Sabem o que Mateus era antes? Era um escroque, um especialista em mercado negro, um trapaceiro. Um dia, quando estava ocupado no seu negócio escuro, Jesus passou e disse-lhe que o seguisse. E Levi — era o seu nome na altura — deixou imediatamente tudo e seguiu Jesus. Mais tarde, ele presenciou a morte de Jesus. Viu-o ressuscitado dos mortos e observou-o quando ele voltou à dimensão de Deus. Por fim, foi testemunha do derramamento do Espírito Santo.

Os seus amigos disseram-lhe algum tempo depois: «Mateus, tu viste tantas coisas quando estavas com Jesus! Devias escrevê-las.» E foi exactamente isso que ele fez. Assim nasceu o Evangelho Segundo Mateus. Este Evangelho encontra-se na Bíblia e tem sido o meio para ajudar milhões de pessoas a encontrar Jesus.

O seu novo nome, Mateus — o nome do malandro a quem Jesus salvou — será proeminente no novo mundo. Tal é o poder da graça de Jesus Cristo! Ele usa mesmo as pessoas em que menos pensaríamos para edificar o seu reino. Esta mesma graça quer começar a trabalhar em si. Não lhe ofereça resistência. Está em jogo a sua salvação — nesta vida e por toda a eternidade!

Que Adianta Andar com Deus?

Na verdade, eu podia pôr a questão doutra maneira: Valerá a pena ser cristão?

Como introdução, gostaria de referir uma frase que se encontra no início da Epístola aos Efésios: «Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou nos lugares celestiais, com todas as bênçãos espirituais em Cristo.» Este versículo bíblico lembra-nos de um modo admirável as ricas bênçãos que estão ao alcance do cristão por meio de Jesus Cristo. Mas antes de entrarmos no âmago do nosso tema, tenho de mostrar dois pontos preliminares.

1. Andar com Deus não é uma ilusão

Quero afirmar isso de um modo categórico. A vida cristã não é produto da imaginação, nem fruto duma ilusão. Permita-me que prove isto.

Os pastores que trabalham em cidades grandes fazem todo o tipo de contactos interessantes, como a conversa que se segue e que eu tive, não há muito, com um jovem. «Meu amigo,» — disse eu, sem rebuços — «você poderia fazer algo de importante da sua vida, se se entregasse a Deus.» «Pastor Busch,» — veio a resposta — «o senhor fazia bem em assentar os pés na terra! Deus nem sequer existe!» «Isso é uma grande novidade!» — exclamei eu. «Ouça com atenção.» — continuou ele — «Como os homens no passado se sentiam fracos e impotentes diante das forças da natureza, concluíram que existiam forças superiores que os podiam ajudar. Deram a essas forças diferentes nomes, tais como Alá, Deus, Jeová, Buda e muitos outros. Desde então, provou-

-se que tudo isso não passa de produto da imaginação e que, na realidade, o céu está vazio.» Foi este o tipo de comentários que o jovem fez. Quando terminou, eu respondi: «O problema, meu amigo, é que você não conhece Jesus.» «Jesus?» — perguntou ele — «Ele é mais um fundador duma religião!» «Aí é que você se engana! Deixe-me dizer exactamente quem é Jesus. Sim, porque é por eu conhecer Jesus que sei que Deus existe. Sem Jesus, estaríamos completamente às escuras em relação a Deus.»

Quem é então Jesus e como é que ele nos revela Deus?

Para o ajudar a compreender vou usar uma ilustração. Ao longo da minha vida tenho passado por muitas tribulações. Por mais de uma vez, fui preso; não por qualquer crime que tivesse cometido, mas apenas por causa das minhas convicções religiosas. No tempo de Hítler, pastores que, como eu, trabalhavam entre os jovens, não eram bem vistos pelas autoridades. Por isso mesmo, fui metido em algumas prisões bastante sinistras. A pior delas era um enorme edifício de cimento armado. As divisórias eram tão finas que se podiam ouvir os outros a tossir nas celas abaixo e quando um preso caía da cama no piso de cima, a gente quase saltava de susto! Eu fui metido numa cela muito estreita.

Um dia trouxeram um preso para a cela ao lado. Era também um preso da Gestapo. Devia estar num desespero profundo pois, à noite, eu podia ouvir-lhe os soluços através da fina divisória que nos separava, quando ele se virava e revirava na cama dura. É horrível ouvir um homem chorar. Nós estávamos proibidos de nos deitarmos durante o dia, por isso eu podia ouvir o meu vizinho do lado a andar para a frente e para trás na sua cela: dois passos e meio para um lado, dois passos e meio para o outro. Ele era como um animal numa jaula. Às vezes rugia profundamente. E lá estava eu, só a dois passos de distância, alegrando-me na presença do Senhor e com o coração em paz. Pensei: «Devo ir vê-lo e falar-lhe. Afinal de contas, sou pastor. Toquei então a chamar o guarda. Quando ele chegou, disse-lhe: O preso da cela ao lado está desesperado. Por este andar, vai explodir! Por favor, deixe-me visitá-lo e falar com ele; eu sou pastor.»

«Está bem.» — respondeu o guarda — «Vou pedir autorização.» Uma hora depois voltou com a resposta: «Rejeitado. Esse tipo de coisas não é permitido.» Nunca cheguei a ver o preso da cela ao lado, a despeito de a distância que nos separava não ultrapassar o tamanho duma mão.

Nunca descobri como é que era esse preso, nem que idade tinha, mas senti a profundidade do seu desespero. Por vezes, mesmo em frente da divisória tão fina que o escondia da minha vista, eu pensava: «Se ao menos eu pudesse reduzir esta parede a pedaços e chegar até ele! Mas nem mesmo batendog com toda a força teria conseguido rachar minimamente a parede.

Ora Deus, o Criador do céu e da terra, encontra-se numa situação muito semelhante à minha naquela prisão. Nós, seres humanos, estamos presos neste mundo visível e tridimensional. Deus está muito próximo. A Bíblia diz: «Tu me cercas em volta.» Isso significa que a distância que nos separa de Deus é apenas do tamanho duma mão. Apesar disso, entre ele e nós existe um mundo que separa duas dimensões diferentes. Os seus ouvidos ouvem perfeitamente os gritos da angústia humana. Deus ouve as blasfémias daqueles que estão endurecidos, os soluços dos solitários, as lamentações das famílias enlutadas, os suspiros das vítimas de injustiça. Toda essa angústia chega ao coração de Deus, tal como o desespero do meu companheiro de prisão da cela ao lado chegava até mim.

Mas pense nisto: Deus fez o que eu era incapaz de fazer! Ele esmagou o mundo que se erguia entre ele e nós e entrou no nosso mundo na pessoa do seu Filho. O próprio Deus veio à terra em Jesus Cristo — entrou no lixo e sofrimento deste velho mundo. Desde que conheci Jesus, fiquei certo da existência de Deus. Muitas vezes digo que desde a vinda de Jesus o ateísmo é só uma forma de ignorância.

Permita-me que lhe fale agora acerca de Jesus.

Se me fosse permitido, eu não falaria de mais nada senão da vida de Jesus em todas as minhas reuniões. Mesmo assim, o tempo seria insuficiente para tão vasto e glorioso assunto.

Jesus nasceu em Belém, cresceu e tornou-se homem. Nada da sua glória divina se podia ver no seu aspecto exterior. E no entanto, as pessoas sentiam-se atraídas para ele. Instintivamente, sentiam que o amor e a graça de Deus se aproximavam delas.

Nesse período específico, a terra de Canaã, onde Jesus viveu no meio do seu povo, estava ocupada por tropas estrangeiras, as tropas romanas. Na cidade de Cafarnaum, a guarnição romana estava sob o comando dum centurião. Vale a pena notar que embora os romanos acreditassem numa multidão de deuses, não tinham qualquer deus especificamente romano. Ora, em Cafarnaum, um dos servos do centurião, de quem este era muito amigo, ficou doente. O seu senhor levou lá vários médicos para o examinarem, mas nenhum conseguiu

fazer nada por ele. O servo estava às portas da morte, quando, de repente, o centurião se lembrou de ter ouvido falar dum certo Jesus. «Talvez ele possa ajudar.» — pensou ele — «Vou tentar trazê-lo aqui.»

Assim, este não-crente, este homem criado no paganismo, foi à procura de Jesus e disse-lhe: «Senhor Jesus, o meu servo está gravemente doente. Podes curá-lo?» «É claro que sim. Eu vou contigo.» — respondeu Jesus. «Mas não tens necessidade de te desviares do teu caminho!» — objectou o centurião — «Quando eu dou uma ordem,» — continuou ele — «é imediatamente cumprida. E tu também só precisas de dar uma ordem para o meu servo ficar curado!» Por outras palavras, este centurião pagão acabava de declarar: «Tu podes fazer o impossível. Tu és Deus em pessoa!» Jesus olhou então à sua volta e disse à multidão que o seguia: «Nem mesmo em Israel encontrei uma fé tão grande!» Era como se Jesus tivesse dito, na linguagem do nosso século XX: «Eu nunca encontrei fé como a deste ateu, nem mesmo na igreja!» O centurião tinha compreendido que o próprio Deus viera até nós em Jesus.

É essencial que você conheça a vida de Jesus. Compre um Novo Testamento — por favor! Leia o Evangelho de João e depois os outros Evangelhos. São registos maravilhosos da vida de Jesus. Nenhuma revista do mundo contém histórias tão belas como as que se encontram no Novo Testamento.

Mas Jesus, o Filho de Deus, não veio ao mundo com o único objectivo de curar o servo do centurião e de provar por essa cura que Deus existe. O seu plano ia muito mais longe: ao vir viver com o homem, Jesus veio oferecer-nos paz com Deus.

Nós estamos separados de Deus pelo facto de vivermos numa dimensão diferente. Mas isso não é tudo. O muro do nosso pecado também nos separa de Deus. Já alguma vez disse uma mentira? Já? Bem, quando mentiu colocou uma pedra entre si e Deus. Já alguma vez viveu um dia inteiro sem Deus, sem orar? Já? Isso constitui outra pedra. Maus pensamentos, adultério, furto e mentira, já sem mencionar a multidão de pequenas coisas que são outras tantas violações da lei divina — com cada transgressão outra pedra é acrescentada. Todos nós, cada um de nós tem contribuído para a construção desse muro que separa o homem de Deus. Deus é santo e, por isso, o simples facto de se pronunciar o nome de Deus levanta inevitavelmente o problema do nosso pecado e culpa. Esse é um problema que tem de ser resolvido.

Deus leva muito a sério o nosso pecado. Conheço pessoas que pensam no seu íntimo: «Deus deve estar realmente contente por eu ainda acreditar nele. Francamente! Isso não basta! De modo nenhum! O próprio diabo «crê em Deus.» É evidente que o diabo não é ateu! Está perfeitamente consciente da existência de Deus. Mesmo assim, não tem paz com Deus.

Nós só podemos ter paz com Deus quando o muro que nos separa dele é destruído. Foi por isso que Jesus veio — para derrubar o muro da nossa culpa. Para o conseguir, teve de ser pregado numa cruz. Jesus sabia que alguém tinha de suportar o castigo do pecado: ou a humanidade, ou ele próprio. Em termos mais pessoais, direi: «Ou Wilhelm Busch, ou Jesus. E foi assim que Jesus, o inocente, tomou o lugar do culpado e suportou o castigo do meu pecado — e do vosso.

De novo gostaria de descrever o Senhor Jesus na cruz. Para mim, essa é a cena mais preciosa do mundo. Contemple-o pendurado nesse madeiro maldito, aquele de quem a Bíblia fala nestes termos: «Ele levou sobre si a iniquidade de nós todos.» Suportou, digamos assim, nos seus próprios ombros, todas as pedras que compunham o muro do nosso pecado. Fez assim o que nenhuma outra pessoa podia fazer: removeu-as dali. Leia a Bíblia sozinho, particularmente o capítulo 53 do livro de Isaías. Ali na cruz foi cumprida a profecia de Isaías sobre um Salvador sofredor: «O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.»

Tenho um amigo querido na Suíça. Temos dado juntos alguns passeios agradáveis. É claro que sempre que comíamos num restaurante era preciso pagar a conta. Punha-se então o problema: quem a pagava? Qual de nós tinha a carteira mais recheada? A resposta era evidente. Por isso, eu dizia ao meu amigo: «Muito bem, desta vez deixo-te pagar!» Mas alguém tinha de pagar a conta.

É exactamente isso que acontece em relação à dívida que temos com Deus como resultado dos nossos pecados e transgressões. Alguém tinha de a pagar. Ou você crê que Jesus pagou a dívida por si, ou terá de a pagar pessoalmente, um dia. É por isso que, em meu entender, Jesus é tão importante. Eu agarro-me a Jesus, porque foi exactamente ele que um dia pagou a minha dívida.

Mas Jesus não permaneceu no túmulo. A morte não teve poder sobre ele. Não é maravilhoso?

Três dias depois da crucificação de Jesus, podia ver-se um homem perdido nos seus pensamentos. Ele interrogava-se: «Que deveremos pensar de Jesus agora? Ele morreu; desapareceu! Eu próprio vi que

puseram o seu corpo num túmulo e rolaram uma grande pedra para tapar a entrada. Seria ele realmente o Filho de Deus?» Esse homem era Tomé. Enquanto magicava nas suas dúvidas, Tomé viu os seus amigos a correr para ele, transbordantes de alegria: «Ele está vivo!» — exclamaram eles — «Deixa-te de desânimos! Ele está vivo!» «Quem está vivo?» «Ora, Jesus... claro.» «Isso não é possível!» — foi a resposta de Tomé. «É, sim! Nós vimos o túmulo vazio com os nossos próprios olhos. Podemos jurá-lo! E depois... encontrámo-nos com Jesus!» «Já se ouviu uma coisa assim?» — pensou Tomé. «Alguém levantar-se dentre os mortos? Se fosse verdade, então Jesus podia ser mesmo o Filho de Deus! Esse seria o veredicto de Deus a favor de Jesus.»

Mas Tomé continuou céptico. Continuou a pensar: «Já fui enganado muitas vezes na vida e agora só acredito no que vejo.» Voltou-se para os outros e declarou: «Se eu não vir os sinais dos cravos nas suas mãos e não puser o meu dedo no lugar dos cravos e a minha mão no seu lado, não acredito.» Os discípulos tentaram convencê-lo de todas as maneiras, mas Tomé continuou a repetir: «Não acredito.»

Oito dias depois, Tomé estava com os amigos quando de súbito Jesus apareceu e disse: «Paz seja convosco.» Depois, voltando-se para Tomé, disse-lhe: «Põe aqui o teu dedo; vê as minhas mãos. Estende a tua mão e mete-a no meu lado. Deixa-te de dúvidas e crê.» O pobre céptico caiu pesadamente de joelhos e disse: «Meu Senhor e meu Deus!»

Talvez nesta altura você já tenha compreendido que andar com Deus não é uma ilusão nem fruto da imaginação. Deus não é um conceito vago, como por vezes as pessoas pensam: «Deve haver um Deus algures, mas ninguém sabe exactamente como é que ele é.» — confessam elas. Não. Não é assim. A possibilidade de andar com Deus resulta directamente da vinda do Filho de Deus a este mundo e da sua morte e ressurreição por nós. É por isso que nós podemos ter um conhecimento de Deus claro e digno de toda a confiança.

Entro agora na segunda questão:

2. Que devo fazer para andar com Deus?

Quantas vezes eu tenho ouvido este comentário: «Pastor Busch, o senhor tem algo que eu não tenho.» Eu respondo: «Não diga tolices. Você também o pode ter. Jesus veio também por si.» Normalmente as pessoas levantam então a questão: «Que devo fazer para andar com

Deus?» A Bíblia responde claramente, numa frase: «Crê no Senhor Jesus Cristo.»

Mas antes de tentar persuadi-lo a si a crer, tenho de explicar o significado de «crer». Muitas pessoas têm um conceito completamente errado do que é a fé. Se você tem um relógio, pode olhar para ele e dizer: «Eu sei que são exactamente 7h20.» Mas se não tiver relógio, tem de se contentar em dizer, «Penso que são 7h20.» Está muito espalhada a ideia de que a fé é um tipo de conhecimento vago e incerto; mas neste versículo da Bíblia — «Crê no Senhor Jesus Cristo» — o termo «crê» tinha um sentido totalmente diferente. Que significa então? Vou procurar explicar claramente através da ilustração seguinte.

Eu tinha concluído uma série de seminários em Oslo, capital da Noruega. Projectava ir embora no sábado de manhã, porque no dia seguinte tinha de falar num grande encontro em Wuppertal. Desde o momento em que entrei no aeroporto de Oslo, as coisas começaram a correr mal. Primeiro anunciaram que o meu voo atrasaria uma hora por causa do nevoeiro. O avião partiu finalmente para Copenhaga, onde íamos apanhar uma ligação. Estávamos já a sobrevoar a capital dinamarquesa, quando o comandante mudou de súbito a rota e se dirigiu para a Suécia. Explicou pelo microfone que era impossível aterrar em Copenhaga devido ao denso nevoeiro que cobria a área. Por essa razão, seguimos para Malmo. Eu desejava tudo, menos ir para Malmo, na Suécia. Tinha de chegar a Dusseldorf e de lá seguir para Wuppertal, onde devia falar no dia seguinte!

A certa altura, aterrámos no aeroporto de Malmo, que fervilhava de pessoas. Como era o único aeroporto da região que não apresentava nevoeiro, havia um fluxo constante de aviões. As instalações do aeroporto de Malmo eram modestas e não havia um único lugar vago em todo ele. Eu tinha travado conhecimento com um homem de negócios austríaco. Nós interrogávamo-nos sobre o que iria acontecer. «pelo que sabemos, poderemos estar ainda aqui amanhã de manhã. Acabaremos por nem conseguir estar de pé!» Toda a gente se queixava, impaciente e agastada, como sempre acontece em tais circunstâncias.

De repente, ouviu-se o autofalante anunciar: «Dentro de alguns minutos partirá um avião para o sul. Não sabemos se aterrá em Hamburgo, Dusseldorf ou Frankfurt. Os passageiros que se dirigem para a Alemanha poderão seguir para a sala de embarque.» Nós não sabíamos o que fazer. Uma senhora que estava junto de nós, exclamou. «Ninguém me apanha nesse avião! É demasiado arriscado.» «Minha

senhora,» — sosseguei-a eu — «ninguém a forçará a apanhar esse avião. A senhora pode continuar aqui.» Depois foi o meu amigo austríaco que deu a sua opinião: «Um voo com nevoeiro cerrado não é uma solução ideal, especialmente se eles não souberem onde poderão aterrar.»

Nesse momento, vi o piloto do voo anunciado a passar perto de nós. Fiquei impressionado com a expressão grave e determinada do seu rosto. Era evidente que ele não encarava a situação de ânimo leve, mas agia de modo responsável. Compartilhei a minha impressão com o meu amigo austríaco, dizendo-lhe: «Aquele piloto tem a cabeça no lugar. Podemos confiar nele.» Depois acrescentei: «Venha. Vamos embarcar.» Assim, entrámos no avião. Desde o momento em que a cabine se fechou, compreendemos que as nossas vidas estavam nas mãos daquele homem, mas nós confiávamos nele. Eu tinha posto a minha vida nas suas mãos.

É este o significado do termo «crê»: significa ter confiança em alguém».

Que devo fazer para andar com Deus? Crêr no Senhor Jesus. Por outras palavras, *embarcar* com Jesus! Nessa ocasião, quando entrámos no avião, fiquei com a impressão de que o meu amigo austríaco teria preferido ter um pé em terra e outro no avião, mas isso era impossível! Era uma questão de ficar em terra ou entregar a vida nas mãos do piloto.

Passa-se exactamente o mesmo no que toca a Jesus. Não se pode viver com um pé fora dele e *embarcar* nele com o outro. Isso não resulta! Crer no Senhor Jesus Cristo, e andar com Deus exige uma entrega total da vida:

Toma a minha vida e deixa-a ser
Sempre Tua, toda Tua.

Por outro lado, quem melhor que o Filho de Deus podíamos nós encontrar para nele confiar? Ninguém no mundo fez jamais tanto por mim como Jesus. Ele amou-me de tal maneira que deu a sua vida por mim; e por você também. Nunca ninguém nos amou tanto como Jesus. Ele morreu por nós, mas ressuscitou dentre os mortos. Por que é que então não confiaríamos as nossas vidas àquele que triunfou da morte? Seria loucura não o fazer.

Desde o momento em que nos rendemos a Jesus começamos a andar com Deus.

E você? Quer confiar a sua vida a Jesus, *embarcar* com ele, pôr a sua vida nas mãos dele? Se sim, peço-lhe que lhe diga isso mesmo agora. Ele está aí, bem junto de si. Ele ouve-o. Diga-lhe: «Senhor Jesus, eu entrego-te a minha vida. Toma-a.»

No dia em que eu pus termo à minha vida de incredulidade e pecado — o dia da minha conversão — orei assim: «Senhor Jesus, dou-te agora a minha vida. Não posso fazer quaisquer promessas de que vou melhorar. Tu tens de me dar um novo coração para isso! Eu tenho mau carácter, mas venho a ti, tal como estou. Senhor, faz da minha vida algo de útil.» Foi nesse momento que «embarquei» com Jesus — com os dois pés — e lhe confiei a direcção da minha vida. Se queremos avançar na nossa caminhada com Deus, que devemos fazer? Muitas vezes tenho repetido que são absolutamente essenciais três coisas: o estudo da Palavra de Deus, a oração e a comunhão com outros crentes.

Ninguém pode andar com Deus, se não tiver comunhão com ele. É por isso que nós devemos pegar numa Bíblia ou num Novo Testamento e pôr de lado 15 minutos diários para ler e estudar uma parte. Para já, deixe simplesmente de lado alguma coisa que não compreende. À medida que for avançando na leitura, o texto tornar-se-á mais claro e as maravilhas de Deus ser-lhe-ão desvendadas diante dos seus olhos. Quantas vezes o meu coração extravasa de alegria só de pensar que pertença a este maravilhoso Salvador e que tenho o privilégio de o proclamar aos outros!

O primeiro requisito para o crescimento cristão é o estudo da Palavra de Deus. O segundo é *a oração*. Jesus ouve-nos. Você não precisa de fazer um grande discurso. Se é uma dona de casa, basta dizer: «Senhor Jesus, hoje tudo me está a correr mal. O meu marido está mal disposto e os filhos não me dão atenção, é o dia da lavagem da roupa e não tenho dinheiro para pagar a renda. Senhor Jesus, trago-te todas estas preocupações e deixo-as aos teus pés. Ajuda-me a sentir alegria mesmo assim por viver junto de ti. Ajuda-me a vencer. Obrigada, Senhor Jesus, porque posso confiar plenamente em ti.»

Vê o que estou a tentar mostrar? Nós podemos dizer a Jesus tudo o que está na nossa mente. Mesmo tudo. Você poderá também fazer este pedido: «Senhor Jesus, ajuda-me a conhecer-te melhor e a dar-me inteiramente a ti.»

O terceiro requisito para o crescimento cristão é a *comunhão com os cristãos*, com homens e mulheres que, tal como você, desejam andar com Deus. Alguém me disse um dia: «Eu quero crer, mas não

consigo.» Eu respondi: «Aquilo de que você precisa é ter comunhão com outros cristãos.» «Mas,» — objectou ele — «eu não me dou com essas pessoas.» «Nesse caso,» — repliquei — «não há nada a fazer, mas se espera viver um dia com elas no céu, será bom que comece a praticar agora! Deus não pode talhar as pessoas à sua medida!»

Quando eu era adolescente, conheci o director dum banco em Frankfurt. Era um homem idoso e falava frequentemente comigo acerca da sua juventude. Depois de ele ter notas excelentes na escola, o pai disse-lhe um dia: «Filho, aqui está este dinheiro. Dou-te licença para ires ao estrangeiro para conheceres todas as capitais da Europa. Que bela prenda para um rapaz de 18 anos que acabava de sair da escola!»

Eis a história que o velho banqueiro me contou: «Eu estava bem consciente de que seria muito fácil cair em pecado e vergonha nessas grandes cidades e estava decidido a seguir Jesus. Por isso, pus o Novo Testamento na mala e todos os dias, onde quer que me encontrasse, tinha uns momentos a sós com Deus antes de deixar o hotel. Lia a minha Bíblia e orava. Onde quer que estivesse, tentava localizar outros cristãos. Encontrei-me com cristãos de Lisboa, Madrid, Londres...

A cidade onde tive mais dificuldade em encontrar cristãos foi Paris. Perguntava à esquerda e à direita se havia alguns discípulos de Jesus Cristo. Por fim, alguém me apontou para um certo sapateiro, dizendo: «Aquele homem também lê a Bíblia.» Em breve o distinto jovem podia ser visto a descer os degraus que levavam à oficina do sapateiro. Quando entrou, perguntou ao sapateiro: «Conhece Jesus?» Como forma de resposta, os olhos do homem começaram a brilhar. O jovem fez-lhe então esta proposta: «Se concordar, virei todas as manhãs orar consigo.» Ter comunhão com outros cristãos era para ele de suprema importância.

Chego agora à questão central:

3. Que aproveita andar com Deus?

Se eu quisesse descrever todos os benefícios que resultam duma vida de comunhão com Jesus, ficaria aqui até ao dia do juízo, e mesmo nessa altura ainda não teria esgotado o assunto. Nunca me esquecerei do que o meu pai me disse mesmo antes de morrer, com a idade de 53 anos. Foram estas as suas últimas palavras: «Quero que digas a todos os meus amigos e conhecidos quão feliz o Senhor me fez ao longo de

toda a minha vida e mesmo agora na hora da morte.» Quando um homem está às portas da morte, já não pensa em manter uma fachada; não perde tempo em conversa fiada. E se na sua agonia ainda diz que conheceu a verdadeira felicidade em Jesus, isso toca-nos profundamente. Pode crer. Numa altura dessas ninguém pode deixar de pensar: «E eu? Como é que reagirei quando chegar a minha hora?»

No princípio do meu ministério, presenciei uma cena extraordinária, numa zona do Vale do Ruhr. Foi por volta de 1925. Tinha sido organizada uma grande reunião durante a qual um senhor erudito apresentou uma palestra de duas horas para provar a não-existência de Deus. Ele tinha feito um grande espectáculo de todo o seu conhecimento. O salão estava superlotado e a atmosfera cheia de fumo. Os aplausos irromperam de todas as direcções. «Hurra! Não há Deus. Podemos fazer o que quisermos.» Quando o orador se sentou, o presidente da mesa levantou-se e disse: «Está aberto o debate. Aqueles que quiserem falar podem vir à plataforma.» Ninguém, claro, teve a coragem de se levantar. Provavelmente, todos pensavam: «Quem pode contradizer um homem tão culto?»

Havia, sem dúvida, muitas pessoas que não concordavam com o orador, mas ninguém parecia ser suficientemente ousado para ir até à plataforma expressar a sua opinião diante duma multidão de mil pessoas. Foi então que a voz duma senhora se ouviu do fundo da sala. Era a voz duma velha avó, uma daquelas mulheres da Prússia oriental, de touca negra, que se vêem frequentemente no Vale do Ruhr. O dirigente perguntou-lhe: «Quer dizer alguma coisa, avozinha?» «Sim, gostaria de dizer algumas palavras.» «Está bem.» — respondeu ele — «Venha até aqui à plataforma, por favor.» Ela respondeu: «Não se preocupe; eu vou.»

A velha senhora dirigiu-se para a frente, com passo decidido. Chegou à plataforma e pôs-se por trás da mesa do orador. Eis o que ela disse: «O senhor falou-nos durante duas horas acerca do seu ateísmo; permita-me que em cinco minutos lhe diga alguma coisa acerca da minha fé! Gostaria de partilhar consigo tudo o que o meu Senhor, o meu Pai celestial tem feito por mim. Há alguns anos após o nosso casamento, o meu marido sofreu um acidente nas minas. Trouxeram-mo para casa, morto! Vi-me de repente sozinha, com três filhos pequenos. Naquele tempo, não havia praticamente nenhuma segurança social. Eu podia ter desesperado perante o corpo sem vida do meu marido. Deus, porém, interveio. Confortou-me como ninguém mais poderia fazer. O que as pessoas me diziam entrava por um ouvido e

saía pelo outro, mas o Deus vivo sabia como me consolar. Eu disse-lhe: «Senhor, vou ter de ser o pai dos meus filhos, de agora em diante.»

Era comovente ouvir a boa senhora a contar a sua história. «Com muita frequência, eu não fazia ideia à noite de como iria conseguir dinheiro para alimentar os meus filhos no dia seguinte. Então, falava com o meu Deus sobre isso: "Senhor, tu sabes tudo acerca da minha miséria. Ajuda-me, por favor!"»

Voltando-se para o orador, ela disse: «Deus nunca me abandonou. Nunca! O caminho era por vezes muito escuro, mas ele nunca me faltou. E Deus fez muito mais do que isso por mim. Ele enviou o seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, a este mundo. Jesus morreu por mim e ressuscitou da morte por mim. E pelo seu sangue purificou todos os meus pecados. Já estou velha e em breve morrerei, mas, como vê, Deus deu-me a certeza da vida eterna. Eu sei, sem a menor dúvida, de que, quando fechar os olhos aqui na terra, acordarei no céu. E tudo isso porque pertenço a Jesus Cristo. Isto é apenas um breve resumo do que Deus tem feito por mim. Agora, vou fazer-lhe uma pergunta: Diga-nos, o que é que o seu ateísmo fez por si?» O orador levantou-se, deu uma palmadinha nas costas da senhora e respondeu: «Longe de mim pensar em minimizar a fé desta corajosa avó. A religião tem a sua utilidade para os idosos.»

Você devia ter visto a reacção da senhora! Juntando os actos às palavras, ela exclamou: «Não, não! Mil vezes não! Não nos desviemos do assunto. Eu fiz-lhe uma pergunta clara e quero uma resposta clara. Eu disse-lhe o que o meu Salvador fez por mim. Agora é a sua vez de me dizer o que é que o seu ateísmo fez por si!»

Houve um silêncio embaraçoso. Aquela avó era uma mulher forte.

Hoje, quando o evangelho está sendo atacado de todos os lados, também lhe faço a si a pergunta: «Que proveito tira da sua incredulidade?» Nunca notei que as pessoas tivessem paz de espírito ou se sentissem mais felizes com toda a sua incredulidade. Não, meus amigos!»

Que adianta andar com Deus? No que me diz respeito, eu seria incapaz de enfrentar os problemas da vida, se não tivesse encontrado paz com Deus através de Jesus Cristo. Tem havido ocasiões na minha vida em que pensei que o meu coração iria rebentar. Mesmo hoje soube que aconteceu um terrível acidente, perto daqui, que enlutou duas famílias. Se não estou em erro, as crianças foram atropeladas por um carro. Os acidentes acontecem muito depressa. E quando ocorrem,

todas as nossas certezas se esfumam no ar. A única coisa que podemos fazer é estender a mão no escuro e gritar: «Haverá alguém que me ajude?» Sim, é quando as tribulações surgem que apreciamos tudo o que Jesus é e faz pelos seus.

Quando nos casámos, eu disse à minha esposa: «Gostaria de ter seis filhos e que todos aprendessem a tocar trompete!» Eu tinha o sonho de formar uma banda com a própria família. Acabámos por ter realmente seis filhos: quatro meninas e dois rapazes. Mas perdi os meus dois filhos. Deus levou-mos em circunstâncias horríveis. Não posso compreender isso. Como obreiro de jovens, toda a vida tive de cuidar dos filhos dos outros, enquanto que os meus...

Lembro-me do dia em que soube que o meu segundo filho tinha morrido. Eu andava de cá para lá, como se alguém me tivesse espetado um punhal no coração. As pessoas vinham exprimir a sua simpatia, mas as suas palavras não me diziam nada, não penetravam em mim. Trabalhava com os jovens na altura e continuava a pensar: «Hoje tu tens de ir a um centro de juventude e proclamar alegremente a Palavra de Deus a 150 jovens.» O meu coração sangrava. Fui para o meu quarto e fechei a porta. Caindo de joelhos, orei: «Senhor Jesus, tu estás vivo. Tem misericórdia de mim.» Peguei então no meu Novo Testamento, abri-o e li: «Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize.» Eu sabia que Deus sempre cumpre as suas promessas. Por isso persisti em oração: «Senhor Jesus, eu não sei por que me fizeste isto, mas peço-te que me dês a tua paz. Enche-me o coração da tua paz.» E ele encheu!

Virá o dia em que também você precisará de Jesus, pois ninguém mais será capaz de o consolar. Nesse dia, quando nem uma só pessoa do mundo poderá fazer algo por si, você apreciará o facto de conhecer Jesus, aquele que o redimiou, derramando o seu sangue na cruz, e que ressuscitou dentre os mortos. Você ficará contente por lhe poder dizer: «Senhor, dá-me a tua paz.» A paz de Jesus, como um rio caudaloso, flui para o coração de todos aqueles que a pedem.

Isto verifica-se também em relação ao momento mais difícil da nossa vida — o momento da nossa morte. Como é que reagirá quando chegar a sua hora? Ninguém do mundo o conseguirá ajudar então. Você terá de se desligar da mão da pessoa que mais lhe quis neste mundo. Como conseguirá isso? Terá de comparecer diante do Deus vivo. Será que vai à presença dele com todos os seus pecados? Quando

conseguimos sentir a mão forte do Salvador e dizer-lhe: «Tu remiste-me com o teu precioso sangue; tu perdoaste-me todos os meus pecados.», podemos morrer em paz.

Valerá a pena ser cristão? Deixe-me enumerar todos os benefícios de que eu próprio gozo por andar com Deus:

- paz com Deus;
- alegria no meu coração;
- amor a Deus e ao meu semelhante (de modo que amo mesmo os meus inimigos e todos aqueles que me irritam);
- consolo em tempos de provação (de modo que cada dia é claro, mesmo no meio do sofrimento);
- a certeza da vida eterna;
- a presença do Espírito Santo;
- o perdão dos meus pecados;
- paciência...

Oh, eu poderia continuar por muito mais tempo!

O desejo do meu coração em relação a cada um de vocês é que possam experimentar pessoalmente todas estas coisas maravilhosas, encontrando assim verdadeira felicidade.

Nota do editor

Este seminário, realizado em 19 de Junho de 1966, em Sassnitz, na ilha de Rugen, foi o último de Wilhelm Busch. No dia seguinte, morreu subitamente de ataque cardíaco. Assim, depois de muitos anos de serviço fiel, Deus chamou o seu servo a receber o galardão celestial.

Este último sermão constituiu uma conclusão adequada à sua vida e ministério.

O autor, Wilhelm Busch, viveu na Alemanha de 1897 a 1966. Antes e durante a II Guerra Mundial exerceu o seu ministério entre jovens na cidade de Essen. Devivo à sua oposição ao regime nazista, foi preso diversas vezes pela Gestapo que, por fim, o proibiu de pregar publicamente. Após a guerra empenhou-se em campanhas evangelísticas por toda a Alemanha. Ao todo, os seus livros ultrapassaram a tiragem de um milhão de exemplares.

Quase desconhecido nos países de língua portuguesa, Wilhelm Busch foi um dos mais conhecidos e populares evangelistas alemães nos anos anteriores e posteriores à II Guerra Mundial. O seu estilo directo, franco e pessoal de pregar a verdade bíblica atraía milhares de pessoas, que se reuniam para o ouvir.

Wilhelm Busch estava certo de que a mensagem do Evangelho é a mais extraordinária mensagem de todos os tempos. Os seus sermões e escritos, nos quais apresenta, com firmeza e simplicidade, a resposta bíblica às mais pertinentes questões do homem moderno, podem ser apreciados por jovens e idosos, ricos e pobres, cultos e incultos.



9 789723 401967

106 06 22

A 09 1840